

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

HENRIQUE DA SILVA LOURENÇO

**OS RANKINGS DO GUIA DO ESTUDANTE NA
EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA:
um estudo sobre as estratégias de divulgação adotadas pelas
instituições que obtiveram o prêmio melhores universidades**

**CAMPINAS – SP
2014**

HENRIQUE DA SILVA LOURENÇO

**OS RANKINGS DO GUIA DO ESTUDANTE NA
EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA:
um estudo sobre as estratégias de divulgação adotadas pelas
instituições que obtiveram o prêmio melhores universidades**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, como requisito para obtenção do título de Mestre no Programa de Mestrado em Educação. Grande Área do Conhecimento: Ciências Humanas; Sub-Área do Conhecimento: Avaliação de Sistemas, Instituições, Planos e Programas Educacionais.

Orientador: *Prof. Dr. Adolfo Ignacio Calderón*

Linha de Pesquisa: Políticas Públicas em Educação; Grupo de Pesquisa: Gestão e Políticas Públicas em Educação.

**CAMPINAS – SP
2014**

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação - SBI - PUC-Campinas

t371.26
L892r

Lourenço, Henrique da Silva.

Os rankings do Guia do Estudante na educação superior brasileira: um estudo sobre as estratégias de divulgação adotadas pelas instituições que obtiveram o Prêmio Melhores Universidades / Henrique da Silva Lourenço. - Campinas: PUC-Campinas, 2014.
205p.

Orientador: Adolfo Ignacio Calderón.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pós-Graduação em Educação.

Inclui bibliografia.

1. Avaliação educacional. 2. Ensino superior. 3. Universidades e faculdades. 4. Estudantes - Avaliação. I. Calderón, Adolfo Ignacio. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Pós-Graduação em Educação. III. Título.

22.ed.CDD – t371.26

Autor: LOURENÇO, HENRIQUE DA SILVA.

Título: "OS RANKINGS DO GUIA DO ESTUDANTE NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: UM ESTUDO SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE DIVULGAÇÃO ADOTADAS PELAS INSTITUIÇÕES QUE OBTIVERAM O PRÊMIO MELHORES UNIVERSIDADES".

Orientador: Prof. Dr. ADOLFO IGNACIO CALDERÓN FLORES

Dissertação de Mestrado em Educação

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado em Educação da PUC-Campinas, e aprovada pela Banca Examinadora.

Data: 26/02/2014

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. ADOLFO IGNACIO CALDERÓN FLORES



Profa. Dra. MÔNICA PICCIONE GOMES RIOS



Prof. Dr. JOSÉ CARLOS ROTHEN

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu estômago por ter suportado as pressões. Aos pulmões por aguentarem o tabagismo excessivo. Ao cérebro por ainda conseguir algum raciocínio prudente e perspicaz. Também agradeço a CAPES por ceder-me valiosa bolsa, bem como aos professores do programa, aos extraordinários funcionários da PUC-Campinas e ao orientador que me acolheu, Prof. Dr. Adolfo Ignacio Calderón. Finalmente, agradeço aos amigos e familiares por acreditarem cegamente em meus planos, ainda que aparentemente sem nenhum motivo, me permitindo assim manter os olhos abertos e a mente lúdica e lúcida.

RESUMO

LOURENÇO, Henrique da Silva. **Os rankings do guia do estudante na educação superior brasileira: um estudo sobre as estratégias de divulgação adotadas pelas instituições que obtiveram o prêmio melhores universidades.** 2014. 205 f. Dissertação de Mestrado – Gestão e Políticas Públicas em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2014.

A presente dissertação se enquadra no campo das pesquisas em avaliação educacional e tem foco no estudo das classificações advindas do *Guia do Estudante* (GE), publicada pela Editora Abril. A escassez de pesquisas voltadas ao estudo da problemática torna relevante a presente investigação, na medida em que se pretende compreender como ocorre o processo de comunicação dos resultados obtidos pelas universidades brasileiras – públicas e particulares (com ou sem fins lucrativos) – no *Prêmio Melhores Universidades* do GE nos anos de 2012 e 2013, perante a comunidade universitária e a sociedade em geral. Trata-se de uma pesquisa quantitativa e qualitativa, de natureza bibliográfica, marcada pela análise de conteúdo de fontes de origem institucional, tentando conhecer as estratégias de comunicação adotadas pelas universidades no tocante aos resultados obtidos no *Prêmio Melhores Universidades* do GE. Para tanto, compreender o processo de comunicação institucional que se origina das classificações do GE exige que se busque o entendimento acerca do lugar ocupado pelos rankings na educação superior contemporânea, como supostos elementos indutores de qualidade e de distinção institucional, identificando, analisando e comparando as estratégias de comunicação adotadas entre os diferentes segmentos universitários, a partir do desempenho no referido ranking, tentando identificar semelhanças, diferenças e convergências. Este estudo se contextualiza em dois levantamentos bibliográficos-documentais, um de cunho teórico e outro de cunho empírico. O teórico fundamenta-se na tentativa de compreender como se posicionam os principais autores em torno de políticas de avaliação focadas nos rankings, bem como de políticas de larga escala e de rankings não oficiais e a respeito da internacionalização das universidades. O empírico fundamenta-se em duas fases: a primeira realiza um levantamento via sites institucionais das universidades buscando material de comunicação/publicidade que tratem das posições ocupadas no GE; e a segunda foi realizado no próprio acervo da Editora Abril ocasião em que se coletou as edições que tratam das avaliações do GE. Os resultados da pesquisa indicam que o GE apresentou diversas mudanças metodológicas ao longo de suas edições, assim como também foram surgindo uma série de classificações (rankings). A padronização dos rankings do GE emergiu apenas com o “Prêmio Melhores Universidades”. A presença de um ranking como o do GE demonstrou sua consonância com relação ao movimento global em prol de uma cultura de ranqueamento. A análise do conteúdo dos materiais institucionais revelou certas diferenças, principalmente, em termos de *marketing* entre instituições públicas e privadas, bem como, demonstrou o uso mercadológico dos rankings na educação tendo em vista a importância que os segmentos atribuem ao ranqueamento do GE.

Palavras-Chave:

educação superior; guia de estudante; avaliação educacional; rankings privados; rankings acadêmicos

ABSTRACT

LOURENÇO, Henrique da Silva. **The rankings of the Student Guide in Brazilian higher education: a study of the dissemination strategies adopted by institutions which have obtained the prize best universities.** 2014. 205 f. Dissertation (Master of Education) – Gestão e Políticas Públicas em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2014.

This work falls within the field of research on educational assessment and focuses on the study of the resulting classifications of the *Guia do Estudante* (GE), published by Editora Abril. The dearth of research focused on the study of this problem becomes relevant, in that it aims to understand how the process of reporting the results obtained by Brazilian universities - public and private (with or nonprofit) – occurs in the Award in Best Universities of GE, in the years 2012 and 2013, before the university community and society in general. This is a quantitative and qualitative research, of bibliographical nature, marked by the content analysis of sources of institutional origin, trying to know the communication strategies adopted by universities as regards the results obtained in the Best Universities GE Award. For this, understanding the process of institutional communication that originates from the GE ratings requires that seek the understanding of the place occupied by the rankings in contemporary higher education, as alleged inducing elements of quality and institutional distinction, identifying, analyzing and comparing communication strategies adopted among different segments university, from the performance in that ranking, trying to identify similarities, differences and convergences. This study is contextualized in two bibliographic-documentary surveys: one of theoretical nature and another of empirical nature. The theoretical survey is based on trying to understand how to position the main authors around policy-focused review rankings as well as policies for large-scale and unofficial rankings and concerning the internationalization of universities. The empirical survey is based on two phases: the first conducts a survey via institutional websites of universities seeking communication/advertising material about positions occupied in GE; the second phase was held on the occasion own collection of Editora Abril, where was collected editions dealing with reviews of GE. The survey results indicate that the GE had several methodological issues throughout their changes, as well as have emerged a series of ratings (rankings). The standardization of rankings GE emerged only with the "Best Universities Award". The presence of a ranking as the GE demonstrated its compliance with respect to the global movement for a culture of ranking. A content analysis of institutional materials revealed certain differences, especially in terms of marketing between public and private institutions, as well as, demonstrated the use of rankings in marketing education in view of the importance that the segments assign to the ranking of GE.

Key-words:

higher education; student guides; educational assessment; private rankings; academic rankings

SUMÁRIO

Introdução	8
1. Capítulo I: Os rankings acadêmicos da educação superior: emergência e expansão no cenário global	29
1.1. O ranking Times no espaço anglo-saxão	33
1.2. A influência do ranking de Shanghai	39
1.3. Os rankings acadêmicos no espaço europeu	44
1.4. Os rankings no espaço ibero-americano	51
1.4.1. Rankings regionais	52
1.4.2. Rankings nacionais	56
1.4.2.1. Rankings nacionais chilenos	56
1.4.2.2. Rankings nacionais brasileiros	58
1.4.2.3 Rankings nacionais mexicanos	61
1.4.2.4. Rankings nacionais colombianos	63
1.4.2.5. Rankings nacionais peruanos	63
1.4.2.6. Rankings nacionais portugueses e espanhóis.....	65
2. Capítulo II: O ranking do Guia do Estudante (GE): trajetória, caracterização e funcionamento	68
2.1 Primeiros passos na classificação de cursos de graduação (1986-1990).....	70
2.2 Da classificação de cursos ao ranking das IESs (1991-2001)	78
2.3 Rumo à consolidação de múltiplos rankings (2002- 2009)	85
2.4 Aprimoramentos metodológicos e fortalecimento dos critérios avaliativos (2010-2013)	103
3. Capítulo III: O ranking do Guia do Estudante: a comunicação institucional das universidades públicas e privadas premiadas como melhores universidades	111
3.1 As instituições universitárias premiadas e o método de coleta e análise dos dados	114

3.2 Da natureza dos dados	116
3.3 As melhores universidades do segmento particular	118
3.3.1 Da análise de conteúdo obtida perante as universidades privadas premiadas na 7ª edição	120
3.3.2 Da análise de conteúdo obtida perante as universidades privadas premiadas na 8ª edição.....	129
3.4 As universidades premiadas do segmento público	136
3.4.1 Da análise de conteúdo obtida perante as universidades públicas premiadas na 7ª edição	138
3.4.2 Da análise de conteúdo obtida perante as universidades privadas premiadas na 8ª edição	144
4. Capítulo IV: Resultados e Considerações Finais	156
5. Referências	181
6. Anexos	199

INTRODUÇÃO

No campo das pesquisas em políticas voltadas à educação superior não são encontrados trabalhos focados na publicação da Editora Abril, Guia do Estudante (GE), embora existam trabalhos que abordem a publicação de forma subsidiária e tangencial (ANDRADE, 2001, ANDRADE; MOITA; LOBO E SILVA, 2009; SETTON, 2005, ORDORIKÁ e GOMÉZ, 2010). Trata-se de um tipo de publicação que surgiu em 1984 que foi se alterando ao longo do tempo, deixando de ser uma edição especial do Almanaque Abril¹, para ganhar autonomia e relevância, passando, então, a estipular rankings e premiar as melhores Instituições de Educação Superior (IES) e cursos do país (GUIA DO ESTUDANTE, 2012).

Um ranking acadêmico, portanto, não vinculado às políticas públicas de avaliação da educação superior do Estado, mas que, no entanto, apresenta aceitação junto às universidades particulares e públicas vencedoras. A premiação, no início da segunda década do século XXI, se concretiza por meio do *Prêmio Melhores Universidades*, que conforme dispõe o texto de seu regulamento, na edição de 2011, destina-se “às melhores instituições de ensino do país” (GUIA DO ESTUDANTE, 2011).

A avaliação de cursos promovida pelo GE não passa despercebida e os bons resultados surtem efeitos em termos de gestão acadêmica, de divulgação institucional e de suporte mercadológico, tanto nos segmentos de educação superior público e particular. Alguns destes efeitos podem ser sentidos no âmbito da comunicação institucional. No caso das universidades públicas o Jornal Correio Braziliense divulgou os feitos da Universidade de Brasília (UNB), que figurou “entre as finalistas do 6º Prêmio Melhores Universidades GE. A instituição concorre nas categorias Comunicação e Informação - Universidades Públicas e Ciências Sociais e Humanas”

¹ O Almanaque Abril é uma publicação da Editora Abril vigente “desde 1974”. Trata-se de “uma das principais fontes de informação confiável para estudantes, professores, jornalistas, pesquisadores e profissionais brasileiros das mais variadas áreas”(PUBLABRIL, 2012). Sendo assim a referida publicação se caracteriza atualmente por ser “uma enciclopédia portátil, com fatos e dados de referência atualizados e os mais importantes acontecimentos da atualidade. São mais de 4.500 definições e conceitos, além de mapas, gráficos, tabelas e curiosidades”. É a fonte mais confiável para quem precisa de informações qualificadas de forma rápida e organizada. Junto com a família de publicações do Guia do Estudante, o auxilia alunos em fase de vestibular e professores que buscam formas diferenciadas de abordarem temas diversos em sala de aula. Rápido e fácil de ser consultado, é ideal para ter na prateleira de casa ou do trabalho para entender um pouco mais sobre os acontecimentos do mundo” (PUBLABRIL, 2012).

(CORREIO BRAZILIENSE, 2010). A Universidade de São Paulo (USP), por sua vez, também divulgou em seu site os resultados obtidos no GE (USP-SÃO CARLOS, 2009); do mesmo modo também procedeu a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (OCEÂNICA-UFRJ, 2012). No caso das universidades particulares sem fins lucrativos, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), ao seu turno, também exibiu seus bons resultados em seu site institucional (PUC-SP, 2010), assim como a Universidade Presbiteriana Mackenzie (MACKENZIE, 2012) e a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO, 2012). Já no campo das universidades particulares, com fins lucrativos, como a Universidade Nove de Julho (UNINOVE, 2008) e a Universidade Braz Cubas (UBC, 2012), pequeno exemplo de um imenso conjunto, também anunciaram em seus sites os bons resultados obtidos na referida publicação.

As matérias apresentadas apontam alguns discursos em comum como, por exemplo, o da professora Dione de Oliveira Moura da Faculdade de Comunicação da UNB, que diz:

O resultado da publicação, sem dúvidas, é um sinal de que estamos caminhando no rumo certo. Os investimentos em formação de docentes, reformas laboratoriais e curriculares e o fortalecimento das práticas em nosso Laboratório de Jornalismo são uma amostra disso. Também os nossos alunos desempenham um papel importante diante dos resultados, sendo críticos e participantes. Temos um curso maduro que tratamos como se fosse um curso novo, nunca achamos que está bom, sempre estamos reinventando. Essas cinco estrelas representam isso (UNB, 2011).

No segmento particular de educação também se encontra tais discursos. A UBC, por exemplo, coloca o GE como “uma publicação que reconhece a qualidade do ensino superior público e privado” (UBC, 2012). A Universidade do Norte do Paraná (Unopar), autointitulada universidade pioneira, líder do segmento ensino à distância, com 120 mil alunos (UNOPAR, 2011), também ressalta o desempenho obtido no GE, conforme disse Hélio Rodolfo Navarro, vice-reitor da instituição, ao ressaltar que “o desempenho dos nossos cursos vem crescendo”. Para Navarro isto quer dizer que:

o trabalho que vem sendo desenvolvido está gerando frutos. O fato de termos 18 cursos no rol dos estrelados já demonstra o diferencial de qualidade dos cursos da Unopar e qual é a formação superior que estamos oferecendo à sociedade (UNOPAR, 2011).

A Universidade Metodista, conforme a opinião da coordenadora do curso de Secretariado Executivo Bilíngue, Ana Maria Santana Martins, dá destaque ao trabalho dizendo que “este resultado representa o amor, a dedicação e o comprometimento que a coordenação, o corpo discente, docente, direção e todo setor administrativo da Instituição tem tido para com o nosso curso” (METODISTA, 2011). Para a coordenadora:

a nova matriz modular do curso, que foi desenvolvida para atender tanto as diretrizes do Ministério da Educação quanto o mercado de trabalho, tem formado profissionais capazes de entender o processo organizacional, assessorar ‘staffs’, gerenciar setores e talentos e gerir o fluxo de informação, de maneira inovadora (METODISTA, 2011).

Em síntese, são instituições de naturezas jurídicas opostas que expressam discursos semelhantes no sentido de atribuir legitimidade e confiança aos resultados da avaliação publicado pelo GE. A presença no cenário nacional da referida publicação como GE – um ranking privado, vinculado à Editora Abril, de viés mercadológico, numérico e classificatório, em contraposição às avaliações emancipatórias, ou mesmo oriundas de políticas públicas –, representa um fenômeno que já havia ocorrido em países anglo-saxônicos há algumas décadas, do qual o grande exemplo é o ranking universitário Times, *THE*², antes vinculado formalmente ao influente jornal inglês *The Times* (ORDORIKA e GOMÉZ, 2010).

Este quadro geral demonstra uma aparente realidade: a relevância da publicação GE no que se refere à adesão de uma gama de universidades heterogêneas, sejam públicas ou particulares (com ou sem fins lucrativos) aos seus resultados. Trata-se de um grupo de universidades heterogêneo que utiliza os resultados dos rankings com os mais variados propósitos.

Diante do exposto e constatando a inexistência de estudos sobre os rankings do GE, evidencia-se a necessidade de uma pesquisa ampla das finalidades e do escopo de forma de utilização dos resultados dos ranquamentos elaborados pelo GE, por meio de uma análise do processo de comunicação estabelecido perante a comunidade universitária e a sociedade em geral, ainda mais se tendo em vista a natureza distinta das universidades que se utilizam atualmente dos resultados da classificação do GE, atualmente, do *Prêmio Melhores Universidades*.

² O nome completo do ranking é *World University Ranking Times Higher Education*. Também é possível considerar o *Academic Ranking of World Universities (ARWU)*, ou, ranking de Shanghai, como outro grande exemplo.

Dessa forma, torna-se pertinente conhecer com maior profundidade um tipo de avaliação por classificação, ou ranking, bastante relevante e pouco pesquisado, embora presente no cotidiano gerencial dos mais variados segmentos universitários.

No levantamento teórico realizado observaram-se apenas alguns trabalhos, que abordam o tema de modo direto, sendo que a maioria dedica-se a questão de modo subsidiário e tangencial, conforme se observa no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Ministério da Educação (MEC), destinado ao acesso às teses e dissertações defendidas junto aos programas de pós-graduação e, no portal do *SciELO*, biblioteca virtual instituída por meio de uma parceria da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (BIREME) e, atualmente, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

No Brasil contemporâneo o *ranqueamento* das instituições de educação superior encontra-se presente ou embutido em políticas públicas de avaliação, principalmente, no que tange as avaliações em larga Escala como, por exemplo, a cultura dos rankings acadêmicos iniciada com o extinto Exame Nacional de Cursos (ENC), o antigo “provão”, e, mesmo no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), principalmente no segundo mandato do governo Lula quando houve a criação do Conceito Preliminar de Cursos (CPC), e do Índice Geral de Cursos (IGC) (POLIDORI, 2009; BARREYRO, 2008; ANDRADE, 2011). Embora esses dois instrumentos de avaliação representem continuidade, tais políticas públicas, que envolvem comparações e aspectos numéricos, não podem ser consideradas formalmente, no âmbito brasileiro, como provenientes de um mesmo discurso político-ideológico, ainda que promovam interesse e fascínio perante os setores público e privado, bem como apareçam no dia-a-dia de departamentos de propaganda, gestores, alunos, governos, opinião pública, mídia etc.

Ordorika e Gómez (2010), para compreender as distinções entre rankings privados e públicos, classificam os rankings em dois planos, segundo suas orientações e finalidades. Em um *primeiro plano* estão os rankings ligados a critérios acadêmicos, elaborados por governos ou universidades, por instâncias públicas, em um *segundo plano*, encontram-se os rankings de orientação comercial, não oficiais, baseados na

venda da publicidade vinculada à publicação do ranking. É nesse segundo plano que se encontra o GE.

A partir do supracitado levantamento realizado no banco de teses da Capes e no Scielo, pode-se afirmar que os trabalhos tidos como diretamente relevantes à temática do GE resumem-se a quatro artigos. No primeiro, Andrade (2011), apresenta ponderações com relação ao Enade e aos índices de avaliação, não obstante, trata também do ranking privado elaborado pelo GE. No segundo artigo (ANDRADE; MOITA; LOBO e SILVA, 2009), analisa-se por uma diferente perspectiva, atentando-se à importância do modelo *Logit* de estimativa de demandas para os cursos de Administração no Estado de São Paulo, focando-se, dentre outros aspectos, na relevância da pontuação obtida pelas universidades no ranking GE, com vistas a auxiliar o processo de escolha da faculdade por parte do aluno. No terceiro, Ordorika e Gómez (2010) mencionam de passagem, a existência e o lugar, da publicação GEno Brasil ao tratarem dos diversos rankings em educação superior espalhados pelo mundo, em especial, do ranking THE. O quarto e último artigo é o estudo de Setton (2005), que, por sua vez, apoiando-se no conceito de capital cultural de Pierre Bourdieu e nas contribuições metodológicas de Bernard Lahire, observa as trajetórias pessoais e familiares de alunos de classes sociais desfavorecidas, mas, que obtiveram sucesso acadêmico. Neste contexto, aparecem nas respostas de alguns entrevistados, menções ao GE como facilitador de escolhas e indicador das melhores faculdades aos que iniciam sua trajetória em nível superior. No entanto, não se trata de um objetivo de pesquisa da autora, mas sim, de dados que surgiram durante a execução da investigação, quando da coleta dos mesmos e que, de certo modo, são relevantes para esta pesquisa, posto que também ressaltam outros pontos importantes da questão, como é o caso da pertinência de se estudar os rankings do GE à luz do processo de escolha, por parte dos alunos, da universidade.

Não obstante, quando se pensa nos rankings do *primeiro plano* expostos por Ordorika e Gómez (2010), aqueles ligados as políticas oficiais do poder público, o levantamento revela que a temática destaca-se por uma bibliográfica aprofundada e diversificada. Trata-se de trabalhos que abordam as políticas de avaliação de cunho tecnicista, caracterizadas por elementos numéricos e quantitativos, ou seja, pela elaboração de classificações e rankings apresentando, assim, dois eixos teóricos principais: autores que se posicionam de modo crítico e outros de modo favorável.

Neste sentido, Barreyro (2008), Barreyro e Rothen (2008), Polidori (2009), Brito (2008), Leite (2008) e Dias Sobrinho (2010a, 2010b, 2004, 2003) apresentam críticas sérias em relação aos sistemas de avaliação numéricos, quantitativos, especificamente aqueles que estabelecem rankings; também criticam a falta de uma política nacional constante em torno da questão. Brito (2008), especificamente, argumenta que os rankings não são indicadores verossímeis de qualidade, enquanto Dias Sobrinho (2010a), ao seu turno, ressalta que os rankings podem gerar injustiças posto que a avaliação, muitas vezes, pode ser sustentada sobre bases equivocadas.

Por outro lado, Calderón, Poltronieri e Borges (2011) expõem uma análise mais favorável às avaliações por ranking salientado, todavia, que estas fazem bem a concorrência e dão ao cidadão, direitos e garantias como “cliente-consumidor”. Ainda neste sentido, outros autores (CASTRO, 2003; DURHAM, 2003; ARAÚJO FILHO, 2003) defendem a pertinência do Exame Nacional de Cursos (ENC) por ressaltar a competição e a comparação entre os distintos segmentos universitários, promovendo a qualidade por meio da transparência de informação. Para Durham (2010, p. 163) “o governo Fernando Henrique não foi marcado pelo início da queda da qualidade do ensino, mas pela possibilidade de medi-la”.

A trajetória das políticas em avaliação da educação e, por consequência, a presença de rankings na avaliação da educação superior, em linhas gerais, vincula-se às mudanças nas estruturas dos Estados e aos movimentos de globalização, bem como aos movimentos tecnológicos. Nestes termos:

a sociedade brasileira vem experimentando significativas e rápidas transformações, as quais impõem à Educação Superior um leque amplo e contraditório de demandas que dificilmente podem ser adequadamente atendidas. Por ser um fenômeno humano e social, a educação é atravessada por contradições e conflitos relacionados com as diversas concepções de mundo e interesses dos indivíduos e dos diferentes grupos sociais. Essas contradições tendem a se acirrar crescentemente, em razão da importância que o conhecimento adquiriu na sociedade da informação, como principal motor da economia global, e do auge do individualismo e da competitividade (DIAS SOBRINHO, 2010b, p. 196).

No campo das políticas sociais, na educação, saúde, previdência, e principalmente, no campo das políticas de avaliação da educação superior, em seus mais variados níveis, também, na administração pública, enfim, em diversos setores de atuação do poder público, surgem certos movimentos que devem ser percebidos sob a ótica da reforma do Estado, fenômeno posterior à crise dos anos 70 que foi

aproximando o Estado ao setor privado – por meio de um compartilhamento de lógicas produtivas e de concorrência –, retrato da crise do Keynesianismo, uma crise fiscal, que culminou com a eleição de governos conservadores em países basilares no cenário mundial, exemplos de democracia consolidada e industrialização avançada, como a Inglaterra, com Margaret Thatcher, e os EUA, com Ronald Reagan, ambos nos anos 80 (KING, 1988; ANDERSON, 1995; ABRUCIO, 2005).

Antes do referido período reformista da década de 1980 as estruturas de bem-estar social (estruturas de proteção social) acompanharam o crescimento econômico, a chamada “era dourada” da economia, que ocorreu do pós-guerra até, no limite, os anos 60, período de exaltação do Estado de Bem-Estar Social (*Welfare State*) como modelo social de Estado, do Keynesianismo como modelo econômico e da burocracia Weberiana como modelo administrativo (ABRUCIO, 2005). As reformas que se instauram nos anos 80, principalmente, dirigiram-se aos modelos sociais, econômicos e administrativos do Estado, retrato de um cenário de crise capitalista iniciado nos anos 70 (KING, 1988 e ABRUCIO, 2005).

Neste particular, em texto contemporâneo aos governos de Thatcher e Reagan, King (1988), sinaliza os graus de resistência dos Estados industriais avançados e de regimes democráticos consolidados, com relação à iminente redução de suas estruturas de *Welfare State*, por meio de políticas reformistas. King (1988, p. 53) constata que os Estado de Bem-Estar “maduros têm suas estruturas e benefícios entrelaçados às estruturas sociais que eles próprios remodelaram” o que, de certo modo, institucionaliza a proteção social. Não é o caso do Brasil e não foi assim na América Latina também, com exceção de alguns países que apresentam satisfatórios indícios de proteção social (DRAIBE, 1997). Neste sentido, é pertinente a introdução do artigo *Educação e bem-estar social*, que ressalta o caráter “embrionário” das estruturas de Bem-Estar Social no Brasil (PAIVA, 1991). Assim também o fez King (1988), ao abordar o caso, denominando as estruturas de *Welfare State* da América Latina como “marginais”, de um modo geral.

O processo democrático Brasileiro estatutário de direitos e deveres certamente caracteriza-se por ser bem diferente do apresentado em países desenvolvidos e industrializados. No caso brasileiro, o auge dos direitos e conquistas no plano da proteção social/cidadania social, mas também da cidadania política e civil, se deu apenas em 1988, com a promulgação da Constituição Federal e a consequente

democratização do país. Nesta ocasião, nos anos 80, a crise fiscal e também os processos de globalização, enfim, os movimentos de reformas do Estado e de sua burocracia, já estavam em pleno vapor na Europa e nos Estados Unidos (ANDERSON, 1995; PAIVA, 1991).

Alguns estudos permitem visualizar, de modo primário ou secundário, o desenho do percurso histórico e cronológico de mudanças (alterações) e resistências (reação) em resposta aos movimentos de reforma que atuaram nas estruturas de proteção social e nas estruturas burocráticas do Estado (ABRUCIO, 2005; ANDERSON, 1995; KING, 1988; DRAIBE, 1997; PAIVA, 1991) e, assim, assiste-se à busca por manutenção do modelo de proteção social diante da nova governabilidade estatal de enfrentamento do gasto social.

Evidentemente, trata-se de mudanças que atingem também a educação. Neste sentido, Laval (2004) relata que durante o programa eleitoral do governo Reagan, no ano de 1980, prometia-se:

Desregulamentação da educação pública, a eliminação do departamento federal de educação e supressão do transporte escolar público. As escolas deviam se transformar em empresas com fim lucrativo na medida em que a eficiência do mercado seria presumidamente capaz de melhorar o acesso à educação e à qualidade de ensino, desembaraçando-o dos regulamentos burocráticos e dos sindicatos. Este desengajamento do país ampliava o papel das autoridades locais diminuindo, ao mesmo tempo, os créditos alocados aos programas em favor dos pobres e das minorias. Abria às famílias maiores possibilidades de escolha para favorecer a competição entre os estabelecimentos. Esta escolha supostamente elevaria a qualidade das escolas e favoreceria o financiamento das escolas privadas que deviam se beneficiar da ajuda do Estado, da mesma maneira que as escolas públicas (LAVAL, 2004, p. 91).

Laval (2004, p. 91) descreve ainda que os EUA e a Inglaterra representam locais privilegiados, nos quais a “ideologia do livre mercado encontrou (...) seu terreno clássico de aplicação antes de se difundir universalmente”.

No Brasil, especificamente, tal processo representou uma ruptura de paradigma na medida em que a questão referente à ideologia do livre mercado foi logrando espaços cada vez mais antagônicos, como por exemplo, a universidade. Em artigo que expõe a inserção de universidades públicas, como a USP e a UFRJ, na “lógica racionalizadora do capital”, de Paula (2001) apresenta uma abordagem crítica quanto ao processo de modernização das universidades públicas e coloca a Reforma Universitária de 1968 como ponto de partida para a “diluição do papel clássico da universidade” (p. 15).

Por outro lado, diferente abordagem de Calderón (2000, p. 62) refere-se à Reforma Universitária de 1968 como uma “política de modernização e reestruturação do sistema universitário, impulsionada a partir da Lei n. 5.540 de setembro de 1968”, que fez com que a educação superior abandonasse uma concepção pública³ relativa ao seu provimento e adotasse uma postura mais flexível vinculando-se, gradualmente, no século passado em meados dos anos 70, no decorrer dos 80 e com mais força nos anos 90, à lógica de um mercado educacional, composto por universidades privadas voltadas ao ideal empresarial.

As modificações em relação ao papel desempenhado pelo Estado diante de sua crise fiscal, observadas sob a ótica e predominância neoliberal, sinalizavam em direção aos movimentos de reforma gerencial nas estruturas de Bem-Estar Social – que foram também visíveis no plano da universidade brasileira. No Brasil, ao contrário do que aconteceu com outros países da América do Sul, excetuando o Chile, que massificaram suas universidades públicas, optou-se por manter uma universidade pública de elite voltada para pesquisa e para critérios de seleção de alunos, porém, paralelamente, optou também por incentivar um sistema universitário de massa composto por universidades privadas de qualidade duvidosa (CALDERÓN, 2000).

As décadas de 1970 e 1980 ainda expressavam a hegemonia das universidades públicas no cenário da educação superior nacional, no entanto, a partir da década de 1990, com o surgimento de uma enorme quantidade de universidades privadas, fruto da Reforma Universitária de 1968 e das dinamizações possibilitadas pela Constituição Federal de 1988, tornou-se “explícito o princípio da concorrência entre as universidades” (CALDERÓN, 2000, p. 64), fato que ficou evidente em termos de magnitude no que se refere às grandes capitais do país, como São Paulo, maior e mais rica cidade brasileira.

Tais universidades denominadas de mercantis por Calderón (2000) representam a institucionalização do princípio da concorrência e da ideia de cidadão como cliente-consumidor. Essa realidade é abordada por Dias Sobrinho (2004), a partir do que considera como rompimento de paradigma:

a educação superior tem sido considerada uma instituição que produz conhecimentos e forma cidadãos para as práticas da vida social e econômica, em benefício da construção de nações livres e desenvolvidas. Em posição

³ A concepção pública de educação é um ideal ligado ao Estado de Bem-Estar Social que se expandiu pelo mundo no pós-guerra (DRAIBE, 1997).

distinta, cresce e se fortalece hoje a defesa da educação superior como função da economia e dos interesses individuais e privados. Essas diferenças ideológicas relativas ao papel social da educação superior interferem fortemente na compreensão das funções da avaliação (DIAS SOBRINHO, 2004, p. 704).

Nesta perspectiva, o papel social da educação superior reveste-se de diferenças ideológicas que atuam com interferência no processo de compreensão da avaliação, ou seja, do papel que representa (DIAS SOBRINHO, 2004). É dizer que existem “aqueles que vêm (sic) a escola como uma instituição constitutiva da República e querem que a escola forme o cidadão” e “os que vêm (sic) a escola como uma empresa, num vasto mercado de formação”. Aqueles que veem a educação como mercado:

encontram uma real necessidade na avaliação do sistema, por múltiplas razões. É preciso conhecer, portanto avaliar, a oferta e a demanda para encontrar a melhor adequação. É preciso permitir ao consumidor escolher, então fornecer-lhe informações. É preciso pilotar o sistema educativo como uma empresa em busca da melhor eficácia (VOGLER apud DIAS SOBRINHO, 2004, p. 704-705).

Dias Sobrinho (2004, p. 705) expõe a temática dando relevância à ausência de consenso: “não há consenso sobre avaliação em geral e tampouco existem muitos acordos sobre o que seja hoje a educação superior e, sobretudo, quais são as suas funções mais importantes na sociedade”. O fato de a ideia de educação, de modo geral, estar cada vez mais próxima aos ideais de mercado, segundo Laval (2004, p. 91) deve-se ao “sucesso político do neoliberalismo nos anos 80” que legitimou a educação como “objeto de escolha em um mercado livre”. É dizer, também, em certo sentido, que o cidadão passa a ser autônomo no processo de escolha da escola que mais lhe agrada, como um consumidor que escolhe qualquer outro produto.

Neste particular, enquadram-se estudos como o de Calderón, Poltronieri e Borges (2010), que abordam os rankings como:

mecanismos adotados pelo Estado para munir o cidadão de informações, podendo-se constituir em pilares para a construção de poderosos instrumentos direcionados a uma cultura política que fortaleça os direitos dos consumidores (CALDERÓN; POLTRONIERI e BORGES, 2010, p. 107).

Calderón, Poltronieri e Borges (2010) destacam os rankings como políticas de Estado que carregam uma predominância da dimensão técnica sobre dimensões políticas e ideológicas nos processos avaliativos. De acordo com esta abordagem o cidadão é

enfocado como um cliente-consumidor, um cidadão “dotado de direitos decorrentes das relações de mercado”, no sentido de possibilitar informações e transparência no processo de escolha dos “serviços educacionais” disponibilizados, em grande parte, pela iniciativa privada (CALDERÓN; POLTRONIERI e BORGES, 2010, p. 107).

Junto às novas concepções envolvendo as funções do Estado, que passou de provedor a fiscalizador-avaliador, o cidadão passou a ser visto como cliente e o surgimento de sistemas de avaliação funcionando como ferramental de auxílio estatal junto às instituições mais diversas em educação. Com as profundas mudanças no panorama educacional foram emergindo debates em torno das formas de implantação e da importância de políticas avaliadoras (GOUVEIA; SILVA; SILVEIRA; JACOMINI e BRAZ, 2005).

A ideia de um Estado *avaliador* e não mais *provedor*, bem como uma concepção de cliente relativamente ao cidadão ganhou força no Brasil por meio das especulações do *Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado* (BRASIL, 1995, p. 6), que revela o objetivo da reforma sugerida e a trajetória histórica das reformas da administração pública no Brasil.

O documento em questão enfatiza a necessidade de uma administração pública nova que, nas palavras de Abrucio (2005), seria a administração “pós-burocrática”⁴; uma administração gerencial:

É preciso, agora, dar um salto adiante, no sentido de uma administração pública que chamaria de “gerencial”, baseada em conceitos atuais de administração e eficiência, voltada para o controle dos resultados e descentralizada para poder chegar ao cidadão, que, numa sociedade democrática, é quem dá legitimidade às instituições e que, portanto, se torna “cliente privilegiado” dos serviços prestados pelo Estado (BRASIL, 1995, p.7).

A expressão “cliente privilegiado”, que aparece no documento oficial, entre aspas, parece ser exibida em destaque adequadamente posto que expressa polêmicos aspectos da reforma. Do mesmo modo, também aparece no trecho citado a ideia de que o Estado deve estar atento à regulação dos resultados, aspecto relacionado à mudança de um modelo de Estado Provedor para um Estado Fiscalizador, ou seja, significa a

⁴ Diz-se pós-burocrática no sentido de ser nova, posterior ao antigo sistema. Neste sentido, Secchi (2009), ressalva que elementos do modelo burocrático weberiano ainda se encontram presentes no novo modelo “de gestão e de relação do Estado com a sociedade” e, portanto, não se trata de um modelo que estabeleça rupturas com a burocracia anterior, weberiana. Neste sentido também ponderou o próprio Abrucio (2005).

mudança de um modelo de Estado Interventor para um Estado Avaliador (GOMES, 2002). Configura-se, portanto, uma mudança de caráter gerencial do Estado capaz de retratar uma preocupação em avaliar a qualidade da prestação de seus serviços e, conseqüentemente, fiscalizar mais do que prover. Para Rios, Calderón, Sousa (2012):

O foco do Estado Avaliador concentra-se nos resultados e não nos processos pedagógicos com implicações diretas na visão que a sociedade passa a ter das IESs, concebendo-as como prestadoras de serviços e os cidadãos como clientes (RIOS; CALDERÓN e SOUSA, 2012, p. 91).

As estratégias para um novo Estado envolvem a redução de custos e atribuição de maior eficiência à administração pública, dando-se ênfase a um novo modelo contratual de administração dos serviços públicos: a administração gerencial por meio de uma interação entre setor público e privado, atenta à qualidade dos serviços prestados (ABRUCIO, 2005).

Juntamente às novas concepções envolvendo as funções do Estado, que passou de *provedor a fiscalizador*, os sistemas de avaliação emergiram para auxiliar o Estado no processo de fiscalização junto às instituições mais diversas em educação, dando origem a debates emergentes em torno das formas de implantação e da importância de políticas avaliadoras (GOUVEIA; SILVA; SILVEIRA; JACOMINI e BRAZ, 2005). Neste particular, durante a década de 80 emergiram no Brasil sistemas de avaliação da educação superior: o Programa de Avaliação da Reforma Universitária (PARU) e o Grupo Executivo para a Reforma da Educação Superior (GERES) (BARREYRO, 2008).

A partir deste momento, marco inicial das políticas de avaliação em tempos de mudança do papel do Estado, é possível traçar um percurso evolutivo da formalização da avaliação no Brasil composto, ao seu turno, de quatro ciclos, conforme análise realizada por Polidori (2009). No primeiro ciclo, de 1983 a 1992, ocorrem tentativas de viabilização de um processo de avaliação, que culminaram no PARU e no GERES; um segundo ciclo se deu de 1993 a 1995, caracterizado pela formulação de políticas como o Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras (PAIUB); o terceiro ciclo, de 1996 a 2003, deu-se por iniciativa do Ministério da Educação (MEC) durante o governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que culminou com a elaboração do “Provão” ou Exame Nacional de Cursos (ENC). E, finalmente, o quarto ciclo iniciou-se com a criação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior

(Sinaes) e, conseqüentemente, do Enade, já no Governo do também ex-presidente Lula (2009). Autores como Molck (2012) complementam a classificação de Polidori (2009), apresentando a existência de um quinto ciclo. Para Molck (2012) o quinto ciclo começou em 2007, no segundo mandato do presidente Lula e pode ser denominado de “avaliação para regulação”, por se tratar de uma mudança legal e em termos de diretrizes para a efetivação da gestão pública pautada na avaliação por resultados.

No Governo FHC (ocasião do terceiro ciclo descrito por Polidori) dá-se início a uma ampla reforma na administração pública em resposta a crise fiscal do Estado nos anos 80 e a globalização. Luiz Carlos Bresser-Pereira, quando ministro da Administração e Reforma do Estado do referido Governo, respondeu às pressões impostas por força da globalização e da crise gerencial do Estado ressaltando que, tanto uma coisa como a outra, “estão impondo, em todo o mundo, a redefinição das funções do Estado e de sua burocracia” (Bresser-Pereira, 1996, p. 1). No embalo das reformas o Ministério da Educação, comandado à época pelo Ministro Paulo Renato, apresentou ao país o ENC, primeiro grande ranking oficial que representou uma ruptura com a política de avaliação historicamente construída e defendida pelo Brasil, a avaliação emancipatória, por caracterizar-se como um modelo de avaliação comparativa e numérica (REAL, 2009).

A avaliação por classificação ou por rankings, conseqüentemente, ganha espaço a partir do Governo FHC, mas não somente entre as universidades particulares, onde já era esperado um enorme uso principalmente publicitário dos bons resultados, mas também, entre as universidades públicas, que não hesitaram em utilizar suas pontuações obtidas no ranking do Provão como discurso publicitário e de status acadêmico (BARREYRO, 2008; TUYAMA, 2011). Tal acentuada presença de rankings acadêmicos associa-se a elementos numéricos e matemáticos também presentes no processo de concepção do Estado, mais precisamente de um Estado neoliberal, conforme expôs Bourdieu (1998), fazendo menção à presença da matemática que transforma o mundo econômico e social em “equações”⁵.

⁵ Texto *O mito da “mundialização” e o Estado Social europeu* do livro *Contrafogos*: “querem que acreditemos que é o mundo econômico e social que se põe em equações. Foi armando-se da matemática (e do poder da mídia) que o neoliberalismo se tornou a forma suprema da sociodocência conservadora que se anunciava, há 30 anos, sob o nome de *fim das ideologias*, ou, mais recentemente de *fim da história*” (1998, p. 50).

Não obstante, com o “Provão” ou ENC iniciou-se um período marcado pela presença de rankings (enquanto políticas públicas) na avaliação da educação superior. Isto porque após os dois mandatos do governo FHC, já no Governo Lula, cria-se o Sinaes e o Enade, na tentativa de alternar a dinâmica das políticas de avaliação deixando de lado a classificação, mais precisamente, o ranking acadêmico criado pelo antigo governo (o “provão” ou ENC). Ainda que o Sinaes e o Enade fossem aclamados e enquadrados em uma perspectiva emancipatória (BRASIL, 2004), a busca por rankings e a sedução que seus resultados causavam nos meios de comunicação parecia não ter acabado e estar longe de um fim, na medida em que logo após a criação do Sinaes, o Enade foi explorado na mídia na forma de um ranqueamento, fato que prontamente foi rechaçado pelos formuladores do Exame sob a alegação de que o Enade unicamente compõe um sistema de avaliação, no caso o Sinaes, e não deve ser interpretado ou utilizado de modo isolado (DIAS SOBRINHO, 2010).

Como se pode observar, no segundo mandato de Lula, no ano de 2008, houve a criação CPC e do IGC, também pertencentes ao Sinaes, quando surge o quinto ciclo (MOLCK, 2012). Estes dois elementos deram origem a um novo ranking das instituições de educação superior gerando contradições em relação ao real papel do Sinaes, sistema até então centralizador na regulação da avaliação da educação superior e detentor, *a priori*, de uma proposta bastante distinta daquelas que estabelecem rankings e classificações por pontuação (ANDRADE, 2011; POLIDORI, 2009; BARREYRO, 2008; CALDERÓN; POLTRONIERI e BORGES, 2010).

Trata-se de um movimento nacional envolvendo políticas de classificação, rankings universitários, ou ainda, “ranqueamentos” oficiais oriundos de políticas públicas, que se originou com o “provão” do governo FHC e, que, também pode ser encontrado no governo Lula, especificamente no segundo mandato, com a criação dos indicadores IGC e CPC, processo também observado no primeiro mandato, com o emprego do Enade como ranking universitário de mídia, ainda que inadvertidamente.

Todos estes movimentos governamentais, ao seu modo e guardadas as devidas diferenças, representam iniciativas estatais de avaliação por rankings. Entretanto, é importante destacar que anteriormente a estas políticas públicas oficiais (ENC, ENADE – IGC e CPC) e a própria classificação acadêmica do GE, havia no Brasil outro ranking universitário, pioneiro, um ranking privado, trata-se do ranking promovido pela Revista

Playboy, elaborado pela primeira vez no ano de 1982 (UNESP, 2000). Para Marques (2009), em artigo escrito à versão *on line* da Revista Pesquisa FAPESP:

A popularização dos rankings é um fenômeno recente. No Brasil, até a década de 1990, o mais conhecido ranking de universidades do país era feito por uma revista masculina, a *Playboy* (MARQUES, 2009).

Como se pode observar em artigo que retrata os resultados da Universidade Federal do Paraná (UFPR) no ranking da revista *Playboy* e revela suas dificuldades (MILLARCH, 1986), o ranqueamento da *Playboy* foi responsável por gerar intensos desafios em termos de gestão universitária, conforme se observa da fala do então reitor, Riad Salamuni, para quem a UFPR “teve uma melancólica presença no Ranking *Playboy* das melhores faculdades do Brasil”, que, de acordo com Salumani, retrata a pertinência de futuros bons resultados junto ao ranking da revista *Playboy*, para embalar a composição de uma boa imagem da instituição. Outro artigo intitulado, *Universidade aparece em primeiro lugar em avaliação feita pela revista Playboy* (UNESP, 2000), ressalta, ao falar sobre os resultados obtidos por parte da UNESP perante o ranking da revista *Playboy*, a convivência por um dado período, de três rankings não oficiais no Brasil (*Playboy*, Revista *Época* e GE). Neste sentido, tal convivência expressa-se no seguinte trecho:

não foi só no *ranking* da revista *Playboy* que a UNESP se destacou. A Universidade também se saiu muito bem em um outro levantamento, realizado pela revista *Época*, que lista as faculdades paulistas cuja competência é reconhecida pelo mercado de trabalho (...) na confrontação das avaliações da *Playboy*, *Época* e *Guia do Estudante*, um curso da UNESP ganha destaque: Odontologia, de Araraquara, aparece em primeiro lugar nas três publicações (UNESP, 2000).

Trata-se de três rankings não oficiais, não ligados ao Estado ou Governo, que conviveram de forma concomitante no Brasil, até bem pouco tempo atrás. Evidentemente, os rankings da revista *Playboy* e *Época* não estão mais em vigência restando, atualmente, a publicação GE. Para Ordorika e Gómez (2010), autores que ajudam a compreender as particularidades de rankings não ligados ao governo, os rankings não oficiais não se vinculam a nenhuma política de governo, mas sim, a empresas editoriais, imprensa, empresas de administração, grupos de consultoria e outros, que integram um movimento pautado na formação de mão-de-obra qualificada e especializada, no estímulo a concorrência e a competição entre as universidades, mas também, se enquadram em um movimento de internacionalização das universidades.

No âmbito de rankings privados nacionais o GE, publicação ligada à Editora Abril, é um tipo de avaliação por rankings carregada de um viés mercadológico, numérico, classificatório, voltado a atender as demandas em torno de qualificar o mercado, compactuando assim com a lógica empresarial da educação. De igual modo, o ranking inglês *THE*, exemplo clássico destes tipos de rankings em âmbito internacional (com atuação também em rankings regionais), também é possuidor de uma orientação nitidamente comercial, assim como, na América do Sul, por sua vez, são encontrados outros exemplos de rankings não oficiais como, por exemplo, o *El Mercurio* no Chile, de atuação nacional (ORDORIKA e GÓMEZ, 2010).

Diante da nítida importância que envolve a temática, o GE, configura-se como um ranking pouco estudado, na medida em que não existem muitas pesquisas que se debruçam exclusivamente em analisá-lo, conforme anteriormente ressaltado. Deste modo, as ações e posicionamentos (comunicação/publicidade) em virtude dos resultados obtidos no *Prêmio Melhores Universidades* de 2012 e de 2013 do ranking GE, presentes nos materiais de divulgação institucional dos diversos segmentos de universidades, também não apresentam estudos exclusivos e, por tal sorte, igualmente merecem exploração e investigação.

Nesta linha, esta dissertação de mestrado se enquadra na compreensão do processo de comunicação institucional universitário, buscando o olhar que a instituição separou para “ser visto” – no mesmo sentido atribuído na pesquisa de Almeida (2001), por meio da observação do processo de divulgação de material institucional estabelecido junto à comunidade universitária e a sociedade em geral –, com foco, entretanto, na divulgação de materiais pertinentes à premiação *Melhores Universidades* de 2012 e 2013 do GE. A ideia é captar a força e a instrumentalidade gerencial/institucional do ranking em questão. A referida pesquisa de Almeida (2001) procura compreender o processo de comunicação institucional estabelecido com a comunidade universitária e com a sociedade em geral, ao traçar o que denomina de “porta-retratos”, ou, “fotografias”, que retratam um “momento formal” e um “momento institucional” das novas universidades, sendo possível observar que:

O momento institucional coloca-nos a tarefa de refletir sobre o material de difusão e divulgação das instituições, examinando o modo como elas se revelam e se apresentam para o público. Esse material distribui-se em vários espaços, circulando imagens, idéias (sic) e expectativas, apresentando a oferta de cursos e serviços das universidades em jornais e revistas, na TV ou na internet (ALMEIDA, 2001, p. 104).

O referido “momento institucional” exposto relaciona-se a ideia de “imagem” exposta pelo estudo de Sampaio (2000), isto quando se pensa em termos da dimensão do marketing institucional, no qual “imagem” corresponde ao “mostrar-se” do estabelecimento e a propaganda que dispõe. Esse estudo de Sampaio (2000, p. 318) levanta informações a respeito do setor privado em educação por meio de duas pesquisas, a primeira, retratava questionários respondidos por instituições de educação superior particulares a respeito das propostas e metas institucionais, e a segunda, expunha os materiais de propaganda dos estabelecimentos de educação superior particulares, no período de 1993 a 1997

Por conta da existência de materiais de comunicação que divulgam os resultados obtidos pelas universidades públicas e privadas no *Prêmio Melhores Universidades* do GE, como forma de publicidade e propaganda de seus bons desempenhos (HENRIQUE, 2011; UNICERP, 2011, TUYAMA, 2011), torna-se possível imaginar a existência de outros materiais de comunicação, divulgação e difusão institucional focados nos resultados obtidos pelas universidades na avaliação do GE. É o exemplo da universidade pública que noticiou seus bons resultados obtidos no GE e em rankings regionais e oficiais como CPC e IGC para, então ressaltar, o consequente aumento de recursos federais em função dos bons resultados obtidos (PLANETA UNIVERSITÁRIO, 2011).

No entanto, a divulgação e difusão institucional da imagem universitária, por meio dos resultados obtidos na avaliação do GE, guardam relação com um levantamento aprofundado e exploratório, efetuado por meio dos sites institucionais das universidades, que permite comparar as semelhanças, diferenças e convergências encontradas entre os diversos segmentos da educação superior no Brasil.

O discurso que emerge dos materiais de divulgação institucionais serve para demonstrar o peso das declarações (inclinações) e do posicionamento da gestão universitária com relação à temática dos rankings privados. A leitura das notícias e artigos encontrados na *internet*, que divulgam os resultados do *Prêmio Melhores Universidades* do GE, ressalta a questão da comunicação/publicidade dos resultados e de sua utilização e veiculação por meio de ferramentas midiáticas, sejam institucionais ou do mercado editorial, bem como, explicita a necessidade de uma pesquisa

aprofundada, focada em conhecer a utilização do GE como ferramental de difusão e divulgação da imagem institucional das universidades.

A análise dos materiais de comunicação, divulgação e difusão institucionais das universidades (relacionados aos resultados obtidos no ranking do GE no ano de 2012 e 2013), somada à leitura do referencial teórico existente em torno das avaliações por rankings na educação superior, e, de um melhor conhecimento da metodologia empregue na avaliação do GE possibilita, todavia, o estabelecimento de interpretações, comparações e análises que geram sustentação e fundamentação a presente investigação, dentro de perspectivas do consenso e do conflito.

Dada a carência de pesquisas envolvendo estritamente os rankings sobre a qualidade da educação superior, provenientes do setor privado, nomeadamente, o ranqueamento nacional da Editora Abril, GE, e, diante de um cenário marcado pela retomada das classificações acadêmicas oficiais, esta dissertação pretende saber: Como funcionava e qual foi a trajetória histórica dos rankings promovidos pelo GE? E, ainda: Como as diversas instituições de educação superior premiadas com estrelas, no *Prêmio Melhores Universidades* de 2012 e 2013 do GE, realizam a divulgação desses resultados perante a comunidade universitária e a sociedade em geral?

Deste modo, objetiva-se analisar a trajetória e o desenvolvimento dos rankings elaborados pelo GE no âmbito da educação superior brasileira, com foco na compreensão da forma como as universidades (públicas e particulares com ou sem fins lucrativos) divulgam, junto à comunidade universitária e a sociedade em geral, os resultados obtidos no *Prêmio Melhores Universidades* de 2012 e 2013. E, assim, pretende-se: compreender o lugar dos rankings na educação superior contemporânea como elemento indutor de qualidade e de diferenciação institucional; identificar a trajetória histórica e o funcionamento das classificações acadêmicas publicadas ao longo das edições do GE; analisar e comparar o conteúdo dos materiais institucionais de comunicação, vinculados na *internet*, das universidades premiadas com o *Prêmio Melhores Universidades* do GE, agrupados por segmentos universitários (público e particular), tentando identificar semelhanças, diferenças e convergências.

Para alcançar tais objetivos, três levantamentos de dados tornaram-se fundamentais, dois pertinentes às fontes secundárias e o último pertinente às fontes primárias, conforme descreveu Lakatos e Marconi (2007): *o primeiro*, todavia, corresponde aos dois levantamentos de fontes secundárias, especificamente, a

bibliografia teórica a respeito das avaliações na educação superior, com atenção especial às que se utilizam de rankings e as que tratam de rankings privados eo conteúdo das publicações do GE, desde 1988 a 2013, para que se reconstrua a trajetória histórica das edições avaliativas. O *segundo* refere-se às fontes primárias e guarda relação com o conteúdo da comunicação institucional divulgado e difundido nos *sites* das universidades, que abordem os resultados obtidos no *Prêmio Melhores Universidades* de 2012 e 2013do GE.

Os dois levantamentos, relativos às fontes secundárias, são: (1) um primeiro levantamento que versa sobre os trabalhos que tratam de rankings acadêmicos privados, da questão da internacionalização das universidades e também das políticas em avaliação na educação superior, em especial, as classificatórias, permitindo, assim, uma revisão bibliográfica que traz informações a respeito do modo com que a temática se apresenta e os trabalhos que afetam esta pesquisa. Tal levantamento bibliográfico efetiva-se de modo aprofundado por meio do Banco de Teses da Capes, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, do portal do *Scielo* permitindo, portanto, que se conheça a situação em que se encontra a problemática, assim como se compreenda os enfoques teóricos encontrados. Deste modo, torna-se possível compreender o lugar dos rankings na educação superior contemporânea; (2) posteriormente, após a revisão bibliográfica observou-se no acervo da Editora Abril as diversas edições do GE, com vistas a reconstruir a trajetória histórica de suas edições, que publicaram a avaliação de cursos e instituições do GE ao longo de quase três décadas de experiência, especificamente de 1988 a 2013, e, deste modo, se torna possível conhecer os aspectos metodológicos, as diversas mudanças de orientação eventualmente sentidas servindo de base de informações.

O segundo levantamento, por sua vez, de natureza primária, refere-se à coleta de dados via sites institucionais dos diversos segmentos de universidades (premiadas no *Prêmio Melhores Universidades* de 2012, do GE), uma tentativa de se compreender as questões que envolvem as pontuações obtidas no ranking GE, sob a ótica do processo de divulgação e difusão de materiais institucionais de comunicação/propaganda.

A relação das melhores universidades no prêmio *Melhores Universidades* do GE de 2012 e 2013⁶, na categoria “universidade do ano” serve de referencial de apoio para o levantamento de dados, por trazer os nomes das universidades premiadas e que

⁶ Ver Anexo I.

consequentemente se constituem no próprio objeto de análise do presente estudo, no material de amostra, por assim dizer. Oportunamente, verifica-se a quantidade e o teor dos materiais institucionais encontrados, que passaram por um filtro, para então, se proceder à coleta dos dados pertinentes.

Tais dados institucionais serviram para obter uma análise comparada relativa ao processo de comunicação institucional, divulgação e difusão nas mídias da *internet* dos resultados obtidos no GE, tendo-se em vista a identificação de semelhanças, diferenças e convergências presentes em cada segmento universitário (particular e público). A análise dos dados, relativamente aos materiais coletados nos sites das universidades, concretiza-se pelo emprego da técnica da análise de conteúdo que auxilia, ao seu turno, na visualização do modo como é tratada a temática (VERGARA, 2005). Isto, pois, a análise de conteúdo, segundo Lakatos e Marconi (2008), permite “descrever, sistematicamente, o conteúdo das comunicações”.

Mais especificamente, para Vergara (2005), a análise de conteúdo deve ser compreendida sob a perspectiva de três momentos, o primeiro refere-se ao processo de seleção do material e dos procedimentos adotados, o segundo, relaciona-se à implementação dos procedimentos, e o terceiro, guarda sentido com a formação de categorias, de inferências e, conseqüentemente, dos resultados da pesquisa, ocasião em que as hipóteses confirmam-se ou não. As categorias se caracterizam por vários elementos diferenciados que representam um título (categoria) genérico e também por guardarem entre si, tipos, fragmentos, caracteres, comuns (VERGARA, 2005).

Neste sentido, Ander-Egg (1978) também estabelece três fases/momentos da técnica da análise de conteúdo, descritas por Lakatos e Marconi (2008, p. 130), quais sejam: estabelecimento de unidade de análise, definição de categorias de análises e, também, seleção de uma amostra do material de análise. Sendo assim, a utilização da análise de conteúdo, nesta pesquisa, apoia-se nos três momento/fases da técnica da análise de conteúdo, anteriormente citados e descritos.

A rigor, os dados foram elaborados e classificados de forma sistemática a partir dos assuntos de maior incidência encontrados nos materiais de comunicação institucionais dos variados segmentos universitários que aparecem no *Prêmio Melhores universidades* de 2012 e 2013 do GE, atentando-se, especialmente, às mídias da *internet*. Como primeira medida os dados foram examinados selecionando-se aqueles que guardam pertinência com a temática de pesquisa. Depois os dados selecionados tornam-

se categorias, ou melhor, são categorizados, transformando-se em aparatos simbólicos, passíveis de serem tabelados e contados, de modo que a classificação atribuída aos dados permita transformar elementos qualitativos em quantitativos. Depois de codificados os dados foram tabulados, dispostos em tabelas, sintetizados, categorizados, o que facilita a verificação de ligação e sintonia entre eles e dinamiza a comprovação ou o afastamento de hipóteses (LAKATOS; MARCONI, 2009, p.168-169).

Finalmente, convém destacar que esta dissertação encontra-se dividida em três capítulos, contando ainda com a introdução e as considerações finais. No primeiro capítulo são expostas as principais contribuições teóricas a respeito da questão dos rankings na educação superior, atentando-se aos rankings internacionais (rankings estadunidenses, europeus e asiáticos), mas com especial atenção aos ranqueamentos regionais e nacionais, principalmente aqueles pertinentes ao espaço ibero-americano. Trata-se de compreender o lugar e a atuação dos rankings na educação superior contemporânea no mundo e também no Brasil, como elemento indutor de qualidade, de internacionalização das universidades e de diferenciação institucional. No segundo capítulo foi elaborada a trajetória histórica das classificações (rankings) advindas das edições publicadas pelo GE, correspondente ao período de 1988 a 2013, ocasião em que os aspectos metodológicos, o funcionamento e as distintas etapas avaliativas foram analisados. No terceiro capítulo o leitor encontra um mapeamento da forma de utilização dos resultados obtidos no *Prêmio Melhores Universidades* de 2012 e de 2013 do GE, adotada por universidades públicas e particulares (com ou sem fins lucrativos) diante do processo de comunicação/propaganda, difusão e divulgação da imagem institucional junto à comunidade universitária e a sociedade em geral.

1. CAPÍTULO I: RANKINGS ACADÊMICOS EM EDUCAÇÃO SUPERIOR: EMERGÊNCIA E EXPANSÃO NO CENÁRIO GLOBAL

Ao repassar a história dos rankings acadêmicos em educação superior e sua proliferação, bem como, ao apresentar as características dos três mais importantes rankings internacionais, seus critérios e limitações, Rizo (2010) defende que os rankings não podem ser qualificados como um fenômeno novo no espaço anglo-saxônico, com especial relevância ao espaço estadunidense, mas sim, trata-se de um fenômeno emergente no que se resume a sua proliferação, tendo em vista que a ideia de rankings está presente a mais de um século nos Estados Unidos da América (EUA), remontando ao ano de 1888 e, especialmente a ideia de classificação institucional baseada na qualidade, proposta por James McKeen Cattel⁷, em 1919.

Muito embora a intenção de realizar uma classificação (ranking) institucional que meça a qualidade seja antiga, sua real proliferação ocorreu apenas no século XXI por força da *internet* e de fenômenos ligados à globalização, ocasião em que:

rankings internacionais ganharam visibilidade sem precedentes, provavelmente encorajada pela fácil disseminação na internet, particularmente no caso de três apresentados como, Shanghai, *Times Higher Education*, e o *Ranking Web of World Universities* (RIZO, 2010, p. 81).

No que se refere aos rankings acadêmicos internacionais, Rizo (2010, p. 81), revelou que:

Rankings internacionais também tem uma história relativamente antiga, ainda que atraíam muito mais atenção hoje em dia do que há dez anos atrás. Entre 1967 e 1983 Jack Gourman publicou listas nas quais se propôs a classificar centenas de programas, de acordo com a qualidade, uns 1.500 U. S. colleges e 700 universidades ao redor do mundo. Estes rankings, todavia, não explicam a metodologia usada e estruturas peculiares, para distinção de pequenas diferenças com centenas de pontos, descrevendo diversas instituições.

Tal cultura de ranqueamento estadunidense, exposta por Rizo (2010), atualmente vem integrando um de modelo de educação superior, denominado de modelo de “Universidade Mundial do Banco Mundial” ou, de modelo “Anglo-Saxão” de

⁷ Nascido em Easton, Pensilvânia, em 1860, foi um funcionalista da Psicologia estadunidense. Para mais informações consultar sua bibliografia elaborada pela *National Academy of Sciences* dos Estados Unidos da América, na *web page*: <http://www.nasonline.org/publications/biographical-memoirs/memoir-pdfs/cattell-james-m.pdf>.

universidade, conforme destacou Sguissardi (2005). Dentro dessa nova dinâmica, conforme analisaram Moura e Moura (2013), as universidades mais bem colocadas em ranqueamentos internacionais expressivos, universidades do primeiro escalão, passaram a ser denominadas de Universidade de Classe Mundial (UCM), o que significa dizer que os ranqueamentos:

delimitaram numericamente a quantidade de universidades que são ou não de ponta e escalonaram o desempenho dessas instituições, de forma que o rigor metodológico passou a servir como porta de entrada para as instituições universitárias ocupar uma vaga nesses escalões de prestígio e reputação (MOURA; MOURA, 2013, p. 219)

Para Sguissardi (2005) esse modelo de universidade que desponta encontra-se em pleno processo de implantação ao redor do mundo e no Brasil.

(...), isto é, uma universidade neoprofissional, heterônoma, operacional e empresarial/competitiva. (...) O fato é que, diante da predominância das teses do menor retorno individual e social dos investimentos em educação básica, e do ensino superior como bem privado, diante das pressões “públicas” e privadas por eficiência, competitividade etc., verifica-se a acentuação acelerada de um modelo de universidade, no Brasil, neoprofissional, em detrimento da *universidade de pesquisa*, cada vez mais restrita a um ínfimo número de instituições, que, com apoio do fundo público, têm consolidado a pós-graduação (SGUISSARDI, 2005, p. 215).

Dias (2003, p. 12), oportunamente, salientou também a expansão e implantação desse modelo de universidade vinculando-o às grandes manobras que se engendram no interior de organizações como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e Banco Mundial (BM).

Com o despontar e avanço da década de 80, com a crise do Estado de Bem-Estar Social deu-se espaço para a vigência de um momento histórico reformista, denominado de reforma do Estado, período que viu emergir e se sobressair na Europa o modelo de universidade anglo-americana, conduzido ao ritmo das reformas no Estado Provedor, e, impregnado de concepções liberais e transnacionais que se opõem aos tipos universitários (ou sociais) europeus. Com o chamado Processo de Bolonha, no final dos anos 90, o modelo de universidade anglo-americana passou ainda mais a representar um caráter transnacional na esfera das políticas em educação superior conduzidas pela União Europeia, instalando-se nos Estados com ares supranacionais e se apresentando de modo estrutural, regulatório, avaliador e competitivo carregando consigo, hegemonia

cultural e linguística (LIMA; de AZEVEDO e CATANI, 2008). As mudanças em processo trazem um fenômeno que já havia ocorrido em países anglo-saxônicos há algumas décadas, os rankings, ou melhor, uma cultura classificatória, uma cultura de rankings que se apropria do ambiente universitário (ORDORIKA e GOMÉZ, 2010).

A emergência do Processo de Bolonha, segundo Lima, de Azevedo e Catani (2008), neste particular, gerou um movimento de "convergência normativa" que ocorreu determinado pelo espaço comum europeu, com a finalidade de formar um "sistema, sujeito às mesmas orientações e regras, e, para que a competição interna possa funcionar segundo critérios comuns e comparáveis" (p. 14). Estabelecia-se, assim, um modelo de Educação Superior europeu único, padronizado e primando por regulações e avaliações parelhas, um modelo altamente formatado aos moldes anglo-americanos, na tentativa de competir de modo direto e franco com as universidades estadunidenses e, também, inglesas (LIMA; de AZEVEDO e CATANI, 2008), espaço propício para definição de indicadores voltados ao desempenho e produtividade das instituições universitárias, como forma de medição/avaliação do valor social e acadêmico, conforme ressaltou Ordorika (2007). Neste sentido, Bernardino e Marques (2010) também salientam as transformações profundas no modelo de educação superior em todo mundo, com especial destaque a Europa após o firmamento da Declaração de Bolonha, mudanças desencadeadas por rankings, especificamente rankings de mídia.

Com a expansão dos rankings acadêmicos e sua difusão nas agendas dos governos e também das universidades, os ranqueamentos passam a operar "como transmissores de sinais sobre os quais são os modelos universitários exitosos, e, portanto, fixam regras e caminhos para tratar de emulá-los" (ORDORIKA e GÓMEZ, 2008). Tal processo atua como reforçador, relativamente a:

Uma tendência poderosa de homogeneização das diversas tradições e experiências universitárias em torno a uma idealização do modelo norte-americano de universidade elitista de investigação. Em todos os rankings universitários internacionais a Universidade de Havard, corporação privada radicalmente elitista, aparece como o protótipo deste modelo, se reafirma como líder mundial e se mostra como o exemplo a ser seguido (ORDORIKA e GÓMEZ, 2008, p. 4-5).

Em uma esfera mais específica, algumas questões ou princípios basilares relativamente aos rankings acadêmicos são encontradas em trabalhos/artigos científicos, que, todavia, ressaltam pontos importantes e estruturantes a respeito do ranqueamento universitário. A primeira dessas questões, também ressaltada por Ordorika e Gómez

(2010, p. 9), advertiu que os rankings acadêmicos classificam-se em três esferas no que se refere ao prestígio e alcance: (i) rankings internacionais, que atuam em âmbito global enquanto referência de prestígio; (ii) rankings regionais, que possuem influência na região, no continente, em blocos econômicos e socioculturais; e (iii) rankings nacionais, que atuam no âmbito das próprias nações que os acolhem, ou seja, em seus respectivos espaços geográficos. A segunda questão, levantada por Barnard (2007), acrescentou ainda mais informações relativamente aos diferentes sistemas de rankings destacando, contudo, que apesar de estarem baseados em parâmetros próprios e pertinentes ao mundo acadêmico e com uma clara tendência de dar maior peso a qualidade da pesquisa, oferecem visões distintas devido à aplicação de diferentes metodologias que forçosamente são arbitrárias por serem tão seletivas e, de modo algum, permitem uma avaliação exaustiva e sem cortes. Isto, pois, não obstante os rankings acadêmicos possuam diversas metodologias e classifiquem-se em esferas de prestígio e alcance geográfico, os ranqueamentos acabam por também obedecerem a agrupamentos de critérios, segundo Barnard (2007), que considerou seis deles, quais sejam: (1) 40% fundamentam-se segundo a opinião dos pares a cerca das instituições de maior prestígio em suas especialidades; (2) 20% fundamentam-se no impacto da investigação, ou seja, número de citações por acadêmico; (3) 20% fundamentam-se na relação numérica entre o pessoal acadêmico e alunos; (4) 10% fundamentam-se na opinião de setores que recrutam pessoal; (5) 5% fundamentam-se na proporção de pessoal acadêmico estrangeiro e (6) 5% fundamentam-se na proporção de alunos estrangeiros.

Em síntese, acompanhando-se a emergência de instrumentos que garantam a competitividade, a concorrência, como os rankings acadêmicos, e, a promoção do capital humano no âmbito educacional em apoio a um modelo de educação superior de influência norte-americana, o presente capítulo, ao seu turno, tem como objetivo traçar um mapeamento a respeito dos principais rankings acadêmicos internacionais, regionais e nacionais no mundo, identificando suas principais características e apontado suas localizações em termos geográficos/geopolíticos, com foco na realidade do espaço ibero-americano⁸.

⁸ Seguindo o entendimento de Calderón e Ferreira (2011), convém registrar que a presente dissertação entende por espaço ibero-americano aquele grupo de países que pertencem à OEI – Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura. Os referidos países são os seguintes: Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Chile, República Dominicana, Equador, El Salvador, Espanha, Guatemala, Guiné Equatorial, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Portugal, Porto Rico, Uruguai e Venezuela.

Neste sentido, observando a emergência dos mais diversos ranqueamentos diante das transformações que ocorrem ao redor do mundo relativamente aos Estados e seus sistemas de educação superior, no geral altamente competitivos e concorrências, busca-se explorar o universo dos rankings acadêmicos, com base na divisão feita por Ordorika e Gómez (2010) que os classifica como internacionais, regionais e nacionais, associando-os, entretanto, a determinados espaços geográficos, como a Europa, o espaço anglo-americano e o espaço ibero-americano. Assim, serão abordados (a) o ranking acadêmico internacional inglês THE e o ranqueamento no espaço anglo-saxônico, (b) o ranking internacional de Shangai e sua influência na emergência de ranqueamentos acadêmicos internacionais ao redor do mundo, (c) os rankings internacionais e regionais no espaço europeu, e (d) os rankings internacionais, regionais e nacionais no espaço ibero-americano.

1.1. O ranking Times no espaço anglo-saxão

Na atualidade diversas publicações de rankings acadêmicos manifestam-se e ganham destaque no âmbito internacional, como, por exemplo, o ranking *Times Higher Education Suplemente*, THEs, do influente jornal inglês *The Times*, que publica seu *World University Rankings*, e acaba por despertar o interesse de pesquisadores, como é o caso do artigo de Ordorika e Gómez (2010), que analisa o desenho e a metodologia da referida publicação inglesa, aplicando um estudo longitudinal com relação à variedade e a mobilidade das instituições relativamente às 200 primeiras universidades mais bem posicionadas em cada edição, de 2004 a 2009. Conforme ressaltou Barnard (2007, p. 08), desde 2004 o supracitado ranking THE apresenta-se com um tipo de escala que, todavia, “pretende oferecer uma visão consistente e sistemática das melhores universidades no contexto da globalização da educação superior”.

Considerando a classificação especial feita por Ordorika e Gómez (2010, p.09), o ranking THE enquadra-se principalmente em nível internacional. Embora também possua frentes regionais na Ásia, faz ranqueamentos pertinentes a determinadas áreas do conhecimento, e, recentemente, também elabora rankings cada vez mais específicos como é o caso do *Top Universities by Reputation*, uma tentativa de mensurar o prestígio institucional (FERNANDES; NUNES, 2011). Deste modo, observa-se a emergência de um campo heterogêneo da avaliação universitária no qual coexistem classificações ou

rankings com distintas orientações e que perseguem diversos fins (ORDORIKA e GÓMEZ, p. 11, 2010).

A literatura científica destaca que os rankings emergiram como uma prática em expansão, típicas do universo anglo-saxão, que se disseminam ao redor do mundo, uma temática, entretanto, que em nada pode ser caracterizada pelo consenso em torno da sua validade e legitimidade (BERNARDINO e MARQUES, 2010). Segundo de Oliveira e de Souza (2003, p. 875), sistemas que valorizam escalas avaliativas numéricas, do tipo rankings em âmbito acadêmico, legitimam certas “valorações úteis à indução de procedimentos competitivos entre escolas e sistemas para melhorar pontuações nos rankings, definidos pelo desempenho em instrumentos de avaliação em larga escala”.

Assim, diante da emergência de avaliações comparativas pautadas em uma cultura de rankings já existente no espaço anglo-saxão de educação superior, o ranking universitário britânico, *THE*, apresenta-se como um exemplo de ranqueamento internacional que merece destaque por possuir uma orientação comercial bastante definida, baseada na venda da publicidade associada aos rankings, na oferta de serviços de consultoria, ou seja, trata-se de um ranking acadêmico de natureza comercial ou mercantil não vinculado às políticas públicas, mas detentor de enorme prestígio acadêmico/institucional em âmbito internacional, conforme apontado por diversos autores (ORDORIKA e GÓMEZ, 2010, p.11; BERNARDINO e MARQUES, 2010; THÉRY, 2010; BARNARD, 2007).

A história do ranking acadêmico THE começou no ano de 2004, inicialmente vinculado ao influente jornal inglês *The Times* e, posteriormente, também ligado à corporação transnacional *QS Ltd. (Quacquarelli Symonds)* (ORDORIKA e GÓMEZ, 2010, p.12,).

Em 2010, entretanto, a parceria da *QS* e do *Times Higher Education* terminou e ambas passaram a estabelecer rankings separadamente, dos quais, citam-se como exemplos os seguintes: o (1) *QS World University Rankings*, que continuou a se beneficiar do prestígio e do reconhecimento nacional e internacional do jornal inglês (2) *oTimes Higher Education World University Rankings* e o (3) *Times Higher Reputation Rankings* (suplemento integrante do *World University Rankings* que apoia-se na opinião de acadêmicos para definir as 100 mais ponderosas universidades globais) em parceria com a *Thomson Reuters*(TIMES HIGHER EDUCATION, 2013).

Com a troca de parceiros o ranking acadêmico THE registrou importantes mudanças, conforme salientou o *Documento de Trabalho n° 97*, do Observatório Universitário, assinado por Ivanildo Fernandes e Édson Nunes, em setembro de 2011, sendo certo que o ranqueamento britânico “passou a adotar nova metodologia, com treze indicadores, projetados para capturar uma ampla gama de atividades, desde ensino e pesquisa e transferência do conhecimento” (FERNANDES e NUNES, 2011, p. 7). No mais:

o método anterior, pautado na reputação da IES equivalia a 40% da pontuação geral mostrou-se falho, incluindo o painel muito pequeno de consultoria. Uma sequência de amplas consultas atualizou os seus critérios, e o novo parceiro, Thomson Reuters, que, produz, entre outras coisas, o *Science Citation Index*, agregou ao ranking da Times a reputação que usa em parte de seus estudos, além de outros aspectos como bibliometria, a internacionalização do ensino... (*sic*) (FERNANDES e NUNES, 2011, p. 7).

Em síntese, as mudanças experimentadas no ranking *Times* no período de 2004 a 2010, revelam, que:

nos sete anos do ranking promovido pela revista Times a nota de corte para ingressar no grupo das top 200 mostrou-se flutuante, saindo de 10 pontos, em 2004, para 46,2, em 2010, enquanto para ingressar nas top100, em 2004, era necessário atingir 15,8 pontos, e, em 2010, 56,9. Observando o histórico neste intervalo, vimos que 15 (quinze) instituições mantiveram-se no *petit comité* das top10, quatro delas (*California Institute of Technology, Harvard University, Massachusetts Institute of Technology, Yale University*) submetidas ao ranking durante as sete edições, sendo consideradas como referência na metodologia do consórcio Times/Reuters (FERNANDES e NUNES, 2011, p. 7).

Segundo, Bernardino e Marques (2010), o ranking THE caracteriza-se por atribuir importância à reputação das universidades, reconhecendo suas práticas investigativas, bem como, atribui valor e relevância a opinião dos empregados das instituições acadêmicas, mas, no entanto, para os autores sobressai-se de modo evidente um tipo de teor subjetivo de seus critérios. Neste sentido, tratando da subjetividade dos critérios do ranking THE, Barnard (2007), também teceu ponderações análogas.

No Brasil, a relevância do ranking THE é observada por ocasião da recente visita ao Brasil, em julho de 2012, do editor da supracitada publicação inglesa, Phil Baty, que se deu a convite do próprio Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), e se concretizou em um encontro no Auditório do Ministério da Educação, focado em tratar da internacionalização das universidades e outras questões análogas, assim como, voltado a formalizar uma espécie de convite para

que seja estabelecido um trabalho conjunto entre o referido ranqueamento e as universidades brasileiras (INEP, 2012).

A Corporação *QS (Quacquarelli Symonds)*, ao seu turno, além de publicar em âmbito internacional o *QS World University Rankings*, conforme foi salientado, também desenvolve ranqueamentos regionais na Ásia e na América Latina, segundo se pode observar na *web site*⁹ que hospeda o ranking da própria QS, a exemplo do processo descrito por Ordorika e Gómez (2010), que vinha sendo realizado em parceria com o THE até 2010. A matéria *UK universities take four of six top global rankings "league table"*, publicada na secção *Education & Family* da *web site*¹⁰ da *BBC News*, pela repórter educacional Judith Burns, expressa o desempenho alcançado por instituições universitárias do Reino Unido no *QS World University Ranking*, salientando que mudanças em prol do regulamento do ranqueamento e reformas adaptativas podem deixar as instituições britânicas ainda mais fortes, atraentes e competitivas nas próximas edições do ranking.

Após o ranking acadêmico THE (e também o da Universidade de Shanghai), segundo informou Barnard (2007, p.10), a *The Newsweek Daily Beast Company*, estabelecida em 2010 (companhia resultante da união da publicação importante e liberal nova-iorquina *Newsweek* à *The Daily Beast*, também dos Estados Unidos da América, EUA), publicou um ranking acadêmico intitulado *Newsweek College Rankings*, ou seja, uma lista das 100 melhores universidades do mundo, baseada em critérios empregues em rankings como o THE, e também, em rankings como o da Universidade de Shanghai, e, outros, acrescentando ainda, um emergente critério ao referido ranking, qual seja, um critério quantitativo a respeito do número de volumes encontrados nas bibliotecas, representando 10% do total. Trata-se de um ranking composto por elementos heterogêneos, que permitem e se estruturam em ranqueamentos diversos como, por exemplo, escalas que expõem as “instituições mais liberais” (*most liberal colleges*) e, também, as “instituições mais bonitas” (*most beautiful colleges*) (THE DAILY BEAST, 2013).

Em sentido semelhante, a matéria *Most Stressful Colleges: College Rankings 2012 From Newsweek*, postada no dia 27 de agosto de 2012 e coletada na ¹¹*web site The*

⁹ <http://www.topuniversities.com/university-rankings/world-university-rankings>

¹⁰ <http://www.bbc.co.uk/news/education-19546206>

¹¹ http://www.huffingtonpost.com/2012/08/27/most-stressful-colleges-college-rankings_n_1832866.html

Huffington Post, trata de expor os indicadores que ajudam a mensurar o grau de estresse que as instituições proporcionam, salientando que os estudantes não são apenas números e inscrições, uma vez que os mesmos estão associados às pressões reais existentes em cada instituição e tal pressão pode ser conhecida e mensurada por meio de indicadores de estresse, segundo estipula o ranking *Newsweek*.

A página da *internet* que hospeda o referido ranking da *Newsweek*, ao seu modo, expõe que as comparações entre as instituições educacionais são tomadas como uma verdadeira obsessão nacional nos EUA, mas, no entanto, com a proliferação de instituições, informações, dados, números etc., os estudantes necessitam cada vez mais de informações para encontrarem o que desejam facilmente e, nestes moldes, com atenção às necessidades, justifica-se institucionalmente o desenvolvimento do *Newsweek College Rankings* (THE DAILY BEAST, 2013).

Para Bernardino e Marques (2010, p. 33) o uso dos rankings acadêmicos na educação superior ganhou força e legitimidade a partir do ano 2004, ainda que se concretize enquanto uma prática bastante controversa, ocasião em que um grupo de especialistas fundou a *International Ranking Expert Group (IREG)*, em um encontro em Washington, nos EUA, o que levou a formulação dos denominados *Berlin Principles on Ranking of Higher Education Institutions* ou Princípios de Berlim, em novo encontro da *IREG* no ano de 2006, responsável por:

introduzir algo novo na produção de rankings. Eles não se focavam nos problemas dos rankings, mas levavam em conta seus benefícios e incluíam uma lista de recomendações sobre o que deveria ser feito quando uma organização produzisse um ranking. Estas recomendações foram divididas em quatro grupos, respectivamente, as propostas e objetivos dos rankings, o desenho e o peso dos indicadores, o processo de coleta de dados e finalmente a apresentação dos rankings (BERNARDINO; MARQUES, 2010, p. 33-34).

Algumas das recomendações podem ser observadas na matéria *Entrevista com Alfredo Hortas Bazalar e o Ranking universitário no Peru* (UNIVERSIA, 2008), uma vez que tais recomendações aparecem divididas em quatro áreas, conforme dispõe o documento intitulado *Berlin Principles on Ranking of Higher Education Institutions*, quais sejam: “propósitos e objetivos; desenho e peso de indicadores; recolha e processamento de dados, e apresentação de resultados”.

Tais recomendações condensam-se em diretrizes, tais como a “diversidade de missões e objetivos das instituições objeto de avaliação; clareza das características e

alcance das fontes utilizadas para a elaboração de indicadores” e a especificação do “contexto histórico, linguístico, cultural e econômico dos sistemas educativos”, contidos nos ranqueamentos mais diversos, uma vez que por meio dos Princípios de Berlim se busca “unificar a metodologia para a elaboração de rankings e poder assim comparar os resultados em todo mundo”, sendo certo que se trata de “16 princípios divididos em quatro partes” (BUELA-CASAL; BERMÚDEZ; SIERRA; QUEVEDO-BLASCO e CASTRO, 2010, p. 172).

Neste sentido, Moura e Moura (2013, p. 214) destacaram que iniciativas como *IREG* servem para garantir o crescimento e a proliferação saudável dos *rankings* acadêmicos ajudando a sustentar uma “indústria dos ranqueamentos”. Para esses autores:

o que se percebe é a formação de uma rede de atores que estão se relacionando econômica e profissionalmente com esses instrumentos, criando uma possível indústria mundial de ranqueamentos, mais precisamente, um sistema de classificação de reputação em escala regional, nacional e global (MOURA; MOURA, 2012, p. 214).

Posteriormente, em 2008, a *IREG* instituiu/criou o *International observatory on Academic Rankings and Excellence*, com a missão de estabelecer uma espécie de representação coletiva da comunidade dos rankings, realizando pesquisas e estabelecendo atividades pertinentes ao treinamento relativos aos rankings e também acerca da qualidade acadêmica, na tentativa de fundar bases para a compreensão do fenômeno (BERNARDINO e MARQUES, 2010).

Com o fortalecimento da cultura de rankings ao redor do mundo algumas iniciativas inovadoras estão surgindo. É o caso do ranking THE, tratado no início deste subtítulo, que, após dissociar-se da QS vem experimentando ranqueamentos potencialmente diferenciados, como é o *Top Universities by Reputation*, inaugurado em março de 2011, que funciona de modo paralelo ao ranking principal destacando as instituições universitárias de maior reputação, segundo informou o documento *Rankings Acadêmicos: A irresistível polêmica em torno de seus sentidos e metodologias*, ou, *Documento de Trabalho n° 97* (FERNANDES e NUNES, 2011).

A matéria *Usp aparece em lista das universidades com melhor reputação acadêmica*, de Previdelli (2013), destaca o bom posicionamento da instituição universitária paulista no *Top Universities by Reputation*, ou, em uma linguagem mais

aproximada, “no ranking de reputação acadêmica do Times Higher Education (THE)”, salientado, todavia, que a USP “é a única universidade da América do Sul na relação global do ranking” figurando entre a 61ª e 70ª colocação, tendo em vista que o ranking não especifica precisamente as posições abaixo da 50ª colocação, sendo certo que “o ranking leva em consideração a atração a docentes e estudantes, investimentos, parceiros em pesquisa e atuação em um mercado global cada vez mais competitivo. A lista é feita com base em entrevistas com mais de 16 mil acadêmicos”.

Assiste-se, nestes termos, a um alargamento em torno da proposta de divulgação da funcionalidade, utilidade e, quiçá, necessidade de rankings acadêmicos que, com o passar do tempo, ampliam suas finalidades, formas e raios de alcance. A cultura anglo-saxônica de ranqueamento aliada a um modelo estadunidense de educação superior vai assim encontrando cada vez mais espaço e ganhando corpo em regiões hegemônicas, econômica, cultural e socialmente, bem como, perante regiões emergentes e, também, diante de regiões com menor expressão.

1.2. A influência do ranking de Shangai

Com a emergência de um modelo estadunidense de Educação Superior voltado à competitividade, a concorrência e ao estímulo a uma cultura de rankings anglo-saxônica, nas mais diversas regiões despontam rankings inovadores, como é o caso do ranking de Shangai, na China. Trata-se de tendências que padronizam e fincam bases estabelecendo as regras do jogo competitivo educacional na medida em que preparam o terreno e também vão acompanhando e guiando a mudança e a feição das relações com os Estados.

No mundo, publicações comerciais como o *Academic Ranking of World Universities (ARWU)*, mais conhecido como ranking da Universidade de Shangai, vem ganhando terreno e assumindo lugar de destaque apresentando-se como uma das mais prestigiadas publicações (BERNARDINO e MARQUES, 2010). Tanto o ranking da universidade chinesa, quanto o ranking THE, mencionando anteriormente, se destinam ao jogo das convergências do mercado e figuram como elementos indutores de prestígio e concorrência em meio ao movimento de internacionalização das universidades.

Ainda que não ligados aos governos e, conseqüentemente, ao Estado, sua fama e importância, no entanto, operam em níveis internacionais influenciando a tomada de

decisões dos Governos nos Estados e, por certo, a gestão em diversas universidades do globo em pleno processo de transnacionalização das políticas em educação superior que acaba por gerar uma redução da “autonomia relativa dos estados nacionais em matéria de educação superior; a uma direção supranacional de políticas” (LIMA, de AZEVEDO e CATANI, 2008, p. 12).

A transnacionalização das políticas em educação superior é portadora do modelo de “Universidade Global”, também abordada em artigo publicado na Revista Ensino Superior da Unicamp, denominado, *A internacionalização das universidades vista por três especialistas estrangeiros*, ocasião em que Bueno e Fávoro (2010) buscaram compreender as transformações e as intensas mudanças ao redor do mundo que a universidade vem experimentando e o modo adequado para se vencer essas dificuldades.

Objetivando compreender como as universidades são afetadas pela globalização e impactadas pelos *ranqueamentos* no tocante a percepção social do desempenho das mesmas e a elaboração de políticas públicas para o setor educacional também tratando da problemática, o documento elaborado pelo grupo de pesquisadores da *Dirección General de Evaluación Institucional (DGEI)* da *Cordinación de Planeación* da Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM), por meio da série intitulada *Cuadernos de Trabajo de la Dirección General de Evaluación Institucional*, observou o impacto do ranking de Shangai diante das universidades e da relevância contemporânea dos rankings internacionais, bem como, destacou aspectos como a exclusão linguística que sofrem os que não são anglofalantes e a prevalência das ciências duras (JIMÉNEZ, 2009).

O documento *Comentarios al Academic Ranking of World Universities 2008*, de autoria de Ordorika, Gómez e colaboradores (2008), em seu conteúdo, coloca que os rankings acadêmicos internacionais (como o de Shangai e o THE) são fenômenos midiáticos com efeitos políticos desde sua primeira aparição pública, e, deste modo:

Têm sido um fenômeno midiático relevante. Imediatamente depois da publicação de seus resultados (em Agosto e Novembro, respectivamente), diversos meios massivos em todo mundo se encarregam de divulgar, interpretar e comentar os resultados destes instrumentos. Sobretudo em países que contam com ao menos uma universidade indicada na lista das classificadas, a classificação é primeiro recorrida em meios de notícia, e posteriormente é objeto de comentários através de colunas de opinião que se encarregam de valorar os resultados (ORDORIKA; GÓMEZ, 2008, p. 7).

Em sentido parelho, Rizo (2010, p. 82), ponderou que o trabalho que vem sendo realizado com a publicação do ranking de Shangai recebe e recebeu grande atenção da mídia internacional de todo mundo exercendo forte impacto perante a tomada de decisões das universidades, via administradores e gestores, bem como, sobre a ação de ministros e secretários da educação, fazedores de políticas, e, do público em geral.

Quanto à metodologia do ranking de Shangai, Ordorika, Gómez e colaboradores (2008, p. 16), ao analisarem os resultados de sua edição de 2008, destacaram que o índice de Shangai não emprega entrevista aos ingressantes e/ou aos empregadores das instituições, bem como, que sua metodologia centra-se no desempenho institucional da pesquisa científica, desempenho mensurado por um grupo de pessoas denominado “terceiros independentes”, grupo formado por pessoas não vinculadas as instituições universitárias pesquisadas.

Nestes termos, o ranking de Shangai utiliza-se por meio de diferentes pesos os seguintes indicadores e parâmetros: (a) número de alunos e membros acadêmicos que ganharam prêmios internacionais prestigiados (Nobel e Medalha Fields de Matemática); (b) número de pesquisadores com elevada quantidade de citações nos principais campos e áreas de pesquisa; (c) número de artigos publicados em revistas de qualidade; (d) número de artigos com os maiores índices de citação; e (e) execução ou produtividade *per capita* (ORDORIKA, GÓMEZ, SÁNCHEZ, MARTÍNEZ, ESPINOSA, JIMÉNEZ e STACK, 2008).

Com base na metodologia aplicada ao ranqueamento chinês podem ser observadas algumas das principais diferenciações que se estabelecem perante o ranking THE, conforme observam Bernardino e Marques (2010) e também Barnard (2007).

Trata-se de diferenças arteriológicas que envolvem o uso ou não de critérios qualitativos ou quantitativos, isto porque, o ranking acadêmico THE atribui mais da metade do peso de sua avaliação a critérios de evidente teor subjetivo, ou seja, critérios de ordem qualitativa. Diferentemente, o ranking de Shangai apoia-se em critérios quantitativos mensuráveis, como estratégia para esquivar-se de limitações da subjetividade (BERNARDINO e MARQUES, 2010).

Autores como Buela-Casal, Bermúdez, Sierra, Quevedo-Blasco e Castro (2010), ao tratarem da falta de clareza e da confusa apresentação das informações,

destacaram a necessidade de serem estabelecidos elementos extremamente objetivos, citando, como exemplo, o ranking de Shangai e a problemática que observam relativamente ao seu nome:

O nome que se utiliza é sem dúvida muito importante. Este deve ser um claro descritor do conteúdo do ranking. Um mau exemplo é o ranking *Academic Ranking of World Universities Institute of Higher Education, Shangai Jiao University* (2008), o termo “acadêmico” é muito mais amplo que o que realmente avalia este ranking, dado que se limita a uns critérios que exclusivamente se correspondem com alguns resultados da investigação (publicações em revistas incluídas na *Web of Science* e distinções como os prêmios Nobel e medalha em matemáticas). Sem dúvida alguma, isto não corresponde com o termo acadêmico, que inclui também a docência, o êxito dos ingressados etc. (Buela-Casal, Bermúdez, Sierra, Quevedo-Blasco e Castro, 2010, p. 172)

Ainda tratando das limitações e diferenciações do ranking de Shangai perante outros ranqueamentos, conforme ressalta a matéria, *Las universidades españolas em los “rankings” internacionales* (PEÑA, 2012), que dá destaque à publicação do Ranking Shangai de 2012 e ao debate gerado a respeito das deficiências da universidade espanhola, o ranqueamento de Shangai “mede somente a investigação, mas existem outros Rankings, como o QS e o Times Higher Education (THE), que incorporam também a qualidade da docência e a internacionalização da universidade”.

No que tange as especificidades e diferenciações acerca dos ranqueamentos acadêmicos, especialmente a respeito do ranking/escala elaborado na universidade de Shangai a partir do ano de 2004 (mesmo ano do ranking THEs), torna-se importante salientar as ponderações de Barnard (2007), que apontam para a falta de interesse comercial da publicação chinesa tendo em vista que os resultados são disponibilizados livremente.

Não obstante, mesmo diante do fascínio que os *ranqueamentos* são capazes de despertar, Barnard (1997), também salientou os limites de tais rankings e teceu ponderações com relação aos resultados comparativos de uma avaliação, por entendê-los sempre como limitantes, parciais e recortados, condição que não permite a nenhum ranking ser considerado como uma verdade absoluta. Neste sentido, Barnard (2007) destacou que o ranking acadêmico de Shangai, por exemplo, atribui muito peso a conquistas pessoais, como por exemplo, receber importantes prêmios relativos à trajetória de pesquisa (Nobel e Medalha Fields de Matemática), ou seja, nas palavras da autora, o índice de Shangai “premia mais o passado do que o presente da instituição, prejudicando as instituições de recente criação” (p. 10).

Théry (2010)¹², tratando especificamente do ranqueamento chinês, também destacou a importância e a proeminência do referido ranking internacionalmente salientando, todavia, que o mesmo emergiu como uma tentativa da universidade chinesa de se equiparar e competir com as universidades de ponta do mundo, apresentando-se como uma publicação pioneira no segmento dos grandes rankings internacionais em educação superior desencadeando, assim, uma série de outras, hoje tão famosas e importantes quanto, que surgiram em efeito/reação, seja em relação à metodologia, aos maus rendimentos de determinados países etc.

Neste sentido, Théry (2010), destaca o mérito da referida publicação por ter lançado um amplificado “debate, e ainda que usos perversos tenham sido feitos, ele não pode ser criticado por isso: cada um – universidades, ministérios, professores e estudantes – deve saber usar essa classificação e conhecer suas limitações”, não obstante, o sucesso e o pioneirismo do ranking de Shangai tenham contribuído para o surgimento de dúvidas a respeito “dos reais propósitos do ensino superior, sobre as maneiras de medir os seus sucessos, sobre os diferentes sistemas mundiais” (p. 201-202).

Ao adequar-se às políticas transnacionais e, especificamente, a um modelo anglo-saxão de educação superior, a Universidade de Shangai, por meio de um ranking de abrangência internacional, desencadeou um vasto processo de criação de novos ranqueamentos ao redor do mundo, em resposta principalmente a questionamentos metodológicos e de desempenho universitário (THÉRY, 2010). Semelhantemente, Rizo (2010), aponta também que apesar das críticas que o ranking de Shangai recebe e vem recebendo, há que se ressaltar que sua relevância e prestígio aumentam, na medida em que influenciam as políticas educacionais de muitos países no sentido de estabelecerem seus próprios ranqueamentos em nível superior.

A influência de Shangai no sentido de fomentar novos rankings acadêmicos, no entanto, apresenta um caso que pode ser considerado paradigmático e que chamou atenção da comunidade acadêmica. Trata-se da resposta francesa ao ranking ARWU

¹² O requisitado estudo de Théry (2010) busca compreender a relevância, as diferenças e as determinações preconizadas pelos grandes rankings internacionais, analisando oportunamente o ranking da Universidade de Shangai, compreendendo sua importância no cenário internacional, assim como, também observou outros rankings estabelecidos na França, Grã-Bretanha e Espanha em objetiva tentativa de transcrevê-los em um *mapa-múndi*, destinado ao estabelecimento de um mapeamento da geografia do ranqueamento global em nível superior.

(ranking da Universidade de Shanghai), que não posicionava as famosas “grandes escolas” da França entre as melhores do mundo, conforme observado e exposto por Théry (2010). A referida resposta dos franceses foi dada por meio da formulação de um novo ranking, pela *École des Mines de Paris*, um ranking privilegiando os líderes das 500 maiores empresas do mundo, com indicadores em clara preferência ao mercado e a formação profissional ao invés da pesquisa, indicadores estes, que substituem os utilizados por Shanghai, tais como, ex-alunos e professores ganhadores do Nobel e/ou Medalha Fields em matemática etc. um dado específico capaz de demonstrar a reação/resposta francesa promovida (THÉRY, 2010).

O estudo de Théry (2010) destacou ainda que embora haja diferentes ranqueamentos internacionais de universidades, muitos elaborados posteriormente à publicação da Universidade de Shanghai, as diferenças envolvendo os resultados obtidos não apresentam grande variabilidade entre os distintos rankings. Isto porque, em termos geográficos, as mais bem colocadas universidades nos melhores e mais famosos rankings internacionais continuaram sendo as mesmas e, assim, naturalmente, os ranqueamentos apresentam poucas diferenças, expostas por regiões, isto porque os principais rankings parecem indicar regiões hegemônicas no globo, regiões estas que contam com grupos de universidades que sempre se destacam nas distintas classificações e *ranqueamentos* (THÉRY, 2010).

1.3. Os rankings acadêmicos no espaço europeu

A emergência de prestigiados rankings acadêmicos como o *THE*, o *QS World University Rankings*, o *Newsweek College Rankings*, bem como, o influente e controverso ranking da Universidade de Shanghai, impulsionou a manifestação de novas escalas de desempenho, rankings emergentes no espaço Europeu, tanto em âmbito internacional quanto em âmbito regional.

O desmembramento de novos tipos de rankings apresenta-se carregado de abordagens e metodologias inovadoras.

Neste particular, o *German Centre for Higher Education Development*, da Alemanha, apresentou ao mundo o ranking acadêmico CHE, que atualmente também engloba países como a Suíça e a Áustria, e, desperta o interesse de mais países como a Holanda e a Bélgica, que se preparam para poderem participar do referido

ranqueamento (BERNARDINO e MARQUES, 2010, p. 39). Trata-se de um ranking fundado em 1994, um produto com um desenho bastante diferente, ou seja, não se trata de um simples ranqueamento, por não considerar que há uma instituição que possa ser qualificada como a melhor, permitindo assim detalhadas análises e a composição dos indicadores e critérios pretendidos, possibilitando grupos ranqueados por níveis estabelecidos (RIZO, 2010, p. 85).

O ranking acadêmico, CHE, serve de apoio aos estudantes que buscam por instituições universitárias para iniciar seus estudos, bem como, serve para estudantes que pretendem mudar de instituição, fornecendo indicadores e informações a respeito das performances institucionais, sendo certo que o mencionado ranqueamento possui uma metodologia bastante diversificada por não representar-se por meio de pontuações gerais, na medida em que seus formuladores se baseiam na ideia de que não há “a melhor” instituição e que as diferenças mínimas observadas obedecem a flutuações aleatórias e não expõem as reais modificações, e, sendo assim, não é de outro modo que os alemães decidiram por elaborar um ranking com características multidimensionais, específicas e voltadas a certos objetos de estudo (BERNARDINO e MARQUES, 2010, p. 39).

Desta forma, os resultados finais não são expostos na formatação padrão denominada “*league positions*”, mas sim em uma espécie de “*league groups*”, ou seja, segundo apontam Bernardino e Marques (2010, p. 39), os resultados apresentam-se por meio de três diferentes grupos: (a) “*top group*”; (b) “*middle group*” e (c) “*bottom group*”, e, assim, os estudantes podem escolher os critérios metodológicos que mais lhe agradam no ranking CHE e decidir também o peso de cada um dos critérios elegidos – e, portanto, podem comparar os indicadores de acordo com seus respectivos interesses, sem a presença das “*league tables*”, não gerando rankings de posição e evitando conclusões equivocadas (BERNARDINO E MARQUES, 2010).

Neste sentido, torna-se interessante a matéria institucional da *Universitat de Barcelona (UB)*, *The Centre for Higher Education Development (CHE)* ‘*ExcellenceRanking*’: *for the Ranking of Excellent European Graduate Programmes*, que ajuda a compreender a dimensão e a importância dos rankings acadêmicos na Europa, na medida em que a *UB* destaca ser a primeira universidade espanhola a aparecer no ranqueamento CHE, ressaltando as diferenças metodológicas e as áreas do conhecimento consideradas (UNIVERSITAT DE BARCELONA, 2011).

Outra matéria encontrada na *webpage*¹³ da *Faculty of Psychology and Neuroscience* da *Maastricht University (UM)*, Holanda, intitulada, *Rankings*, também expõe os bons resultados da Faculdade de Psicologia e Neurociência em dois rankings, o *QS World University Ranking* e o ranking CHE, ao mencionar que a pesquisa desenvolvida na referida faculdade dispõe de elevada pontuação e vem sendo classificada e indicada como uma instituição detentora do conceito “excelente” neste quesito, desde o ano de 2009 segundo o ranqueamento alemão (MAASTRICHT UNIVERSITY, 2012).

Na Espanha, por sua vez, o Laboratório *Cybermetrics*, do *Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC)*, se dispõe “a medir a qualidade e a visibilidade dos *websites* das universidades”, estabelecendo o *Webometrics Rankings of World’s University* (Théry, 2010, p. 185). Trata-se de um ranking “baseado na ideia da importância da internet” para definir o quão boa é uma instituição universitária, analisando sua presença na rede, sua produção e respectivos produtos (RIZO, 2010, p. 85).

O supramencionado ranking responde a uma iniciativa da maior instituição pública espanhola de pesquisa, que faz parte do Ministério da Educação, e, que tem como objetivo realizar análises de cunho qualitativo da internet na intenção de observar a atividade das universidades na rede, em mais de 15 mil universidades distribuídas ao redor da Europa, América do Norte, Ásia, América do Sul, África e Oceania (THÉRY, 2010). Nestes termos, o *Webometrics Rankings of World’s University* contempla quatro tipos de indicadores (50% para a dimensão, 20% para a visibilidade, 15% para a qualidade das pesquisas e 15% para os conteúdos científicos) obtidos por meio de resultados quantitativos disponibilizados por meio dos motores de busca (THÉRY, 2010, p. 198-199).

Semelhantemente, a matéria *USP sobe para 15ª no Webometrics Ranking of World Universitie*, expõe a pertinência e a importância atribuída ao *Webometrics Ranking of World Universities* por parte da Universidade de São Paulo (USP), a maior e a mais prestigiada universidade brasileira, ao ressaltar que a instituição brasileira é a única fora dos EUA a estar entre as vinte (20) primeiras do ranking destacando, todavia,

13

<http://www.maastrichtuniversity.nl/web/Faculties/PsychologyAndNeuroscience/Theme/AboutTheFaculty/Rankings.htm>

que “a USP ganhou cinco posições em relação à listagem anterior, divulgada em janeiro, na qual ocupava o 20º lugar. No ranking atual, a USP está à frente de universidades como Yale, Chicago e do Instituto de Tecnologia da Califórnia, nos Estados Unidos, e das universidades de Cambridge e Oxford, no Reino Unido”. Ocorre que em ranqueamentos internacionais, como o THE e Shangai, entre as instituições nacionais, a atuação da USP e da também da Unicamp merece destaque visto que constantemente aparecem nos rankings, ainda que entre as 200 primeiras (FÁVARO E BUENO, 2010).

Da mesma maneira a matéria, *Africa: UNIBEN Tops Africa in Webometrics Varsities Ranking*, de agosto de 2012, ao seu turno, destacou o desempenho da *University of Benin*, da Nigéria, como a mais bem colocada instituição universitária de seu país e a trigésima primeira do continente africano expressando, deste modo, não somente uma pertinência internacional, como no caso supramencionado da USP e da Unicamp, mas sim, uma importância regional em termos continentais, no tocante ao referido ranqueamento espanhol na esfera africana. É também pertinente expor a matéria institucional da *Middle East Technical University*, universidade turca, que destaca sua importância na medida em que se apresenta como a mais bem cotada da Turquia no referido ranqueamento espanhol (ALL AFRICA, 2012).

Um importante artigo denominado, *Indicadores Webmétricos de carácter formal para evaluar el posicionamiento de las universidades: el caso de los Países Árabes* (AL DWAIRI; FABA-PEREZ; VARGAS-QUESADA, 2010, p.145), revela os rankings da educação superior dando ênfase às posições ocupadas por países do oriente médio e do continente africano, por meio do “estudo de determinados indicadores de qualidade da web” que se apresentam na chamada Webometrics” (importante ferramenta de avaliação de recursos pertinentes a informação na web). Neste sentido, Escobar-Córdoba (2009), ressalta que vem tendo “certo crédito e reconhecimento pela comunidade científica e acadêmica mundial as listas anuais produzidas, entre outros por: o *Ranking Web de Universidades del Mundo* que é publicado desde o ano de 2004”, salientando, ainda, que “a presença na web mede a atividade e a visibilidade e ainda se enquadra como um indicador do impacto e prestígio das universidades”.

Mais aspectos pertinentes à situação dos rankings acadêmicos em Espanha podem ser observados por meio do artigo intitulado, *Ranking de 2009 em investigación de las universidades públicas españolas* (BUELA-CASAL; BERMÚDEZ; SIERRA;

QUEVEDO-BLASCO e CASTRO, 2010), no qual se destaca a amplitude que a temática dos rankings tomou no país, tanto em nível nacional como internacional, gerando dificuldades de entendimento e interpretação no tocante a seleção dos critérios, indicadores e seus pesos, bem como aos tipos e a própria seleção de instituições que serão avaliadas, dentre outros problemas, com o intuito de melhorar o ranking de investigação para universidades públicas espanholas permitindo, assim, analisar suas debilidades e pontos fortes.

Na França, ao seu turno, como mencionado anteriormente, também emergiu um importante ranqueamento, uma classificação internacional das instituições universitárias, que se estabeleceu com base no número de ex-alunos que ocupam uma posição de liderança no âmbito das 500 maiores empresas do mundo, ou seja, um ranking que privilegia o mercado e a formação ao invés de privilegiar a pesquisa, por meio do acúmulo de pontos de cada instituição (THÉRY, 2010). Trata-se da classificação da *École de Mines de Paris (Mines Paris Tech)* que emergiu como resposta ao ranqueamento da Universidade de Shangai, no qual as “grandes escolas” francesas pouco aparecem (THÉRY, 2010), conforme fora explorado anteriormente.

A base para o levantamento das 500 maiores empresas do mundo é efetuada por meio da *Fortune Global 500*, no entanto, ainda assim, este critério empresarial apresenta uma ligação com o passado da instituição (assim como o *Nobel* ou a *Medalha Fields*, por exemplo) e não com o futuro ou o presente, na medida em que alguns destes líderes das grandes empresas estudaram há muitos e muitos anos em suas respectivas instituições, mesmo problema observado no critério da Universidade de Shangai (THÉRY, 2010).

Ainda assim, Théry (2010), enfatiza pontos interessantes ao ressaltar algumas diferenças obtidas devido às mudanças metodológicas do referido ranqueamento francês, como é o caso da Universidade de Tóquio que aparece em primeiro lugar, desbancando universidades estadunidenses e inglesas do topo da lista, assim como, faz ressalva ao surgimento de universidades francesas como a *École de Hautes Etudes Commerciales (HEC)*, em sétimo lugar, a *École Nationale D'Administration (ENA)*, em décimo, e a *École Polytechnique* em décimo quinto, e, por fim, o aumento do número de universidades brasileiras e chinesas que integram o ranking, ainda que poucas diferenças além das mencionados possam ser observadas.

Na internet também crescem os exemplos relativamente à emergência e a dimensão dos ranqueamentos internacionais, como por exemplo, o da *École de Mines de Paris*, como pode ser contemplado no *website*¹⁴ *University Ranking Watch*, blog desenvolvido para analisar e discutir os rankings universitários e seus tópicos que expressam a qualidade da educação superior, destacando o novo ranking produzido pela *École de Mines de Paris* ressaltando sua ênfase relativamente aos líderes das corporações que estudaram nas universidades, por meio da matéria, *Another University Ranking* (UNIVERSITY RANKING WATCH, 2008).

Voltando ao trabalho de Théry (2010), suas análises apontaram para um panorama de hegemonia, com a predominância de um rodízio das principais universidades, ressaltando as pequenas diferenças dos resultados encontrados em distintos ranqueamentos internacionais, por regiões, ao transcrever em um *mapa-múndi* e assim traçar a geografia mundial das universidades mais bem *ranqueadas*, baseando-se em três rankings internacionais em educação superior, um espanhol (*Webometrics*), um francês (*Mines de Paris*) e um da Grã-Bretanha (*THE*), e também a publicação de Shanghai. Desta forma, o trabalho citado ressaltou a igualdade de resultados das referidas publicações comparadas (traduzidos por regiões do mapa), com pequenas alterações em função das diferenças metodológicas existente entre os rankings analisados. No mais, o mapa demonstrou também a existência de “bons” estabelecimentos em três megalópoles¹⁵ e a falta de “bons” estabelecimentos em outras localidades, assim como também evidenciou, em um sentido positivo, “uma nova geração de regiões e de países “emergentes” que consegue entrar no grupo de cabeça, anunciando – talvez? – futuros equilíbrios” (THÉRY, 2010, p. 201-202).

Para exemplificar tais desequilíbrios e a baixa variação de resultados dos mais importantes ranqueamentos internacionais, observada no mapeamento de Théry (2010, p. 201-202), cita-se como exemplo à exclusão das universidades portuguesas das primeiras posições dos rankings acadêmicos, visto que Portugal não figura na região das megalópoles hegemônicas, assim como também não está entre as regiões emergentes. Neste particular, o documento *Rankings Internacionais Universitários* (PATRÍCIO, 2008), vinculado ao Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa (UTL), por sua vez, objetivou agregar informações a respeito dos mais importantes e

¹⁴ <http://rankingwatch.blogspot.com.br/2008/07/another-university-ranking-ecole-des.html>

¹⁵ As megalópoles estão situadas nos seguintes países: Estados Unidos da América, Inglaterra e Suíça.

prestigiados rankings universitários internacionais, expondo a evolução dos mesmos em instituições portuguesas e no próprio instituto, exemplificando a questão por meio do *World Universities da École des Mines de Paris*, um ranqueamento criado em 2007 e baseado em indicadores profissionais, que pode ser descrito como nada favorável a qualquer instituição portuguesa, tendo em vista não haver nenhuma posicionada entre as 338 universidades ranqueadas.

Não obstante todo o fascínio dos rankings internacionais e também suas limitações, no velho continente, os rankings internacionais, como os mencionados anteriormente, não são as únicas formas de ranqueamento encontradas, isto, porque, outros padrões de rankings acadêmicos de cunho regional também são observados. É o caso do ranking *SIR World Report – Esastern Europe Supplement*, ligado aos países do Leste Europeu, e, do ranking *SIR World Report – Western Europe Supplement*, relacionado aos demais países europeus, localizados a Oeste, ambos, todavia, intimamente vinculados à *SCImago Institutions Rankings (SIR)*, grupo investigativo da *Universidad de Granada*, na Espanha.

O ranqueamento *SIR World Report 2011 – Esastern Europe Supplement*, relativamente ao ano de 2011, destaca-se por ser extraído do *SIR World Report 2011*, bem como, por restringir-se ao espaço geográfico da Europa do Leste, e, também, por ressaltar a pesquisa institucional de instituições universitárias da região, excluindo as demais instituições, contendo assim, a mesma estrutura, valores e rankings do *SIR World Report 2011 – Global Report* (SIR, 2011a). No caso do *SIR World Report 2011 – Western Europe Supplement*, observam-se as mesmas origens, critérios, estruturas, valores etc., mencionados no ranking da Europa do leste, mas, no entanto, o foco está na região em que se encontram os países da Europa central, mediterrânea e ocidental (SIR, 2011b).

Em consonância, Ordorika e Gómez (2010), salientaram que no tocante aos rankings acadêmicos regionais no espaço europeu, também se sobressaem os rankings acadêmicos “da União Europeia e o da Universidade de Leiden” (p. 9). Conforme é possível observar das notas de rodapé do referido artigo (ORDORIKA e GÓMEZ, 2010), o ranking da União Europeia caracteriza-se por ser um ranqueamento que dá relevância a produção científica das 22 primeiras universidades da União Europeia reunido no período correspondente ao ano de 2003 e 2004, enquanto o ranking da Universidade de Leiden, por sua vez, se baseia em indicadores bibliométricos, sendo

que no ano de 2007 publicou as 100 primeiras universidades da Europa de acordo com a produção de artigos e também conforme as demais publicações científicas reconhecidas em outros índices de cunho bibliométrico internacional.

Com o Processo de Bolonha instituidor de uma área comum europeia no tocante a educação superior, a Comissão Europeia deu início ao fomento e criação de um ranqueamento regional no espaço europeu, conforme expos a matéria, *EU cria “ranking” de universidades* (TAVARES, 2010), do Jornal Diário de Notícias de Portugal, que traz a opinião do então presidente do Registro Europeu da Garantia de Qualidade (EQAR), entidade criada em 2008, o estudante de doutorado Bruno Carapinha, que, destaca:

não é imediatamente evidente que Portugal fique na cauda da tabela, (...) mas a verdade é que somos de facto um país mais periférico, com um sistema subfinanciado ao longo de muitos anos, bastante fragmentado e sem a dimensão e massa crítica que outros sistemas apresentam. (TAVARES, 2010)

Deste modo, o espaço europeu vem apresentando ampla variedade de rankings acadêmicos. Em primeiro plano destaca-se a presença e a influência de ranqueamentos de ordem internacional ligados a países como Alemanha, Inglaterra, França e Espanha, por exemplo, e, em um segundo plano, a Europa apresenta também rankings regionais, igualmente detentores de relevância e visibilidade.

1.4. Os rankings no espaço ibero-americano

Com a expansão da prática e a utilização de escalas numéricas em educação superior nos principais espaços geográficos mundiais, os rankings acadêmicos, ao seu modo, emergem com relativa força no espaço ibero-americano.

Ainda que as instituições universitárias da América hispânica, do Brasil, e, inclusive de Portugal e Espanha, ocupem colocações intermediárias em ranqueamentos internacionais de prestígio como o de Shangai e o THE, nas últimas décadas, foram surgindo e se consolidando certos rankings acadêmicos específicos, regionais ou mesmo nacionais, voltados a grupos e interesses peculiares e reais.

Observando o panorama regional dos rankings acadêmicos é possível destacar que no espaço ibero-americano são encontrados alguns exemplos de ranqueamentos, utilizados como referência de qualidade na educação superior. No âmbito dos rankings

regionais têm-se o *SCImago Institutions Rankings (SIR)*, relacionado a um grupo de investigação ligado a *Universidad de Granada*, o *QS World University Rankings* vinculado a Corporação *Quacquarelli Symonds*, os rankings produzidos por organizações como o *Laboratorio de Cibermetría* do *Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CISC)* da Espanha e, finalmente, os rankings gerados por *América Economía Intelligence*.

É interessante notar que embora existam países com trajetórias relativamente fortes no que tange ao ranqueamento, seja nacional e/ou regional (Espanha, Brasil, México e Chile), bem como, existem certos países com tímidas experiências (Colômbia) e outros com experiências fracassadas (Peru), que diante da inexistência de rankings elaborados por organizações próprias desses países, acabam adotando recortes nacionais de ranqueamentos regionais produzidos por outros países.

1.4.1. Rankings regionais

Um bom exemplo dos rankings regionais que atuam em âmbito iberoamericano refere-se a *SCImago Institutions Rankings (SIR)*, um grupo de investigação ligado a *Universidad de Granada*, Espanha, que gera rankings acadêmicos por meio da base *SCOPUS* da Elsevier (assim produz também rankings internacionais) produzindo ranqueamentos regionais que se baseiam na união de países por afinidade geográfica, como é o caso dos países da América Latina ou até ibero-americano e da Europa do Leste (ESCOBAR-CÓRDOBA, 2009, p. 291-292).

Os resultados do *Ranking Iberoamericano SIR 2012*, neste particular, trazem informações interessantes a respeito de sua terceira edição, informações estas cristalizadas por meio de tabelas de ranqueamento, que expressam as dimensões investigativas das instituições por meio de cinco indicadores: 10% referente aos trabalhos mais citados; 25% indica a porcentagem de publicações em revistas de primeira linha: média da qualidade científica; publicações conjuntos com outros países; e, por último, produção científica medida em número de publicações em revistas científicas (RANKING IBEROAMERICANO, 2012).

Os resultados desses rankings são utilizados de múltiplas maneiras nos diversos países do espaço ibero-americano produzindo inclusive rankings nacionais a partir dos resultados de grandes rankings internacionais, estabelecendo uma espécie de

conflito/disputa por prestígio no mercado educacional sendo possível constatar, especificamente, a medição e a quantificação da produção científica em determinadas áreas do conhecimento. Devido a não existirem rankings nacionais, países como Argentina e o Peru são exemplos evidentes de Estados que fazem uso de rankings regionais gerados por terceiros. Trata-se de dois países que auxiliam a visualização da temática, dado a quantidade de materiais coletados e a visibilidade que a problemática alcança.

Neste sentido, recente pesquisa colombiana ressaltou a posição das escolas de medicina do país no ranking *Ibero-Americano SIR-2010* (mais especificamente no Ranking Ibero-Americano *SIR 2010 – Ciencias de la Salud*), baseado em dados proporcionados pela “*Science Citation Index*” da *Thomson Reuters*, expondo a pertinência de uma cultura de rankings e a importância de tais sistemas de avaliação em um país como a Colômbia, citando outros rankings internacionais e as boas posições ocupadas por Brasil e Espanha no referido ranking ibero-americano, ao passo que pontuou as dificuldades encontradas pelas faculdades de medicina colombianas na obtenção de boas posições (ESCOBAR-CÓRDOBA; TORO-HERRERA e ESLAVA-SCHMALBACK, 2010). O referido estudo colombiano observou ainda a produção científica das faculdades de medicina do país, na tentativa de entender e buscar formas de equiparar a produção científica e as instituições colombianas da área da Saúde, às melhores e mais bem ranqueadas instituições no espaço ibero-americano (ESCOBAR-CÓRDOBA, 2009; ESCOBAR-CÓRDOBA; TORO-HERRERA e ESLAVA-SCHMALBACH, 2010).

Outro exemplo de ranqueamento regional é o elaborado pela *QS World University Rankings* (abordado no início do capítulo) e suas versões regionais, que vão da Ásia à América Latina. A matéria, *Ninguna universidad argentina figura en el top 10 latinoamericano* (BERMÚDEZ, 2012), exhibe as dificuldades enfrentadas pelas instituições universitárias desse país diante dos rankings acadêmicos de alcance regional. Bermúdez (2012) destaca que:

na carreira acadêmica na América Latina, as universidades argentinas, tanto as públicas como as privadas, estão ficando para trás. Assim demonstra o ranking 2012 realizado por QS World University, um dos mais prestigiados em nível mundial (BERMÚDEZ, 2012).

Ao tratar da Universidade de Buenos Aires (UBA) e de outras universidades argentinas de destaque no QS World University de 2012, ressaltou-se ainda, que:

a Universidade de Buenos Aires, que no ano passado figurava na oitava posição, agora está em décimo primeiro. Dentro do top 20, onde até 2011 figuravam cinco instituições de educação superior do país, agora só acompanha a UBA, a Universidade Católica, que baixou da posição 17 a 20. As universidades nacionais de Córdoba (18ª em 2011) e La Plata (20ª no ano passado) retrocederam quatro lugares e a caída mais notória, entre as que ocupam os primeiros 30 lugares, é da Universidade Austral, que passou do 13º posto ao 27º (BERMÚDEZ, 2012).

Para Bermúdez (2012):

a baixa performance argentina ressalta ainda mais uma situação de estabilidade do resto: no último ano permaneceram inalteráveis os sete primeiros lugares, liderados pela Universidade de São Paulo, por segundo ano consecutivo, aprofundando seu status como a melhor universidade latino americana. A caída argentina foi melhor aproveitada por Chile, que colocou quatro universidades entre as dez primeiras, seguida pelo Brasil com três, México com duas e Colômbia com uma (BERMÚDEZ, 2012).

A matéria, *La Facultad de Psicología entre las primeras 200 mejores del mundo* (UBA, 2011), destacou os bons resultados obtidos pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires, que apareceu no ranking mundial de Universidades QS World, justamente na primeira vez em que se realiza um estudo por disciplina ou área do conhecimento, especificamente no tocante aos cursos de Medicina, Biologia, Psicologia, Engenharia (civil, química y electrónica) e Informática.

Em 2013, no entanto, outra matéria de cunho menos crítico deu certo destaque as instituições acadêmicas argentinas. Trata-se de um ponto de vista mais otimista a respeito dos rankings universitários, relativamente à boa subida de posições no ranqueamento elaborado pela consultora internacional *QS (Quacquarelli Symonds)* de duas universidades argentinas (ranqueamento regional voltado à América Latina). Trata-se da matéria, *Dos universidades da Argentina figuram no top 10 da América Latina: é a UBA (quarta) e a Austral (décima). Brasil lidera a lista* (CLARÍN, 2013), da qual se extraiu o trecho abaixo:

Duas universidades argentinas figuram entre as 10 melhores de América latina: a Universidade de Buenos Aires (UBA) está em quarto e a Universidad e Austral que figura em décimo, em um prestigiado ranking que se publica todos os anos, elaborado pela consultora internacional QS Top Universities. Además, há outras três argentinas entre as 20 primeiras da região. No ranking mundial, a UBA –que segue sendo a maior do país– ficou na posição 209, sobre um total de 800 universidades que foram avaliadas (CLARÍN, 2013).

No Peru, por sua vez, foram encontradas outras iniciativas também relacionadas à utilização de ranqueamentos regionais. Trata-se novamente do ranqueamento produzido *QS University Rankings*, mais especificamente o *QS Latin American*

Ranking. A matéria, *Ranking latinoamericano de universidades ubica a la PUCP en el puesto 31* (PUC-PERU, 2012), oportunamente, destaca os resultados e a melhoria de posições obtida pela instituição universitária no *QS Latin American Ranking 2012*, produzido pela consultoria Britânica *QS University Rankings*, sem deixar de ponderar que o país não tem os resultados ideais, ao mencionar o caso do Brasil que lidera o ranking com a USP, seguido de outras instituições bem colocadas, e, também o caso do Chile, que possui quatro instituições na lista das dez melhores da América Latina.

Outra matéria, *La PUCP sigue escalando en el ranking internacional de universidades* (PUC-PERU, 2013) exibiu o desempenho das universidades peruanas no ano de 2013 no referido ranking e destacou a melhora de posição pelo terceiro ano consecutivo da Pontifícia Universidade Católica do Peru (PUC-Peru) no ranqueamento, comparando suas posições anteriores com as posições obtidas por instituições peruanas, colombianas e chilenas.

Ainda tratando de rankings regionais é possível destacar os rankings regionais produzidos pelo CISC. Conforme já tratado no tópico pertinente aos rankings europeus, mais especificamente quando se falou da Espanha. Trata-se de um ranking vinculado ao *Consejo Superior de Investigaciones Cientificas* (CSIC) que se liga ao Ministério da Ciência e Tecnologia da Espanha (WEBMETRICS, 2013). No geral produz um ranqueamento mundial e diversos ranqueamentos regionais: América do Norte, América Latina, Europa, Ásia, África, Mundo Árabe e Oceania (WEBMETRICS, 2013).

No México o ranqueamento *CISC* da Espanha, também publica ranqueamentos nacionais, como o do ano de 2010, denominado de *Ranking Web julio 2010 de universidades mexicanas*, que, em seu conteúdo, proclama as 20 melhores instituições mexicanas a partir de critérios e indicadores baseados em uma medida de impacto e prestígio obtidas por força da visibilidade e atividade de suas *web pages* (EMPLEARE, 2010).

Os exemplos relativos aos tipos de rankings regionais que atuam no espaço ibero-americano e seus efeitos e demandas experimentados em determinados países, como no caso a Argentina e o Peru, auxiliam o entendimento a respeito do lugar ocupado pelos rankings na contemporaneidade, no mundo e principalmente no espaço ibero-americano, na medida em que atuam como elementos indutores de qualidade, colaboradores junto ao processo de internacionalização das universidades e de diferenciação institucional.

1.4.2. Rankings Nacionais

No entanto, especificamente na América do Sul, também no México e na Espanha, com o avançar das décadas estão sendo encontrados/instituídos outros exemplos de *rankings* não oficiais, atuantes em âmbito nacional, em detrimento/complemento de uma abrangência regional. É então possível exemplificar os diversos tipos de rankings nacionais encontrados no espaço ibero-americano, produzidos principalmente em três países Chile, Brasil e México.

1.4.2.1. Rankings nacionais chilenos

Conforme o artigo de Rau (2008), no Chile existem dois rankings promovidos pelo setor privado, especificamente pelo mercado editorial, o Ranking de Universidades do jornal *El Mercurio*, publicado desde o ano de 2004, e o Ranking de Universidades e Carreras, mais antigo ranking nacional chileno, produzido pela revista *Qué Pasa*, publicado desde o ano 2000.

No caso chileno, tanto os rankings do Jornal *El Mercurio* quanto da revista *Qué Pasa*, apesar de possuírem algumas diferenças de critério, metodologia, contam com bases comuns, voltadas a um tipo de resultado mais subjetivo, na medida em que não se apegam a tradições bibliométricas e científicas por se fixarem a um tipo de critério relativo à opinião de pareceristas/consultores.

Tratando do ranqueamento do Jornal *El Mercurio*, conforme informou a matéria *Ranking de universidades Diario El Mercurio* (UNIVERSITE, 2013), a publicação do referido ranking prima por critérios como a qualidade de alunos e professores, o nível de pesquisa e de publicações indexadas etc.

A matéria, *Ranking de universidades causa massivo interés: sitio web suma 50 mil visitas* (EL MERCURIO, 2012), por sua vez, demonstra o grande interesse do público chileno por rankings acadêmicos, principalmente pelo ranking *El Mercurio 2012*, estruturado juntamente com o *Grupo de Estudios Avanzados Universitas*, que, conforme afirmou Ana Maria Martínez, investigadora do Grupo *Universitas*, é responsável por causar enorme interesse na população, e, nestes termos:

Um interesse desta magnitude demonstra que os jovens, e o público em geral, estão ávidos por informações claras e confiáveis sobre o sistema universitário, que os ajude a elaborar seu próprio juízo, sobre bases objetivas, com respeito a eleição de uma universidade (...) em todo caso, a resposta nos

gratifica enormemente, porque nossa intenção era precisamente ajudar a estes jovens. (EL MERCURIO, 2012)

O ranking da revista *Qué Pasa*, entretanto, é o mais antigo do Chile com doze (12) anos de publicações que se baseiam em entrevistas por meio da consultoria *TNS Times y Mide* envolvendo a percepção do mercado de trabalho, especificamente, a opinião de 1.060 executivos a cerca das universidades do país, sendo que 50% dos entrevistados responderam por telefone, 50% são da região metropolitana e os outros 50% são de outras regiões (QUÉ PASA, 2012). Já há algum tempo a revista *Qué Pasa* vem publicando seu ranqueamento no Chile, como exemplifica a publicação intitulada de *Ranking de universidades 2009* (QUÉ PASA, 2009), que anunciou e expôs o modo de elaboração de critérios que denomina como, um percentual de conhecimento e uma percepção de qualidade, ambos, extraídos dos chefes e gerentes de departamentos, áreas e empresas quando perguntados a respeito de suas preferências, na ocasião da contratação, no tocante as instituições que formam seus futuros profissionais.

Seus aspectos metodológicos podem ser observados no *Ranking de Universidad 2012* (QUÉ PASA, 2012), que salienta que o referido ranqueamento mede a percepção da qualidade e o nível de conhecimento que o mercado reconhece às instituições universitárias. A definição de qualidade é dada pelos entrevistados, sendo certo que os mesmo consideraram as seguintes diretrizes: corpo docente (com 46%); bons programas educacionais e contar com infraestrutura adequada (32%), outros fatores, como formação profissional e valorização dos estudantes, investigação e desenvolvimento também são considerados (QUÉ PASA, 2012). No mais, além do ranking que se refere à percepção da qualidade, utilizando-se sua base, a revista *Qué Pasa* também é responsável por gerar um ranking das universidades privadas chilenas com maior projeção e perspectiva (com as três primeiras), assim também o faz com relação às três universidades com mais perspectiva por regiões, bem como, estabelece um ranking por carreiras, tratando de áreas como Agronomia, Enfermagem etc. (QUÉ PASA, 2012).

No ano de 2009 a referida publicação chilena salientou, que:

Este ranking contém, ademais, uma bateria completa de estatísticas, indicadores duros que permitem ter-se uma ideia de cada plantel: tanto a qualidade dos alunos que capta cada universidade assim como a qualidade de seus alunos são considerados elementos chaves pelo mercado laboral na hora de qualificar uma universidade (QUÉ PASA, 2009b).

Deste modo, também apontou outros indicadores:

Como investigação e acreditação, também dão conta do trabalho que estão realizando as universidades para elevar seus estandartes. Para medir os estudos científicos existem índices internacionais como o número de publicações indexadas – papers ISI o SciEL – ou o nível de impacto que causam na comunidade internacional. Todos dados públicos (QUÉ PASA, 2009b).

Para expor a relevância dos rankings acadêmicos no Chile, especialmente os que medem a percepção da qualidade universitária, a matéria, *Ranking 2012 de las mejores universidades de Chile: la “U” gana en fallo fotográfico a la U. Católica*, trata de apontar as pequenas diferenças (milimétricas) entre as principais universidades do país, bem como, apresenta instituições que vem demonstrando crescimento etc. (AMÉRICA ECONOMÍA INTELLIGENCE, 2012a).

1.4.2.2. Rankings nacionais brasileiros

No Brasil os rankings nacionais também ganham terreno. A publicação nacional GE vinculada à Grupo Abril, surgiu em 1984 e mudou de nome, se alterando ao longo do tempo, deixando de ser uma edição especial do Almanaque Abril, para ganhar autonomia e relevância passando, então, a estipular um ranking de abrangência nacional e a premiar as melhores universidades e cursos do país (GUIA DO ESTUDANTE, 2012).

Em matéria da Folha de S. Paulo (2012), o Ranking Universitário Folha, da Folha de S. Paulo (que será abordado a seguir), é exposto como a primeira iniciativa relativamente a rankings no país, sem que se faça menção a existência de um ranqueamento nacional, nos moldes do GE, da Editora Abril, destacando-se que “até então, o Brasil dependia de classificações globais ou, no máximo, continentais, que citam poucas instituições brasileiras e desconsideram características nacionais” e, ainda destaca que “Informações como essas são importantes para orientar políticas públicas, alunos, professores e empregadores, pois mostram as instituições de destaque no país e as que estão com defasagem”, na medida em que “países como EUA, China, Alemanha, Bulgária, Cazaquistão e Vietnã já fazem rankings nacionais” (FOLHA DE S. PAULO, 2012).

No entanto, apesar desse otimismo institucional da própria Folha de S. Paulo, convém pontuar que no Brasil existiram outros rankings de cobertura nacional que inauguraram uma cultura de rankings nacionais editoriais/privados, como o ranking estabelecido pela Revista Playboy, desde 1982 e com vigência de 20 anos até o ano 2000, e, mais recentemente, o GE, publicação da Editora Abril, em vigor desde 1984. Ainda destacando a presença da Revista Playboy como pioneira no ranqueamento nacional, Fabrício Marques (2009), em artigo escrito à Revista Pesquisa FAPESP, destacou que os rankings são fenômenos recentes, sendo certo que “no Brasil, até a década de 1990, o mais conhecido ranking de universidades do país era feito por uma revista masculina, a Playboy”.

O portal do Ministério da Educação (MEC) na *internet*, ao seu turno, ressaltou a importância e a validade do GE enquanto elemento responsável por subsidiar as informações a respeito da qualidade de ensino oferecido pelos cursos de graduação em nível nacional (BRASIL/MEC, 2011). Como pode-se observar, o GE é um ranking que atua em esfera nacional (que inclusive recebe destaque em órgão ministerial do Governo), classificando e elaborando escalas avaliativas relativamente às instituições universitárias do território brasileiro.

Como exemplo, pode-se mencionar a matéria, *Guia do Estudante divulga as melhores universidades do Brasil em 2012* (GUIA DO ESTUDANTE, 2012), ao seu turno, anuncia a oitava edição do *Prêmio Melhores Universidades do Ano*, e também revela as vencedoras na categoria “*A Universidade do Ano – Escola Pública e Privada*”, que conta com apenas instituições universitárias com cinco cursos avaliados no *Guia do Estudante Profissões Vestibular 2013*, sendo certo que “todo processo de seleção das vencedoras é feito com auxílio e emprego da consultoria técnica do Ibope Inteligência e a verificação dos dados é feita pela *PricewaterhouseCoopers*”¹⁶.

Conforme expõe a própria matéria institucional do GE (GUIA DO ESTUDANTE, 2012), os critérios de avaliação¹⁷ se estabelecem da seguinte maneira:

¹⁶ A *PricewaterhouseCoopers*, segundo informa o site portador da versão brasileira, se originou da fusão das firmas *Price* e *Waterhouse* em meados do século XIX e com a *Coopers&lybrand* em 1998, esta última com origem histórica de mais de 150 anos”. Trata-se de uma empresa de auditoria e consultoria voltada a todos os segmentos empresariais.

¹⁷ Até o momento foram expostas breves análises metodológicas do GE, não obstante, seja relevante para esta dissertação compreender de modo preciso o arcabouço metodológico do referido guia, operação reservada a uma seção especial, na ocasião da feitura do segundo capítulo.

a identificação da melhor instituição é feita a partir de uma fórmula, que combina indicadores de qualidade (A) - média de estrelas dos cursos de determinada escola, ou seja, indica a qualidade média dos cursos - e indicadores de quantidade (B) - quanto aquela escola se aproxima da instituição mais “estrelada” da categoria, ou seja, que possui o maior número de cursos estrelados. Desta forma, a fórmula é: $2A + B/3$. Nesta fórmula, o peso dado à variável A é o dobro de B, o que significa dizer que a qualidade dos cursos estrelados vale duas vezes mais do que a sua quantidade. (GUIA DO ESTUDANTE, 2012)

No que se refere ao recentemente criado Ranking Universitário Folha, RUF¹⁸, do Jornal Folha de S. Paulo, apresenta metodologia que se assemelha a dos rankings internacionais THE, QS e Shangai adaptada, porém, ao contexto nacional, por meio de uma classificação realizada entre 232 instituições universitárias, mais precisamente, 41 faculdades e centros universitários e 191 universidades, classificando-as a partir de quatro critérios: pesquisa acadêmica; qualidade do ensino; avaliação do mercado; e inovação. Os indicadores referentes à reputação no mercado de trabalho, bem como, a qualidade de ensino “foram desenvolvidos a partir de entrevistas feitas pelo Datafolha com pesquisadores e com executivos de Recursos Humanos” (RUF, 2013). No tocante às fontes de pesquisa, em 2012, foram consultados:

597 pesquisadores com grande produção científica, de acordo com o CNPq, a maior agência de fomento à ciência do país. Também foram ouvidos 1.212 responsáveis pelo setor de Recursos Humanos de empresas, escolas e outras instituições que contratam profissionais nos 20 cursos que mais formam no país, como administração e direito (RUF, 2013).

Sendo certo, que:

os dois grupos, o de pesquisadores e o de especialistas em mercado de trabalho, listaram as instituições de ensino consideradas melhores por eles - universidades, faculdades ou centros universitários - na área em que atuam profissionalmente. As instituições que tiveram pelo menos três menções nessas entrevistas feitas pelo Datafolha foram consideradas na classificação (RUF, 2013).

No mais, o ranking da Folha de S. Paulo (RUF) também permite que seja criado “seu próprio ranking usando seis pesos diferentes para os indicadores de pesquisa, ensino, mercado e inovação” (RUF, 2013). Nestes termos, o Jornal Folha de

¹⁸ É pertinente salientar que: “a pesquisa foi supervisionada pelo bioquímico da USP e especialista em análise de produção científica, Rogério Meneghini. Ele também é coordenador acadêmico da base *SciELO*, que reúne 260 periódicos científicos nacionais, incluídos no levantamento do RUF para dar um tempero local à métrica” (RUF, 2013).

S. Paulo exibe a visibilidade do RUF diante do universo acadêmico por meio da matéria, *Federais e USP lideram o 1º ranking universitário*, de setembro de 2012, na medida em que expõe o trabalho da Folha e do Datafolha e apresenta os resultados do ranqueamento que consagrou a USP como a primeira, a UFMG como segunda e a UFRJ como terceira.

Outra matéria também da Folha de S. Paulo, intitulada, *Grande e rica, USP domina* (TAKAHASHI, 2012), destaca a importância e o prestígio da universidade estadual paulista, disparadamente a mais relevante da América Latina, o enorme orçamento anual de quase R\$ 4 bilhões, o tamanho dos *campi* que equivale a 5% dos municípios do Estado de São Paulo e sua atuação como maior formadora de doutores do mundo sugerindo, todavia, que “essa estrutura robusta impulsionou a USP ao topo do RUF, tanto na lista geral quanto em 3 dos 4 sub indicadores analisados”. Segundo as palavras da pesquisadora da USP, Elizabeth Balbachevsky, importante analista brasileira a respeito dos sistemas internacionais universitários, “a USP é disparada a melhor instituição da América Latina. A desvantagem disso é que ela não pode se contentar em ter relevância regional, precisa ter mais impacto nos demais centros” pelo fato de haver “estrutura e recursos para estar entre as cem melhores do mundo” (TAKAHASHI, 2012).

1.4.2.3. Rankings Nacionais mexicanos

No México, os rankings acadêmicos nacionais, são observados desde 2006 mediante a publicação do *El Universal*, relevante jornal, que publica em âmbito nacional o guia intitulado *Las Mejores Universidades*, “um esforço conjunto das principais Instituições de Educação Superior (IES) do país” e do Jornal *El Universal*, que, disponibiliza à “sociedade, IES, estudantes, pais de família informação útil, objetiva e oportuna sobre a oferta educativa em nível de licenciatura existente no México” por meio de um suplemento que fornece a metodologia, um ranking global de universidades, um ranking de programas, um buscador de universidades e um panorama geral (EL UNIVERSAL, 2009).

Em 2009, a metodologia do Ranking mexicano baseava-se segundo a assessoria de um grupo de especialistas e também em critérios aplicados em ranqueamentos atuantes em âmbito internacional, sendo certo, que os primeiros anos da

publicação destinaram-se à definição da metodologia, a sua solidificação, por assim dizer, salientando que as principais mudanças para o ano de 2009 “não foram na metodologia senão na supervisão da informação proporcionada a IES” (EL UNIVERSAL, 2009). Para que se possa ter uma ideia da importância do referido ranking acadêmico, também em 2009, o próprio *El Universal* destacou a UNAM, principal universidade mexicana, como a primeira melhor colocada entre as melhores universidades pelo terceiro ano seguido (EL UNIVERSAL, 2009).

As instituições universitárias devem cumprir certos quesitos para participarem, como ter matrículas mínimas no total de 1.000 (mil) estudantes de licenciatura, aplicar exame vestibular e outros, que são avaliadas segundo doze critérios, quais sejam: (1) acreditação institucional, (2) possibilidade de avaliar os professores por parte dos alunos, (3) investigação, (4) docência, (5) extensão universitária, (6) serviços bibliotecários e tecnologia, entre outros, todos possuidores de distintos pesos (EL UNIVERSAL, 2009). Neste sentido, a relevância do suplemento especial do Jornal *El Universal* pode ser observada na matéria escrita pela Revista *Neo Pixel* (NEO PIXEL, 2009), também do México, que divulgou os resultados do suplemento dedicado ao ranking das melhores do México em 2009.

Em 2011, outra matéria denominada, *Las mejores universidades em México: Ranking 2011* (RED ACADÊMICA, 2011), destacou o fascínio entorno da ideia de se conhecer quais seriam as melhores instituições de educação superior do país, e, entre as universidades, preponderou o desejo por prestígio no tocante a tornar-se mais atrativa para professores e alunos de excelência, sendo que tanto o fascínio e o desejo se materializam por meio dos rankings que atuam como “ferramenta altamente persuasiva no momento de decidir em quais lugares colocar os recursos”. A referida matéria, em última análise, objetivou sintetizar “o panorama oferecido pelo Jornal *Reforma*”, que torna público seu ranqueamento universitário de 2011, “no qual informa ao cidadão acerca das melhores opções de educação profissional”, ressaltando, que, ao que se pode constatar, trata-se de um ranking profissional, que premeia institutos tecnológico/técnicos (RED ACADÊMICA, 2011).

1.4.2.4. Rankings nacionais colombianos

Na Colômbia o ranqueamento nacional ainda é incipiente. No entanto, vem sendo desenvolvido, desde o ano de 2010, pelo Ranking U-Sapiens Colombia, pertencente ao *Grupo de Investigación SapiensResearch*, um ranqueamento nacional qualitativo publicado duas vezes ao ano, um em cada semestre, para fins de comparação, e, que versa sobre o desempenho das instituições de educação superior do país, na medida em que é nutrido por indicadores das áreas de ciência, tecnologia e inovação (RED COLOMBIANA DE POSGRADUADOS, 2013).

Um exemplo da relevância e consolidação do ranking Sapiens na Colômbia pode ser observado no boletim científico, *U-Sapiens Ranking Colombia 2010_2* (PEÑA-BARRERA, 2011), escrito em inglês, que, tem como objetivo principal, dentre outros mais específicos, mostrar para a comunidade científica nacional e internacional o referido ranqueamento (intitulado 2010_2, por referir-se ao segundo semestre) que classifica as universidades colombianas, para então, compará-lo com os resultados do ranqueamento do primeiro semestre (intitulado 2010_1) e, finalmente, dar conhecimento desta temática aos estudiosos e interessados.

O referido boletim científico ressaltou o grande interesse da comunidade colombiana por uma classificação baseada em indicadores que se assentam na pesquisa acadêmica, e, também, o destaque internacional e nacional das instituições e da mídia com relação à transparência e a relevância dos resultados, que geram ganhos no campo do estímulo em direção a melhores desempenhos investigativos (PEÑA-BARRERA, 2011).

1.4.2.5. Rankings nacionais peruanos

No Peru, a discussão a respeito da importância e pertinência de um ranking acadêmico nacional vinha ganhando corpo, mas apresenta imensa desconfiança e não consegue se firmar como mostra a matéria, *Entrevista com Alfredo Hortas Bazalar e o Ranking Universitário no Peru* (UNIVERSIA, 2008), que trata dos rankings universitários e do referido ranking peruano criado pelo Dr. Luis Piscocoya. Para Alfredo Hortas, especialista em educação entrevistado, o referido ranqueamento peruano ao considerar as variáveis, vestibular, carreira docente, produção da pós-graduação sobre currículo e a matrícula, qualificações acadêmicas dos docentes, produção científica e investigação, falha no cumprimento de parâmetros referentes à metodologia sugerida

pela UNESCO, elemento que faz emergir uma espécie de falta de confiabilidade nos tocante aos dados gerados entre outros problemas, em nítida desobediência aos Princípios de Berlim (UNIVERSIA, 2008). Tratando de atuação nacional, no Peru é possível se observar certa distorção diante da instabilidade em torno da criação do ranking acadêmico nacional, informações colhidas acenam para a pouca tradição de dados confiáveis, públicos e objetivos sobre as universidades, fato que dificultaria a elaboração de rankings mais consistentes.

Entretanto, constata-se a existência de rankings focados para o atendimento das demandas do mercado em torno da qualidade de universidades peruanas, utilizando-se de dados provenientes da *América Economía Intelligence*, revista que desde 1986 “analisa a economia, as finanças e os negócios da América Latina. A revista é editada mensalmente em espanhol e português, atingindo assim os maiores executivos tomadores de decisão da região” (AMÉRICA ECONOMIA, 2013). Com escritório central localizado no Chile, a revista está destinada a formadores de opinião, executivos e empresários da região da América latina, presente em 19 países, contando com escritórios editoriais localizados em Miami, Santiago de Chile, Cidade do México, São Paulo, Lima e Equador, produzindo rankings sobre as universidades peruanas, chilenas e mexicanas..

Em termos metodológicos o ranking universitário elaborado pela *América Economía Intelligence* conta com três indicadores (AMÉRICA ECONOMIA INTELLIGENCE, 2012-B). O primeiro indicador tem 10% dos valores correspondentes ao tamanho, isto quer dizer que se dá relevância a quantidade de alunos, cursos e professores. Este indicador espelha o alcance em termos institucionais e em termos das preferências dos alunos na hora de escolher uma instituição educativa. Outro indicador com 15% refere-se à internacionalização e reflete a qualidade dos convênios que as instituições universitárias têm a presença em rankings internacionais e o reconhecimento no mundo como parte de uma grande rede internacional. Por fim, com 25% está o indicador que se refere à investigação/pesquisa, relacionado então a quantidade de publicações científicas elaboradas na universidade segundo SCImago Institutions Rankings por meio do seu ranking SIR.

1.4.2.6. Rankings nacionais portugueses e espanhóis

Em Portugal a questão do ranqueamento nacional é bastante incipiente. Até 2006 existiam no país políticas públicas de avaliação da educação superior que não geravam rankings, com agências ligadas aos ministérios da educação, cultura etc. (MENEGHEL; NOBL e SILVA, 2006). No entanto, é pertinente ressaltar que o governo português, ao encomendar uma pesquisa privada para saber o desempenho da educação superior no país, desencadeou uma série de reformas e questionamentos incluindo a elaboração de uma lei¹⁹, que permite, em seu artigo 22, que os resultados das avaliações públicas se tornem rankings (BERNARDINO; MARQUES, 2010), contrariando o histórico avaliador do país marcado pela inexistência de ranqueamentos.

A temática do ranqueamento da educação superior vem ganhando terreno em Portugal. Bernardino e Marques (2010) analisaram a pertinência de um ranking da educação superior no contexto português tomando outros rankings como referência a liderança do Reino Unido e dos Estados Unidos da América (EUA), por serem pioneiros em uma cultura de *ranqueamento*, para então, destacarem que os rankings acadêmicos chegaram para ficar, independentemente das controvérsias existentes, não obstante, também advertiram a respeito dos custos e benefícios que envolvem os rankings acadêmicos, salientando que um dos aspectos complicados de um ranking deste tipo é o perigo de os resultados tornarem-se populares ao invés de serem discutidos em termos de desempenho das instituições (BERNARDINO e MARQUES, 2010).

No entanto, Portugal demonstra parca tradição em rankings acadêmicos, com nenhum ranking nacional (muito menos internacional), não obstante já se discuta a necessidade de tais práticas, especialmente no âmbito nacional, como demonstra o estudo de Bernardino e Marques (2010).

Na Espanha, diferentemente, a produção de rankings regionais, nacionais e internacionais encontra-se num momento de consolidação e expansão, sendo a grande referência no espaço ibero-americano.

Além dos tradicionais rankings do Laboratório *Cybermetrics*, do *Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC)* e do *SCImago Institutions Rankings (SIR)*, ligado a *Universidad de Granada*, no que se refere aos rankings nacionais

¹⁹ Lei N°. 38, de Agosto de 2007.

produzidos pelo setor privado, destaca-se Los Ranking de El Mundo, elaborado pelo Jornal “*El Mundo*”. Dentre desse ranking, são classificadas as universidades, bem como as carreiras universitárias. Como exemplo, pode-se citar o ranking acadêmico *50 Carreras*, que elabora um ranqueamento geral das cinquenta carreiras ou cursos, incluindo universidades públicas (tradicionais e seculares) e umas poucas universidades privadas (menos tradicionais e com apenas duas décadas de existência), e, também, um ranqueamento voltado ao universo das universidades privadas, conforme se pode observar no próprio site do referido jornal (EL MUNDO, 2010 e EL MUNDO, 2010b). Para elaborar seu ranking o Jornal *El Mundo* “analisa distintos parâmetros das carreiras e assegura as cinco melhores faculdades ou escolas para cada uma delas”, assim, “o estudo elabora-se segundo dados facilitados pelas próprias universidades, entrevistas aos professores universitários e análises externas” (UNIVERSIDAD DE NAVARRA, 2012).

De forma semelhante, a matéria *Uma opción que se consolida con los años* (EL MUNDO, 2010), destacou a inexperiência da educação superior particular em Espanha e a existência de apenas sete instituições acadêmicas privadas entre as 45 instituições que aparecem no ranking geral, dentre elas, a *Universidad de Navarra*, a mais bem posicionadas das particulares. Neste sentido, a matéria *El rankings del diario “El Mundo” vuelve a situar a FCOM em la cima de la enseñanza universitaria* (UNIVERSIDAD DE NAVARRA, 2012), ressaltou que os cursos de Jornalismo e Comunicação Audiovisual da *Facultad de Comunicación de la Universidad de Navarra* estão entre os melhores do país, sendo certo que a referida universidade ficou com a sétima colocação nacional no ranking geral e, deste modo, lidera o ranking das particulares.

Por outro lado, a matéria *Madrid y Barcelona, líderes em educación* (EL MUNDO, 2010b), ressalta a preponderância das instituições públicas de educação superior da região de Madrid e de Barcelona, em Espanha, no tocante às mais bem colocadas no ranking acadêmico *50 Carreras*, bem como, a predominância de outras instituições públicas de diferentes regiões do país no que se refere às mais bem posicionadas no ranking *50 Carreras* do Jornal *El Mundo*, na medida em que nove (9) das dez (10) primeiras colocadas são públicas. Enquanto que a matéria, *La Universidad de Salamanca, entre las diez mejores de España*, expressa o posicionamento de uma universidade pública espanhola no ranking do Jornal *El Mundo*, a *Universidad de*

Salamanca, ressaltando e destacando que a instituição é a mais bem colocada nacionalmente perante outras universidades da Região de *Catilla y Leon*, como a *Universidad de León* (em trigésimo terceiro lugar), a *Universidad Pontificia de Salamanca* (em trigésimo quarto lugar) e a *Universidad de Valladolid* (em vigésimo sétimo lugar), (SALAMANCA 24 HORAS, 2011).

Os países da península Ibérica, Portugal e Espanha, apresentam muita diferença em termos de rankings nacionais. A Espanha, por si só, é diferente de todo o restante da comunidade ibero-americana, sem exceção. Isto porque a Espanha apresenta uma cultura de rankings em educação superior mais forte e consolidada, pela existência de rankings produzidos pela iniciativa privada, pelo poder público e pelas universidades, que vem demonstrando e tomando força na medida em que conta com ranqueamentos internacionais, regionais, bem como, com ranqueamentos nacionais.

2. CAPÍTULO II: O RANKING DO GUIA DO ESTUDANTE: TRAJETÓRIA, CARACTERIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO.

A publicação vinculada à Editora Abril e intitulada Guia do Estudante (GE) surgiu em 1984, há quase três décadas, inicialmente como um suplemento do Almanaque Abril²⁰ e, apenas posteriormente, ganha autonomia (GUIA DO ESTUDANTE, 2012), realizando no ano de 1986 uma lista com as melhores faculdades do Brasil, três anos depois de sua publicação inicial, sendo que, as informações do referido período foram “compartilhadas com a revista *Playboy*, então autora de um respeitado ranking” (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2005, p. 20).

Somente em 1988 surge a primeira avaliação do GE propriamente dita, na medida em que tal avaliação tratou de classificar, sem auxílio de informações originárias de outros ranqueamentos e, de modo mais sistemático, 4.025 cursos de educação superior baseando-se desde então nas atualmente tradicionais estrelas²¹, uma nova etapa para a publicação da Editora Abril, que passou então a avaliar e ranquear os cursos de graduação e, conseqüentemente, as instituições universitárias do Brasil (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2005, p. 20).

De 1988 até a última publicação, em 2013, muitas modificações foram se impondo diante de aspectos referentes à metodologia e à abrangência da Avaliação dos cursos de Educação Superior do GE, modificações estas que podem ser observadas mediante a elaboração de uma espécie de linha do tempo, destinada a apontar as principais alterações e conseqüências experimentadas ao longo de quase três décadas, conforme a análise de todas as edições da referida avaliação.

Isto porque a longa trajetória do GE testemunhou ao surgimento de rankings como o da Revista *Época* e, também ao fim de outras avaliações ou ranqueamentos, como o da revista *Playboy* e, também da própria *Época*. Em comum, as três publicações possuem uma origem editorial, não vinculada às políticas de Estado ou de Governo no

²⁰ Trata-se de uma enciclopédia publicada em um único volume anualmente pela Editora Abril ao longo de várias edições.

²¹ Observa-se que inicialmente a contagem avaliativa ia de uma à cinco estrelas passando, com o tempo, a restringir-se unicamente à três estrelas.

campo das avaliações da Educação Superior, rankings não oficiais, como expõem Ordorika e Gómez (2010).

A avaliação do GE também foi testemunha das diversas políticas públicas avaliativas que vigoraram na Educação Superior do país ao longo de sua vigorosa trajetória, tais como a emergência do Exame Nacional de Curso (ENC), no Governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC), e, do contemporâneo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), que engloba o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), e os mais recentes, o Índice Geral de Cursos (IGC) e Conceito Preliminar de Cursos (CPC), já no governo do também presidente Luis Inácio Lula da Silva (Lula).

Há neste panorama ainda mais um ingrediente: trata-se do fascínio que os rankings despertam na comunidade educacional, conforme especificam Barnard (2010) e Théry (2010), fascínio este observado empiricamente tanto em ingressantes da educação superior como em seus gestores. Isto, pois, não obstante a trajetória do GE tenha acompanhado e testemunhado as mudanças relativas à avaliação da educação superior no país, tanto em uma esfera pública quanto privada, o fascínio, a utilização em termos de gestão universitária, bem como, a pertinência publicitária/mercadológica dos resultados da avaliação do GE, guardadas as devidas proporções, podem ser percebidos nos conteúdos institucionais universitários localizados na internet e nas campanhas publicitárias.

Neste sentido, este segundo capítulo, se debruça especificamente em torno dos ranqueamentos desenvolvidos ao longo de quase três décadas pelo GE. Tendo como objetivo a reconstituição da trajetória histórica (linha do tempo) das classificações de cursos de graduação do GE é possível observar: (i) seu funcionamento e financiamento, bem como, (ii) sua metodologia, por meio de uma análise de suas diversas edições (de 1988 à 2013), que, todavia, permitem (iii) a composição de tendências predominantes ao longo de 25 anos de existência.

Para atingir os objetivos traçados em torno da reconstrução da trajetória histórica do Guia do Estudante visualizando, assim, suas tendências metodológicas referentes à avaliação anual de cursos da educação superior, realizou-se uma pesquisa documental e de natureza exploratória, tendo como fonte de análise vinte e duas edições dispostas em trinta publicações do GE da Editora Abril, correspondentes às edições referentes ao período de 1988 a 2013, todas elas, coletadas no acervo da própria editora.

A trajetória da publicação GE é marcada por grandes e pequenas mudanças metodológicas, todas muito funcionais, e, muitas outras minuciosas, ao longo de quase três décadas de existência. Trata-se de muita experiência acumulada em avaliar o desempenho da educação superior, que somente em meados da década de 90, é objetivada no âmbito das políticas públicas nacionais, por meio do ENC, no Governo FHC. As principais alterações que foram ocorrendo com o passar do tempo podem ser observadas nas diversas edições do GE produzidas e, que de uma forma ou de outra, acabam por manter padrões e distinções que podem servir à divisão por etapas ou fases no tocante à trajetória da referida publicação.

Assim, tal processo temporal ou histórico do GE encontra-se passível à divisão, para fins de melhor compreensão, em quatro grandes momentos ou etapas, que serão abordados neste capítulo: a- *Primeiros passos na classificação de cursos (1986 - 1990)*; b- *Da classificação de cursos ao ranking das IES (1991-2001)*; c- *Rumo à consolidação de múltiplos rankings (2002 - 2009)*; e d- *Aprimoramentos metodológicos e fortalecimento dos critérios avaliativos (2010 - 2013)*. Estas etapas foram definidas como tais por guardarem características semelhantes entre elas, elementos relativos ao processo editorial e temporal do GE, que, neste particular, foram então agrupados para melhor se compreender o desenrolar histórico, as variações metodológicas, as tendências e os impactos no cenário da educação superior.

2.1 Primeiros passos na classificação de cursos (1986 - 1990)

No ano de 1986 o GE publicou uma lista com as melhores faculdades do Brasil, três anos depois de sua criação, sendo ainda importante destacar que não possuía autonomia, na medida em que as informações que publicavam eram da Revista *Playboy*, que estipulava um ranking já bem tradicional junto aos leitores (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2005, p. 20). Trata-se da primeira iniciativa do GE no sentido de classificar (ou ranquear) universidades no país, ainda que apoiado em dados de terceiros.

Somente em 1988 surgiria a primeira avaliação do GE propriamente dita, na medida em que tal avaliação tratou de classificar, sem auxílio de informações de outros ranqueamentos, e, de modo mais sistemático, 4.025 cursos de educação superior baseando-se desde então nas atualmente tradicionais estrelas, uma nova etapa para a publicação da Editora Abril, que passou então a avaliar e ranquear as instituições

universitárias do Brasil (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2005, p. 20).

Os primeiros passos da avaliação do GE despontaram no ano de 1988 e, no que diz respeito ao processo inicial é possível observar esforços para destacar e consolidar a importância e a pertinência de uma classificação de cursos de graduação, que na ocasião era bastante diferente da formatação adotada pela última edição em 2013, por exemplo.

Na carta ao leitor-estudante, em 1988, observa-se o destaque dado pela equipe do GE à sua primeira avaliação de cursos de educação superior, ao ressaltarem o ineditismo de tal tarefa, bem como, que a referida avaliação se dá por estrelas em “cinco categorias: fraco, regular, bom, muito bom e excelente” (MAZZOLENIS, 1988). Trata-se de um importante dado já de início percebido: as classificações ou conceitos atribuídos aos cursos geravam um total de cinco estrelas, diferentemente, daquilo que se consolidou ao longo das futuras edições, no tocante a geração de apenas três estrelas. O GE ainda salientou, que:

Essa classificação é fruto de cinco anos de trabalho da equipe do *Guia do Estudante* – a única publicação especializada no estudante e na escolha profissional –, com o apoio de consultores especializados em todas as áreas do ensino nas diversas regiões do país. Assim, estamos certos de ir ao encontro de uma necessidade e de um direito dos nossos leitores – saber quais são as escolas que podem lhes oferecer o melhor (MAZZOLENIS, 1988).

Nesta primeira edição, como se não bastasse o anseio de classificar os melhores cursos de educação superior, é importante que se diga, à título de nota, que como o próprio GE relatou, “esse não foi o único desafio enfrentado pelo Guia do Estudante para esta edição”, na medida em que:

Outra pesquisa, também inédita, foi desenvolvida pela equipe e descobriu quais os profissionais mais requisitados através de anúncios de jornais pelo mercado de trabalho em sete capitais brasileiras – São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Porto Alegre e Curitiba – e em que áreas são mais frequentes (*sic*) as ofertas de estágios (MAZZOLENIS, 1988).

Ainda que não seja parte integrante deste capítulo analisar tal iniciativa de pesquisar os salários das distintas profissões, na medida em que o foco investigativo está em analisar a classificação de cursos da educação superior, por se tratar da primeira edição da avaliação do GE, não é demais ponderar e também ressaltar a presença de outras iniciativas classificatórias, como a que mede os salários, enquanto sinal indicativo de práticas de consolidação em direção a conquista da visibilidade e credibilidade dos

leitores e futuros estudantes, e, principalmente, o interesse em tornar as classificações próximas à elementos que despertam atenção e curiosidade.

Não obstante haja interesse em consolidar a classificação acadêmica, a classificação de cursos do GE em 1988 anuncia-se com um título nada encorajador: “Nosso ensino avaliado: há muito a melhorar”, destacando, que:

todos os cursos de graduação foram classificados pela equipe do Guia do Estudante e consultores especializados. Os conceitos “fracos” predominaram, dando um colorido sombrio ao horizonte dos estudantes brasileiros (GUIA DO ESTUDANTE CURSOS & PROFISSÕES, 1988, p. 8).

Em 1988 o GE avaliou 4.025 cursos universitários, resultado de um “trabalho inédito no Brasil” que “demandou cinco anos de pesquisas de uma equipe de dez pessoas, apoiadas por consultores especializados nas diversas áreas do ensino”, sendo certo que o GE “viajou pelo país, pesquisou faculdades, encontrou professores, alunos, profissionais já formados e empregadores – num total de 2.000 entrevistas –, e recolheu todas as informações sobre cursos e escolas”, que, em números gerais expressam, que, 47,3% dos cursos receberam o conceito “fraco”, 29,1% foram avaliados como “regular”, 17,9% como “bom”, 4,7% como “muito bom” e somente 1% foram avaliados com o conceito máximo, “excelente” (GUIA DO ESTUDANTE CURSOS & PROFISSÕES, 1988, p. 8).

Os critérios avaliativos pautaram-se na qualificação do corpo docente, seu regime de trabalho e qualificação, na qualidade dos recursos, seja infraestrutura ou recursos de cunho didáticos, nas atividades extracurriculares, na existência de programas de bolsas, estágios e também monitorias, “nos serviços de apoio ao estudante (alojamento, restaurante, atendimento médico etc.), no “grau de satisfação dos alunos de cada curso”, na existência e qualidade de cursos de pós-graduação” e, “na absorção dos formandos pelo mercado de trabalho” (GUIA DO ESTUDANTE CURSOS & PROFISSÕES, 1988, p. 9). Com base nestes critérios os cursos foram classificados e conceituados.

É importante salientar que a classificação elaborada pelo GE em 1988 destinava-se aos cursos de graduação e não às universidades como um todo e, sendo assim, conforme destacou a publicação, “a mesma universidade pode ter cursos classificados em diferentes categorias” (GUIA DO ESTUDANTE CURSOS & PROFISSÕES, 1988, p. 9). A supracitada edição destacou, em artigo de opinião, que a

qualidade da educação superior caiu com o aumento relativamente à oferta de cursos por parte das instituições privadas, destacando também as quinze melhores escolas do país, que se concentram na região Sul e Sudeste, especialmente em São Paulo, com a USP (1988, p. 9).

No ano de 1989 realizou-se a 2ª edição da classificação de cursos superiores do GE, novamente utilizando-se das “cinco categorias (de fraco a excelente) para todos os cursos de graduação do Brasil”, em virtude não somente da “grande repercussão na imprensa de vários estados (*sic*) do país”, mas sim, “pelas centenas de cartas que recebemos de professores e autoridades da área educacional” (GUIA DO ESTUDANTE CURSOS & PROFISSÕES, 1989, p. 9). Por mais uma vez foi realizada uma pesquisa referente “a quanto ganham desde estagiários até profissionais com dez anos de experiência em cada carreira”, analisando-se mais de 14.000 salários, razão pela qual a pesquisa de classificados de jornais, e seus 72.000 anúncios, foi aumentada, para ampliar a capacidade de “mostrar a oferta de emprego no ano de 1988” (LOPES, 1989).

Nesta edição de 1989 também foram classificados 4.332 cursos dos quais 42,8% receberam o conceito “fraco”, 32,8% o conceito “regular”, 18% conseguiram o conceito “bom”, 5,1% alcançaram o conceito “muito bom”, e, apenas 1,2% o conceito “excelente”, sendo certo, que pela primeira vez, 553 cursos “foram classificados na categoria SC (sem conceito), por não terem ainda turmas com um ano completo de formadas” (GUIA DO ESTUDANTE CURSOS & PROFISSÕES, 1989, p. 6). Nota-se um pequeno aumento relativamente ao percentual de cursos que atingiu o conceito máximo, de 1% na edição passada para 1,2%, assim como, uma diminuição relativa ao percentual de conceitos mínimos, que registrou queda acentuada de 47,3% na edição anterior para 42,8% nesta.

Os números mostram ainda um panorama pouco animador, se mantivermos como base os dados da edição passada, que não são muito diferentes desta. Entretanto, é pertinente dar visibilidade ao que o GE denominou como “reexame e reavaliação das estrelas”, neste sentido:

Para realizar esse trabalho, inédito no Brasil, uma equipe de repórteres especializados acumulou a experiência de seis anos de pesquisa na área da educação. E, a cada ano – apoiada por um corpo de consultores selecionados entre as comunidades acadêmica, científica e empresarial –, reexamina e reavalia cada uma das estrelas conferidas. Por isso há casos de cursos que em 1988 receberam maior ou menor número de estrelas do que em 1987(9) (GUIA DO ESTUDANTE CURSOS & PROFISSÕES, 1989, p. 6).

Nesta edição, por mais uma vez, os conceitos voltaram-se aos cursos e não estabeleciam conexão com as instituições universitárias, “assim uma mesma universidade pode ter, por exemplo, cursos com duas, três ou cinco estrelas”, não havendo média, somatória de cursos estrelados ou algo do gênero até então (1989, p. 6). As diferenças entre instituições foram consideradas, ainda que os critérios fossem os mesmos, e, desta forma, instituições públicas e privadas foram também consideradas de acordo com seus desempenhos específicos (GUIA DO ESTUDANTE CURSOS & PROFISSÕES, 1989, p. 6-8).

Os critérios avaliativos para 1989 envolviam as visitas “in loco” a cada uma das instituições avaliadas, critério utilizado apenas inicialmente (nas primeiras edições) tendo em vista que ao longo da trajetória avaliativa do GE, em edições subsequentes, optou-se pelo envio de questionários. Tais critérios, em 1989, foram: (a) capacitação dos professores da graduação; (b) o contrato de trabalho dos professores; (c) emparelhamento dos currículos com a proposta do curso; (d) estado dos recursos didáticos (laboratórios, bibliotecas etc.); (e) fomento à pesquisa e interação na graduação; (f) intercâmbio com centros culturais e de pesquisa, nacionais e estrangeiros, assim como com universidades; (g) serviços que prestem apoio aos estudantes, como bolsas de estudo, orientação profissional e também psicológica, apoio à prática de estágios, alojamento etc.; (h) cursos criados e qualificados pela CAPES e (i) vida cultural de qualidade, bem como social e esportiva nas áreas das instituições universitárias (GUIA DO ESTUDANTE CURSOS & PROFISSÕES, 1989, p. 8).

A relevância de critérios avaliativos como, por exemplo, aqueles ligados ao estímulo à pesquisa na graduação e também ao fomento de uma qualidade social, esportiva e cultural nas instituições universitárias, na edição de 1989, deve ser objeto de destaque por representar um conjunto de elementos diferenciadores, na medida em que ao longo das próximas edições será possível constatar sua retirada ou diminuição acentuada, bem como, o acréscimo de elementos/critérios voltados para a formação profissional e também para a colocação do estudante no mercado de trabalho, uma espécie de afastamento no que se refere ao projeto humanista de universidade. Entretanto, não é demais destacar a dificuldade de se realizar uma avaliação em larga escala relativamente a uma gama heterogênea de projetos e metas no campo sociocultural.

Laval (2004), ao tratar do afastamento do projeto humanista de universidade estabeleceu, que:

A ideologia liberal acompanha, reforça e legitima as diversas formas de desregulamentação, cuja característica geral consiste em deixar no espaço escolar um lugar crescente para os interesses particulares e para os financiamentos privados, quer sejam de empresas ou indivíduos. Apesar dos desmentidos oficiais, a modernização liberal da escola passa por uma extinção progressiva entre domínio público e interesses privados, o que na tradição administrativa francesa representa uma ruptura considerável (LAVAL, 2004, p. 109).

No mais, conforme ponderou Laval (2004, p. 113) a “mercantilização da educação” representa um tipo de “noção” que permite diversas interpretações e entendimentos e a visualização de dois tipos de fenômenos mercantis. O primeiro:

Consiste na estratégia das empresas que querem penetrar no domínio escolar, seja por razões publicitárias (mercado indireto), seja para a venda de produtos (mercado direto). À medida que as empresas vão, assim, encontrando cada vez mais facilidade para penetrar no mundo da escola, teremos que lidar com uma comercialização do espaço escolar (LAVAL, 2004, p. 113).

Todavia, o segundo tipo de fenômeno por ser simétrico ao primeiro:

Remete à transformação das escolas em empresas produtoras de mercadorias específicas. Será possível distinguir a mercantilização dos produtos educativos, quer dizer, a transformação em mercadorias dos suportes e conteúdos do ensino, e a colocação no mercado ou mercantilização da escola que favorece a expansão da concorrência entre estabelecimentos e a instauração da livre escolha escolar das famílias. Quando cada vez mais produtos educativos passam pelo mercado, quando as escolas têm tendência a se transformarem em empresas concorrentes, nos deparamos com uma comercialização da atividade educativa (LAVAL, 2004, p. 113).

A 3ª edição da avaliação do GE foi realizada no ano de 1989, guardando relação ao vestibular de 1990, paralelamente, a classificação de salários estipulada pelo GE, por mais um ano elaborada, novamente é mencionada apenas para reforçar o quadro de tendências classificatórias que a publicação aparentemente deseja consolidar, presentes na diversidade e na variedade de classificações propostas e mantidas pelo GE, uma voltada aos cursos e a outra voltada ao salário.

Esta 3ª edição, especificamente, contou com 4.639 cursos avaliados sendo que apenas 1,2% deles atingiu o conceito “excelente”, 5,1% o conceito “muito bom”, 17,8% o conceito “bom”, 33% o conceito “regular” e, finalmente, 42,9% o conceito “fraco”, ao passo que para esta edição de 1990, também foram incluídos novos conceitos, um relativo aos cursos “SC” (sem conceito) aqueles que as turmas não têm mais de um ano

de formação, e, um relativo à categoria “NA” (não avaliada) que engloba os cursos de tecnologia e de formação de professores, cursos que o GE não considera aptos para participarem da avaliação (GUIA DO ESTUDANTE, 1990, p. 7). No que se refere aos critérios avaliativos, cumpre informar que estes são rigorosamente os mesmos da edição de 1989, sem alteração ou inclusão alguma, no entanto, é possível observar que se reafirma a ideia de que a classificação elaborada pelo GE corresponde aos cursos e não se trata de uma somatória de estrelas por universidades, assim como também foi estabelecido em 1989 (GUIA DO ESTUDANTE, 1990).

Para a publicação da Editora Abril “desde que o GE publicou pela primeira vez, em 1988, sua avaliação dos cursos superiores, muita gente passou a prestar atenção à constelação do ensino brasileiro”, o que representa que os “alunos estão preocupados em escolher a melhor escola” e os “professores e diretores empenhados em aumentar o número de estrelas de seus cursos” (GUIA DO ESTUDANTE, 1990, p. 6). Outra declaração do GE confirma a ideia de que esta etapa é marcada pela questão do início de um forte prestígio que o GE passa adquirir no campo do ranqueamento da educação superior, na medida em que:

Se por um lado a avaliação do GE tornou-se até mesmo referência para acadêmicos e técnicos do MEC que há alguns anos discutem uma forma de implantar uma avaliação oficial do ensino, por outro lado é um trabalho essencialmente jornalístico. E por isso seus objetivos é (*sic*) informar o leitor – “uma tarefa tão apaixonante quanto árdua” –, na opinião unânime da equipe de redação. A cada ano, porém, as coisas ficam mais fáceis pelo aprimoramento de métodos, mas acima de tudo em razão do prestígio conquistado pela publicação (GUIA DO ESTUDANTE, 1990, p. 6).

O editor-assistente do GE, à época, Ronaldo Albanese, ainda destacou:

Antes ninguém dava muita atenção para a gente (*sic*). Quando chegávamos às escolas, o questionário – enviado com quinze dias de antecedência – não estava preenchido e muitas vezes tinham até perdido! Agora a situação é outra. Em minha última viagem, fui recebido numa cidade do Nordeste com recomendação do governador do estado (*sic*) (GUIA DO ESTUDANTE, 1990, p. 6).

Chama atenção nestas edições iniciais a questão da utilização de visitas “in loco”, posteriormente rechaçadas e evitadas, mediante a alegação de inviabilidade técnica, conforme será verificado, oportunamente. Durante a vigência da visitação “in loco” os repórteres do GE, segundo informou a publicação em 1990, eram “orientados a percorrer incógnitos as escolas e a “xeretar” em todas as portas abertas”, na medida em que viajavam para conversar com professores, gestores e alunos, conferindo as

instalações e infraestrutura de perto, sendo certo que tais repórteres foram “escalados em regime de rodízio” e, também, alteraram “seus roteiros a cada ano para conhecer todo o universo educacional brasileiro”, bem como “as diferenças entre as regiões”(GUIA DO ESTUDANTE, 1990, p. 6).

A ideia de um repórter do GE visitar as instituições acadêmicas é acompanhada de histórias que contam exemplos e narram as dificuldades e obstáculos enfrentados pela equipe no desenrolar do processo avaliativo. Neste particular, segundo a editora-assistente, Dirce Helena Salles:

Uma vez, no interior de São Paulo, os alunos e professores ficaram insatisfeitos com as estrelas recebidas e reclamaram, mandando um abaixo-assinado para a redação. No ano seguinte, fui escalada para visitar essa escola e, ao descer do táxi, havia uma enorme turma à minha espera. Estremeci. Só, que, felizmente, eles não estavam dispostos a brigar. Mas não deram folga enquanto não me mostraram todos os detalhes da faculdade (GUIA DO ESTUDANTE, 1990, p. 6).

Por sua vez, outro elemento também chama atenção nestas edições iniciais: trata-se da temática da pesquisa universitária, que tanto na edição de 1990 como nas edições de 1989 e 1988, ocupava lugar de destaque para o GE, fato observado tendo em vista a preocupação com a titulação dos docentes e com a relação entre graduação e pós-graduação (GUIA DO ESTUDANTE, 1990, p. 6). Ainda que possam ser destacados estes elementos de diferenciação pertinentes à etapa inicial, tais aspectos tão distintos dos atualmente explorados são frutos de um período de implantação da avaliação do GE.

Posteriormente ao processo de visitação dos repórteres do GE os dados coletados pessoalmente eram reunidos em um computador para que depois a equipe gerasse a avaliação anual, por meio do trabalho de consultores, “pessoas ligadas ao meio acadêmico, científico e ao mercado de trabalho, nas diversas áreas de conhecimento” (GUIA DO ESTUDANTE, 1990, p. 6). Em resumo, pode-se observar conforme informam os dados desta edição, que:

a avaliação dos cursos superiores do GE une, assim, métodos e critérios técnicos, com a observação e checagem dos fatos “in loco”, totalizando milhares de entrevistas com dirigentes, professores e – principalmente – estudantes (GUIA DO ESTUDANTE, 1990, p. 6).

2.2 Da classificação de cursos ao ranking das IESs (1991-2001)

De acordo com os dados coletados na edição avaliativa de 1991, com foco no vestibular de 1992, segundo se lê da carta ao leitor, tratou-se da primeira vez que se elaborou uma “avaliação exclusiva” contendo “os melhores cursos superiores do país e o *ranking* das universidades campeãs”, uma inovação em relação às edições passadas (GUIA DO ESTUDANTE, 1991). Em um universo de 4.697 cursos em funcionamento, 240 cursos se destacaram com o conceito “excelente”, ou, cinco estrelas, o que corresponde a 37 instituições universitárias de um total nacional de 762 na ocasião (GUIA DO ESTUDANTE, 1991/1992, p. 10). Neste sentido, o GE informou que, diante do quadro de dificuldades na educação superior, “não surpreende que o número de cursos com nível de excelência, que vinha aumentando gradualmente (eram 250 em 1990), segundo as últimas avaliações do GE, tenha baixado para os 240” (1991, p. 10).

O ranking das grandes universidades, elaborado na edição de 1991, é um grande diferencial da edição, mais especificamente, trata-se da primeira medida de emparelhamento das universidades brasileiras, efetivamente proposta pelo GE, ao estipular as quatorze (14) universidades que se destacam em “qualidade de ensino por concentração do maior número de melhores cursos”, somando pela primeira vez a quantidade de cursos estrelados e dando a instituição com maior número de cursos estrelados destaque e relevância (GUIA DO ESTUDANTE, 1991, p. 14), ainda que desde a 1ª edição da classificação de cursos em 1988 já fosse possível se estabelecer tal confrontação e comparação, mas não de modo tão evidente como na 4ª edição. Neste ponto, a edição de 1991 se diferencia das edições anteriores da classificação que se focavam nos cursos, em avaliá-los unicamente, e não na quantidade de cursos estrelados acumulados pelas instituições.

A edição elaborada em 1992, correspondente ao vestibular do ano de 1993, expôs dados do cenário educacional em nível superior, salientando que de um total de 16.000 cursos, unicamente foram avaliados 4.521 cursos de graduação, sendo certo que de acordo com o GE, apenas 21,8% dos cursos podem ser considerados “excelentes”, “muito bons” e “bons”, uma vez que a maioria, 53,2% dos cursos (o que equivale a 2.404 cursos) foram classificados com duas estrelas, ou seja, classificados com o conceito “regular” e com uma estrela, o que corresponde ao conceito “fraco” (GUIA DO ESTUDANTE, 1992). Os levantamentos de dados começaram em 1991, com 6.000 questionários enviados, que obtiveram 75% de retorno, o que equivale a 815 instituições

universitárias, para, então, serem cruzados os dados e analisados por meio do trabalho de uma equipe de trinta (30) jornalistas e pesquisadores que, finalmente, os submeteram a 500 consultores aproximadamente (GUIA DO ESTUDANTE, 1992). Neste particular:

O resultado desse trabalho é a avaliação do GE que, este ano, volta a classificar os cursos de *excelente* até *fraco*. Responsáveis por cerca de 1.100 cursos – 25% do total do país –, as escolas que não responderam ao GE foram incluídas na categoria dos *não avaliados* (N.A.). Normalmente entre os N.A. estão somente os cursos que não têm turma formada há mais de um ano ou os que não possuem condições técnicas mínimas de funcionamento. A falta de informações suficientes, contudo, inviabilizou a pesquisa das instituições que desconsideraram os questionários (GUIA DO ESTUDANTE, 1992, p. 11).

Convém destacar que a avaliação “in loco” não foi mencionada nesta 5ª edição da avaliação do GE. Entende-se que foi substituída pelo envio de questionários aos coordenadores de cursos. Finalmente, as classificações derivadas desta referida edição foram as seguintes: (a) distribuição dos cursos estrelados por região, sem que se mencionasse a instituição; (b) balanço do ensino universitário, percentual de cursos estrelados de acordo com os conceitos estipulados; (c) os 317 melhores cursos acadêmicos por área do conhecimento; (d) as campeão de excelência, com as 10 instituições universitárias com mais cursos com cinco e quatro estrelas; e as estreadas; (e) as melhores por proporção de cursos, com o total de cursos estrelados, o percentual e o número de cursos quatro e cinco estrelas; (f) as melhores faculdades e escolas isoladas, com o total de cursos e o percentual de cursos estrelado, também com quatro e cinco estrelas; (g) o mapa regional do tesouro, com os cursos com quatro e cinco estrelas por regiões do país e (h) o segmento universitário que mais tem estrelas (GUIA DO ESTUDANTE, 1992). O baixo número de bons cursos observados pela edição foi informado com destaque, ao tratar da classificação das quatorze campeãs de excelência, ressaltado, que:

dos 317 cursos universitários que receberam cinco e quatro estrelas na avaliação do GE, 243 estão em apenas quatorze universidades. Isso significa que 76,6% dos cursos excelentes e muito bons concentram-se em 1,7% do total das instituições de ensino superior do país (GUIA DO ESTUDANTE, 1992, p. 16).

Destaca-se, todavia, que a 4ª e a 5ª edições da avaliação do GE foram publicadas com data relativa a um determinado ano e correspondiam ao vestibular do próximo ano. Exemplo: publicação com data referente ao ano de 1991 e correspondente ao vestibular 1992 (4ª edição) e publicação referente ao ano de 1992 e correspondente ao vestibular 1993 (5ª edição). No entanto, não houve publicação de 1993, referente ao

vestibular de 1994. Isto porque o GE voltou ao esquema que vigorou de 1988 a 1990, com a edição de 1994 se referindo ao vestibular daquele mesmo ano.

Sendo assim, em 1994, ocorreu a 6ª edição da avaliação do GE. Segundo informou o GE, para compor esta edição do ranking relativamente aos melhores cursos foram enviados “6.000 questionários a todas as instituições de ensino superior hoje em funcionamento”, sendo que “as informações foram checadas e analisadas com a ajuda de mais de 300 consultores especialistas no ensino e na prática de profissões das mais variadas áreas do conhecimento” (CAMARGO, 1994). Esta 6ª edição contou com 341 cursos classificados como “excelentes” e “muito bons”, na medida em que dos 4.642 cursos em funcionamento apenas 1,8% dos cursos são “excelentes” e 5,5% são “muito bons”, e, no universo das faculdades, escolas isoladas e universidades, 714 unidades, abrigam 52 cursos estrelados, sendo que 34 são universidades federais, com 295 dos 341 melhores cursos nacionais (GUIA DO ESTUDANTE, 1994, p. 12).

A 6ª edição também permitiu constatações interessantes. A primeira delas destaca que “a maioria dos cursos considerados “excelentes” ou “muito bons” concentravam-se na área de Agrárias. Eram 145 no país, e 32 receberam cinco ou quatro estrelas, representando 22% do total”, já a segunda constatação interessante, destaca que a área Humana “é a que detém a constelação mais fraca: apenas 4,1% mereceram estrelas” (GUIA DO ESTUDANTE, 1994, p. 12).

O GE informou também que a 6ª edição se baseava em dados de anos anteriores, bem como, nos questionários que foram enviados às instituições universitárias, quase 6.000 em 1992, os quais continham informações sobre o corpo docente, a infraestrutura, etc. (1994, p. 15). Depois, ao serem devolvidos os questionários, estes foram submetidos a uma equipe de 300 consultores, sendo certo que também se buscou ouvir também “representantes de entidades de classe e de organizações governamentais e não governamentais das diferentes regiões do país” (1994, p. 15).

As classificações elaboradas nesta 6ª edição, os rankings propriamente ditos, foram distintas daquelas que despontaram em edições passadas e se referem a quatro tipos, quais sejam: (1) por áreas do conhecimento, medindo o total de cursos estrelados e o percentual destes dados; (2) por melhores universidades no tocante a quantidade de cursos estrelados; (3) a listagem dos melhores cursos do Brasil; e (4) os mais estrelados por natureza/dependência administrativa (GUIA DO ESTUDANTE, 1994). Observa-se

que mesmo após dois anos, o GE continuou publicando rankings de excelência das instituições universitárias, passando a elaborar desmembramentos dos mesmos.

Por sua vez, a 7ª edição da avaliação do GE teve de aguardar alguns anos para ser lançada ou publicada. Isto porque em 1995, 1996 e 1997 não houve a avaliação do GE, sendo que a 7ª edição apenas foi publicada em 1998, ocasião em que 300 profissionais foram entrevistados e 877 cursos receberam três, quatro e cinco estrelas (bom, muito bom, excelente, respectivamente) o que representa para a trajetória história do GE até aqui descrita, todavia, o “maior número de cursos considerados excelentes, muito bons e bons de sua história”, sendo que nesta edição eram contadas as estrelas apenas para os três melhores conceitos e não para cinco, como já havia sido feito pelo guia (GUIA ABRIL DO ESTUDANTE, 1998, p.19). Deste modo, o levantamento de dados das instituições universitárias se deu mediante aplicação de questionários, que analisam as instalações, o corpo docente (titulação e contratação), equipamentos etc. e, ao final, tais dados foram cruzados com os conceitos dos 300 consultores, bem como, com “os resultados das seis avaliações feitas desde 1988” (1998, p. 19).

O GE de 1998 também mencionou o ENC, ou “Provão”, emergente política pública do governo FHC, expondo os testes que vinham sendo aplicados desde 1996, bem como, a proposta de inclusão de mais cursos (além dos de Administração, Direito e Engenharia Civil) e, também, divulgando os resultados gerados por tal política pública de ranqueamento da educação superior (GUIA ABRIL DO ESTUDANTE, 1998, p. 24). Adverte-se que também em 1996 entrou em vigor a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) ocasionando forte impacto no cenário educacional nacional.

As classificações ou rankings desta 7ª edição foram as seguintes: (a) as 877 estrelas do ensino superior por área; (b) as onze (11) melhores universidades por percentual de cursos cinco, quatro e três estrelas; (c) as vinte melhores escolas isoladas por porcentagem de cursos estrelados e (d) as estrelas por dependência administrativa (GUIA ABRIL DO ESTUDANTE, 1998). Deste modo, são percebidas algumas mudanças em relação às classificações anteriores, mas, deve ser considerado um fato de notável relevância, a manutenção do ranking que posiciona as melhores instituições universitárias, desde a 4ª edição publicada em 1991 para o vestibular de 1992.

Em 1999 ocorreu a 8ª edição da avaliação do GE englobando 5.186 cursos, dos quais, 982 são bons cursos, variando de excelente a bom, cinco (5) a três estrelas, o que

equivale a um aumento de 12% em relação à edição anterior (GUIA ABRIL DO ESTUDANTE, 1999, p. 170). Segundo o GE:

Vários fatores levaram a esse crescimento. Um deles foi a inclusão dos cursos de matemática aplicada e de ciências aeronáuticas na avaliação. Outro, o esforço de muitas escolas em melhorar a qualidade de seu ensino e se enquadrar na Lei de Diretrizes e Bases. Um exemplo é a Universidade Estadual de Londrina, no Paraná. Desta vez, ela teve dezenove cursos estrelados contra sete no ano passado. Isso é resultado de sua reformulação de currículos, de investimento na titulação de seu corpo docente e da contratação de professores de comprovada competência (GUIA ABRIL DO ESTUDANTE, 1999, p. 170).

No universo dos critérios avaliativos, ou pré-requisitos para participação da avaliação da GE, a equipe do GE levantou informações a respeito das instituições universitárias, inclusive no MEC, e considerou os resultados de 1996 e 1997 do “Provão”, bem como, entrevistou 486 consultores, para que os dados fossem, então, cruzados em um banco de dados, que contemplava informações acerca do desempenho das instituições desde 1989 (GUIA ABRIL DO ESTUDANTE, 1999, p. 171). As classificações geradas são: (1) uma classificação dos 982 melhores cursos do país separados por área do conhecimento e (2) uma classificação das dez melhores universidades por proporção de cursos estrelados (GUIA ABRIL DO ESTUDANTE, 1999). Há, neste particular, uma supressão de outras classificações empregues na edição de 1998, como aquelas que expõem dados regionais, por exemplo.

No ano 2000 o Guia do Estudante publicava a 9ª edição de sua avaliação, em um único guia. O processo avaliou e estrelou 1.012 cursos do país, com cinco, quatro ou três estrelas, gerando dois tipos de rankings acadêmicos de atuação nacional: a) um ranking de excelência de universidades e b) um ranking de excelência das faculdades (Escolas Superiores) (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2000). Ambos ranqueamentos configuravam-se por meio da divisão estabelecida entre os tipos institucionais (particulares e públicos). Seguindo a tradição implantada na 4ª edição, os rankings de instituições eram resultantes da quantificação de estrelas recebidas por cada curso e, deste modo, serviam para classificar quais escolas superiores ou universidades reuniam maior número de cursos estrelados (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2000).

Nesta 9ª edição, a avaliação foi realizada por meio do envio de questionários às instituições de Educação Superior pedindo-se informações a respeito dos cursos

oferecidos, por meio de questionamentos que envolviam a jornada de trabalho e titulação dos professores, suas pesquisas científicas e publicações, bem como instalações físicas etc. (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2000). As respostas foram posteriormente inseridas em um banco de dados que armazenava e cruzava as informações para, então, compará-las às entrevistas de 600 professores universitários, doutores, pesquisadores e especialistas de cada profissão, enquanto que uma equipe de repórteres do GE checava as eventuais dúvidas e, por fim, montavam-se os quadros e se definiam as estrelas referentes a cada curso avaliado (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2000). É obviamente pertinente salientar que além dos ranqueamentos mencionados, a publicação GE também expunha, ao final e por área do conhecimento, os cursos estrelados segundo sua avaliação.

Em 2001 se deu a 10ª edição da avaliação do GE detentora de números cada vez mais expressivos. Isto porque foram avaliados 9.030 cursos em 2001 contra 5.000 cursos em 1990, dos quais 1.120 receberam estrelas contra 961 cursos estrelados em 1990, sendo que 187 cursos receberam cinco estrelas contra 56 cursos que receberam cinco estrelas em 1990 (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2001). Sem dúvida, os números são a expressão do crescimento da avaliação do GE.

A este quadro de crescimento em relação à quantidade de cursos avaliados, soma-se também a questão da expansão de cursos na educação superior privada no Brasil, com a consolidação de um processo de crescimento relativamente à quantidade de instituições universitárias deste segmento, um verdadeiro “boom” que, por sua vez, ocorreu propriamente na década de 90 e, consolidou-se no começo do século XXI no Brasil, processo que gerou a institucionalização do mercado de educação superior (CALDERÓN, 2000). Quando se observa as primeiras publicações do GE e a emergência da 1ª edição da classificação de cursos, em 1988, é possível se observar a quantidade de cursos avaliados e também o total de cursos do país, que, se comparado à dimensão numérica que os dados da avaliação do GE vêm expondo em sua 10ª edição, no limite, expressam o enorme aumento em relação à quantidade de instituições universitárias particulares que surgiram no país, principalmente na década de 90.

Assim, a publicação de 2001 trouxe aos leitores três ranqueamentos, ao invés de dois, como fez no ano anterior. Observa-se, neste sentido, que a quantidade de classificações foi se alterando de modo bastante aleatório até então, ao longo das edições avaliativo-classificatórias, sendo certo que houve manutenção importante

quanto ao ranking de instituições de excelência, o que vem ocorrendo desde a 4ª edição e, que, em edições passadas como a 1ª, a 2ª e a 3ª não era realizado. Portanto, nesta 10ª edição trata-se de (i) um ranking de excelência das universidades, (ii) um ranking de excelências das escolas superiores e, o mais recente, (iii) um ranking por regiões do país, com as mais estreladas de cada região, um tipo de classificação realizado por um curto período, na 5ª edição (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2001).

A política pública de avaliação da Educação Superior, ENC, também foi abordada pelo GE em 2001, na medida em que a publicação tratou de distinguir sua avaliação daquela realizada pelo Governo (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2001). Outro fato apontado pela publicação refere-se à opinião dos consultores/entrevistados que, se no anterior, eram unânimes em estabelecer os vínculos entre o ensino e a pesquisa na educação superior, passaram a dar ênfase à formação para o mercado de trabalho, o que refletiu na elaboração do questionário da avaliação do GE, e, portanto, na inserção de questionamentos, em 2001, relativos à adequação das instituições universitárias às necessidades do mercado (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2001). Neste sentido, a publicação GE, escreveu:

De alguns anos para cá, já se notava uma certa tendência a considerar também as boas faculdades que oferecem uma formação voltada para o mercado de trabalho. Neste ano, essa tendência se confirmou: a maioria considerou a preparação para o mercado um pressuposto de qualidade (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2001, p. 53).

Com estes ajustes que direcionam a avaliação do GE em direção a uma formação também voltada ao mercado de trabalho, 6 mil questionários foram enviados para os coordenadores de todas as instituições universitárias do Brasil pedindo informações acerca da qualificação docente (jornada de trabalho, número de professores com mestrado e doutorado, produção científica), do acesso às instalações (laboratórios, quantidade de obras e grau de informatização das bibliotecas, quantidade de recursos disponíveis aos alunos), da prática e de sua ligação com a teoria (envolvimento em projetos com empresas de estudantes/acadêmica, atendimento à comunidade), respostas estas, que depois são tabuladas e comparadas juntamente com as demais informações obtidas nas entrevistas que a equipe do GE fez com 600 professores, pesquisadores e especialistas em educação (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2001).

Ademais, outro elemento interessante relativo à Avaliação GE 2001 foi à entrada em cena e, portanto, a influência das avaliações oriundas de políticas públicas,

como o ENC, relativamente aos critérios avaliativos da publicação da Editora Abril, uma vez que no ano de 2001 foram consideradas as notas de 13 cursos, à altura já avaliados pelo ministério (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2001). Finalmente, as dúvidas pendentes ficavam disponíveis à equipe de repórteres do GE que tratavam de consultar novas fontes para depois, finalmente, se proceder com a montagem dos quadros que definem as estrelas.

2.3. Rumo à consolidação de múltiplos rankings (2002 - 2009)

A expansão dos rankings do GE chegou a tal magnitude que em 2002, ano da 11ª edição da avaliação GE, operou-se uma mudança na editoração da publicação que optou por divulgar a avaliação e os ranqueamentos em uma edição apartada, e específica, denominada Guia do Estudante – Melhores Universidades. Anteriormente, o destino de todos os dados e informações (rankings, conteúdo publicitário) eram e estavam configurados para apenas uma publicação, na qual todas as informações apareciam conjuntamente. Foi deste modo que em 2002, todavia, uma espécie de publicação suplementar complementava a principal com espaçamento próprio.

Neste sentido, a redatora-chefe à época, Carmen Nascimento, comentou que a publicação principal “agora chamada de Guia do Estudante Vestibular” (2002), nada mais é do que uma edição da coleção “Guia do Estudante”, assim como também é uma edição do GE a publicação em um caderno específico, intitulada de “As Melhores Universidades e Faculdades” (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2002).

Muito embora a edição suplementar das melhores universidades tenha sido mantida ao longo das próximas edições, as nomenclaturas destas edições apresentam pequenas mudanças como, por exemplo, a edição de 2004, denominada de “Guia do Estudante Melhores Cursos & Universidades” (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2004), enquanto que a edição principal ainda detinha junto ao nome a palavra “Vestibular”. Nos termos apresentados pela supracitada redatora-chefe a mais nova edição do GE:

mostra como são, por dentro, as vinte principais instituições de ensino superior do país, segundo a tradicional avaliação do Guia do Estudante. Dá detalhes dos recursos que elas oferecem aos alunos, conta um pouco da sua história, aponta algumas curiosidades e apresenta dados e fatos que ajudam a explicar por que essas escolas possuem vários dos melhores cursos de graduação do Brasil (NASCIMENTO, 2002).

O GE Vestibular 2002 contou com 1.091 cursos superiores estrelados, sendo que 193 deles receberam o conceito “excelente”, 435 o conceito “muito bom” e 463 o conceito “bom”, ou seja, um total de 134 instituições universitárias de 950 avaliadas (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2002).

A avaliação desenvolvida pelo GE estabeleceu-se por meio de consultores e para seu início, ocorria o preenchimento dos 9 mil questionários enviados aos coordenadores de todos os cursos de graduação, que, buscam informações a respeito da infraestrutura, dos equipamentos e materiais disponíveis aos alunos, do acervo das bibliotecas, da qualificação dos professores, assim como da produção científica (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2002). As respostas dos questionários foram integradas a um banco de dados responsável por reunir informações pertinentes de 943 instituições universitárias, que, então, serviam de suporte à equipe de repórteres do GE que entrevistaram 500 professores, pesquisadores e especialistas em educação (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2002).

É importante acrescentar que para esta avaliação também foram consideradas as notas do ENC para cada um dos 20 cursos até a ocasião avaliados pelo MEC, bem como, salientar que as dúvidas foram suprimidas com o auxílio de outros especialistas para que se pudesse, por fim, dar início ao processo de elaboração dos quadros definidores das estrelas (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2002).

Com os dados e conceitos coletados foram gerados, em 2002, três tipos de rankings, do mesmo modo que em 2001: (1) ranking de melhores universidades que corresponde as que receberam mais estrelas; (2) um ranking das melhores faculdades isoladas com mais estrelas; e, (3) um ranking das mais estreladas por região do país.

Na 12ª edição da avaliação do GE, em 2003, 1.096 cursos oferecidos por 137 faculdades receberam estrelas, um número equivalente a 8% do total de 13 mil cursos (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2003). Os números expostos são oriundos do processo avaliativo do GE, reflexo da aplicação de questionários, que por mais uma vez, foram enviados aos coordenadores de cursos do país, para que as respostas advindas deste instrumento fossem incluídas em um banco de dados, que, nesta edição de 2003, contou com 13 mil cursos de 1.132 instituições universitárias, e, sendo assim, tais dados foram comparados com as entrevistas realizadas pela equipe do GE, com

professores, pesquisadores e especialistas em educação (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2003).

Na avaliação também se deu atenção e se considerou, a exemplo da 11ª edição da Avaliação GE, às notas obtidas no ENC para os 20 cursos que o MEC havia avaliado até a ocasião, sendo que em caso de dúvidas ouviram-se outras fontes (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2003). Não é demais dizer que como pré-requisito para a participação da avaliação do GE adotou-se o critério de que seriam avaliados os cursos de bacharelado com turma formada há um ano, pelo menos, e, em caráter de exceção os cursos de licenciatura como Ciências Biológicas, Educação Física e Pedagogia (2003).

No ano de 2003 a edição suplementar “Guia do Estudante Melhores Universidades” foi publicada pela segunda vez expondo 31 instituições universitárias como as melhores do país, entre universidades e faculdades isoladas, dispostas em cinco ranqueamentos: (a) um ranking que reúne a maior porcentagem de cursos de universidades que receberam estrelas; (b) um ranking que reúne também maior porcentagem de faculdades isoladas que receberam estrelas; (c) um ranking das mais estreladas por tipo de instituição (particular, federal, estadual, municipal); dois regionais: (d) um que estipula as instituições com mais cursos estrelados por região e (e) outro que estipula, por regiões, os Estados com os melhores cursos (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2003).

Em sua 13ª edição, em 2004, a avaliação do GE estrelou 25% dos cursos avaliados, que corresponde a um total de 1.331 cursos estrelados, mais precisamente, 687 faculdades e universidades (GUIA DO ESTUDANTE, 2004, 2004a). Estes dados serviram para a elaboração de quatro rankings publicados na referida edição: (1) universidades com maior percentual de cursos estrelados (todos os segmentos universitários); (2) as absolutas, ou seja, universidades com maior número de cursos estrelados; (3) o mapa das estrelas, que corresponde à distribuição dos cursos nas regiões e, conseqüentemente, nos Estados do país e (4) o destaque das escolas/faculdades isoladas (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2004 e GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2004).

O processo da avaliação propriamente dito, como tem sido nas últimas edições, inicia-se com preenchimento dos pré-requisitos de pesquisa por parte das instituições universitárias para que estas possam participar da avaliação do GE. Os requisitos para que um curso fosse avaliado eram os seguintes: cursos de bacharelado, cursos não

considerados religiosos, e, em caráter de exceção, licenciaturas em Ciências Biológicas, Educação Física e Pedagogia, sendo que todos os cursos (licenciaturas excepcionais e os bacharelados) precisam ter de uma turma formada há mais de um ano para que possam ser avaliados (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2004).

Depois teve início o envio dos questionários aos coordenadores de cursos das instituições universitárias, aguardando-se as respostas, para que estas fossem inseridas em um banco de dados, como também vinha se fazendo em edições anteriores. A diferença sentida na metodologia desta edição está no número de consultores ouvidos, 1.700 este ano, o que representa um vigoroso aumento de consultoria relativamente à edição anterior, que contou com 500 homens tão somente, sendo certo que tais consultores são professores, pesquisadores e profissionais de diferentes áreas (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2004).

Com a consolidação da edição especial das melhores universidades, desde sua primeira edição e seus três rankings em 2002, até 2004, observou-se o surgimento e aumento no tocante a quantidade de rankings observados no GE, frutos de uma espécie de desmembramento oriundo da grande quantidade de dados e informações levantados pelas avaliações do GE, e assim, a cada edição, vão sendo acrescentadas variações de ranqueamentos, com novas propostas e utilidades, dando aproveitamento aos materiais de pesquisa e ao espaço editorial de uma edição apartada.

Em sua edição de 2005, o Guia do Estudante Melhores Universidades divulgou os resultados da 14ª edição da avaliação do GE. Os pré-requisitos para que um curso universitário pudesse participar da avaliação foram basicamente os mesmos de 2004, considerando-se aptos para participarem os cursos de bacharelado, as licenciaturas em ciências biológicas, educação física e pedagogia, todos com turmas formadas há mais de um ano, bem como, trazendo especificações a respeito da presença de algumas graduações específicas como medicina e engenharias, que tenham também turmas formadas há mais de um ano (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2005). Os cursos de tecnólogos e aqueles ligados à religião também não participaram da avaliação, bem como, foram desconsideradas diversas habilitações levando-se em conta apenas o nome geral como, o curso de Letras, por exemplo, e, assim, desconsiderando suas habilitações em tradução e/ou interpretação (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2005).

A avaliação propriamente dita se procedeu de acordo com seu desenvolvimento habitual segundo observa-se em edições anteriores, como 2003 e 2004, na medida em que se iniciou com o envio dos questionários aos coordenadores de todos os cursos, para que suas respostas fossem inseridas por mais uma vez em um banco de dados, e, depois, comparadas com as notas/critérios atribuídas por novamente, um expressivo número de consultores, 1.700 no total, todos, professores, cientistas, profissionais diversos e especialistas em educação (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2005).

Na 15ª edição da avaliação do GE, feita em 2005 e correspondente ao ano de 2006, importantes mudanças metodológicas foram tomadas, na medida em que pela primeira vez utilizaram os conhecimentos de uma assessoria técnica, especificamente à do Ibope Opinião, “para desenvolver a metodologia de pesquisa e o tratamento dos dados” (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2005). Outra grande inovação desta edição é a realização do I Prêmio Melhores Universidades - Guia do Estudante e Banco Real, que objetivou valorizar os cursos de excelência da educação superior no Brasil, elegendo 36 cursos, expostos em revista apartada.

Nesta edição outra grande mudança merece destaque. Ocorre que na 15ª edição se deixou de enviar os tradicionais formulários impressos (questionários) aos coordenadores dos cursos, sendo substituído por formulários on-line, os quais passaram a apresentar problemas:

os formulários on-line encaminhados para os cerca de 6 mil cursos participantes não eram respondidos pela maioria dos coordenadores e também havia grande quantidade de informações incorretas (GUIA DO ESTUDANTE, 2005 MELHORES UNIVERSIDADES, p. 20).

Outra mudança metodológica importante em relação à edição anterior, segundo informou o GE, “foi desconsiderar as avaliações oficiais do MEC, já que o Provão não é mais aplicado (vigorou até 2003) e o novo sistema ainda não está totalmente implementado” (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2005, p. 20).

Mais de 6 mil cursos, dos 20.250 cursos superiores no Brasil, atenderam aos critérios de avaliação nesta 15ª edição, que, especificamente, referem-se aos cursos de bacharelado e licenciaturas de pedagogia e educação física, com turmas formadas há mais de um ano, sendo certo que não existem informações a respeito da desconsideração das habilitações nesta edição, à exemplo do que fora exposto na 14ª edição da Avaliação

GE, no ano anterior (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2005, p. 20). A questão da avaliação “in loco” finalmente caiu por terra de modo oficial para o GE, sob a alegação formal de que a enorme quantidade de cursos avaliados tornou a visita “in loco” inviável, o que demandou naturalmente por soluções, e, sendo assim, possibilitou que fossem consideradas as opiniões e o conhecimento de “professores e coordenadores dos cursos estrelados da edição anterior e entidades profissionais”. (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2005, p. 20).

Assim, foram consideradas como fontes básicas para a avaliação desta edição: (1) consultores (professores e coordenadores) e (2) entidades profissionais (associações, órgãos de classe, conselhos e sindicatos). Os 973 consultores supramencionados foram entrevistados pela equipe do GE, via telefone, durante dois meses, os quais não podiam avaliar os cursos em que trabalham, muito embora avaliem os cursos de sua região (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2005). A outra fonte de pesquisa para a realização da avaliação pertinente às entidades profissionais constituía-se por 166 entidades e conselhos profissionais de diversas áreas, com a preocupação principal de observar se os cursos realmente preparavam os alunos para o mercado de trabalho (2005).

Ainda é importante observar a enorme expansão que avaliação do GE sofreu nesta edição contando com a elaboração de sete ranqueamentos: (1) um rankings das universidades com mais cursos estrelados; (2) um ranking das melhores faculdades isoladas; (3) um ranking das melhores instituições universitárias por região; (4) um ranking de absolutas, com as instituições universitárias com o maior número de cursos estrelados; (5) um ranking de distribuição dos melhores cursos nos Estados; (6) um ranking com as melhores instituições por Estado e (7) e o próprio ranking do oriundo do prêmio Melhores Universidades (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2005).

Também em 2006 ocorreu a 16ª edição da avaliação do GE, ocasião em que a publicação foi repetida para que o ano fosse acertado. Esta edição contou com 7.299 cursos avaliados dos quais 2.280 receberam estrelas, o que corresponde a 31,2% do total de cursos avaliados (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2006).

Os pré-requisitos da pesquisa avaliativa foram basicamente os mesmos de edições anteriores, na medida em que os cursos aptos à avaliação GE eram aqueles de bacharelados e algumas licenciaturas excepcionais como, por exemplo, os cursos de Pedagogia e Educação Física, todos, tanto os cursos de licenciatura como os de bacharelado, deveriam ter turmas formadas há mais de um ano.

A ausência de linearidade desde a 14ª edição da avaliação GE até a 15ª edição refere-se principalmente aos pré-requisitos para que as instituições universitárias possam ser avaliadas. Nessa última edição, resolveu-se desmembrar cursos que antes eram avaliados dentro da carreira de Administração, como os cursos de Administração Pública, Agronegócios, Comércio Exterior e outros, assim como diversas carreiras, a exemplo da Hotelaria, que sofreram desmembramentos passando a serem considerados alvos da avaliação do GE e, portanto, a serem avaliados isoladamente, à exemplo do curso de Gastronomia (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2006).

Não obstante, a 16ª edição tratou de expor o que considerou como sendo parte de um rol de mudanças metodológicas com relação à edição anterior, dando ênfase à “consolidação de muitos métodos estabelecidos no ano anterior” e, destacando ainda a emergência de “algumas novidades” (GUIA DO ESTUDANTE, 2006, p. 19; MELHORES, 2006a). No embalo das modificações metodológicas também recebeu bom destaque a aplicação/envio de questionários às instituições universitárias e o consequente retorno dos mesmos, bem como, da avaliação *online* simbolizando, por certo, uma tentativa de fortalecimento metodológico, que se concretizou por meio de uma enquete realizada pelo GE em novembro de 2005, entre os coordenadores de curso superior do país, para “conhecer a opinião deles em relação aos critérios utilizados na avaliação e a forma como ela é processada” (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2006, p. 19).

Neste sentido:

Com os questionários preenchidos pelos coordenadores, foi possível obter informações mais relevantes sobre os cursos – qualificação do corpo docente, instalações físicas e dados sobre a maneira como a escola atua para inserir seus alunos no mercado de trabalho – e disponibilizá-las aos consultores. Já a avaliação on-line tornou todo o processo mais ágil, uma vez que os consultores receberam por e-mail uma relação dos cursos a serem avaliados (podendo, inclusive, consultar as informações contidas no questionário) e também enviaram seus conceitos via internet ou por telefone (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2006, p. 19).

Quanto à consideração das avaliações oriundas de políticas públicas orientadas pelo MEC, especificamente às compreendidas no governo do presidente Lula, também foram tecidas algumas considerações interessantes, ora apartadas para melhor visualização e destaque:

Algumas sugestões, no entanto, se mostraram inviáveis. Não foi possível, por exemplo, considerar as avaliações do MEC, pois o sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), que pretende unificar as avaliações oficiais, encontra-se em fase de implementação e o resultado só deve ser divulgado em meados de 2007, de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Já o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), que substitui o antigo Provão, ainda não foi aplicado a todos os cursos (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2006, p. 19).

Outros pontos levantados pelos coordenadores “sugeriram que a equipe do GE fizesse visitas in loco”, prática já aplicada no passado pelo próprio GE, mas segundo a publicação da Editora Abril destacou, tal sugestão é “impraticável, tendo em vista que são mais de 7 mil cursos a serem avaliados nas cinco regiões do país” (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2006, p. 19). Ainda especificou o GE que nesta edição não houve a participação das entidades e conselhos profissionais, posto que:

o peso delas já havia sido minimizado no ano passado, pois muitas delas se mostravam desatualizadas em relação à realidade acadêmica, o que podia gerar inconstância nas avaliações do grupo como um todo (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2006, p. 19).

Uma vez que as mudanças foram todas especificadas cumpre ressaltar que a 16ª edição da avaliação do GE respeitou quatro fases avaliativas distintas, posteriores ao cumprimento dos pré-requisitos, quais sejam: (1) o retorno dos questionários, que por mais uma vez passaram a ser enviados aos coordenadores de cursos; (2) elaboração dos critérios por parte dos consultores, critérios baseados também no questionário, sendo que a avaliação dos consultores deu-se por meio da internet e de entrevistas via telefone; (3) posteriormente as informações foram todas encaminhadas ao Ibope Opinião, “que aplicou o sistema de pontuação”, bem como, definiu “a classificação dos cursos com base na opinião dos consultados e, por último, (4) os resultados foram “auditados pela *PricewaterhouseCoopers* (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2006, p. 19).

A 17ª edição da avaliação do GE, em 2007, atribui estrelas a 2.873 cursos dos 8.223 avaliados (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2007, pp. 12-13), sendo certo que para serem avaliados os cursos precisaram atender aos pré-requisitos, e, nesta edição, “dos 21.367 cursos oferecidos no país, 8.223 enquadraram-se nos critérios da avaliação”, que se referem aos cursos de bacharelado, salvo duas exceções, os cursos de Pedagogia e Educação Física, com turma formada há mais de um ano (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2007, p. 20).

O processo avaliativo mesmo iniciou-se com o envio dos questionários aos coordenadores, por e-mail, com preenchimento também eletrônico, trazendo informações acerca do curso, titulação dos docentes e produção científica, para então serem “disponibilizados aos pareceristas para auxiliá-los no processo de avaliação” (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2007. p. 21). A seleção dos pareceristas do GE, “professores, coordenadores de cursos e avaliadores do MEC”, deu preferência aos pareceristas com cadastro na “Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)” e no “Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (BASis), conforme Portaria MEC n. 1.751, de 27/10/2006” (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2007, p. 21).

A avaliação realizada pelos consultores ocorreu no período entre maio e julho de 2007 com “a distribuição dos cursos aos pareceristas de cada área” por meio eletrônico e aleatório, sendo que cada consultor recebeu cursos que se encontram dentro da região em que trabalha/leciona, estando impossibilitados de avaliarem os próprios cursos, enquanto que “a maior parte da avaliação foi feita via internet” e apenas algumas entrevistas foram de fato efetivadas com o auxílio do telefone (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES 2007, p. 21). O trabalho específico de cada consultor se desenvolveu a partir da classificação dos cursos que receberam estrelas “conforme os conceitos excelente (cinco estrelas), muito bom (quatro estrelas), bom (três estrelas), regular, ruim e “prefiro não opinar”, com base no questionário preenchido pelos coordenadores e em seu notório saber” (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2007, p. 21).

Com os conceitos de cada curso a próxima etapa ficou a cargo do Ibope Inteligência, “responsável pela consultoria técnica na coleta, sistematização e análise dos dados”, sendo certo que:

as estrelas que cada curso recebeu foram resultado de um sistema de pontuação que considerou a opinião dos consultores e, pela primeira vez, um bônus relativo às avaliações de anos anteriores – as próprias estrelas recebidas pelo curso nas quatro últimas edições do GE (2003, 2004, 2005 e 2006). Como resultado final, cada curso avaliado recebeu um conceito, mas somente são divulgados aqueles que receberam três, quatro ou cinco estrelas. Após o final do processo, o resultado da avaliação foi verificado pela PricewaterhouseCoopers (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2007, p. 21).

No mais, a 17ª edição também expôs o regulamento do II Prêmio Melhores Universidades Guia do Estudante e Banco Real 2006 que, na ocasião, iria conceder o prêmio às melhores instituições universitárias do país nas categorias: *As melhores universidades do Brasil, Destaque regional, Empregabilidade/Inserção no mercado e Inovação e sustentabilidade* (GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR, 2007, p. 50).

Quanto aos rankings produzidos pelo GE em 2007, muitas inovações. A primeira delas está na divisão estabelecida entre instituições universitárias públicas e privadas, universidades, faculdades, escolas e institutos superiores e centros universitários. Para o segmento particular foram elaborados os rankings: (a) *instituição universitária com o maior porcentual de cursos estrelados*; (b) *instituições universitárias com maior porcentual de cursos cinco estrelas* e (c) *instituições universitárias por média de estrelas*. Enquanto que para o segmento público elaboraram-se os mesmos três rankings relativos ao segmento particular. Finalmente, dois rankings (um para o segmento privado e outro para o público) também foram elaborados representando total de estrelas que cada instituição recebeu. Há ainda o ranking relativo aos centros de excelências, que traz os melhores segundo a organização acadêmica, no tocante aos centros universitários e faculdades e escolas superiores. E, finalmente, o já tradicional ranking regional, que expõe as instituições universitárias com maior número de estrelas em cada região e Estado (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2007).

Em 2008, ocasião da 18ª edição da avaliação, mudanças metodológicas e editoriais importantes passaram a ser registradas no GE, muito embora tais alterações (que representam uma maior preocupação com os critérios avaliativos) venham a se intensificar a partir das edições correspondentes a 2009, 2010 até a última e vigente, em 2013. Por esta razão optou-se por manter a divisão temporal (por etapas) até o ano de 2009, ao invés de ir somente até o período de 2007. Isto porque mesmo tendo sido no ano de 2008 que ocorreu o início do processo de fortalecimento metodológico do GE, a

publicação apartada correspondente à Edição Melhores Universidades, continuou vigente até 2009, e sendo assim, apenas em 2010 a publicação GE retornou ao seu formato original, publicada em um único guia.

Por estas razões, a terceira etapa da linha do tempo do GE deve corresponder ao período temporal relativo ao ano de 2002 a 2009 e, portanto, deve também manter-se dentro da divisão intitulada: *Rumo à consolidação de múltiplos rankings (2002 – 2009)*. De 2010 em diante, por conseguinte, dá-se início a divisão pertinente à quarta etapa da linha do tempo do GE intitulada, *Aprimoramentos metodológicos e fortalecimento dos critérios avaliativos*, que se estende até a última publicação em 2013²².

Em resumo, a 18ª edição da avaliação do GE, avaliou 9.053 cursos de 1.263 instituições universitárias atribuindo estrelas aos 3.204 cursos estrelados, por meio do trabalho de 1.950 pareceristas (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2008, p. 15). Esta edição também traz um roteiro, por etapas, do processo avaliativo do GE, do envio dos questionários à verificação dos resultados pela *PricewaterhouseCooper*. Também se observa a partir desta edição, em 2008, o fortalecimento das explicações metodológicas relativas ao processo de avaliação, por conta de mudanças editoriais e da entrada em cena de um maior rigor avaliativo, acompanhado de mais informações destinadas ao público-leitor, a respeito do método adotado pela publicação, e, ainda, especifica de modo mais detalhado a função/papel do Ibope Inteligência, trazendo a fala de pessoas ligadas ao instituto, não deixando também de citar especialistas e grandes rankings acadêmicos internacionais, como o ranking THE, trabalhado no capítulo anterior e, rankings acadêmicos nacionais de mais dois países, um oriundo de uma revista estadunidense, outro de um jornal inglês. (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2008, p. 14).

Nota-se uma mudança editorial, que também vinha se apresentando de modo processual, porém não tão acentuada, como na oportunidade desta edição, que, no entanto, apresenta maiores elementos metodológicos, bem como traz informações acerca dos parceiros, como o Ibope, e também das próprias políticas públicas em avaliação da educação superior. O ano de 2008 é, portanto, um marco nos processos

²² Cumpre destacar que a publicação do GE referente ao ano de 2013 representa o último ano que recebeu análise nesta pesquisa, no entanto, isto não significa que a quarta e última etapa se encerra aí, no ano de 2013, posto que o GE continua sendo publicado e ainda não se pode fechar este ciclo ou fase.

metodológicos do GE²³. Desde então é possível observar uma preocupação com a qualidade das informações coletadas, que se refere também a uma tentativa de publicitar os métodos avaliativos, que se mantem e se estende ao longo das edições seguintes, e, por isso mesmo, será mais desenvolvida no próximo tópico, ocasião em que em que os aprimoramentos metodológicos bem como o fortalecimento dos critérios avaliativos são postos em destaque.

Como resultado destas inovações e do reforço metodológico desta edição merece destaque o quadro passo a passo que explica a avaliação do GE, com o apoio de um elemento interessante, a duração de cada fase, dando assim ao leitor a capacidade de imaginar o processo avaliativo por etapas, ao longo de um período do ano, que, ao final, fornece o resultado e as “melhores universidades”. O processo de avaliação iniciou-se em 2008 pela atualização das instituições universitárias, que preencheram um questionário eletrônico com dados gerais e dados a respeito dos cursos disponíveis (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2008).

Ainda que o ano de 2008 seja considerado um marco, representante de uma edição preocupada com a exposição da opinião técnica dos parceiros da avaliação, e, com claros recursos editoriais focados em facilitar a visualização metodológica, a proposta de apresentar a avaliação de modo passo-a-passo deixou escapar informações a respeito dos pré-requisitos para participação da avaliação como, por exemplo, ser curso de bacharelado e as exceções em termos de licenciatura, como vinha sendo feito em edições anteriores, mencionando todo este conjunto de informações de modo breve e discreto, apenas legível dentro de uma leitura histórica do GE, um modo deveras implícito para abordar a questão. Nestes termos:

O GE entra em contato com cada uma das 1.907 instituições de ensino superior do país. Por meio do preenchimento de um questionário eletrônico, as escolas informam seus dados gerais e os cursos que vão oferecer no próximo vestibular, bem como a titulação e o ano de conclusão da primeira turma (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2008, p. 15).

²³Assim, ainda que o ano de 2008 seja um marco metodológico para o GE, optou-se conforme já exposto, por manter a 18ª edição da avaliação do GE de 2008 como integrante desta etapa e tópico, referente à emergência e consolidação de uma edição especial das melhores universidades, posto que a supramencionada edição deixou de existir somente em 2010, tendo publicado sua última edição em 2009. Por esta razão, ou seja, por haver necessidade de acompanhar a edição apartada destinada as melhores universidades até sua última publicação, a terceira etapa do processo temporal ou histórico do GE foi considerada até o ano de 2009.

No passo seguinte, o de número dois, as palavras utilizadas pelo GE continuam genéricas no tocante ao atendimento dos pré-requisitos para participação da avaliação, na medida em que somente se destaca que “a partir das informações coletadas é feita a seleção dos cursos que atendem aos critérios para participar da avaliação” (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2008, p. 15).

Após a seleção dos cursos das instituições universitárias avaliadas foram enviados questionários, via e-mail, respondidos eletronicamente ou por telefone, sendo certo que a edição de 2008 trouxe maiores informações ao salientar, que:

os dados informados nesse questionário não são pontuados pelo GE para efeito de avaliação. Eles são disponibilizados aos pareceristas exclusivamente para auxiliá-los no processo de avaliação (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2008, p. 15).

Para Isabela Goulart, coordenadora de informações do GE, conforme salientado na edição de 2008, “apesar de não fazer parte da nota, o fato de informar ou não os dados do curso influi muito na opinião dos pareceristas”, destacando, que, “os cursos cujos coordenadores não preencheram o formulário podem ser prejudicados”, mas, no entanto, 50% dos cursos respondem os questionários, “um índice alto se considerarmos que se trata de respostas voluntárias” (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2008, p. 15).

Os pareceristas/consultores são atualizados posteriormente à identificação dos cursos avaliados, priorizando-se aqueles que possuem currículo na Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e tecnológico (CNPq) e os que constam no Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (BASis) (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2008, p. 15). A distribuição dos cursos se deu eletronicamente e de modo aleatório, sendo que cada consultor estava destinado aos cursos de sua região, e, deste modo, segundo Silvia (na publicação não constava o sobrenome), do Ibope, pode significar a criação de um:

viés regional caso os consultores de uma região sejam sistematicamente mais positivos – ou negativos – em suas avaliações do que a média geral. Mas, como em qualquer pesquisa de opinião, devemos levar em conta a cultura e os padrões de cada localidade (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2008, p. 15).

Cabe destacar que os consultores estão impedidos de avaliar o curso em que dão aulas e, ainda, que cerca de 90% da avaliação se desenvolve na internet, após um contato inicial por meio de telefone. Neste sentido:

cada consultor classificou os cursos que recebeu conforme os conceitos excelente (cinco estrelas), muito bom (quatro estrelas), bom (três estrelas), regular, ruim e “prefiro não opinar”, com base no questionário preenchido pelos coordenadores e em seu notório saber (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2008, p. 15).

Finalmente, os conceitos são encaminhados ao Ibope Inteligência, “responsável pela consultoria técnica na coleta, sistematização e análise de dados” e o resultado da avaliação é verificado por auditores da *PricewaterhouseCooper* (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2008, p.15). Quanto à atribuição das estrelas, propriamente ditas, observa-se que “as estrelas que cada curso recebeu são resultados da média das notas dadas pelos pareceristas”, na medida em que, segundo Silvia do GE, “o número de estrelas corresponde a faixas bastante largas de notas, e essas faixas são determinadas pela distribuição geral das notas médias dos cursos” (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2008, p. 15).

Quanto aos rankings gerados pela edição do GE em 2008, encontram-se os seguintes exemplos: (1) um ranking de *universidades públicas mais estreladas*; (2) um ranking de *universidades particulares mais estreladas*; (3) um ranking com os *centros de excelência mais estrelados* (4) um ranking, *por região*, com as *instituições universitárias mais estreladas* (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2008).

Em 2009, a 19ª edição da avaliação do GE publicada no suplemento “Melhores Universidades” avaliou, ao seu turno, 9.371 cursos dos quais, 3.551, receberam estrelas segundo avaliaram 2.010 pareceristas, sendo que estes cursos estrelados encontram-se distribuídos por 1.332 instituições universitárias avaliadas, em um universo de 1.991 instituições universitárias existentes, à época, no Brasil (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2009, p. 29-30). Se em 2008 a edição Guia do Estudante Melhores Universidades exibiu um visível aumento referente à preocupação em tornar claro as etapas avaliativas, a presente edição (referente a 2009) não é diferente, apresentando também o procedimento avaliativo descrito em etapas, passo-a-passo, de maneira dinâmica, com balões e flechas, ao passo que também expõe a duração de cada etapa e, apresenta uma inovação, o acréscimo de prováveis dúvidas

metodológicas, prontamente respondidas (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2009, p. 28).

No tocante à atualização dos dados referentes às instituições universitárias para esta foram enviados questionários eletrônicos a cada uma das 1.991 instituições universitárias do Brasil, ocasião em que os pré-requisitos de pesquisa foram observados, na medida em que se destinam a informar quais cursos que as instituições universitárias oferecem a titulação das turmas e seu ano de conclusão (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2009, p. 20).

Nesta edição, a manutenção do empenho em prol de esclarecimentos metodológicos, também se atentou a questão dos pré-requisitos para participação da avaliação do GE, não muito especificada na edição anterior, ao evitar o texto implícito de 2008, dando visibilidade, em local específico, para os critérios: (1) cursos de bacharelado; (2) licenciaturas como Pedagogia e Educação Física; (3) cursos com bacharelado e licenciatura simultâneos; (4) titulação específica da profissão e (5) formação de psicólogo (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2009, p. 20). Sendo certo que tais cursos devem ter: (a) turma formada há pelo menos um ano; (b) serem presenciais e (c) terem turmas em andamento (2009, p. 20).

A quantidade de informações a respeito dos pré-requisitos é nítida e seu retorno também representa uma preocupação com o processo de delimitação dos sujeitos da pesquisa. Ao seu turno, o quadro referente aos pré-requisitos é oriundo de uma inovação desta edição, as perguntas acerca dos passos, que ao serem levantadas conforme a desvelar das etapas vão sendo respondidas e cumprindo a função de esclarecer e trazer informações mais específicas. Por exemplo, uma destas perguntas foi a seguinte: “Todos os cursos superiores do país são avaliados?”. E a resposta logo abaixo dizia: “Não. Para participar do GE é preciso que o curso atenda a quatro pré-requisitos (veja *Os Critérios* na página ao lado)” (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2009, p. 29).

Uma vez identificados os cursos avaliados foram enviados questionários eletrônicos, com informações específicas sobre o curso, uma vez que os pareceristas baseiam-se nos dados oriundos destes questionários, e, que, se um curso não o responde, sua avaliação pode ser prejudicada, e, ainda que os questionários não contem pontos para a avaliação são, todavia, ferramentas “disponibilizadas aos pareceristas exclusivamente para auxiliá-los no processo de avaliação” (GUIA DO ESTUDANTE

MELHORES UNIVERSIDADES, 2009, p. 29). Outra etapa é referente à atualização do corpo de pareceristas e a própria seleção dos mesmos, que são:

basicamente professores, coordenadores de curso e avaliadores do MEC (que constam do Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – BASIs). São priorizados aqueles que possuem currículo cadastrado na Plataforma Lattes do CNPq (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2009, p. 29).

Também foram destacados pontos importantes a respeito dos impedimentos aos quais os consultores estão submetidos, como o de não avaliar a instituição universitária que trabalham, assim como, a questão da distribuição dos cursos que se dá de modo eletrônico, segundo o auxílio de um banco de dados, que opera aleatoriamente, distribuindo os cursos por região de atuação/magistério, para cada consultor (geralmente são 35 cursos por consultor) (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2009, p. 29). Deste modo, munidos de uma senha, os pareceristas preenchem um formulário de avaliação destinado a classificar os cursos segundo os conceitos “excelente (cinco estrelas), muito bom (quatro estrelas), bom (três estrelas), regular, ruim e prefiro não opinar”, na medida em que o trabalho do GE refere-se a coordenação “de todo o processo de avaliação” que é desenvolvido por pareceristas, uma verdadeira pesquisa de opinião, que, no entanto, segundo informou o GE, trata-se de uma pesquisa de opinião “feita com especialistas no assunto” (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2009, p. 30).

Para o GE:

não há ninguém melhor do que os próprios membros da comunidade acadêmica para avaliar os cursos. Esse método, conhecido como avaliação por pares, é também adotado por várias publicações estrangeiras na elaboração de seus rankings, como a revista *US News & World Reporte* os jornais *El Mundo* e *The Times* (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2009, p. 30).

Com os conceitos dos cursos reunidos o Ibope Inteligência prestou sua consultoria técnica, responsabilizando-se “pela consultoria técnica na coleta, sistematização e análise de dados” e, do mesmo modo, a *PricewaterhouseCooper* verificou os resultados ao fim do processo de avaliação, sendo que as estrelas recebidas são derivadas, portanto, dos conceitos recebidos, que, todavia, “resultam da média de notas dadas pelos pareceristas” (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2009, p.30). É certo também que “os cursos que foram estrelados

nas últimas cinco avaliações GE (2004, 2005, 2006, 2007 e 2008) também tiveram uma bonificação relativa ao conceito que obtiveram nesses anos” (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2009, p. 30). No mais, todos os cursos que passaram pela avaliação do GE receberam um conceito, mas, segundo ponderou o GE, “somente são publicados neste guia aqueles que conquistaram três, quatro ou cinco estrelas” (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2009, p. 30).

As bonificações que o GE se utiliza correspondem a certos critérios que pretendem atribuir bônus, tendo em vista a regularidade de cursos estrelados nas últimas cinco edições da avaliação, elemento que objetiva balizar e, assim, corrigir possíveis alterações que se reflitam em resultados acentuadamente irregulares, sendo certo, no entanto, que pouco o GE se dedica à explicação deste componente metodológico.

Outra ressalva interessante encontrada nesta edição destaca que os cursos que não receberam estrelas são, de fato, ruins, ainda que exista “a possibilidade de cursos mais novos ou que só investiram em melhorias recentemente, ainda não terem consolidado uma boa imagem no meio acadêmico, o que pode influir na opinião dos pareceristas” (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2009, p. 30).

O ano de 2009 foi também o ano do, *V Prêmio Melhores Universidades Guia do Estudante e Banco Real Grupo Santander*, que segundo informou o próprio GE, completou “cinco anos, com objetivo de identificar e valorizar a excelência do ensino superior brasileiro”, uma vez que já entregou 107 troféus para 40 instituições em 15 categorias (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2009, p. 16). No mais, conforme o próprio GE salientou, “em 2009, a premiação foi organizada em duas categorias, num total de 18 prêmios” (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2009, p. 16). As categorias mencionadas são: (1) *Universidade do ano* (um para as públicas e outro para as privadas); e (2) *melhores universidades por área do conhecimento* (um ranking para as públicas e outro para as privadas). Deste modo:

As escolas que concorreram à premiação foram aquelas que tiveram pelo menos um curso considerado bom (três estrelas), muito bom (quatro estrelas) ou excelente (cinco estrelas) na avaliação do GE (...). Todo o processo contou com a consultoria técnica do Ibope Inteligência e a verificação dos dados realizada pela PricewaterhouseCoopers (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2009, p. 16).

Na categoria “universidade do ano”, 116 carreiras foram avaliadas e divididas em dois grupos: instituições universitárias públicas e privadas, sendo que a cada um destes grupos aplicou-se uma “fórmula, que combina indicadores de qualidade (A) e de quantidade (B) de cursos estrelados” (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2009, p. 18). Tal fórmula foi composta da seguinte maneira: “A” igual ao total de estrelas dividido pelos cursos avaliados, e, o resultado, dividido por 5. O valor obtido foi multiplicado por 100 para obter-se a “média de estrelas dos cursos de determinada escola, ou seja, indica a qualidade média dos cursos” (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2009, p. 18). Para se obter o valor de “B” dividiu-se os cursos estrelados pelo número de cursos estrelados da instituição universitária com mais cursos estrelados, e, o resultado multiplicou-se por 100, isto para se compreender o quanto cada instituição universitária se aproxima da instituição mais estrelada da categoria, ou seja, aquela “que possui o maior número de cursos estrelados” (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2009, p. 18).

Encontrando-se os valores correspondentes a qualidade (A) e quantidade (B) aplicou-se a fórmula:

$$\frac{(A \times 1,2) + B}{2}$$

2

Quanto à categoria relativa às melhores por área do conhecimento, todavia, foram eleitas vencedoras as instituições universitárias “cujos cursos tiveram melhor desempenho na avaliação, na área considerada”, na medida em que “foram desconsideradas as instituições que não tiveram pelo menos um curso estrelado (3, 4 e 5 estrelas) na área em questão”, sendo certo que “no caso de a escola estar presente em mais de uma cidade, foi considerado apenas o município que obteve a maior soma de estrelas (total de estrelas), desclassificando-se os demais” (GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES, 2009, p. 22). A fórmula aplicada considerou “A” como elemento qualitativo e “B” como elemento quantitativo (2009, p. 22). Convém destacar, que, “em caso de empate, foi considerado o bônus relativo às avaliações de anos anteriores (2004, 2005, 2006, 2007 e 2008). A vencedora foi a escola que obteve a maior soma em relação à bonificação”, conforme expôs o GE, ou seja, a bonificação

relativa aos melhores das cinco últimas avaliações serviu, nesta edição, como critério de desempate (2009, p. 22).

2.4 Aprimoramentos metodológicos e fortalecimento dos critérios avaliativos (2010 - 2013)

A edição de 2010 simboliza ou retrata o fim da edição suplementar relativa às melhores universidades, uma vez que a publicação volta ao formato original, com apenas uma edição, em um único guia. Em 2010 não foi elaborada avaliação do GE, e, desta forma, não ocorreu a 20ª edição da Avaliação do GE e, tão pouco, o VI Prêmio Melhores Universidades, que ficaram para o ano seguinte.

Em 2011, porém, o GE publicou seus resultados avaliativos, mantendo o rigor metodológico, que continua vigorando desde 2008. O *VI Prêmio Melhores Universidades* completou seis (6) anos dando visibilidade aos vencedores do período anterior, em 2010 (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2011) com base nos dados da tradicional avaliação do GE que, finalmente, completava sua 20ª edição. Nestes termos, especificamente:

Nesta sexta edição, o prêmio, feito com base na tradicional avaliação anual de cursos superiores do GE, conta com duas categorias: “A Universidade do Ano – Escola Pública e Escola Privada” e “As Melhores por Área de Conhecimento”, em que foram identificadas uma instituição pública e outra privada em oito áreas (...) – totalizando 18 prêmios (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2011, p. 36).

É pertinente ressaltar também que, a exemplo das edições anteriores, “todo o processo contou com a consultoria técnica do Ibope Inteligência e a verificação de dados realizada pela *PricewaterhouseCoopers*” estando, todavia, “aptas a concorrer ao Prêmio Melhores Universidades do Guia do Estudante as escolas que tiveram pelo menos dois cursos estrelados na avaliação de cursos superiores do GE” (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2011, p. 36).

Para que a equipe do GE chegasse aos vencedores relativamente às duas categorias de premiação foi utilizada uma fórmula “que combina indicadores de qualidade (A) e de quantidade (B) de cursos estrelados”, que, por sinal, é idêntica àquela exposta no ano de 2009, assim como também são idênticas às regras relativas à categoria das melhores instituições universitárias por área do conhecimento (GUIA do

ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2011, p. 36). A premiação supracitada alimenta-se de dados, conforme já mencionado, oriundos da 20ª edição da Avaliação do GE, que contou com 3.008 pareceristas, que atribuíram 51.994 notas, de um total de 10.048 cursos avaliados, dos quais 4.146 receberam estrelas, em um universo de 651 instituições estreladas de 1.439 consideradas (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2011).

Por mais uma edição a avaliação do GE foi exposta passo-a-passo iniciando-se pela atualização dos dados das escolas “por meio do preenchimento de um questionário eletrônico” no qual foram informados os “dados gerais e os cursos oferecidos no processo seletivo, bem como a titulação e o ano de conclusão da primeira turma dessas graduações” (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2011, p. 44). Novamente os pré-requisitos (ou critérios) para participação da avaliação do GE foram expostos em quadro apartado, ocasião em que as condições foram apresentadas aos leitores: (1) cursos de bacharelado, com exceção das licenciaturas de Pedagogia e Educação Física, ou bacharelado com licenciatura simultaneamente; (2) turma formada há mais de um ano; (3) cursos presenciais e (4) turmas em andamento e se oferecido no próximo processo seletivo (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2011).

É relevante notar também que cada etapa avaliativa especificada vem acompanhada da duração da respectiva fase, expondo o mês, ou, os meses que demanda. Trata-se de um elemento que carrega consigo uma espécie de reforço metodológico e também elementos de transparência que auxiliam o leitor na compreensão processual da avaliação do GE.

Após a seleção dos cursos que atendem os critérios de pesquisa são enviados questionários eletrônicos, por e-mail ou via telefone, solicitando informações específicas a respeito do curso, informações estas que não contam pontos na avaliação, mas, tão somente, servem de auxílio aos pareceristas no processo de avaliação, e, uma vez não preenchido tais questionários, os cursos podem de fato sofrer certo prejuízo no tocante ao conceito, na medida em que as informações ali presentes contém dados que ajudam a compor os conceitos (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2011, p. 44). As informações encontradas nos questionários são a respeito do “corpo docente, produção científica e instalações físicas, entre outros. Há também um espaço livre para o coordenador informar o que ele considerar mais

relevante sobre o curso” (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2011, p. 44).

A próxima etapa refere-se à atualização do corpo de consultores, professores e coordenadores de curso, priorizando-se:

Aqueles que possuem currículo cadastrado na Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e que constam do Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (BASIs), do MEC (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2011, p. 45).

Os pareceristas, por mais uma edição, avaliam os cursos relativos à mesma região em que lecionam, por força de um processo eletrônico que distribui as obrigações avaliativas de forma aleatória, não permitindo que o parecerista avalie os cursos das instituições em que leciona (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2011, p.45). Aí tem lugar a atribuição dos conceitos que se processa da seguinte forma:

Cada parecerista recebe um link eletrônico, com uma senha exclusiva, que dá acesso ao formulário com as graduações a ser (sic) avaliadas. Eles avaliam os cursos utilizando os conceitos excelente (cinco estrelas), muito bom (quatro estrelas), bom (três estrelas), regular, ruim e “prefiro não opinar”. Para isso consideram as respostas do questionário e o conhecimento que têm sobre aquela graduação (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2011, p. 45).

Por mais uma vez, a presente edição tornou a frisar que a avaliação realizada pelo GE se enquadra dentro do método “conhecido como avaliação por pares, também adotado por várias publicações estrangeiras na elaboração de seus rankings, como a US News & World Report e o The Times”, e, ainda, que aproximadamente 90% dos procedimentos avaliativos são realizados por meio da internet (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2011, p. 45). Após a reunião dos conceitos referentes aos cursos avaliados, “as informações são encaminhadas ao Ibope Inteligência, responsável pela consultoria técnica na coleta, sistematização e análise dos dados” (2011, p. 45).

Os conceitos atribuídos pelos pareceristas transformam-se em estrelas com base na média das notas atribuídas aos cursos, sendo que cada curso recebe notas, ou seja, é avaliado, por cinco pareceristas no mínimo, o que gera um conceito para todos os cursos avaliados, embora somente os cursos que tenham no mínimo três de conceito (ou estrela) sejam publicados no GE e, apenas ao final, o resultado da avaliação é verificado

pela *PricewaterhouseCoopers*” (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2011).

Em 2012, a 21ª edição da Avaliação do GE foi publicada mantendo o rigor metodológico/processual ao estabelecer um cronograma, também reforçado pela exposição das etapas avaliativas (quadro passo-a-passo) e pela presença de dúvidas, que são respondidas prontamente, facilitando a compreensão pormenorizada da metodologia (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2012). Nesta edição 2.965 pareceristas atribuíram 55.453 notas, em um universo de 10.692 cursos avaliados, sendo que deste total, 4.329, foram estrelados (2012, p.41). Para o GE:

a avaliação de cursos superiores do GUIA DO ESTUDANTE consiste em uma pesquisa de opinião feita por uma equipe de jornalistas com quem mais entende do assunto: professores e coordenadores de cursos. São esses acadêmicos que emitem os conceitos que, no fim do processo, permitem classificar os cursos em bons, muito bons e excelentes (GUIA DO ESTUDANTE, 2012, p. 40).

E, ainda complementa dizendo que a avaliação é “realizada anualmente, (...) envolvendo um extenso trabalho, que se desenrola no decorrer de nove meses” (2012, p. 40). As etapas processuais da avaliação são rigorosamente às mesmas que aquelas empreendidas no ano de 2011, inclusive a manutenção dos parceiros como o Ibope Inteligência e a *PricewaterhouseCoopers*. Uma diferença interessante refere-se ao fato de que 99% da avaliação do GE se opera por força da internet, contra 90% da edição anterior, sendo certo que o restante, 1%, se dá via telefone (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2012, p. 41), enquanto que no passado, ou melhor dizendo, nas primeiras edições do GE a avaliação se processava “in loco”.

Não obstante, em 2012, “com base na avaliação de cursos superiores do Guia do Estudante, o Prêmio Melhores Universidades aponta as instituições públicas e privadas de maior destaque no ano e as escolas com melhor desempenho em oito áreas do conhecimento” (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2012, p. 42). Os critérios que autorizam os cursos a participarem do prêmio relacionam-se a quantidade mínima de dois cursos estrelados, para concorrerem em duas categorias: (a) A universidade do ano – escola pública e escola particular; (b) as melhores por área do conhecimento – instituição pública e privada, sendo certo que “todo o processo conta com a consultoria técnica do Ibope Inteligência e a verificação de dados feita pela *PricewaterhouseCoopers*”, no tocante a esta sétima edição do Prêmio Melhores

Universidades (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2012, p. 42). Os procedimentos envolvem a aplicação de fórmulas, que, combinam “indicadores de qualidade e de quantidade de cursos estrelados”, muito embora na aplicação da fórmula, “os conceitos total de estrelas, cursos avaliados e cursos estrelados levaram em conta apenas a cidade considerada”, isto porque “no caso de a escola estar presente em mais de uma cidade, foi considerado apenas o município que obteve a maior soma de estrelas (total de estrelas), desclassificando-se os demais” (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2012, p. 42). Caso houvesse empate havia previsão de um critério de desempate, que também fora adotado em edições anteriores, e, que busca considerar “o bônus relativo às avaliações de anos anteriores”, nomeadamente, 2006, 2007, 2008, 2009 e 2010, para que se possa observar a maior soma em relação à bonificação.

Finalmente, a última publicação do GE, em 2013, revelou a 22ª edição da Avaliação do GE destinada a medir a “qualidade de 11.484 graduações” para que possam ser selecionados os melhores cursos superiores do Brasil em função da oitavo (VIII) Prêmio Melhores Universidades (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2013, p. 42). A avaliação se desenvolveu no interim de nove (9) meses, iniciando pela atualização dos dados das instituições, por e-mail ou telefone, ocasião na qual as instituições universitárias informam os cursos que serão oferecidos no vestibular e, então passa-se a observar os critérios para participar da avaliação, que, em relação as edições anteriores, sofreu algumas alterações, principalmente no tocante ao tempo de conclusão da primeira turma, que, nesta edição, deve ser igual ou inferior ao ano de 2010, diferentemente, das edições passadas, que exigiam apenas que a conclusão da turma tivesse pelo menos um ano (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2013, p. 42).

Outro pré-requisito é a necessidade de possuir turmas em andamento e também que o curso seja novamente oferecido no próximo processo seletivo, bem como, a questão das habilitações, que voltam à pauta depois de muitas edições, e não são consideradas para fins da avaliação do GE, posto que se avalia “o curso como um todo”, na medida em que se considera “apenas um curso por município de cada instituição” (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2013, p.42). Com os cursos selecionados, “a redação entra em contato com os respectivos coordenadores e solicita a eles o preenchimento de um questionário eletrônico, com informações específicas sobre

o curso”, sendo que os questionários são compostos por 15 questões com temáticas relativas ao corpo docente, produção científica e instalações físicas.

A pesquisa de opinião, propriamente dita, foi desenvolvida com o auxílio de 3.682 pareceristas, ou seja, coordenadores de cursos, diretores de departamentos e também docentes, e, um total de no mínimo seis (6) pareceristas para cada curso avaliado, sendo que os pareceristas com currículo Lattes tiveram prioridade (sic) para participar (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2013, p. 42).

O rigor metodológico foi mantido e aprimorado na edição de 2013. Um exemplo pode ser observado na etapa referente à atribuição de conceitos. Neste sentido:

As estrelas que cada curso recebe é resultado da média das notas recebidas pelos pareceristas. A fim de evitar distorções, são descartadas duas notas: a maior e a menor notas recebidas por cada curso. E feita, então, uma média de quatro notas válidas. Desde 2008, os cursos só podem subir ou descer uma estrela a cada ano (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2013, p. 43).

Ao ponderar a respeito das distorções o GE esclarece pontos importantes a respeito da média das notas evitando, assim, números imprecisos, e, saltos de posicionamento que não reflitam mudanças verdadeiras ano a ano. Trata-se de um esclarecimento oportuno que reforça a evolução editorial que GE vem experimentando.

As bonificações são resultantes dos resultados obtidos pelos cursos nas últimas cinco edições da avaliação do GE (2007, 2008, 2009, 2010 e 2011) e correspondem aos seguintes valores: (a) 5 estrelas é igual a 0,09; (b) 4 estrelas é igual a 0,07; e (c) 3 estrelas é igual a 0,05 (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2013, p. 43). Trata-se de mais um aprofundamento no plano metodológico. Outro dado importante destaca que “cerca de 98% da avaliação é feita via internet. O restante é realizado por telefone” (2013, p. 43). A imagem do curso, por trata-se de uma pesquisa de opinião, é também alvo de destaque na medida em que “os resultados refletem, sobretudo, a imagem que o curso tem perante a comunidade acadêmica” (2013, p. 43).

Nesta 22ª edição 3.682 pareceristas emitiram 71.466 notas correspondentes à 1.574 instituições universitárias, sendo que tão somente 773 foram estreladas, o que corresponde a 5.119 cursos de um total de 11.484 (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2013, p. 43). Com todos estes números a oitava edição do Prêmio Melhores Universidades manteve a elaboração de suas “tradicionais categorias”: A universidade do Ano – Escola Pública e Escola Privada, e, as melhores

instituições universitárias por área do conhecimento (GUIA DO ESTUDANTE, 2012, p. 44). No mais, “todo processo conta com a consultoria técnica do Ibope Inteligência e a verificação de dados feita pela *PricewaterhouseCoopers*” (2013, p. 44).

A diferença desta edição está na utilização de uma nova fórmula, um bocado distinta das fórmulas utilizadas em edições anteriores. Neste particular, aplica-se:

uma fórmula, que combina indicadores de qualidade (A) e de quantidade (B) de cursos estrelados. Vale ressaltar que essa fórmula foi ajustada nesta edição, a fim de aumentar o peso dado à qualidade dos cursos estrelados (maior valorização dos cinco-estrelas, quatro-estrelas e três-estrelas, nesta ordem) em detrimento da quantidade (número de cursos estrelados) (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2013, p. 44).

A nova fórmula passa a ser:

$$\frac{2A + B}{3}$$

3

Neste termos, “A” é igual ao total de estrelas dividido pelos cursos avaliados e, o resultado, dividido por cinco. O valor obtido deve ser multiplicado por 100 e então dividido por três, assim, extrai-se “a média de estrelas dos cursos de determinada escola”, fato que “indica a qualidade média dos cursos”, enquanto que para se obter o valor correspondente a “B” os cursos estrelados devem ser divididos pelo número de cursos estrelados da instituição que possui a maior quantidade, para, então, o valor resultante ser multiplicado por 100, e, deste modo, observa-se o “quanto aquela escola se aproxima da instituição mais estrelada da categoria, ou seja, que possui o maior número de cursos estrelados”, ou ainda, em resumo, é possível se afirmar que “nesta nova fórmula, o peso dado à variável A é o dobro de B, o que significa dizer que a qualidade dos cursos estrelados vale duas vezes mais do que sua quantidade” (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR, 2013, p. 44).

Outra novidade em termos de maiores esclarecimentos refere-se à categoria “A universidade do Ano”, que anteriormente não era descrita. Os participantes desta categoria, ao seu turno, concorrem somente se tiverem um total de, no mínimo, cinco cursos avaliados, sendo certo que “como o prêmio é voltado a universidades (instituições com grande número de cursos), foi estabelecido esse critério para não haver distorções em relação às instituições menores (que, por oferecerem poucos cursos teriam mais chance de ter todos estrelados)” (GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES

VESTIBULAR, 2013, p. 44). Quanto à categoria “Melhores por área do Conhecimento”, os critérios de participação são os mesmos da edição passada.

3. CAPÍTULO III: O RANKING DO GUIA DO ESTUDANTE: A COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS E PRIVADAS PREMIADAS COMO MELHORES UNIVERSIDADES

O presente capítulo se debruça entorno da análise dos materiais institucionais de comunicação, veiculados na internet e pertencentes às universidades premiadas, conforme os critérios do *Prêmio Melhores Universidades* do Guia do Estudante, na categoria “Universidade do Ano”, tanto no segmento das instituições públicas (Federais, Estaduais e Municipais) quanto das privadas (com fins lucrativos, confessionais e comunitárias).

Ao todo, serviram como objeto de estudo os materiais coletados nos *sites* das três melhores instituições universitárias premiadas como “Universidade do Ano” de 2012, tanto no setor público como as três premiadas do setor particular, bem como os materiais das três melhores instituições universitárias premiadas como “Universidade do Ano” de 2013, considerando também as instituições públicas e particulares. Nestes termos, tomou-se como base para elaboração deste capítulo, a 7ª e a 8ª edição da referida premiação do GE, que correspondem aos anos de 2012 (feita com dados avaliativos de 2011) e 2013 (feita com dados avaliativos de 2012) respectivamente.

Como fora mencionado ao longo deste trabalho a avaliação do GE teve início ao longo da década de 80, no entanto, a premiação das “Melhores Universidades” começou a ser adotada pela equipe do GE exatamente na 15ª edição da avaliação do GE realizada em parceria com o Banco Real, em 2005 e correspondente ao ano de 2006. Desde então a referida premiação vem sendo mantida e no ano de 2013 atingiu sua 8ª edição. Trata-se de uma forma de classificação das melhores instituições de ensino superior e também dos melhores cursos do país, segundo os critérios e regulamentos estipulados pelo GE.

Em resumo, a premiação tornou-se um grande evento da educação superior no Brasil, uma noite de prestígio em que certificações e estrelas são atribuídas aos melhores cursos e instituições por meio de um evento de *gala*, decorrente da força dos dados coletados ao longo de cada edição avaliativa elaborada pela equipe de especialistas que trabalham para o GE. Neste sentido, para corroborar com a pompa e a intenção de prestígio, o evento de premiação do GE vem sendo apresentado por celebridades e ícones da televisão e do mundo da música nacional, geralmente por

pessoas de grande renome, reconhecimento e *status* para jovens em idade pré-vestibular. É o caso da atriz Claudia Raia que apresentou o "II Prêmio Melhores Universidades Guia do Estudante e Banco Real, realizado no Teatro Abril, em São Paulo" (FOFOKI, 2006). Exemplificando e reforçando a ideia de *glamour* relacionada à premiação, mais duas outras atrizes globais são aqui mencionadas: a primeira é Maria Fernanda Cândido, que "comandou, com excelência, o III Prêmio Melhores Universidades Guia do Estudante e Banco Real", também no Teatro Abril (FOFOKI, 2007), a segunda, é a atriz Cássia Kiss que comandou a premiação no ano de 2010 (PUBLIABRIL, 2010).

No que se refere ao foco da análise, neste capítulo, optou-se por selecionar materiais e dados oriundos de instituições universitárias vencedoras na categoria da premiação denominada "A universidade do Ano", conforme fora dito. Deste modo os premiados pelo GE nesta categoria nos anos de 2012 e 2013 ficam resumidos a dois grupos institucionais: três instituições privadas e três públicas com melhor desempenho em cada edição, de acordo com o conjunto de seus cursos avaliados. Tal categoria da premiação representa as melhores instituições e, sendo assim, trata-se de uma classificação institucional, base das reflexões deste capítulo.

No entanto, o processo de coleta e seleção de dados não desprezou por completo a categoria "As Melhores por Área de Conhecimento", também encontrada nas referidas premiações do GE. Isto, pois, muitos dados coletados trataram também da categoria que expõem os vencedores por área do conhecimento, mostrando então os cursos universitários mais estrelados, o que contribuiu para melhorar o entendimento e ampliar a quantidade de dados, que revelaram conteúdos complementares capazes de facilitar o entendimento acerca da atuação das instituições premiadas na categoria da premiação que prestigia as melhores instituições universitárias.

Tais categorias da premiação do GE, segundo informou o regulamento encontrado no próprio Guia do Estudante (GUIA DO ESTUDANTE, 2011), têm valores claros e regulamentados, retratados na redação da cláusula 1 do regulamento da 7ª edição, que deixam evidente que as premiações do GE visam:

identificar, valorizar, disseminar e recompensar as melhores instituições de ensino superior brasileiras que venham a obter estrelas na avaliação efetuada pelo GE (pelo menos um curso três-estrelas).

Também consta explicitamente no regulamento que a premiação não é resultado de "sorteio ou pagamento", nem está "vinculado à aquisição ou uso de qualquer bem,

direito ou serviço, não havendo cobrança de nenhuma espécie ou necessidade de desembolso por parte dos participantes” (GUIA DO ESTUDANTE, 2011).

Uma vez que este capítulo apoia-se em duas edições do prêmio GE para extrair daí as universidades premiadas coletando seus conteúdos institucionais para a análise de conteúdo, torna-se necessário conhecer o regulamento de cada uma das referidas edições da premiação do GE, separadamente, para que haja percepção de diferenças, mesmo que pequenas, e se possa assim compreender de modo mais completo as duas últimas edições em que as instituições universitárias ora analisadas estão inseridas.

a) *7ª Edição do Prêmio Melhores Universidades 2012*

Os dados e informações analisados referem-se à premiação de 2012, isto por uma questão meramente cronológica. Trata-se da 7ª edição ou do VII Prêmio Melhores Universidades, que se baseia nos dados da avaliação efetivada pela equipe do GE no ano de 2011²⁴, com a conseqüente transformação dos conceitos em estrelas, que definem a eleição de três instituições universitárias mais estreladas nas duas categorias de premiação, “As Melhores por Área de Conhecimento” e “A Universidade do Ano” (GUIA DO ESTUDANTE, 2011).

Para as instituições universitárias serem consideradas elegíveis, de acordo com as categorias do prêmio, “somente as instituições que possuírem cursos estrelados (pelo menos um curso três-estrelas)” puderam concorrer, sendo certo que as instituições intituladas como vencedoras de suas respectivas categorias foram definidas conforme o número de “estrelas que vierem a ser obtidas pelo conjunto de seus cursos” (GUIA DO ESTUDANTE, 2011).

No mais, segundo o regulamento referente à 7ª edição do Prêmio do GE, a categoria “A Universidade do Ano” ficou responsável por premiar somente três instituições, uma de natureza pública e outra privada, “que obtiverem o melhor desempenho, considerando o conjunto de seus cursos avaliados” (GUIA DO ESTUDANTE, 2011). Concretamente, das três melhores universidades de cada segmento, somente a primeira colocada recebe o prêmio da Universidade do Ano. Por meio da aplicação de uma fórmula criada pela consultoria técnica do Ibope Inteligência,

²⁴ “O processo de avaliação teve início em abril de 2011 e é encerrado no início de setembro de 2011” (GUIA DO ESTUDANTE, 2011).

conforme se observou no capítulo II, cada instituição recebeu uma pontuação, referente a uma espécie de média de estrelas por curso e também da quantidade de cursos que receberam estrelas em cada instituição, sendo certo que “na categoria A Universidade do Ano, são considerados para a aplicação da fórmula todos os cursos estrelados da instituição” (GUIA DO ESTUDANTE, 2011).

b) 8ª Edição do Prêmio Melhores Universidades 2013

A 8ª edição do Prêmio Melhores Universidades foi arquitetada e elaborada baseando-se nos dados provenientes da avaliação efetivada pela equipe do GE no ano de 2012, publicada no Guia do Estudante Profissões Vestibulares 2013.

Inicialmente é importante notar uma diferença em relação ao regulamento anteriormente analisado, correspondente à 7ª Edição, trata-se da legitimidade para participar e concorrer na categoria relativa “A universidade do ano”. Ocorre que diferentemente da edição anterior, esta última, permitiu, por exemplo, que concorressem à categoria “A Universidade do Ano - Escola Pública e Privada” instituições universitárias com, “no mínimo, cinco cursos avaliados” pelo GE (GUIA DO ESTUDANTE, 2012).

No geral, as normas basilares e estruturais da premiação que correspondem ao período de 2013 se aproximam à regulamentação correspondente à edição anterior, em 2012, apesar das poucas diferenças apontadas.

3.1.As instituições universitárias premiadas e o método de coleta e análise dos dados

O procedimento de coleta de dados se iniciou com a utilização de uma relação ou lista de divulgação dos vencedores ou premiados da categoria “As Melhores Universidades”, disponibilizada pelo GE no caso da 7ª edição. Posteriormente, utilizou-se da lista das melhores universidades premiada na 8ª edição do prêmio *Melhores Universidades* do Guia do Estudante, novamente segundo a categoria “As melhores universidades”.

Neste sentido, as instituições universitárias premiadas em 2012 e 2013 encontram-se dispostas a seguir. No segmento público da educação superior as três melhores universidades públicas premiadas em 2012 foram a Universidade de São

Paulo (USP) em primeiro, a Universidade Estadual Paulista (UNESP) em segundo e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em terceiro. Em 2013, todavia, as universidades públicas premiadas foram: USP, UNESP e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Quanto ao segmento particular, no ano de 2012, foram premiadas as seguintes instituições: Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) em primeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) em segundo e a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Em 2013, todavia, foram premiadas a PUC-MG em primeiro, a PUC-RS em segundo e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).

Deste modo, tomando como referência o nome de cada uma das universidades premiadas mencionadas anteriormente foi efetivado um levantamento de materiais institucionais, por meio de buscas realizadas nos portais de *internet* de cada uma das instituições universitárias em questão, bem como em buscadores como o *Google*. Posteriormente, com os dados já coletados verificou-se a quantidade e também o teor dos materiais institucionais encontrados, que passaram prontamente por um filtro para que então fossem selecionados os dados mais pertinentes e relevantes à pesquisa. Este levantamento se focou no processo de divulgação e difusão de materiais institucionais de comunicação/propaganda por parte de instituições universitárias premiadas.

Uma vez coletados os materiais mais apropriados aplicou-se aos mesmos a técnica da análise de conteúdo no tocante aos materiais institucionais selecionados destinados à comunidade universitária e a sociedade em geral. Tal técnica de análise auxiliou, ao seu turno, na visualização do modo como é tratada a temática (VERGARA, 2005). Isto porque a análise de conteúdo, segundo observam Lakatos e Marconi (2008), permite “descrever, sistematicamente, o conteúdo das comunicações”.

Ainda neste sentido, para Vergara (2005) a análise de conteúdo compreende-se sob a perspectiva de três momentos distintos, sendo que: (a) o primeiro refere-se ao processo de seleção do material e dos procedimentos adotados; (b) o segundo relaciona-se à implementação dos procedimentos anteriormente definidos e (c) o terceiro guarda sentido com a formação de categorias²⁵, de inferências e, conseqüentemente, dos

²⁵ As categorias anteriormente definidas são caracterizadas por vários elementos diferenciados que representam um título (categoria) genérico, por guardarem entre si, tipos, fragmentos, caracteres, comuns (VERGARA, 2005).

resultados da pesquisa, ocasião em que as hipóteses confirmam-se ou não. Neste sentido, Ander-Egg (1978) também estabeleceu três fases da técnica da análise de conteúdo descritas por Lakatos e Marconi (2008), quais sejam: (1) estabelecimento de unidade de análise, (2) definição de categorias de análises e, também, (3) seleção de uma amostra do material de análise.

Sendo assim, a utilização da análise de conteúdo, nesta pesquisa e mais especificamente neste capítulo, apoia-se nos três momento/fases da técnica da análise de conteúdo, anteriormente citados e descritos por Vergara (2005) e Ander-Egg (1978).

Não foi de outro modo que os dados foram elaborados e classificados de forma sistemática a partir dos assuntos de maior incidência encontrados nos materiais de comunicação institucionais dos variados segmentos universitários que aparecem no *Prêmio Melhores universidades* de 2012 e 2013 do Guia do Estudante, para que então fossem categorizados transformando-se em instrumentos de valor simbólico, que pudessem ser disponibilizados em tabelas que facilitassem a contagem, transformando elementos naturalmente qualitativos em quantitativos (LAKATOS; MARCONI, 2009). Ressalte-se que os dados levantados serviram também para a realização de uma análise comparada relativamente ao processo de comunicação institucional, divulgação e difusão dos resultados obtidos no Guia do Estudante, tendo-se em vista a identificação de semelhanças, diferenças e convergências presentes em cada segmento universitário (público e particular).

Previamente à exposição das análises dos materiais coletados nos segmentos público e particular de educação superior que foram premiados pelo GE em 2012 e 2013, análises estas que exibem e se atentam ao enquadramento dos resultados obtidos no GE no âmbito da gestão universitária, torna-se importante destacar de modo breve a natureza dos dados coletados, por meio de elementos quantitativos que auxiliam e elucidam a respeito de seus anos e edições, bem como, também se considerou pertinente tratar e apresentar as categorias utilizadas na análise.

3.2. Da natureza dos dados

Os materiais coletados e analisados correspondem às 7ª e 8ª edições da avaliação que resulta no Prêmio “As Melhores Universidades” do GE, totalizando 57 documentos, conforme sintetiza a Tabela I.

TABELA I**Dados quantitativos****Documentos coletados, em números:**

EDIÇÃO/ANO	QUANTIDADE	SEGMENTO ADMINISTRATIVO
7ª - 2012	15	PARTICULAR
7ª - 2012	11	PÚBLICO
8ª - 2013	10	PARTICULAR
8ª - 2013	21	PÚBLICO
TOTAL	57	

Tais dados relacionam-se às instituições universitárias premiadas nas respectivas edições do GE. Estas instituições serviram de base para a coleta de dados e foram analisadas separadamente, por ano de edição e de acordo com o respectivo segmento universitário.

Neste sentido, as análises se dividem em duas partes que acompanham a quantidade de edições observadas (uma em 2012 e outra em 2013), sendo que tais partes se subdividem em dois eixos, acompanhando a própria divisão que o GE estabelece diante dos segmentos universitários premiados (particular e público). Deste modo, a primeira destas partes trata das instituições universitárias particulares premiadas em 2012 e 2013, sendo que a segunda trata, por sua vez, das instituições universitárias públicas premiadas em 2012 e 2013.

Merece ressalva o fato de que cada uma destas partes comporta análises focadas tanto em cada segmento universitário separadamente como em ambos os segmentos de modo comparativo.

Deste modo, a técnica da análise de conteúdo foi aplicada aos materiais coletados nas instituições universitárias, uma tentativa de compreender como as instituições universitárias premiadas pelo GE em 2012 e 2013 utilizam seus bons resultados avaliativos. Isto porque com a análise de conteúdo, conforme fora dito no decorrer do presente capítulo, torna-se viável a tentativa de sistematizar a descrição dos conteúdos dos materiais coletados.

Tal sistematização apoiou-se na criação e emergência de categorias de análise que funcionaram e funcionam simbolicamente e viabilizam a formação de tabelas (tabulação) e a visualização numérica e quantitativa dos dados. As categorias, deste modo, também acabam por cristalizar as principais abordagens encontradas nos materiais coletados, em números.

Assim, foram estipuladas oito categorias com base nos conteúdos sistematizados dos dados levantados e coletados. As categorias aplicadas à análise dos materiais coletados para a elaboração do presente capítulo foram as seguintes: (1) Exibem suas certificações GE (digitalizadas); (2) Mencionam suas boas posições em edições avaliativas anteriores do GE; (3) Expõem depoimentos de diretores de IES premiadas, bem como gestores, professores de cursos; (4) Destacam resultados avaliativos do GE como forma de dar credibilidade a cursos e serviços da IES premiada; (5) Mencionam outras avaliações da educação superior oriundas de políticas públicas e/ou outras classificações acadêmicas paralelamente para reforçar os resultados na avaliação do GE; (6) Expõem o posicionamento de órgãos e entidades educacionais e profissionais; (7) Destacam os resultados na avaliação do GE como forma de valorar as IES como um todo e (8) Atentam-se aos critérios, dados e números relativos às avaliações do GE.

Uma vez apresentadas as categorias de análise e os dados quantitativos é pertinente dar-se início à exposição das análises apresentando-se as incidências mais relevantes que constam nos materiais derivados da 7ª edição do Prêmio Melhores Universidades Guia do Estudante de 2012, a começar pelas melhores instituições do setor particular da educação superior, seguindo-se pelas melhores do setor particular em 2013. Posteriormente serão apresentadas as incidências mais relevantes encontradas no segmento público da educação superior, inicialmente em 2012 e posteriormente em 2013.

3.3. As melhores universidades do segmento particular

Especificamente no quesito, “A Universidade do Ano”, a 7ª edição da premiação do GE premiou as seguintes instituições universitárias atuantes no segmento particular: a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) em primeiro,

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e segundo e a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) em terceiro.

A seguir, o Quadro I destina-se a interligar os conteúdos transformados em abordagens (temáticas) contidos nos documentos coletados perante as instituições privadas premiadas, colhendo suas frequências e os percentuais em que as abordagens qualificadas como mais expressivas aparecem em seus conteúdos. Tais indicadores quantitativos destinaram-se a observar a utilização, a frequência, os posicionamentos e tendências relativas aos documentos coletados nesta 7ª edição, para então, constatar sua maior incidência.

QUADRO I

Incidência das temáticas mais relevantes abordadas nos 15 textos localizados em sítios eletrônicos das instituições universitárias privadas premiadas em 2012 pelo GE

ABORDAGEM DOS MATERIAIS COLETADOS	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL
Destacam os resultados na avaliação do GE como forma de valorar as IES como um todo;	12	80%
Destacam resultados avaliativos do GE como forma de dar credibilidade à cursos e serviços da IES premiada;	11	73,33%
Mencionam outras avaliações da educação superior oriundas de políticas públicas e/ou outras classificações acadêmicas paralelamente para reforçar resultados na avaliação do GE;	6	40%
Mencionam suas boas posições em edições avaliativas anteriores do GE	5	33,33%
Expõem depoimentos de diretores de IES premiadas, bem como gestores, professores de cursos	5	33,33%
Atentam-se aos critérios, dados e números relativos às avaliações do GE	3	20%
Exibem suas certificações GE (digitalizadas)	2	3,33%
Expõem o posicionamento de órgãos e entidades educacionais e profissionais	0	0

3.3.1. Da análise de conteúdo obtida perante as universidades privadas premiadas na 7ª edição:

Partindo-se do maior percentual observado nos materiais coletados entre as universidades privadas, 80% das abordagens mais relevantes destacaram os resultados obtidos na avaliação do GE como forma de valorar a IES com um todo.

A matéria *PUC-Rio é a melhor particular do Brasil em novo ranking* (DE CAMPOS; CÔRTEES e CARDOSO, 2012), refere-se de modo geral a temas como a pesquisa na instituição, a eficácia e a competitividade e o desempenho em avaliações, no entanto também destaca e dá credibilidade à instituição universitária de modo geral. Ao tratar das avaliações mencionadas os autores destacam diversas iniciativas de ranqueamento que a IES vem se destacando, como o RUF do Jornal Folha de S. Paulo; o ranking regional para a América Latina elaborado pela Quacquarelli Symonds (QS) organização do Reino Unido e o ranking do GE, que se vale do Prêmio Melhores Universidades.

Deste modo, o GE e sua classificação surgem no contexto (assim como as demais citadas) para destacar que a PUC-Rio ficou em primeiro lugar no segmento particular, como forma de valorar as IES como um todo, ao passo que vai amarrando tais informações e dados classificatórios ao restante da matéria, que de modo mais genérico aborda temáticas relativas ao desenvolvimento da investigação na instituição, aos mecanismos de garantir a qualidade, a competência e a eficiência (DE CAMPOS; CÔRTEES e CARDOSO, 2012).

Matéria semelhante intitulada, *Resultados comprovam excelência acadêmica* (VALENTE e MADUELL, 2011), destaca a boa posição da PUC-Rio no ranking da Quacquarelli Symonds e no ranking do GE de tal forma que conduz a uma valoração a própria instituição, atribuindo-lhe excelência. O trecho a seguir ressalta os bons resultados obtidos no GE e exemplifica a valoração supramencionada:

(...) a PUC-Rio foi finalista em quatro categorias das instituições particulares: Ciências Exatas e Informática, Ciências Sociais e Humanas, Engenharia e Produção e Comunicação e Informação. A Universidade conquistou o 1º lugar nas três primeiras categorias e, na última, o 3º lugar (VALENTE e MADUELL, 2011).

No portal da PUC-RS também foi encontrado o documento, *Sobre a PUCRS* (PUC-RS, 2013a), nele estão contidos “dados atualizados sobre a Universidade, como o

número de cursos de graduação e pós-graduação, total de alunos, técnicos administrativos e professores, estrutura da PUCRS, marcas e patentes, prêmios e distinções, entre outras informações”. Na parte dos prêmios a universidade elenca diversos deles citando, no ano de 2012, as boas posições obtidas diante da classificação acadêmica elaborada pelo GE, nomeadamente, um 1º lugar entre as privadas da região sul do país e um 2º lugar entre as privadas de todo o país, elementos classificatórios que atestam (juntamente com as demais informações acerca da IES) e tratam de valorar a instituição universitária como um todo (PUC-RS, 2013a).

De modo mais discreto a PUC-PR destacou por meio de um documento bastante sucinto a cerimônia de premiação do GE (Prêmio Melhores Universidades) na qual foi finalista “pela 3ª vez, na categoria Universidade do Ano – Escolas Privadas”, corroborando assim com sua valoração institucional (PUC-PR, 2011a).

Por fim, a matéria *Prêmio Guia do Estudante 2012: PUC Minas eleita novamente a melhor universidade privada do Brasil* (PUC-MG, 2012a) revela também uma forma de valorização da IES como um todo ao expressar, pontualmente, a trajetória da IES em outras avaliações do GE destacando o reconhecimento nacional da classificação da Editora Abril e salientando a existência da publicação “há mais de uma década”.

Prosseguindo com as análises, outro indicador se destaca com 73,33% das abordagens mais expressivas. Trata-se da abordagem referente ao destaque dos resultados obtidos na premiação do GE como forma de divulgar e dar credibilidade à cursos e serviços oferecidos pela instituição universitária, uma categoria de análise que acaba por revelar sua utilidade como elemento de valoração de serviços e/ou cursos específicos, com base nas premiações do GE.

É o caso da matéria intitulada, *Para a coordenadora de Serviço Social, 5 estrelas é reconhecimento de compromisso coletivo* (PUC-PR, 2012a), que revela os bons resultados obtidos pelo curso de Serviço Social utilizando como apoio para tal os depoimentos da professora e coordenadora do curso, Maria Izabel Scheidit Pires, que divulga e valora o referido curso expondo detalhes do corpo docente, as pesquisas realizadas, a alegria e o compromisso da instituição para com os alunos.

Do mesmo modo, a matéria *Pós-graduação semipresencial PUC Minas* (PUC-MG, 2012b), ao tratar da recém-inaugurada “pós-graduação *lato sensu* na modalidade

presencial, com foco na formação de professores”, não deixou de falar dos bons resultados obtidos pela instituição no Guia do Estudante de 2013, uma vez que a instituição foi “reconhecida como a Melhor Privada do país”. Desta forma, ao mencionar o prêmio conquistado pela instituição universitária como um todo se está, todavia, divulgando e dando credibilidade a cursos e serviços oferecidos pela mesma, um tipo claro de aproveitamento, um modo evidente de utilizar os bons resultados institucionais de modo expandido, afim de que os efeitos do prestígio da premiação atinjam cursos e serviços, quiçá ainda não premiados e consagrados.

De forma semelhante, o documento encontrado na *web site* da PUC Minas (PUC-MG, 2012c) trata de divulgar o curso de *LL. M. (Legum Magister)* na área de Direito, um curso de pós-graduação *lato sensu* voltado aos moldes educacionais anglo-saxônicos, deixando evidente os bons resultados obtidos ao longo de sua trajetória, na medida em que dá ênfase:

ao alto padrão de qualidade da instituição, como o Prêmio Melhores Universidades – Guia do Estudante 2012, em que a PUC Minas foi eleita a melhor do país na categoria Universidade do Ano – Escolas Privadas (PUC-MG, 2012-c).

A matéria *PUCPR é indicada ao Prêmio Melhores Universidades do Guia do Estudante* (PUC-PR, 2011b), por sua vez, destaca seus 46 cursos estrelados dando foco aos cursos de Pedagogia e Engenharia de Controle e Automação que receberam cinco estrelas, a nota máxima atribuída pelo GE no Prêmio Melhores Universidades de 2012. Trata-se de mais um exemplo da utilização da premiação do GE como forma de difundir os cursos oferecidos pela instituição, exemplo que se torna mais nítido com a fala do diretor do curso de Engenharia de Controle e Automação, Agnelo Denis Vieira, que ressaltou que a classificação máxima obtida no GE origina-se de um trabalho que vem sendo elaborado há tempos, desde que o curso foi criado no ano de 1998, trabalho este efetivado em torno da qualidade que envolve a formação dos profissionais e também de atualizações do currículo com relação às demandas existentes em torno da pesquisa e da tecnologia (PUC-PR, 2011b).

Outro indicador correspondente a 40% das abordagens mais expressivas encontradas nos documentos coletados faz menção à presença de outras avaliações da educação superior oriundas de políticas públicas e/ou do setor privado para reforçar os resultados da avaliação do GE, isto, pois, ao mencionar outras avaliações da educação

superior (oriundas de políticas públicas ou do mercado) há uma clara tentativa de reforçar os resultados da avaliação do GE.

Neste sentido, o documento de apresentação do programa de MBA (*Master of Business Administration*) encontrado no portal da PUC-MG, tem um tipo de texto voltado a demonstrar a importância da universidade no cenário das classificações acadêmicas (PUC-MG, 2012c), destacando seus bons resultados no GE e no RUF, conforme expõe o trecho a seguir:

Desde 1958, a PUC Minas é referência de excelência em educação superior. Sua trajetória é marcada por premiações que atestam o alto padrão de qualidade da Instituição, como o Prêmio Melhores Universidades – Guia do Estudante 2012, em que a PUC Minas foi eleita a melhor do país na categoria Universidade do Ano – Escolas Privadas. Também foi primeiro lugar entre as universidades particulares brasileiras no que se refere à preferência quanto à origem dos recém-formados participantes dos processos seletivos, segundo Ranking Universitário Folha (RUF), de 2012 (PUC-MG, 2012c).

De modo idêntico, inclusive usando as mesmas palavras, a apresentação do MBA (LL. M) em Direito também da PUC-Minas utilizou exatamente a mesma frase citada acima para salientar a presença no ranking da Folha de São Paulo (PUC-MG, 2012d).

Outro exemplo de documento institucional, *Sobre a PUCRS* (PUC-RS, 2012a), menciona avaliações da educação superior oriundas de políticas públicas e/ou do setor privado para reforçar os resultados da avaliação do GE. No documento são expostos diversos exemplos de ranqueamentos seja no âmbito público ou do mercado privado. Ao destacar os prêmios e distinções recebidos em 2012 ganham destaque avaliações do governo como o IGC:

Melhor Universidade privada da Região Sul e a 3ª do País segundo o Índice Geral de Cursos (IGC) 2011, do Ministério da Educação (MEC), que avalia a qualidade dos cursos de graduação, mestrado e doutorado. O conceito IGC Contínuo foi de 3,68, na faixa 4, em uma escala de 1 a 5 (PUC-RS, 2013a).

Quando os destaques se referem a 2013, também há lugar especial para tratar do RUF:

O Ranking Universitário Folha de São Paulo (RUF) apresenta a PUCRS como a 2ª melhor Universidade privada do Brasil (atrás da PUC-Rio) e a 1ª no Rio Grande do Sul. O melhor índice nacional da Instituição está no item Inovação, no qual aparece como a 1ª entre as privadas e a 11ª na classificação geral. No âmbito estadual, lidera também nos quesitos

Ensino e Internacionalização, dentro do segmento privado (PUC-RS, 2013a).

Trata-se de exemplos evidentes que destacam a contribuição de outras avaliações acadêmicas no sentido de somar ou acrescentar valor aos resultados do próprio ranking do GE (e assim da IES no geral), no qual a PUC-RS também se destacou no ano de 2012, conforme se pode observar por meio do destaque a seguir: “Melhor Universidade privada da Região Sul e a 2ª do País na mesma categoria, segundo o Prêmio Melhores Universidades Guia do Estudante da Editora Abril” (PUC-RS, 2013a).

De modo semelhante a matéria, *PUCPR tem 49 cursos estrelados no Guia do Estudante 2012 da Editora Abril* (PUC-PR, 2012b), tratou de expor a posição da IES perante o ranqueamento da Folha de São Paulo como forma de adicionar ainda mais prestígio à boa posição obtida no GE, conforme se observa no trecho a seguir:

O curso de Psicologia da PUCPR, classificado com cinco estrelas, é o pioneiro do Estado do Paraná. No Ranking Universitário Folha (RUF) a graduação ficou em 1º lugar entre as instituições do Paraná, e em 2º lugar no Brasil (PUC-PR, 2012b).

Outros exemplos podem ser encontrados na matéria, *PUC-Rio é a melhor particular do Brasil em novo ranking* (DE CAMPOS; CÔRTEZ, CARDOSO, 2012), que inicia com um comentário do reitor da IES, Josafá Siqueira, a respeito do desempenho da universidade no RUF: “nossa eficácia é grande. É como uma semente de eucalipto, que, pequena e de grande potencial, vira uma grande árvore. Isso é bonito na PUC”.

Ainda a respeito do RUF a matéria destaca que:

A (sic) exemplo de outros rankings, a PUC-Rio foi avaliada como a melhor universidade privada do país, e ocupa a 13ª colocação geral entre as 191 instituições avaliadas. A primeira colocada foi a Universidade de São Paulo (USP). Entre as 20 instituições mais bem avaliadas figuram apenas duas instituições privadas: a PUC-Rio, em 13º, e PUC-RS, 16º (DE CAMPOS; CÔRTEZ, CARDOSO, 2012).

Desta forma, ao expor o desempenho institucional em avaliações como o RUF (e também em rankings como o QS), há um reforço no que se refere à atribuição de importância para a premiação do GE, isto porque são citadas diversas boas posições obtidas pela IES fazendo crer que a somatória de bons desempenhos é sinônimo de qualidade.

Neste particular, um último exemplo de informações a respeito de outras classificações acadêmicas observado nos materiais coletados é encontrado da seguinte forma no site da PUC-PR:

o curso de Psicologia da PUCPR, classificado com cinco estrelas, é o pioneiro do Estado do Paraná. No ranking Universitário Folha (RUF) a graduação ficou em 1º lugar entre as instituições do Paraná, e em 2º lugar no Brasil (PUC-PR, 2012b).

Dando prosseguimento às análises, com 33,33% das abordagens mais expressivas encontra-se a categoria que expõem depoimentos de diretores, gestores e professores de IESs premiadas no GE.

Neste sentido, a matéria, *PUCPR tem 49 cursos estrelados no Guia do Estudante 2012 da Editora Abril* (PUC-PR, 2012b), expõem dois depoimentos interessantes: o primeiro corresponde a fala do pró-reitor acadêmico da PUC do Paraná, Eduardo Damião, que ressaltou que os resultados obtidos na premiação do GE revelam que “a PUCPR está permanentemente melhorando a qualidade de seus cursos” (PUC-PR, 2012b). O segundo veicula-se a fala do coordenador do Curso de Administração, Alex Sandro Weymer, que ao tratar do crescimento do curso de quatro para cinco estrelas, não deixou de salientar que “esta classificação é reconhecimento do trabalho de uma equipe, formada pelos professores, pelos alunos e pelos colaboradores” (PUC-PR, 2012b).

Outra matéria, *Para coordenadora de Serviço Social, 5 estrelas é reconhecimento do compromisso coletivo* (PUC-PR, 2012a), destaca o depoimento da professora do Curso de Serviço Social, Maria Izabel Scheidt Pires, que também atua como coordenadora do referido curso. Para a coordenadora receber as cinco estrelas do Guia do Estudante “foi uma alegria muito grande” na medida em que a classificação do GE “acaba tendo ampla repercussão social”, sendo certo que o resultado é fruto de um esforço coletivo de todo “grupo de professores que levaram muito a sério a formação profissional de qualidade, crítica, propositiva e criativa”, destacando ainda haver “uma forte inserção sociopolítica nas entidades de organização de nossa categoria profissional, em assessorias a órgãos públicos nas três esferas do governo, em instituições privadas e do terceiro setor” (PUC-PR, 2012a).

Por fim, Maria Izabel Scheidt Pires ressaltou seu orgulho e a vontade de compartilhar estes bons resultados com a comunidade acadêmica ao dizer que:

queremos nos confraternizar com toda a comunidade acadêmica por esta conquista, a qual esperamos que traga ainda mais incentivo e reconhecimento para a PUCPR, para o curso, para a nossa profissão e para nossos egressos que adentrarão ao mercado de trabalho (PUC-PR, 2012a).

Por outro lado, a matéria, *Resultados comprovam excelência acadêmica* (VALENTE e MADUELL, 2011), aborda o desempenho da PUC-Rio em classificações acadêmicas como o ranking da QS e o do GE trazendo também o depoimento (os depoimentos) de pessoas ligadas à IES, a exemplo da fala da Coordenadora Central de Graduação, Daniela Vargas, que destaca a satisfação em receber a premiação do GE:

Foi com muita satisfação que recebemos a divulgação do Prêmio Melhores Universidades. Comprova que um objetivo foi consolidado com o resultado positivo que obtivemos nas áreas de conhecimentos das instituições privadas e vamos lutar para que tenhamos o número absoluto de estrelas nos cursos (VALENTE e MADUELL, 2011).

De modo semelhante, outro depoimento merece destaque. Trata-se da matéria da PUC-PR intitulada, *Coordenador do curso de Educação Física será um dos pareceristas do Guia do Estudante 2013* (PUC-PR, 2012c), matéria esta não contabilizada na análise por ter sido descartada durante o processo de seleção dos dados. Tal depoimento auxilia a compreender a dinâmica deste tipo de abordagem que carrega consigo o depoimento de atores universitários ligados à gestão e ao cotidiano das instituições acadêmicas. Não obstante esta matéria tenha ficado de fora do alcance das análises propriamente ditas, ainda assim, tem o mérito de expor o depoimento de um professor da PUC-PR, coordenador do curso de Educação Física, Rodrigo Siqueira Reis, que fora convidado a integrar o grupo de avaliadores do GE. O trecho extraído da matéria expõe o peso de sua fala ao abordar o assunto:

o convite do Guia do Estudante confirma a posição de destaque do curso de Educação Física da PUCPR no cenário nacional e atuar como parecerista é uma oportunidade para ampliar o conhecimento sobre a formação em educação física no país (PUC-PR, 2012c)

Outra abordagem expressiva, com 33,33%, refere-se à frequência com que as boas posições obtidas em edições passadas da avaliação do GE aparecem nos documentos coletados.

Tal abordagem é responsável por compor uma espécie de “trajetória das premiações institucionais”, ocasião em que são mencionadas as boas posições/colocações alcançadas em edições avaliativas anteriores do GE, em uma

tentativa clara de demonstrar linearidade, tradição, capacidade de competição, um tipo de histórico de vencedor, um atestado de qualidade acadêmica. É o caso da matéria, *PUCPR tem 49 cursos estrelados no Guia do Estudante 2012 da Editora Abril* (PUC-PR, 2012b), que revela a trajetória da instituição paranaense em edições anteriores do GE ao expor o crescimento geral de três cursos, em relação à edição de 2011, Engenharia Elétrica, Administração e Ciências Contábeis, destacando também que mais quatro cursos foram classificados com cinco estrelas, totalizando seis cursos com pontuação máxima.

Diferente matéria coletada no site da PUC-MG (2012a), por sua vez, também tratou da trajetória institucional nas avaliações do GE ao mencionar o primeiro ano em que foi premiada, bem como, outros anos em que igualmente recebeu o prêmio de melhor universidade privada. O trecho abaixo extraído da referida matéria expõe a trajetória em avaliações do GE que a IES está inserida:

a Universidade recebe o prêmio pela terceira vez consecutiva. A primeira vez foi em 2006, e, depois, seguidamente em 2010, 2011 e 2012, foi considerada a melhor universidade privada do Brasil pela mesma publicação, cuja avaliação é reconhecida nacionalmente (PUC-MG, 2012a).

Outros dois documentos podem ser citados de modo conjunto. Os dois revelam uma periodicidade em relação aos bons resultados obtidos nas premiações do GE, ao salientarem os resultados de edições anteriores da classificação da Editora Abril. O primeiro deles é da PUC-RS (PUC-RS, 2012) e revela que o curso de Ciências Biológicas “conquistou pela sexta vez” a pontuação máxima, ou seja, cinco estrelas. O segundo, ao seu tempo, é da PUC-PR (PUC-PR, 2011a) e salienta que a IES é “finalista, pela 3ª vez, na categoria Universidade do Ano – Escolas Privadas”.

Uma abordagem com percentual mais modesto refere-se à exibição das certificações obtidas na premiação do GE, de forma digitalizada, que aparece com 13,33% das incidências mais expressivas encontradas nos documentos coletados. É o caso, por exemplo, da PUC-RS que expõe a certificação GE que lhe atribui cinco estrelas ao curso de Ciências Biológicas, destacando que o fato se repete pela sexta vez, conforme exemplifica a certificação (ANEXO I). Outro exemplo, neste mesmo sentido é o certificado do Curso de Ciências Biológicas da PUC-PR que também recebeu tal certificação, conforme anexo (ANEXO II).

Na sequência, com 10% das abordagens, tem-se a categoria relativa aos critérios, dados e números relativos às avaliações do GE, ou seja, uma categoria vinculada aos critérios metodológicos da avaliação.

Tal categoria pode ser verificada na matéria, *Prêmio Guia do Estudante 2012: PUC Minas eleita novamente a melhor universidade privada do Brasil* (PUC-MG, 2012a), que expõem os bons resultados consecutivos da instituição mineira atentando-se, todavia aos aspectos que envolvem a metodologia da premiação, conforme se pode verificar abaixo:

Os conceitos são dados por consultores – docentes, diretores de departamento e avaliadores do MEC - que classificam os cursos com base em um questionário - entre outras formas de avaliação - preenchido pelos coordenadores de cada curso avaliado. O Guia do Estudante avalia apenas cursos superiores que atendem a quatro critérios: ter titulação de bacharelado (exceto Pedagogia e Educação Física, que são consideradas prioritariamente as licenciaturas), ou bacharelado e licenciatura (ambas oferecidas simultaneamente); possuir turma formada há pelo menos um ano (data de conclusão da primeira turma igual ou inferior a dezembro de 2010); ter turma (s) em andamento e ser oferecido no próximo processo seletivo; e ser um curso presencial. A avaliação de cursos superiores do Guia do Estudante existe há mais de duas décadas. O resultado completo da premiação será divulgado na publicação GE Profissões Vestibular 2013 (PUC-MG, 2012a).

Por fim, a abordagem relativa à exposição do posicionamento de órgãos e entidades educacionais e profissionais não foi verificada em nenhum dos materiais coletados relativos à 7ª edição do segmento privado.

Na 8ª edição da premiação do GE em 2013, ao seu tempo, houve apenas uma alteração no segmento particular com relação à classificação das melhores universidades publicada na edição anterior: trata-se da saída da PUC-PR da terceira posição e a entrada da PUC-RJ na mesma posição. Deste modo, no segmento particular foram premiadas as seguintes instituições universitárias: a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) em primeiro, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) em segundo e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) em terceiro.

O Quadro II abaixo, pertinentemente, objetiva interligar sistematicamente as informações contidas nos documentos coletados nas instituições universitárias privadas, coletando suas frequências e os percentuais em que as abordagens qualificadas como mais expressivas vão aparecendo em seus conteúdos. Tais indicadores quantitativos

destinaram-se a observar a utilização, a frequência, os posicionamentos e tendências relativas aos documentos coletados nesta 8ª edição, para então, constatar sua maior incidência.

QUADRO II

Incidência das temáticas mais relevantes abordadas nos 9 textos localizados em sítios eletrônicos das instituições universitárias privadas premiadas em 2013 pelo GE

ABORDAGEM DOS MATERIAIS COLETADOS	FREQUÊNCIA (N=9)	PERCENTUAL
Destacam resultados avaliativos do GE como forma de dar credibilidade à cursos e serviços da IES premiada;	9	100%
Destacam os resultados na avaliação do GE como forma de valorar as IES como um todo;	5	55,55%
Atentam-se aos critérios, dados e números relativos às avaliações do GE	4	44,44%
Expõem depoimentos de diretores de IES premiadas, bem como gestores, professores de cursos	3	33,33%
Exibem suas certificações GE (digitalizadas)	2	22,22%
Mencionam suas boas posições em edições avaliativas anteriores do GE.	2	22,22%
Mencionam outras avaliações da educação superior oriundas de políticas públicas e/ou outras classificações acadêmicas paralelamente para reforçar resultados na avaliação do GE;	1	11,11%
Expõem o posicionamento de órgãos e entidades educacionais e profissionais	0	0%

3.3.2. Da análise de conteúdo obtida perante as universidades privadas premiadas na 8ª edição:

O maior percentual observado nos materiais coletados entre as universidades privadas no ano de 2013, 100% das abordagens mais relevantes, destaca os resultados obtidos na avaliação do GE como forma de atribuir credibilidade aos cursos e serviços da instituição universitária premiada.

O documento, *Curso de Medicina da PUCPR está entre os melhores do Brasil* (PUC-PR, 2013a), trata brevemente da avaliação do GE de 2013 relativa ao Curso de Medicina, que recebeu a certificação de 4 estrelas. Ainda que de modo bastante sucinto,

o documento dá visibilidade ao curso da referida IES. Para fortalecer a ideia de visibilidade convém destacar o depoimento de um aluno, Luiz Sergio Valle, que muito embora não seja do Curso de Medicina, mas sim do Curso de Engenharia de Alimentos, exemplifica bem a valorização atribuída às boas pontuações obtidas em ranqueamentos como o do GE para a escolha dos cursos:

Na época da escolha do curso de graduação, utilizei o Guia do Estudante e encontrei o curso de Engenharia de Alimentos da PUCPR. Chamou-me a atenção por ser muito bem conceituado, com boa estrutura de laboratórios e muitas aulas práticas. Durante o curso, realizei estágios e me dediquei na disciplina Projeto de implantação de Agroindústria, que foi importante para montar a minha empresa, a Qualinova (PUC-PR, 2013a).

A matéria, *Guia do Estudante: Cursos da PUC Minas bem qualificados* (PUC-MG, 2012f), ao seu tempo, é bastante evidente ao expor seus cursos que atingiram pontuação máxima, como o de História, Publicidade e Propaganda e Serviço Social, assim como seus outros cursos que atingiram quatro e três estrelas. O trecho a seguir traz o nome dos cursos estrelados-premiados pelo GE:

Os cursos da PUC Minas, em Belo Horizonte, de História, Publicidade e Propaganda e Serviço Social receberam cinco estrelas, conceito máximo (excelente), na avaliação de cursos superiores realizada neste ano pelo Guia do Estudante, da Editora Abril. Outros 28 cursos receberam quatro estrelas (muito bom) e outros 28, três estrelas (bom). Os dados integrarão a publicação GE Profissões Vestibular 2013, que circulará a partir de 25 de outubro. Quatro estrelas: em Arcos, o Curso de Administração; em Belo Horizonte, Administração, Arquitetura e Urbanismo, Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Ciências Sociais, Direito, Educação Física, Engenharia Elétrica, Engenharia Eletrônica, Engenharia Mecânica, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Jornalismo, Letras, Pedagogia, Relações Internacionais, Relações Públicas, Sistemas de Informação. Em Betim, também ficou com quatro estrelas o curso de Ciências Biológicas; em Contagem, os cursos de Serviço Social e Sistemas de Informação; em Poços de Caldas, o de Administração, Ciência da Computação, Direito, Enfermagem e Fisioterapia (PUC-MG, 2013f).

O *Jornal da PUC* (PUC-Rio) publicou o artigo, *Primeiro lugar em três quesitos* (PERNET, 2012), divulgando os bons resultados institucionais obtidos em certas áreas do conhecimento, tais áreas correspondem aos cursos e serviços oferecidos pela IES. O trecho abaixo exhibe o destaque dado aos cursos (representados aqui por áreas do conhecimento):

A PUC-Rio obteve o primeiro lugar entre as universidades particulares em três áreas de conhecimento: Ciências Sociais, Ciências Exatas e

Informática e Engenharia e Produção, na classificação instituída pelo Guia de Estudante 2013, da Editora Abril. A Instituição foi eleita a terceira melhor universidade privada do país e também conquistou o segundo lugar entre as particulares na área de Comunicação e Informação (PERNET, 2012).

O suplemento digital, *PUCRS Informação* (REVISTA PUC-RS INFORMAÇÃO, 2013), também deu destaque à premiação do GE em 2013 como forma de atribuir credibilidade e valorização a seus serviços e cursos, conforme se pode observar a seguir:

O curso de Matemática (licenciatura) é o único das instituições privadas do Brasil com nota máxima (5). Já Sistemas de Informação, Ciências Sociais (licenciatura e bacharelado) e História (bacharelado) obtiveram o 1º lugar na Região Sul entre as instituições públicas e privadas. Os cursos de Engenharia da Computação, Engenharia Química e da Produção, e os cursos de Filosofia (bacharelado), Física (bacharelado) e Geografia (bacharelado) se destacam como os melhores da Região Sul e a 2ª do País na mesma categoria (REVISTA PUC-RS INFORMAÇÃO, 2013).

Finalmente, mais dois exemplos que tratam da abordagem relativa à valorização de cursos e serviços da IES. O primeiro exemplo é visível por meio da matéria, *Curso de Medicina da PUCPR está entre os melhores do Brasil* (PUC-PR, 2013a), destacou cursos e serviços oferecidos pela instituição universitária PUC do Paraná, divulgando seus bons resultados na premiação do GE para reforçar a qualidade de seu curso de Medicina (detentor de quatro estrelas). O segundo, ao seu turno, recebeu o título de *Prêmio Guia do Estudante 2013: PUC Minas eleita novamente a melhor universidade privada do Brasil* (PUC-MG, 2013a), e destacou a conquista da instituição confessional mineira ressaltando a conquista pela “quinta vez” do prêmio, como forma de dar destaque aos seus cursos e serviços.

Outra abordagem se destaca com 55,55% das incidências. Refere-se aos resultados da avaliação do GE como forma de valorar a IES como um todo.

Essa abordagem é encontrada na matéria, *Prêmio Guia do Estudante 2013: PUC Minas eleita novamente a melhor universidade privada do Brasil* (PUC-MG, 2013a), que ressalta a IES como vencedora da categoria melhores universidades (no segmento privado), em diversas edições, em evidente destaque institucional. O trecho a seguir dá destaque à IES como um todo:

A PUC Minas é a vencedora, pela quinta vez, do Prêmio Melhores Universidades – Guia do Estudante 2013. Nesta edição do prêmio, concedido pela publicação da Editora Abril, a Instituição foi eleita a

melhor do País na categoria Universidade do Ano – Escolas Privadas. A Universidade foi considerada, pela primeira vez em 2006, e, depois, seguidamente em 2010, 2011 e 2012, a melhor universidade privada do Brasil pela mesma publicação, cuja avaliação é reconhecida nacionalmente (PUC-MG, 2013a).

A mesma abordagem foi observada no informativo eletrônico, *Revista PUCRS Informação* (2013), que expôs ao seu modo os feitos institucionais da PUC-RS no Prêmio Melhores Universidades de 2013 destacando que a IES “foi considerada a melhor Universidade privada da Região Sul e a 2ª do País na mesma categoria, segundo o Prêmio Melhores Universidades do Guia do Estudante da Editora Abril”.

Outra matéria, *Primeiro lugar em três quesitos* (PERNET, 2013), revela as boas posições ocupadas por cursos da IES, bem como as áreas do conhecimento que receberam destaque segundo os critérios da premiação, salientando também a importância e os efeitos institucionais decorrentes da classificação do GE, quando destaca que “a instituição foi eleita a terceira melhor universidade privada do país”. Segundo Ricardo Bergmann, Vice-Reitor Acadêmico, o bom desempenho institucional se deve à infraestrutura que acaba por trazer bons efeitos, no campo da formação, aos alunos.

Finalmente, duas matérias fecham o rol de exemplos relativos a esse tipo de abordagem. A primeira é a matéria, *PUCPR tem sete cursos com pontuação máxima no Guia do Estudante* (PUC-PR, 2013b), que também tratou de dar visibilidade institucional por meio das premiações que recebeu do GE no âmbito de seus cursos. A segunda matéria, todavia, *PUC Minas eleita novamente a melhor universidade privada do Brasil* (PUC-MG, 2013b), destacou os bons resultados institucionais da IES, eleita a melhor privada nos anos de 2006, 2010, 2011, 2012 e, na última, em 2013, sem deixar de mencionar, para reforçar a importância da premiação, que a última avaliação do GE avaliou um elevado número de instituições universitárias públicas e privadas (558 no total).

Com 44,44% das abordagens mais expressivas aparece a categoria voltada aos critérios, dados e números relativos às avaliações do GE, encontrada nos documentos coletados. Trata-se da categoria que se volta aos aspectos metodológicos da premiação, ou seja, da avaliação do GE.

Para exemplificar essa abordagem três matérias foram selecionadas. A primeira intitulada, *Guia do Estudante: Cursos da PUC Minas bem qualificados* (PUC-MG, 2012f), apesar de destacar os bons resultados obtidos pelos cursos da IES carrega consigo um teor metodológico forte, o que facilita a compreensão do leitor porque revela as dimensões que envolvem o processo de avaliação, seus elementos norteadores, como é o caso dos critérios avaliativos adotados pelo GE, que aparecem na referida matéria da seguinte maneira:

O GE avalia apenas os cursos superiores que atendem a quatro critérios: ter a titulação de bacharelado, salvo duas exceções: Pedagogia e Educação Física, que são consideradas prioritariamente as licenciaturas; ou bacharelado e licenciatura (ambas oferecidas simultaneamente); possuir turma formada há pelo menos um ano (data de conclusão da primeira turma igual ou inferior a dezembro de 2009); ter turma em andamento e ser oferecido no próximo processo seletivo; e ser um curso presencial. Os respectivos coordenadores dos cursos respondem a um questionário eletrônico, com dados específicos sobre o curso, como titulação do corpo docente e produção científica. Os dados preenchidos são disponibilizados, de forma aleatória, aos pareceristas para auxiliá-los no processo de avaliação. O corpo de consultores do GE é formado por docentes, coordenadores de curso, diretores de departamento e avaliadores do MEC. Têm preferência os consultores que possuem currículo cadastrado na Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e constam do Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Basis) (PUC-MG, 2012f).

A segunda matéria, por sua vez, denominada *Prêmio Guia do Estudante 2013: PUC Minas eleita novamente a melhor universidade privada do Brasil* (PUC-MG, 2013a), inicia tratando da premiação institucional que a universidade recebeu do GE pela quinta vez, sendo que ao final recorre novamente à exposição de aspectos metodológicos como forma de esclarecimento acerca de detalhes e aspectos numéricos da avaliação:

A instituição vencedora, uma pública e outra privada, foi (*sic*) identificada (*sic*) por meio da aplicação de uma fórmula, que combina indicadores de qualidade (maior valorização dos cinco, quatro e três estrelas, nessa ordem) e de quantidade de cursos estrelados. O Guia do Estudante avalia apenas os cursos superiores que atendem aos seguintes critérios: ter titulação de bacharelado (com exceção de Pedagogia e Educação Física, em que são consideradas prioritariamente as licenciaturas); ser presencial; ter turma (s) em andamento e ser oferecido no próximo processo seletivo; não são consideradas as habilitações; o Guia do Estudante avalia o curso como um todo. É considerado apenas um curso por município de cada instituição (PUC-MG, 2013a).

Após tratar dos critérios da avaliação do GE também foram expostos dados acerca dos questionários e do seu uso, bem como dos consultores e do modo como são selecionados, conforme se vê abaixo:

Coordenadores dos cursos que serão avaliados respondem a um questionário eletrônico, com dados específicos sobre o curso, como titulação do corpo docente e produção científica. Essas informações são disponibilizadas aos pareceristas para auxiliá-los no processo de avaliação. O corpo e consultores do GE é formado, basicamente, por docentes e coordenadores de curso. Têm preferência os consultores que possuem currículo cadastrado na Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (PUC-MG, 2013a).

A terceira, por sua vez, do portal eletrônico, *Revista PUCRS informação* (PUC-RS, 2013), revelou, de modo discreto, certos aspectos metodológicos ao ressaltar que “a média de estrelas dos cursos é um dos diversos indicadores de qualidade”. Enquanto que a matéria, *Primeiro lugar em três quesitos* (PERNET, 2012) também destacou aspectos metodológicos, embora mais ligados aos dados e números do que aos critérios que envolvem a avaliação do GE, conforme se pode observar a seguir: “A pesquisa ouviu mais de 3.600 acadêmicos que avaliam quase 12 mil cursos. Da PUC-Rio foram analisados 31 de graduação dos quais 14 receberam nota máxima”.

Seguindo com a exposição da análise do conteúdo dos materiais coletados, 33,33% das abordagens mais relevantes, expõem depoimentos de diretores, gestores e professores de instituições universitárias premiadas.

Neste sentido, quando se pensa nos depoimentos encontrados é pertinente citar o texto coletado no *Jornal da Puc*, Edição 264, escrito por Hugo Pernet (2012), que traz a opinião do professor e vice-reitor acadêmico da PUC-RJ, José Ricardo Bergmann, a respeito do desempenho da instituição destacando, em resumo, que muito se deve à infraestrutura da universidade que atua qualificando o estudante. Para o Vice-Reitor Comunitário, Augusto Sampaio, a qualidade acadêmica da IES está atrelada “ao programa de bolsas”, pois, segundo o mesmo, “a bolsa busca conciliar a competência com a carência”.

Outra matéria, *PUCPR tem sete cursos com pontuação máxima no Guia do Estudante* (PUC-PR, 2013b), destaca os cursos da IES que atingiram boas posições (Estrelas) na classificação do GE, com especial atenção ao curso de Educação Física (cinco estrelas) por meio do depoimento do Coordenador do Curso, Rodrigo Reis, que explicitou o sucesso do referido curso dizendo, que:

O resultado foi uma grande conquista para o curso de Educação Física. O coordenador do curso, Rodrigo Reis, contou que este é o reflexo do reconhecimento do mercado por uma série de implementos realizados. “Batalhamos por parcerias nacionais e internacionais, fizemos algumas mudanças na grade curricular da graduação, incentivamos os Programas de Iniciação Científica (PIBIC) e o Grupo de Pesquisa em Atividade Física e Qualidade de Vida (GPAQ) (PUC-PR, 2013b).

De acordo com (PUC-PR, 2013b) o Pró-Reitor Acadêmico, Eduardo Damião, destacou ainda que:

O Guia do Estudante traz o resultado do esforço interno de melhorar continuamente os cursos de graduação com investimentos em pesquisa, no corpo docente, na estrutura de atendimento aos alunos, na organização de atividades acadêmicas e na estrutura dos laboratórios (PUC-PR, 2013b).

Em seguida, duas abordagens expressivas aparecem com o mesmo percentual, 22,22%. A primeira delas refere-se à exibição de certificações digitalizadas nos sites institucionais das instituições universitárias. A segunda abordagem menciona um tipo de “trajetória das premiações institucionais”, mencionando as boas posições alcançadas em edições anteriores da avaliação do GE.

Neste particular, corroborando com a primeira abordagem anteriormente mencionada, em anexo (ANEXO III) encontra-se a certificação do GE relativa ao curso de Educação Física da PUC-RS coletada no portal do respectivo instituto. Outro exemplo de abordagens que expõem certificações de cursos estrelados é encontrado no Curso de Pedagogia da PUC-RS (ANEXO IV), que alcançou cinco estrelas no GE e que é exposta na *web page* institucional com o seguinte texto:

temos o prazer de comunica-los que o curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Porto Alegre foi estrelado na avaliação de cursos superiores realizada pelo Guia do Estudante (GE) (PUC-RS, 2013b).

Tais certificações funcionam como referendo de qualidade de um determinado curso (qualidade vinculada logicamente à publicação da Editora Abril), uma certificação de qualidade emitida por elementos externos, no caso, pelo pessoal que realiza as etapas da avaliação de cursos do GE.

Com relação à segunda abordagem, referente à composição de uma espécie de “trajetória das premiações institucionais”, a matéria da PUC-MG – Unidade de São Gabriel (PUC-MG, 2013b), revela uma abordagem que vai além daquela pertinente à importância e ao destaque institucional dado aos resultados da premiação do GE, ou

seja, revela também uma abordagem relativa à periodicidade de se estar sempre entre as premiadas, exibindo assim edições avaliativas anteriores, que ajudam na composição da referida periodicidade. Como exemplo é possível citar um trecho encontrado na referida matéria coletada no site institucional da PUC-MG (2013b), que consegue dar uma boa ideia a respeito de tal abordagem. O fragmento ressalta que a:

universidade recebeu o prêmio pela terceira vez consecutiva. A primeira vez foi em 2006, e, depois, seguidamente em 2010, 2011 e 2012, foi considerada a melhor universidade privada do Brasil pela mesma publicação, cuja avaliação é reconhecida nacionalmente (PUC-MG, 2013b).

A última abordagem observada, com 11,11% das abordagens, faz menção a outras avaliações da educação superior oriundas de políticas públicas e/ou outras classificações acadêmicas utilizadas paralelamente para reforçar resultados na avaliação do GE. Trazendo um exemplo desse tipo de abordagem o portal eletrônico, *Revista PUCRS informação* (2013), expôs informações acerca da qualidade, do desempenho e dos bons resultados obtidos pela IES, fazendo referência ao Índice Geral de Cursos (IGC), conforme se pode observar a seguir:

A PUCRS é a melhor Universidade privada da Região Sul e a 3ª do País segundo o Índice Geral de Cursos (IGC) 2011, do Ministério da Educação (MEC), que avalia a qualidade dos cursos de graduação, mestrado e doutorado. O conceito IGC Contínuo foi de 3,68, na faixa 4, em uma escala de 1 a 5 (REVISTA PUCRS INFORMAÇÃO, 2013).

A matéria ainda destacou:

O curso de Matemática (licenciatura) é o único das instituições privadas do Brasil com nota máxima (5). Já sistemas de informação, Ciências Sociais (licenciatura e bacharelado) e História (bacharelado) obtiveram o 1º lugar na Região Sul entre as instituições públicas e privadas. Os cursos de Engenharia da Computação, engenharia Química e da Produção, e os cursos de Filosofia (bacharelado), Física (bacharelado) e Geografia (bacharelado) se destacam como os melhores da Região Sul entre as IES privadas (REVISTA PUCRS INFORMAÇÃO, 2013).

Por fim, não houve citação a categoria que se refere à exposição do posicionamento de órgão e entidades educacionais e profissionais.

3.4. As universidades premiadas do segmento público

Assim como fora anteriormente exposto com os quadros I e II com relação ao segmento particular, agora com o Quadro III, propõe-se mais uma vez efetivar a ligação entre as informações contidas nos documentos coletados nas instituições universitárias,

agora do segmento público da educação superior, bem como, coletar (e expor, principalmente) suas frequências e os percentuais em que as abordagens qualificadas como mais expressivas e relevantes vão aparecendo em seus conteúdos.

Deste modo, foram então se instaurando indicadores quantitativos destinados a observar a utilização, a frequência, os posicionamentos e tendências relativas aos documentos coletados no segmento público universitário, para então, constatar sua maior incidência.

Nesta edição da premiação do GE em 2012 foram premiadas as seguintes instituições universitárias públicas: a Universidade de São Paulo (USP) ficou em primeiro, a Universidade Estadual Paulista (UNESP) em segundo e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em terceiro.

QUADRO III

Incidência das temáticas mais relevantes abordadas nos 10 textos localizados em sítios eletrônicos das instituições universitárias públicas premiadas em 2012 pelo GE

ABORDAGEM DOS MATERIAIS COLETADOS	FREQUÊNCIA (N=10) 	PERCENTUAL
Destacam resultados avaliativos do GE como forma de dar credibilidade à cursos e serviços da IES premiada;	10	100%
Exibem suas certificações GE (digitalizadas)	5	50%
Destacam os resultados na avaliação do GE como forma de valorar as IES como um todo;	4	40%
Mencionam suas boas posições em edições avaliativas anteriores do GE.	2	20%
Mencionam outras avaliações da educação superior oriundas de políticas públicas e/ou outras classificações acadêmicas paralelamente para reforçar resultados na avaliação do GE;	2	20%
Expõem o posicionamento de órgãos e entidades educacionais e profissionais	2	20%
Atentam-se aos critérios, dados e números relativos às avaliações do GE	2	20%
Expõem depoimentos de diretores de IES premiadas, bem como gestores, professores de cursos	1	10%

3.4.1. Da análise de conteúdo obtida perante as universidades públicas premiadas na 7ª edição:

A abordagem mais expressiva encontrada nos materiais coletados junto às instituições públicas, com 100% de incidência, destacou os resultados da avaliação do GE como forma de aumentar o *status* e a credibilidade aos cursos e serviços educacionais ofertados.

É o caso da matéria coletada no site da UNESP intitulada, *Guia do Estudante confirma excelência do IBB* (UNESP-BOTUCATU, 2012), que em resumo, exhibe os bons resultados obtidos pelos três cursos que integram o Instituto de Biociências de Botucatu (IBB). O trecho transcrito a seguir retrata bem a divulgação dos cursos bem colocados no GE:

Três cursos oferecidos pelo Instituto de Biociências de Botucatu/Unesp (IBB) foram classificados como “Excelentes” pelo Guia do Estudante, publicação da Editora Abril especializada no Ensino Superior. Ciências Biológicas, Ciências Biomédicas e Nutrição obtiveram conceito cinco estrelas enquanto que, Física Médica, obteve três estrelas, avaliado como “Bom” (UNESP-BOTUCATU, 2012).

O material coletado no portal do curso de Ciência da Computação da UFRJ intitulado, *Nota máxima na avaliação do Guia do Estudante 2012* (JARDIM, 2012), também traz consigo um pequeno texto acompanhado da certificação obtida com o GE atestando as cinco estrelas recebidas pelo referido curso. Segundo informou a matéria:

O nosso curso de Ciência da Computação foi estrelado na avaliação de cursos superiores realizada pelo Guia do Estudante (GE) e constará da publicação GE Profissões Vestibular 2012, que passa a circular nas bancas a partir do dia 6 de outubro. Recebemos 5 estrelas, a avaliação máxima! Parabéns a todos que lutam por tornar este um curso de excelência, motivo de orgulho para alunos, professores e corpo técnico! (JARDIM, 2012).

O documento *Avaliações de Curso* (UFRGS, 2012a), ao seu turno, trata das avaliações que o Curso de Engenharia de Computação foi submetido, tanto oriundas de políticas públicas como aquelas que se ligam ao mercado, sendo certo que seu conteúdo destaca principalmente a excelência reconhecida do curso “como formador de profissionais no mercado de trabalho”. De modo igualmente sucinto o documento, *Boas vindas ao site oficial do Curso de Obstetrícia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo* (EACH-USP, 2012), destaca aos bons

resultados obtidos pelo Curso de Obstetrícia que levou as cinco estrelas do prêmio GE em 2012 (exibindo ainda a certificação) e que em 2011 havia sido premiado com quatro estrelas.

Outro exemplo de divulgação de serviço ou curso utilizando-se os bons resultados obtidos no GE ocorre por meio da exibição de certificações acompanhadas de pequeno texto. Assim como o documento, *Selo de Estrelas do Guia do Estudante da Editora Abril 2012* (UNESP-SOROCABA, 2012), que ao exibir a certificação comprova as quatro estrelas obtidas pelo Curso de Engenharia de Controle e Automação. De modo semelhante o documento intitulado, *Avaliação dos Cursos do IM pelo Guia do Estudante* (UFRJ, 2012) também dá ênfase às cinco estrelas obtidas pelos cursos utilizando como reforço as certificações atribuídas aos mesmos.

A matéria, *Engenharia de Produção: Competências técnicas e gerenciais em prol da competitividade organizacional* (UNESP-BAURU, 2012), por sua vez, representa um tipo de texto bastante elaborado que trata de expor as especificidades da carreira, sua ligação com as engenharias etc. No entanto, chama atenção o trecho do documento que dá destaque aos “diferenciais” do curso, isto porque dentre os diferenciais estão presentes as cinco estrelas que o curso ganhou junto à classificação do GE em 2012, uma evidente maneira de dar destaque e credibilidade ao curso.

Finalmente a matéria, *USP é eleita melhor universidade pública em Administração e Negócios no Prêmio Guia do Estudante* (USP-FEARP, 2011), aborda a premiação do GE de modo institucional, expondo que a IES ganhou o prêmio de melhor universidade pública pela quarta vez, sem deixar de mencionar e divulgar os resultados na categoria Administração e Negócios, na qual a instituição universitária foi eleita a melhor do país no segmento público. Trata-se de uma área do conhecimento que abarca ou abrange cursos e serviços da USP, e por conta de seus bons resultados, o conteúdo do material se enquadra no âmbito da divulgação e difusão.

Com 50% das abordagens mais expressivas, outro percentual chama atenção. Trata-se da exibição de certificações digitalizadas de cursos estrelados pelo GE, todas coletadas nos *sites* institucionais de diversas instituições universitárias. Para exemplificar, anexo encontram-se duas certificações de cursos premiados pelo GE encontradas nos materiais coletados nos portais das instituições universitárias.

Neste mesmo sentido, a USP (USP-EACH, 2012) divulgou seus bons resultados no GE obtidos pelo Curso de Obstetrícia da Escola de Artes Ciências e Humanidades, por meio da exibição de certificação (ANEXO V). A instituição que no ano de 2010 e 2011 havia conseguido quatro estrelas, em 2012, expõe as cinco estrelas que obteve no GE, exibindo sua certificação. Assim também fez o curso de Engenharia de Controle e Automação da UNESP (UNESP-SOROCABA, 2012), ao expor sua certificação no portal institucional, como evidente forma de divulgar o curso (ANEXO VI). A matéria, *Avaliação dos Cursos do IM pelo Guia do Estudante* (UFRJ, 2012), também dá destaque aos seus cursos, especificamente os do Instituto de Matemática que “receberam cinco estrelas na avaliação de cursos superiores realizada pelo Guia do Estudante”, utilizando-se das certificações dos mesmos (ANEXO VII), como forma de dar relevância e destaque às colocações alcançadas.

Com 40% das abordagens mais expressivas destaca-se a categoria referente à exibição dos resultados na avaliação do GE como forma de valorar a IES como um todo. Para exemplificar tal abordagem três matérias foram selecionadas.

A primeira intitulada, *USP é eleita melhor universidade pública em Administração e Negócios no Prêmio Guia do Estudante* (USP-FEARP, 2011), ressalta que a USP foi eleita a melhor universidade pública na categoria Administração e Negócios, sem deixar de dar destaque a premiação também vencida pela IES na categoria de melhor universidade pública do país, conforme se observa: “além do prêmio de melhor escola de negócios do país, a USP foi escolhida pela quarta vez a melhor instituição pública de ensino superior do Brasil”. Fica nítido que a referida matéria, ao dar destaque à premiação dos cursos, está valorizando a instituição universitária como um todo, utilizando-se para tal do prestígio e do renome da avaliação realizada pelo GE.

A segunda matéria intitulada, *Conquista: UFRJ se destaca no VII Prêmio Melhores Universidades* (UFRJ-POLI, 2012), apresenta um pequeno texto no qual relata o desempenho de seus cursos de graduação, bem como sua terceira posição entre as melhores universidades públicas do país. A terceira matéria, também de pequeno porte, *FEAUSP é vencedora do Prêmio Melhores Universidade – Guia do Estudante 2012* (USP-FEA, 2012), também entra no rol daquelas que ao darem destaque a cursos e serviços acabam por valorizar a IES como um todo.

Dando prosseguimento às análises, quatro abordagens atingiram 20%. A primeira corresponde à incidência de temáticas que fazem menção às boas posições alcançadas em edições avaliativas anteriores do GE. A segunda refere-se às temáticas que mencionam outras avaliações da educação superior oriundas de políticas públicas e/ou outras classificações acadêmicas mencionadas paralelamente para reforçar os resultados na avaliação do GE. A terceira contempla temáticas referentes ao posicionamento de órgãos e entidades educacionais e profissionais. E, finalmente, a quarta temática aborda os critérios, dados e números (aspectos metodológicos) relativos às avaliações do GE.

No que tange à primeira abordagem, a matéria, *Boas vindas ao site oficial do Curso de Obstetrícia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo* (EACH-USP, 2012), faz menção às boas posições que o referido curso de Obstetrícia alcançou nas edições de 2010 e 2011, ocasião em que faturou quatro estrelas no GE.

Outra matéria, *USP é eleita melhor universidade pública em Administração e Negócios no Prêmio Guia do Estudante* (USP-FEARP, 2011), também traça a trajetória avaliativa no âmbito das classificações elaboradas pelo GE ao destacar que “a USP foi escolhida pela quarta vez a melhor instituição pública de ensino superior do Brasil. Esta é a terceira conquista consecutiva para a USP, que já havia sido escolhida em 2009, 2010, além de 2006”. O trecho citado explicita o valor e o *status* que IES adquire por estar sempre entre as premiadas, ano após ano, edição após edição.

Já com relação à segunda abordagem referente às outras avaliações mencionadas nos documentos coletados, duas matérias institucionais merecem destaque.

A primeira intitulada, *Avaliação dos Cursos do IM pelo Guia do Estudante* (UFRJ, 2012), destaca as estrelas que o IM recebeu em seus cursos, sendo que ao final dá destaque ao RUF do Jornal Folha de São Paulo, como forma de reforçar os bons resultados obtidos nos GE, conforme se verifica a seguir: “lembramos também que no Ranking Universitário Folha, a UFRJ conquistou a terceira posição entre as universidades avaliadas”. A segunda, encontrada na *web page* da UFRGS (2012) refere-se às avaliações que IES está submetida e àquelas em que a mesma teve êxito expondo, todavia, avaliações como a do ENADE, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) e a da revista Info, mais especificamente o ranking dos Cursos de

Computação da Revista Info Exame. Para tornar mais tangível, a seguir, expõe-se o parecer emitido pelo ENADE a respeito do Curso de Engenharia de Computação:

O resultado desta avaliação se dá por conceitos que variam de 1 a 5, de forma que, quanto maior é o valor, melhor é o desempenho do curso avaliado. O curso de Engenharia de Computação da UFRGS atingiu o conceito 5 na avaliação de 2005 do ENADE (UFRGS, 2012).

Com relação à terceira abordagem que contempla as temáticas referentes ao posicionamento de órgãos e entidades educacionais e profissionais, a matéria encontrada na *web page* da UFRGS (2012), como já fora dito, refere-se as avaliações que instituição gaúcha está submetida e àquelas que a mesma se saiu bem expondo, todavia, o parecer final do curso de Engenharia de Computação elaborado pela comissão do INEP, conforme se pode ver abaixo:

A IES (UFRGS) oferece amplas condições para o curso objeto desta avaliação e esta comissão verificou, in loco, a veracidade das informações prestadas através dos formulários eletrônicos. Isto pode ser comprovado pelos conceitos atribuídos aos aspectos avaliados. O curso avaliado de Engenharia de Computação pode ser considerado amplamente coerente com o projeto de curso proposto e com a formação desejada para o egresso. Nas três dimensões avaliadas e que compõem este instrumento de avaliação, pôde-se observar o grau de excelência nas atividades inerentes ao curso, com pequenas ressalvas reportadas por esta comissão ao longo do relatório. Esta Comissão de Avaliação do MEC/INEP entende que o curso objeto deste processo avaliativo - Engenharia de Computação - pode ser reconhecido (UFRGS, 2012a).

A quarta temática aborda os critérios, dados e números (aspectos metodológicos) relativos às avaliações do GE. Por mais uma vez, a matéria encontrada na *web page* da UFRGS (2012) também contempla este indicador ao mencionar que:

O Guia do Estudante (GE) avalia cursos superiores que atendem a alguns requisitos. Os cursos devem ter titulação de bacharelado, possuir turma formada há pelo menos um ano, ser presencial e ter turma(s) em andamento. Os coordenadores desses cursos recebem um questionário no qual informam os dados mais relevantes sobre as suas graduações. Com base nesses formulários, os consultores do GE - coordenadores de curso, avaliadores do MEC, professores e especialistas - atribuem conceitos aos cursos, que são convertidos em estrelas (UFRGS, 2012).

Por fim, com apenas 10% das abordagens, a temática pertinente a exposição de depoimentos de diretores, gestores e professores de IES premiadas aparece como a abordagem menos significativa encontrada.

Neste sentido, a matéria *Guia do Estudante Confirma excelência em cursos do IBB* (UNESP-BOTUCATU, 2012), expõe o depoimento do Diretor da instituição, Renato Diniz, que destaca o trabalho que vem sendo feito para promover os cursos do Instituto de Biociências de Botucatu (IBB) e também o bom desempenho perante o GE destacando, que: “há anos temos cursos listados com excelência. Nossa infraestrutura de ensino aos alunos passa por contínuas melhorias, além da atualização constante de nosso corpo docente”. Outro ponto relacionado pelo Diretor como preponderante para o sucesso da IES no GE foi a produção científica, conforme se observa a seguir: “O Instituto de Biociências tem sido uma das unidades que mais tem obtido recursos, dentro da universidade junto à Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo)” (UNESP-BOTUCATU, 2012).

A seguir apresenta-se o Quadro IV, logo abaixo, que assim como os anteriores este último quadro objetiva interligar sistematicamente as informações contidas nos documentos coletados nas instituições universitárias privadas, também coleta suas frequências e os percentuais em que as abordagens qualificadas como mais expressivas vão aparecendo em seus conteúdos. Tais indicadores quantitativos destinaram-se a observar a utilização, a frequência, os posicionamentos e tendências relativas aos documentos coletados nesta 8ª edição, para então, constatar sua maior incidência.

Na 8ª edição da premiação do GE em 2013, ao seu tempo, a Universidade de São Paulo (USP) ficou em primeiro, a Universidade Estadual Paulista (UNESP) em segundo e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em terceiro.

QUADRO IV**Incidência das temáticas mais relevantes nos 20 textos localizados em sítios eletrônicos das instituições universitárias públicas premiadas em 2013 pelo GE**

ABORDAGEM DOS MATERIAIS COLETADOS	FREQUÊNCIA (N= 20) 	PERCENTUAL
Destacam resultados avaliativos do GE como forma de dar credibilidade à cursos e serviços da IES premiada;	19	95%
Destacam os resultados na avaliação do GE como forma de valorar as IES como um todo;	14	70%
Exibem suas certificações GE (digitalizadas)	9	45%
Atentam-se aos critérios, dados e números relativos às avaliações do GE	8	40%
Mencionam suas boas posições em edições avaliativas anteriores do GE.	5	25%
Expõem depoimentos de diretores de IES premiadas, bem como gestores, professores de cursos	5	25%
Mencionam outras avaliações da educação superior oriundas de políticas públicas e/ou outras classificações acadêmicas paralelamente para reforçar resultados na avaliação do GE;	2	10%
Expõem o posicionamento de órgãos e entidades educacionais e profissionais	0	0%

3.4.2. Da análise de conteúdo obtida perante as universidades públicas premiadas na 8ª edição:

Como tem sido feito até o momento as análises foram apresentadas iniciando-se por abordagens com maior percentual e finalizando com aquelas que obtiveram os menores percentuais. Deste modo, a abordagem mais expressiva coletada destacou os resultados como forma de aumentar o prestígio da instituição e seus cursos, atingindo assim o maior percentual, 95%. Isto quer dizer que esta abordagem ou categoria não estava presente em apenas um dos vinte materiais coletados na 8ª edição junto às instituições universitárias públicas.

A matéria, *ECA tem seis cursos com cinco estrelas no Guia do Estudante* (USP-ECA, 2013a), destacou de modo breve a pontuação máxima (cinco estrelas) atingida pelos cursos de Artes Visuais, Biblioteconomia, Editoração, Jornalismo, Música e Relações Públicas da Escola. Ainda tratando da ECA, a matéria, *ECA é eleita*

melhor instituição de comunicação do país pelo Guia do Estudante (USP-ECA, 2013b), destacou ao seu turno a eleição da ECA como “a melhor instituição de ensino do país na categoria Comunicação e Informação – Escolas Públicas pelo Guia do Estudante”, ressaltado que o referido guia é uma “publicação renomada da Editora Abril”.

Outra semelhante matéria intitulada, *Unesp tem 105 cursos estrelados pelo Guia do Estudante* (UNESP, 2013a), abordou o sucesso institucional da UNESP na premiação promovida pelo GE para destacar os bons resultados alcançados por seus cursos estrelados. Segundo se pode observar:

A Unesp teve seus 105 cursos de graduação avaliados “estrelados” pelo Guia do Estudante da Editora Abril, que passa a circular nas bancas em outubro. Nesta 22ª edição do Guia do Estudante, 40 cursos da Unesp receberam 5 estrelas; 53 obtiveram 4 estrelas e 12 foram contemplados com 3 estrelas (UNESP, 2013a).

Do mesmo modo, a matéria *Pelo terceiro ano consecutivo, USP ganha Prêmio de melhor Universidade pública do país* (USP, 2012), ressaltou a conquista da instituição universitária no tocante à 7ª edição do Prêmio Melhores Universidades do GE na categoria “Universidade do Ano – escola pública”, sem deixar de dar destaque ao desempenho obtido na categoria “Áreas do Conhecimento”, na qual foi “vencedora em mais uma área, administração e negócios, conquistando metade dos prêmios distribuídos nesta categoria”. Torna-se claro que ao dar destaque às áreas do conhecimento a USP está, indiretamente, divulgando seus serviços e cursos, principalmente seus cursos que se enquadram dentro das referidas áreas do conhecimento premiadas.

Outra matéria, *5 cursos de graduação da FCL bem avaliados no Guia do Estudante: Pedagogia atingiu 5 estrelas e Adm. Pública, Letras, Sociais e Economia tiveram 4 estrelas* (UNESP-ARARAQUARA, 2013), trata de modo mais direto da divulgação de seus cursos premiados pelo Guia, mencionando-os inclusive em seu próprio título. No entanto, embora seja perceptível que a matéria está divulgando os cursos premiados da IES também dá ênfase ao GE atribuindo-lhe importância, e assim, de certo modo, legitimando ainda mais suas boas colocações, conforme se vê a seguir:

Todos os cinco cursos de graduação da FCL foram bem cotados pelo Guia do Estudante 2013, tradicional publicação de avaliação de cursos superiores editado anualmente pela Editora Abril. O Guia do estudante circulará nas bancas em meados de outubro, em sua 22ª edição. O maior destaque fica para o curso de Pedagogia que recebeu a avaliação máxima de cinco estrelas, atingindo o patamar de excelência juntamente com outros 39 cursos de toda a Unesp (UNESP-ARARAQUARA, 2013).

De modo semelhante, a matéria *Três cursos da Faculdade de Ciências se destacam no Guia do Estudante: Pedagogia, Licenciatura em Educação Física e Ciência da Computação recebem cinco estrelas* (BARBIERI, 2013), aborda em seu próprio título os cursos premiados, evidenciando assim a divulgação de seus cursos e serviços premiados pelo GE. Antes de começar a tratar dos cursos premiados a referida matéria optou por demonstrar a importância do GE:

A classificação anual elaborada pelo Guia do Estudante da Editora Abril é referência na análise de infraestrutura e qualidade dos cursos oferecidos pelas universidades brasileiras. Quesitos como o número de doutores na graduação, total de graduandos, volume de intercâmbios, a estrutura física oferecida, além de publicações dos docentes em periódicos especializados e projetos de pesquisa acadêmicos desenvolvidos pelos professores são exemplos de alguns itens contemplados pelo Guia, visando à elaboração de um ranking, na qual os cursos são categorizados de acordo com o número de estrelas (BARBIERI, 2013).

Após tratar do GE, de sua relevância e dos elementos que o compõem a matéria parte para a exposição de seus cursos premiados propriamente ditos:

Cursos com a melhor classificação obtêm cinco estrelas. Este ano, três graduações da Faculdade de Ciências da Unesp em Bauru conseguiram pontuação máxima. São elas: Pedagogia, Educação Física e Ciência da Computação. O curso de Sistema de Informação da FC, este ano considerado uma formação quatro estrelas pelo ranking, também se destacou (BARBIERI, 2013).

Avançando na análise da matéria, após expor o panorama geral dos cursos premiados, o Curso de Pedagogia aparece com grande destaque, conforme se observa:

Com mais de uma década desde sua implantação (2002), o curso de Pedagogia da Unesp em Bauru objetiva a formação de professores para exercer as funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como desenvolver atividades como Gestor Educacional, além de atuar como docente nos cursos de ensino médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional, na área de serviços de apoio escolar e em outras áreas em que sejam previstos conhecimentos pedagógicos. O curso proporciona uma formação básica que possa se converter em fundamentação para o aperfeiçoamento profissional, os estudos acadêmicos de pós-graduação e a atuação como produtores de conhecimentos na Área de Ciência da Educação (BARBIERI, 2013).

A matéria também vai expondo os outros cursos premiados, Licenciatura em Educação Física e Ciências da computação. Para exemplificar, a seguir, encontra-se um trecho que aborda e divulga o curso de Ciências da Computação:

O curso de Ciência da Computação remete à extinta Fundação Educacional de Bauru. Em 1974 entrou em funcionamento o primeiro Curso de Tecnologia em Processamento de Dados, vinculado ao Departamento de Engenharia de Produção. Dez anos mais tarde surgiu o curso de Bacharelado em Ciência da Computação, oferecido pela Faculdade de Ciências, também vinculado ao Departamento de Engenharia de Produção, e dois anos depois, em 1986, criou-se o Departamento de Ciência da Computação (BARBIERI, 2013).

E continua expondo mais detalhes do curso:

A graduação conta com ampla estrutura e um número substancial de laboratório que auxiliam na formação dos discentes. O prédio 27 do câmpus abriga os Laboratórios de Ensino, Pesquisa e Extensão em Computação (LEPEC). Esses laboratórios compreendem três salas com microcomputadores para desenvolvimento de trabalhos gerais das disciplinas, uma sala multiuso para desenvolvimento de TCC e uso com notebooks pessoais dos alunos, além de uma sala de seminários e mais um laboratório de hardware para desenvolvimento de trabalhos específicos. Somado aos Laboratórios Didáticos temos os de Pesquisa, como o Laboratório de Sistemas Adaptativos e Computação Inteligente (SACI), Laboratório de Sistemas de Tempo Real (LSTR), Laboratório de Tecnologia da Informação Aplicada (LTIA), Centro de Competência e Tecnologia Wireless (WCC), Laboratório de Computação de Alto Desempenho (LCAD), Laboratório de Instrumentação Inteligente (LII), Laboratório de Integração de Sistemas e Dispositivos Inteligentes (LISDI), Laboratório de Tecnologia em Gestão do Conhecimento (LTGC) e o Laboratório de Ensino Informatizado e Aprendizagem (LEIA) (BARBIERI, 2013).

Outra matéria que nitidamente evidencia o sucesso do curso de Biomedicina, *Biomedicina, um curso “4 estrelas”* (UFRJ-ICB, 2013), tratou de exibir alguns dados metodológicos acerca da avaliação do GE, para então expor os dos bons resultados obtidos pelo curso de Biomedicina, conforme se pode observar:

Essa avaliação do Guia do Estudante acaba de ser finalizada para 2013, e o curso de Ciências Biológicas (Modalidade Médica) da UFRJ foi premiado com 4 estrelas, e dessa forma fará parte da publicação Profissões vestibular 2013, que passa a circular nas bancas a partir do dia 25 de outubro de 2012. Foram igualmente bem avaliados outros cursos de Ciências Biológicas da UFRJ (Modalidade Biofísica e Modalidade Microbiologia/Imunologia) (UFRJ-ICB, 2013).

Outra matéria, *Cursos da FEA recebem estrelas na avaliação do Guia do Estudante* (LUNA, 2013), exibe os cursos da FEAUSP que “receberam estrelas” no GE 2013:

Os quatro cursos da FEA receberam estrelas na Avaliação de Cursos Superiores do Guia do Estudante 2013. Ciências Econômicas, Administração e Ciências Contábeis ganharam 5 estrelas e Ciências Atuariais, 4 estrelas. Uma pesquisa da opinião com mais de 4 mil acadêmicos mediu a qualidade de 11,9 mil graduações e apontou os melhores cursos do Brasil em diferentes áreas (LUNA, 2013).

Para finalizar os exemplos fornecidos pelo universo de materiais coletados, relativamente à abordagem mais expressiva observada, ou seja, 95% de incidência de temáticas referentes à promoção e divulgação de cursos e serviços em IES premiadas, a matéria, *Atuariais da UFRGS recebe nota máxima no Guia do Estudante* (UFRGS, 2013), dá destaque ao Curso de Ciências Atuariais que obteve cinco estrelas na avaliação do GE:

O Curso de Ciências Atuariais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) é cinco estrelas. Pelo menos essa é a constatação da Revista Guia do Estudante da Editora Abril que avalia a qualidade de cursos universitários disponíveis no país. A publicação, que está em sua 23ª Edição, entrará em circulação no dia 11 de outubro de 2013 (UFRGS, 2013).

Prosseguindo com as análises, outra abordagem detentora de 70% das incidências mais expressivas destaca os resultados na avaliação do GE como forma de valorar as IES como um todo.

Um exemplo desse tipo de abordagem pode ser encontrado na matéria *Guia do Estudante considera Unesp segunda universidade do Brasil: Publicação identifica as mais bem avaliadas instituições de ensino* (UNESP, 2012), que apesar de tratar dos bons resultados avaliativos obtidos pelos diversos cursos da IES, bem como abordar o desempenho e a evolução histórica que seus cursos foram conseguindo, ano após ano, não deixa de promover a instituição universitária como um todo, isto porque são diversos cursos estrelados, muitos dos quais atingiram nota máxima na premiação do GE, conforme se verifica a seguir:

A Unesp, que teve 105 cursos de graduação 'estrelados', ficou com o segundo lugar em escala nacional. A revista avalia tanto as escolas públicas como as privadas. Dos 105 cursos avaliados, 43 cursos receberam 5 estrelas; 51 obtiveram 4 estrelas e 11 foram contemplados com 3 estrelas. Em relação a 2011, o desempenho é positivo, pois, naquele ano, o número de cursos estrelados foi, respectivamente, 35, 50 e 17. O índice máximo de cinco estrelas subiu significativamente ao longo dos anos. Em 2012, 43 cursos de graduação da Universidade receberam cinco estrelas; em 2011, foram 35; em 2010, foram 29; em 2009, foram 24; e em 2008, 22 (UNESP, 2012).

A grandiosidade da avaliação elaborada pelo GE também recebeu destaque agregando valor a IES no geral, na medida em que os números, dados, quantidade de instituições avaliadas e estreladas etc., compõem informações cruciais, que deixam o leitor a par da grandiosidade e das dimensões avaliativas:

A nova edição do Guia do Estudante Profissões Vestibular 2013 chegou às bancas ontem (25). Além do tradicional conteúdo sobre as opções de cursos superiores e carreiras, a publicação traz os resultados completos da Avaliação de Cursos Superiores que, neste ano, atribuiu estrelas para 5.119 graduações de 773 instituições de ensino superior de todo o país (UNESP, 2012).

A matéria *ECA é eleita melhor instituição de comunicação do país pelo Guia do Estudante* (USP-ECA, 2013a) é bastante semelhante a anterior uma vez que são citados cursos de graduação e de pós-graduação que obtiveram destaque na premiação do GE, como forma de dar relevância a IES como um todo. Do mesmo modo, a matéria *Unesp tem 105 cursos estrelados no Guia do Estudante* (UNESP, 2013), trata especificamente das colocações que seus cursos receberam e da trajetória histórica percebida ao longo das avaliações anteriores do GE, como uma maneira de divulgar o quanto a Unesp tem potencial e é boa em termos institucionais. Mais uma matéria, *87 cursos da USP recebem cinco estrelas pelo Guia do Estudante* (USP, 2013) dá destaque aos bons resultados obtidos por seus cursos visando, assim, dar ênfase a IES como um todo. O trecho a seguir expõe a referida incidência:

A USP teve 87 de seus 256 cursos de graduação avaliados com cinco estrelas (...). Além desses cursos, outros 30 receberam quatro estrelas pela avaliação. As três grandes áreas de conhecimento – biológicas, exatas e humanas – e os sete *campi* da Universidade tiveram cursos com a avaliação máxima (USP, 2013).

Continuando com as análises dos indicadores, 45% das abordagens mais expressivas referem-se à exibição de certificações digitalizadas do GE.

Foram coletados alguns materiais detentores das referidas certificações digitalizadas. Um primeiro exemplo pode ser observado na matéria, *Guia do Estudante – Melhores Universidades: Enfermagem UFRGS* (UFRGS, 2012b), ocasião em que a *web page* da IES exibiu a certificação do Curso de Enfermagem (ANEXO VIII), agraciado com a pontuação máxima do GE, cinco estrelas. É interessante ainda destacar, acerca da supracitada matéria, a presença de um *link*, que viabiliza a

visualização da certificação e também revela seu conteúdo institucional-publicitário, portador do seguinte texto: “clique aqui para visualizar o selo de qualidade referente à avaliação, para que a instituição possa utilizá-lo em seu material de comunicação e divulgação” (UFRGS, 2012b).

Outro exemplo é a matéria *5 cursos de graduação da FCL bem avaliados no Guia do Estudante: Pedagogia atingiu 5 estrelas e Administração Pública, Letras, Sociais e Economia tiveram 4 estrelas* (UNESP-ARARAQUARA, 2013) que também expôs algumas certificações na área de humanas correspondentes aos cursos de Pedagogia, com cinco estrelas, Ciências Sociais, Letras, Administração Pública e Ciências Econômicas, ambos com quatro estrelas (ANEXO IX). A matéria *FEA Mix – Prêmios e Homenagens* (USP-FEA, 2013) tratou principalmente das premiações, homenagens e solenidades que a FEA recebeu, sendo que ao final exibiu a certificação (ANEXO X) referente à premiação GE na categoria “Administração e Negócios – Escolas Públicas”.

Outro exemplo de exibição de certificação digitalizada (ANEXO XI) vem novamente da federal gaúcha, a UFRGS, mais especificamente do Curso de Educação Física, por meio da matéria *ESEF no Guia do Estudante 2013* (UFRGS-ESEF, 2013). Do mesmo modo ocorreu com o Curso de Engenharia elétrica da USP, que exibiu sua certificação (ANEXO XII) na qual se pode observar as quatro estrelas que lhe foram outorgadas pelo GE (USP-EESC, 2013), assim como, também exibiu sua certificação (ANEXO XIII) o Curso de Engenharia de Produção da UNESP, que obteve quatro estrelas junto a avaliação do GE (UNESP-BAURU, 2013).

Com 40% das abordagens mais expressiva encontram-se as temáticas relacionadas aos critérios, dados e números (aspectos metodológicos) relativos ao GE.

Para exemplificar a referida abordagem algumas matérias foram selecionadas. A matéria, *5 cursos de graduação da FCL bem avaliados no Guia do Estudante: Pedagogia atingiu 5 estrelas e Administração Pública, Letras, Sociais e Economia tiveram 4 estrelas* (UNESP-ARARAQUARA, 2013), por exemplo, dá informações baseadas em números acerca da publicação do GE e também dá informações específicas a respeito do Guia, conforme se pode observar:

O Guia do Estudante é uma família de publicações da Editora Abril, com mais de 25 anos de existência, divulgando informações sobre cursos universitários e profissões de nível superior no Brasil, mostrando a estrutura do curso, o mercado de trabalho, as áreas de atuação, dicas sobre como passar pelo vestibular e em qual universidade estudar. No total, mais de treze mil cursos de mais de novecentas faculdades públicas e

privadas são detalhados no Guia. A publicação também promove eventos para estudantes e prêmios para os melhores cursos e universidades do Brasil (UNESP-ARARAQUARA, 2013).

Semelhantemente, a matéria *Cursos da FEA recebem estrelas na avaliação do Guia do Estudante* (LUNA, 2013) também reserva ao leitor diversas informações de cunho metodológico, voltadas a números, dados e critérios utilizados na avaliação do GE, que é descrita como “Uma pesquisa de opinião com mais de 4 mil acadêmicos que mediu a qualidade de 11,9 mil graduações e apontou os melhores cursos do Brasil em diferentes áreas”. Abaixo podem ser observados tais traços:

Do total avaliado, 6,1 mil receberam estrelas, sendo que 604 tiveram a avaliação máxima: 5 estrelas. Todos os cursos que passam pela avaliação obtêm um conceito, mas somente são divulgados aqueles que conquistam três, quatro ou cinco estrelas. Os resultados refletem, sobretudo, a imagem que o curso tem perante a comunidade acadêmica. A pesquisa é feita, basicamente, com professores e coordenadores de cursos. Eles emitem conceitos que permitem classificar os cursos em excelentes (5 estrelas), muito bons (4 estrelas), bons (3 estrelas), regular (2 estrelas), ruim (1 estrela) e “prefiro não opinar” (LUNA, 2013)

Outra matéria é bastante detalhista e continua dando mais ênfase aos aspectos metodológicos: “Para ser avaliado, um curso deve preencher alguns pré-requisitos: ter a titulação de bacharelado, a data de conclusão da primeira turma igual ou inferior a 2011, ser presencial, ter turmas em andamento e ser oferecido no próximo processo seletivo” (LUNA, 2013).

A matéria *Biomedicina, um curso “4 estrelas”* (UFRJ-ICB, 2013) já começa tratando de questões metodológicas referentes aos critérios necessários para que as instituições universitárias sejam avaliadas, conforme se observa a seguir:

Essas instituições têm que atender a quatro critérios obrigatórios para que sejam avaliadas: (1) oferecer a titulação de bacharelado ou bacharelado e licenciatura (ambas oferecidas simultaneamente); (2) possuir turma formada há pelo menos um ano; 3) ter turma(s) em andamento e oferecer vagas no próximo processo seletivo. A avaliação é feita por um grupo de consultores-parceiristas do GE, composto por docentes, coordenadores de cursos, diretores de departamento e avaliadores do MEC que, ao receberem questionários preenchidos pelos coordenadores dos respectivos cursos, podem avaliá-los (UFRJ-ICB, 2013).

Não obstante, a matéria ainda explorou questões referentes aos questionários e também acerca dos conceitos adotados:

curso e sua produção científica. Pela internet e via entrevistas por telefone, e com base no questionário preenchido pelos coordenadores e em sua experiência e saber, cada consultor avalia e classifica os cursos que recebe, de acordo com seis conceitos: excelente (cinco estrelas), muito bom (quatro

estrelas), bom (três estrelas), regular, ruim e "prefiro não opinar" (UFRJ-ICB, 2013).

Em seguida, mais duas abordagens com o mesmo percentual, 25%. A primeira delas corresponde aquele tipo de abordagem que menciona as boas posições que as instituições universitárias atingiram em edições anteriores do GE, enquanto que a segunda, ao seu tempo, trata de expor os depoimentos de pessoas ligadas a instituição como professores, gestores, diretores, pró-reitores etc.

Neste sentido, corroborando com a primeira abordagem, a matéria *UNESP tem 105 cursos estreados pelo Guia do Estudante* (UNESP, 2013a) fez menção às antigas avaliações do GE por ela vencidas, conforme se observa do seguinte exemplo:

o desempenho foi semelhante ao de 2012, quando também 105 cursos foram estrelados, sendo 43 com 5 estrelas; 51 com quatro estrelas e 11, com três estrelas. Em relação a 2011, o número de cursos estrelados foi, respectivamente, 35, 50 e 17. O destaque da instituição na avaliação tem sido crescente. Em 2005, foram 64 cursos estrelados; em 2006, 69; em 2007, 77; em 2008, 83; em 2009, 92; em 2010, 100; em 2011, 102 e, em 2012 e 2013, 105 (UNESP, 2013a).

A matéria *Guia do Estudante considera a Unesp segunda universidade do Brasil: publicação identifica as mais bem avaliadas instituições de ensino* (UNESP, 2012), ao seu turno, destaca os resultados da instituição universitária em avaliações anteriores do GE, conforme se pode notar:

Dos 105 cursos avaliados, 43 cursos receberam 5 estrelas; 51 obtiveram 4 estrelas e 11 foram contemplados com 3 estrelas. Em relação a 2011, o desempenho é positivo, pois, naquele ano, o número de cursos estrelados foi, respectivamente, 35, 50 e 17. O índice máximo de cinco estrelas subiu significativamente ao longo dos anos. Em 2012, 43 cursos de graduação da Universidade receberam cinco estrelas; em 2011, foram 35; em 2010, foram 29; em 2009, foram 24; e em 2008, 22. O destaque da instituição na avaliação tem sido crescente. Em 2005, foram 64 cursos estrelados; em 2006, 69; em 2007, 77; em 2008, 83; em 2009, 92; em 2010, 100; em 2011, 102; e em 2012, 105 (UNESP, 2012).

Em tom analítico a supracitada matéria ainda expõe, que:

O índice máximo de cinco estrelas subiu significativamente ao longo dos anos. Em 2012, 43 cursos de graduação da Universidade receberam cinco estrelas; em 2011, foram 35; em 2010, foram 29; em 2009, foram 24; e em 2008, 22. O destaque da instituição na avaliação tem sido crescente. Em 2005, foram 64 cursos estrelados; em 2006, 69; em 2007, 77; em 2008, 83; em 2009, 92; em 2010, 100; em 2011, 102; e em 2012, 105 (UNESP, 2012).

Já na matéria *Cursos da FEA recebem estrelas na avaliação do Guia do Estudante* (LUNA, 2013) observa-se mais um evidente exemplo acerca da trajetória dos cursos diante das avaliações do GE:

Nos últimos cinco anos, os cursos de Ciências Econômicas e Ciências Contábeis da FEAUSP foram considerados 5 estrelas pelo Guia do Estudante. O curso de Ciências Atuariais passou a ser avaliado somente a partir de 2011, por ser um curso recente, tendo recebido 4 estrelas naquele ano e 5 estrelas em 2012. O curso de Administração foi considerado 5 estrelas nos anos 2009, 2010 e 2012. Em 2011, ele recebeu 4 estrelas (LUNA, 2013).

A matéria *Pelo terceiro ano consecutivo, USP ganha Prêmio de melhor Universidade pública do país* (USP, 2012), como se pode observar no próprio título, destaca a quantidade de vezes que USP ganhou o prêmio do GE esboçando assim a trajetória avaliativa da IES diante das edições anteriores da premiação:

Além deste ano, a USP já ganhou este prêmio outras três vezes, em 2006, 2009 e 2010. Para conseguir destaque em 2011, a instituição teve 117 cursos de graduação, dos 240 ministrados na Universidade, avaliados pela redação do Guia. Desses, 116 obtiveram estrelas: 68 foram avaliados com cinco estrelas, 43 com quatro e 5 com três estrelas (USP, 2012).

No que se refere às abordagens portadoras de depoimentos de pessoas ligadas a instituições universitárias como professores, gestores, diretores, pró-reitores etc., algumas matérias merecem destaque.

É o caso da matéria *Três cursos da Faculdade de Ciências se destacam no Guia do Estudante: Pedagogia, licenciatura em Educação Física e Ciência da Computação recebem cinco estrelas* (BARBIERI, 2013), que aborda o desempenho de seus cursos na classificação do GE utilizando-se de depoimentos, seja de professores, ex-diretores e outros, para fortalecer a divulgação dos cursos e da própria IES. No entanto, interessa aqui observar, especificamente, os depoimentos dos profissionais ligados aos cursos em questão.

Neste sentido, as palavras do ex-diretor da Faculdade de Ciências e professor do departamento de Ciências Biológicas, Olavo Speranza de Arruda, explicam os resultados a partir do conceito de planejamento, conforme se observa abaixo:

É com satisfação muito grande. Uma alegria muito grande pra (*sic*) gente ver reconhecido esse trabalho. Mas já vem de algum tempo. Não começou agora. Nos últimos quatro anos nós temos realizado um trabalho intenso e

uma hora sabemos que o resultado começa a aparecer. Nós queremos que todos os cursos da FC sejam classificados dessa forma. Estamos caminhando pra (*sic*) isso (BARBIERI, 2013).

Avançando em seus comentários, Olavo Speranza de Arruda, ao tratar do reconhecimento, da visibilidade e do prestígio relacionados à premiação do GE, destacou:

O estudante entrar num curso reconhecido por todos da comunidade, pelos ranqueadores e por quem elabora as pesquisas, é muito importante e só faz melhorar (a faculdade). Cria um vínculo vicioso. Cursos melhores atraem melhores alunos, que melhoram a imagem do curso e depois atraem grandes alunos novamente. A tendência é melhorar. É um trabalho longo e difícil, mas que dá resultado (BARBIERI, 2013).

Continuando com a análise da matéria observa-se ainda o depoimento de outros profissionais da educação, como o da Coordenadora do Curso de Pedagogia e docente do Departamento de Educação, Eliana Marques Zanata. Para ela:

O curso de pedagogia da FC já conta com uma década. Durante todo esse período, muitos têm sido os esforços para fortalecer o curso e oportunizar aos alunos um *locus* de formação de excelência. Assim, podemos dizer que as últimas contratações de docentes colaboraram, em muito, para alavancar a qualidade do curso. Atualmente a maioria de seus professores atua em regime RDIDP e ainda temos vagas sendo preenchidas nos próximos meses (BARBIERI, 2013).

Outra matéria, *Guia do Estudante considera Unesp segunda universidade do Brasil* (UNESP, 2012), ao tratar do desempenho da UNESP no GE em 2013 e do desempenho da IES em edições anteriores do Guia, também expõe o depoimento da Pró-Reitora de Graduação, Sheila Zambello de Pinho, que esclarece as razões e bases que sustentam os bons resultados obtidos:

Esse resultado expressivo é o resultado de um constante aprimoramento e o reflexo de um trabalho intensivo feito junto aos cursos de graduação para a melhoria da qualidade física, tecnológica e pedagógica. Estamos melhorando a infraestrutura e investindo na formação docente por meio do núcleo de estudos e práticas pedagógicas (UNESP, 2012).

Finalmente, resta mais uma abordagem, aquela que carrega os menores percentuais encontrados nesta última seção de análise. Trata-se da abordagem referente às outras avaliações (públicas e/ou privadas) que aparecem nos materiais coletados para reforçar os bons resultados obtidos no GE, com 10% de incidência.

É o caso do documento institucional encontrado no site da Faculdade de Engenharia de Produção da Unesp de Bauru (UNESP-BAURU, 2013) que disponibiliza todas as últimas avaliações que o curso se submeteu, quais sejam: Exame Nacional de

Desempenho de Estudantes (ENADE), Ranking Universitário Folha (RUF) e Guia do Estudante (GE). Para melhor visualização da questão referente à divulgação de diferentes avaliações, anexo (ANEXO XIV) se encontra o esquema encontrado no portal da Faculdade de Engenharia da Produção da UNESP de Bauru, referente ao material publicitário que exhibe tais resultados.

Por outro lado, a matéria *Engenharias da Unesp se destacam em avaliações externas: cursos são estrelados pelo Guia do Estudante* (UNESP, 2013b) dá destaque as avaliações que medem o desempenho dos cursos da área de engenharias como forma de reforçar os bons resultados obtidos junto ao GE. No texto aparecem avaliações como a do GE, objeto dessa dissertação, a do Jornal Folha de São Paulo (RUF) e do Governo Federal, o ENADE. A seguir, observa-se como o texto trata de tais avaliações: “Todos os cursos são estrelados pelo Guia da Editora Abril e bem classificados no ranking da Folha de São Paulo, entre outros. Nas avaliações do MEC todos os cursos tiveram avaliações boas e ótimas em 2011” (UNESP, 2013b). Outro trecho, entretanto, trata do ENADE, conforme se observa:

Na última avaliação do ENADE, cujos conceitos foram divulgados em dezembro de 2012, o curso de Engenharia Mecânica da Unesp de Ilha Solteira foi um dos três cursos de engenharia mecânica do Brasil que obtiveram nota máxima 5, ficando classificado em terceiro lugar no cenário brasileiro (UNESP, 2013b).

Finalizando as análises referentes à 8ª edição do GE (segmento universidades públicas) observa-se que nenhuma incidência foi constatada nos materiais coletados acerca da exibição do posicionamento de órgãos e entidades educacionais e profissionais fora detectado.

4. Capítulo IV: Resultados e Considerações Finais

O ponto de partida para a realização desta pesquisa de mestrado pautou-se na necessidade de se conhecer mais a respeito dos rankings que medem a qualidade da educação superior, com especial atenção aos ranqueamentos provenientes do setor privado, nomeadamente, a classificação acadêmica de abrangência nacional da Editora Abril, o Guia do Estudante.

Sendo assim, o objetivo principal da pesquisa foi analisar a trajetória histórica e o desenvolvimento dos rankings elaborados pelo GE, no âmbito da educação superior brasileira, atentando-se especialmente às estratégias institucionais de divulgação e difusão (observadas na internet por meio dos *sites* das próprias IES premiadas) adotadas pelas instituições acadêmicas premiadas ou estreladas no “Prêmio Melhores Universidades” dos anos de 2012 e 2013.

No entanto, para se alcançar o objetivo principal da investigação, objetivos específicos foram traçados.

O primeiro, mais genérico e tratado no Capítulo I, buscou compreender o lugar dos rankings na educação superior contemporânea como elemento indutor de qualidade e de diferenciação institucional observando aspectos como a redefinição do papel do Estado, as mudanças e o surgimento de um modelo de educação superior anglo-saxão (ou estadunidense) e a emergência de espaços geopolíticos ao redor do mundo, como a Europa e os Estados Unidos e a América do Sul e os países ibero-americanos, espaços estes em que o ranqueamento se desenvolve de distintas formas.

O crescimento das práticas avaliativas voltadas à classificação, à quantificação numérica e, portanto, à formação de rankings, se desenvolveu e alcançou patamares múltiplos e diversificados, razão pela qual o ranqueamento hoje em dia não deriva unicamente de políticas públicas, como o ENADE e o extinto “Provão”, no caso brasileiro, mas sim, deriva também de iniciativas oriundas do setor privado, do mercado editorial, como por exemplo, é o caso do GE, do RUF, em âmbito nacional, e do ranking THE e do ranking da Universidade de Shangai, exemplos internacionais de grande prestígio.

Autores como Ordorika e Gómez (2010), auxiliaram no processo de entendimento dessa divisão pertinente à natureza de cada ranqueamento, exemplificando as diferenças entre rankings privados e públicos ao proporem dois

planos, de acordo com as orientações e finalidades de cada ranking. No *primeiro plano* encontram-se aqueles rankings que guardam relação com critérios estritamente acadêmicos e que, portanto, são elaborados pelos Governos ou, no limite, por universidades e/ou instituições públicas, enquanto que no *segundo plano*, todavia, são encontrados ranqueamentos nitidamente comerciais, com orientação mercadológica e não ligados a políticas públicas oficiais e que, sendo assim, baseiam-se em relações de lucro estabelecidas a partir da venda da publicidade que aparece e é divulgada em seu conteúdo.

Esta espécie de cultura de ranqueamento encontra-se fundamentalmente relacionada a um modelo estadunidense de Educação Superior (um modelo anglo-saxônico) voltado à competitividade e a concorrência que impôs bases de mercado à educação superior em todo o globo, em consonância com as mudanças que vem ocorrendo nos Estados e, principalmente, em suas estruturas sociais, uma vez que a concepção de Estado e de suas funções foi deixando de se fazer representar por meio de um modelo de Estado *provedor* para então adotar um modelo estatal *fiscalizador*, o que fez emergir sistemas de avaliação para auxiliar o Estado no processo de fiscalização junto às instituições.

Por outro lado, tal cultura de rankings também foi se tornando importante ferramenta no que diz respeito à escolha da universidade por parte dos alunos, cada vez mais aproximados ao universo dos consumidores e, assim, gradualmente afastados do enquadramento tradicional, que os tratava unicamente como cidadãos.

Em decorrência de tantas mudanças iniciativas relativas aos ranqueamentos acadêmicos de origem privada e comercial foram surgindo em distintas regiões do mundo, como por exemplo, o influente e importante ranking do jornal inglês THE, também o ranking da Universidade de Shangai, na China, e o Guia do Estudante no Brasil, dentre outras iniciativas. Deste modo, ao redor do mundo novos rankings foram surgindo como efeito reação um do outro, cada qual atuando em regiões geopolíticas distintas.

Essas classificações universitárias se dedicam ao jogo das convergências do mercado educacional internacional corroborando com o processo de internacionalização das universidades e atuando em níveis globais, influenciando assim a gestão universitária e as decisões dos Governos nos mais distintos Estados. Trata-se de uma tendência ranqueadora pautada nos moldes da poderosa Universidade de Havard, nos

Estados Unidos, tendência esta que ganhou força após o Processo de Bolonha e que acabou contribuindo para a instauração da unificação e padronização do modelo educacional e sua consequente perda de autonomia, fenômeno qualificado como transnacionalização das políticas por derivar de políticas nacionais pautadas em diretrizes políticas internacionais para a educação superior, segundo observaram Lima, de Azevedo e Catani (2008, p. 12).

Com o fortalecimento da temática os principais ranqueamentos do espaço anglo-saxão expandiram suas tradicionais áreas de atuação. Na medida em que as bases da cultura de classificação se alargavam os rankings também foram se tornando bastante heterogêneos e dedicando-se a distintos fins e a variadas orientações. É o caso do ranking THE, que de uma única frente de atuação internacional passou também a atuar regionalmente com ranqueamentos voltados à Ásia, bem como, passou a realizar classificações focadas nas distintas áreas do conhecimento e também por reputação das IESs.

A consolidação de uma cultura de rankings, principalmente no espaço anglo-saxão fez emergir ranqueamentos dotados de sistemas metodológicos e de prioridades diferenciadas, que também contribuíram para que os rankings atingissem um patamar global, influenciando diversos países. É o caso específico do ranking internacional elaborado pela Universidade de Shanghai que privilegia critérios mensuráveis para livrar-se da subjetividade, uma tentativa evidente de equiparação das universidades chinesas às melhores do mundo, especialmente as estadunidenses e as de língua inglesa, o que na prática concretizou-se mediante uma publicação pioneira no segmento dos grandes rankings internacionais em educação superior despertando enorme interesse mundial e desencadeando o surgimento de rankings universitários cada vez mais diferenciados.

O fortalecimento dos rankings universitários em lugares que antes não contavam com tal tradição, como a China, bem como, o estabelecimento de uma cultura de concorrência e comparação entre as instituições universitárias fez prevalecer diante dos sistemas de educação superior nacionais um modelo estadunidense de universidade que vem se tornando preponderante em regiões hegemônicas, seja no âmbito econômico, cultural e social, tanto em regiões emergentes e de grande poderio econômico-tecnológico como a China, como também em regiões de expressão reduzida, como é o caso de países menos importantes da Ásia e da América do Sul.

A expansão das classificações acadêmicas ao redor do mundo estendeu-se também aos espaços geopolíticos de menor expressão econômica, como é o caso do espaço ibero-americano, que viu emergir com relativa força uma série de rankings, principalmente os de abrangência nacional e, em menor grau, aqueles de abrangência regional e até internacional (no caso da Espanha). Neste sentido, a Espanha se destacou como o país com mais variedades de ranqueamentos, seja internacional, regional ou nacional, apresentando o melhor patamar relativo a uma cultura de rankings no espaço ibero-americano.

No entanto, em termos de resultados, as posições ocupadas pelas instituições universitárias espanholas em ranqueamentos internacionais são invariavelmente superadas por instituições brasileiras como a USP, e por vezes a Unicamp, e também, pela instituição universitária mexicana, UNAM. Deste modo, pela ordem, Brasil, México e Espanha representam os países ibero-americanos que mais se destacam em âmbito internacional em termos de resultados, isto porque, as instituições universitárias brasileiras, mexicanas e espanholas, encontram-se constantemente presentes nos principais rankings internacionais oriundos dos EUA, da Inglaterra e mesmo da própria Espanha.

Por outro lado, a atuação no espaço ibero-americano de alguns ranqueamentos chama atenção pela flexibilidade e dinamismo do processo. Trata-se de rankings internacionais, geralmente espanhóis, que atuam em desdobramentos regionais (no espaço ibero-americano como um todo). Não obstante atuem regionalmente no espaço ibero-americano, também adotam uma circunscrição nacional para atender países como Argentina e Peru, que não possuem ranqueamentos internos e voltados ao próprio sistema de educação superior. Neste particular, destacam-se o ranking *SCImago Institutions Ranking (SIR)* elaborado pela *Univesidad de Granada*, Espanha, e o ranking *Webometrics (CISC)*, também espanhol.

Quanto aos rankings estritamente nacionais encontram-se no espaço ibero-americano alguns exemplos originários e próprios não vinculados, por exemplo, a grandes rankings internacionais espanhóis, mas sim a jornais e revistas de seus respectivos países. Trata-se de rankings que apresentam relativa tradição e se localizam em países como a Espanha, Chile, Brasil e México. No Chile destacam-se dois: o *Ranking de Universidades* do jornal *El Mercurio*, publicado desde o ano de 2004, e o *Ranking de Universidades e Carreras*, produzido pela revista *Qué Pasa* e publicado

desde o ano 2000. No Brasil mais dois exemplos: a publicação nacional GE vinculada ao Grupo Abril, com quase três décadas de atuação e o recém-criado ranking RUF, do Jornal Folha de São Paulo. No México encontra-se desde 2006 a publicação do Jornal *El Universal*, que publica o guia intitulado *Las Mejores Universidades*. E, finalmente, na Espanha merece destaque o ranking elaborado pelo Jornal “*El Mundo*”, *Los Ranking de El Mundo*.

No Capítulo II, que tratou do segundo objetivo específico, buscou-se identificar a trajetória histórica e o funcionamento das classificações acadêmicas publicadas ao longo das edições do GE (1988 a 2013), ocasião em que os aspectos metodológicos, o funcionamento e as distintas etapas avaliativas foram analisados. Neste sentido, buscou-se evidenciar a composição de tendências predominantes ao longo de 25 anos de existência do GE, com auxílio de oito tabelas que foram elaboradas e correspondem aos períodos referentes ao processo temporal ou histórico do GE visando facilitar a compreensão da temática apoiando-se em elementos numéricos e quantitativos.

Tais períodos foram assim definidos uma vez que comportam características semelhantes, tratando cada qual do processo editorial e temporal do GE, o que facilita a compreensão e a observação do desenrolar histórico da publicação e de suas variações metodológicas, das principais tendências em termos de classificação e dos impactos no cenário da educação superior.

O primeiro período aqui denominado, *Primeiros passos na classificação de cursos (1986-1990)*, comporta duas tabelas, uma destinada à quantidade de cursos avaliados e seus resultados, e a outra, voltada aos tipos de classificações, critérios e métodos avaliativos utilizados; o segundo período intitulado, *Da classificação de cursos ao ranking das IES (1991-2001)*, também comporta duas tabelas, a primeira expõe os tipos de classificações acadêmicas que existiram no referido período, enquanto que a segunda trata dos métodos e técnicas avaliativas aplicadas; o terceiro período, *Rumo à consolidação de múltiplos rankings (2002-2009)*, também contém duas tabelas, a primeira novamente trata dos tipos de classificações adotados durante o período e a segunda por mais uma vez destaca os método e técnica avaliativa adotados; o quarto e último período, *Aprimoramentos metodológicos e fortalecimento dos critérios avaliativos (2010 - 2013)*, também contempla duas tabelas, sendo que a primeira refere-se aos tipos de classificações adotadas durante o período e a segunda mais uma vez guarda relação com os métodos e técnicas avaliativas.

Deste modo, o período denominado, *Primeiros passos na classificação de cursos (1986 - 1990)*, pode ser compreendido à luz das duas tabelas. A primeira destina-se a medir a quantidade de cursos avaliados de 1988 a 1990 e também os resultados alcançados, conforme se observa a seguir:

TABELA 1 – QUANTIDADE DE CURSOS AVALIADOS E RESULTADOS (1988 a 1990)						
ANO	Quantidade de cursos avaliados	AVALIAÇÃO DOS CURSOS				
		FRACO	REGULAR	BOM	MUITO BOM	EXCELENTE
1988	4.025	47,3%	29,1%	17,9%	4,7%	1%
1989	4.332	42,8%	32,8%	18%	5,1%	1,2%
1990	4.639	42,9%	33%	17,8%	5,1%	1,2%

Inicialmente torna-se pertinente informar que no ano de 1986 o GE não realizou a avaliação de cursos autonomamente, mas sim, utilizou-se dos dados da Revista *Playboy*, que à época publicava uma importante avaliação de cursos, para lançar uma lista com as melhores faculdades do Brasil. Apenas em 1988 ocorreu a primeira avaliação e atribuição de estrelas efetivamente elaborada pela equipe do GE. Por esta razão as tabelas iniciam-se em 1988.

Analisando a Tabela 1 observa-se a quantidade de cursos avaliados e os resultados obtidos pelos mesmos: fraco, regular, bom, muito bom e excelente. Esses conceitos/resultados seriam substituídos nos anos posteriores por um total de três estrelas, sendo que aqueles cursos que recebessem uma, duas ou nenhuma estrela (correspondente a fraco, regular e sem nota) não constariam nas publicações.

A quantidade de cursos avaliados no recorte de três anos que a Tabela 1 expressa mostrou um aumento considerável, gradual, ano a ano, passando de 4.025 cursos avaliados para 4.639. Esse aumento permite visualizar o processo de criação de inúmeros cursos superiores no Brasil, marcado por um substancial “boom” que ocorreu principalmente na década de 1990, com a abertura de diversas IES privadas. Conseqüentemente, o número de cursos avaliados como “fraco” também foi diminuindo o que naturalmente aumentou a quantidade de cursos avaliados como “regular”, “muito bom” e “excelente”. De 1988 a 1990 registrou-se um crescimento gradativo de 614

curso avaliados, uma vez que em 1988 havia 4.025 cursos e em 1990 havia 4.639 cursos. A avaliação que tais cursos receberam ao longo destas três edições do GE apresentou um aumento discreto e gradual. Por exemplo, em 1988, 29,1% dos cursos tinham sido avaliados com o conceito “regular” e, no ano de 1990, 33% dos cursos foram avaliados com o mesmo conceito “regular”.

Em virtude de haver pequenas diferenças registradas nestas primeiras edições o período que corresponde de 1988 a 1990 foi intitulado como *Primeiros passos na classificação de cursos*, por registrar alterações ainda discretas, com pequenas variações entre os percentuais encontrados ano a ano, o que denuncia o começo da etapa avaliativa trilhada pelo GE.

A Tabela 2, também correspondente ao período que vai de 1988 a 1990 destina-se a exposição dos tipos de classificações, critérios e métodos adotados durante as avaliações do GE, conforme se pode ver abaixo:

TABELA 2 – TIPOS DE CLASSIFICAÇÕES, CRITÉRIOS E MÉTODOS AVALIATIVOS (1988 a 1990)			
ANO	TIPOS DE CLASSIFICAÇÕES ACADÊMICAS		MÉTODOS E CRITÉRIOS
	POR CURSOS COM MAIS ESTRELAS	POR SEGMENTO UNIVERSITÁRIO	“IN LOCO” COM ENTREVISTA
1988	Sim	Não	Sim
1989	Sim	Sim	Sim
1990	Sim	sim	Sim

O período avaliativo que compreende as edições publicadas de 1988 a 1990 contava, basicamente, com apenas um tipo de classificação acadêmica voltada aos cursos com mais estrelas. Em 1988, por exemplo, não havia distinção entre os segmentos universitários, tão pouco se fazia avaliação institucional apenas de cursos. Nas edições de 1989 e 1990, todavia, havia também apenas um tipo de classificação, mas se fazia distinção do segmento universitário mais estrelado (se público ou privado), apresentando os cursos estrelados de cada segmento separadamente. Durante essas edições (1988 a 1990), no que se refere aos métodos e critérios, pode-se dizer que as entrevistas realizadas para efetivar o processo avaliativo eram todas realizadas *in loco*, ocasião em que um “repórter” do GE dirigia-se às universidades pessoalmente.

Dando prosseguimento chega-se ao período aqui denominado, *Da classificação de cursos ao ranking das IES (1991-2001)*, que também pode ser compreendido com base em duas Tabelas. A primeira, Tabela 3, destina-se aos tipos de classificações acadêmicas que existiram no referido período de 1991/1992 a 2001, conforme se observa a seguir:

TABELA 3 – Classificações acadêmicas do Guia do Estudante (1991/1992 à 2001)										
CLASSIFICAÇÕES	ANO									
	91/92	92/93	94	95	96	97	98	99	2000	2001
Melhores cursos	X		X	Não houve avaliação (1995, 1996 e 1997)						
Melhores universidades	X	X	X				X	X	X	X
Cursos estrelados por região		X								X
Melhores cursos acadêmicos por área		X	X				X	X		
Percentual de cursos estrelados		X	X							
Melhores IES com cursos 4 e 5 estrelas		X								
As melhores faculdades e escolas isoladas com cursos 4 e 5 estrelas		X					X		X	X
Mapa regional com cursos 4 e 5 estrelas		X								
Segmento universitário mais estrelado		X								
Cursos mais estrelados por natureza/dependência administrativa			X				X			

A Tabela 3 comporta dez edições do GE, de 1991 a 2001, e faz referência aos tipos de classificações (ou rankings) adotados pela publicação no referido período. No ano de 1991/1992 existiram dois tipos de classificações. A diferença reside no acréscimo da classificação voltada às *melhores instituições universitárias*, que anteriormente não era observada. A partir de 1991/1992 esse tipo de ranking elaborado pelo GE, que corresponde as *melhores instituições como um todo*, passa a ser marcante e pode ser observado até a última edição avaliativa analisada, em 2013.

Por outro lado, a avaliação do GE pertinente ao ano de 1992/1993 tornou-se uma espécie de marco, na medida em que passou a contar com incríveis oito classificações

ou rankings, mantendo aquela que se refere às *melhores instituições*, que começou em 1991/1992, e deixando de fora a classificação dos *melhores cursos*. Assim, em 1992/1993 passa-se a adotar outras classificações muito peculiares, como se pode ver a seguir: (1) *melhores universidades*; (2) *cursos estrelados por região*; (3) *melhores cursos acadêmicos por área*; (4) *percentual de cursos estrelados*; (5) *melhores IES com cursos 4 e 5 estrelas*; (6) *melhores faculdades e escolas isoladas com cursos 4 e 5 estrelas*; (7) *mapa regional com cursos 4 e 5 estrelas*; e (8) *segmento universitário (natureza ou dependência administrativa) mais estrelado*.

Na avaliação que corresponde ao ano de 1994, todavia, há uma drástica redução do número de classificações adotadas. Observa-se o retorno da classificação voltada aos *melhores cursos*, que havia sido deixada de lado em 1992/1993, bem como a manutenção da classificação referente às *melhores instituições universitárias*. O total de rankings passa a ser cinco, com o acréscimo de uma classificação totalmente nova: os *cursos mais estrelados por natureza/dependência administrativa*.

Nos anos de 1995, 1996 e 1997 não houve avaliação do GE (curiosamente tal intervalo de tempo refere-se ao período de implantação e fortalecimento da política pública de avaliação da educação superior do Governo FHC, o ENC ou “Provão”).

No ano de 1998, entretanto, a avaliação voltou a ser realizada, agora contando com quatro classificações ou rankings. Por mais uma vez o ranking voltado aos *melhores cursos* foi deixado de lado, no entanto, outro bastante semelhante foi mantido: *melhores cursos acadêmicos por área do conhecimento*. Em 1999, por mais uma vez, a publicação GE decidiu adotar apenas duas classificações: *melhores universidades*, que se fortaleceu e foi mantida até a última edição analisada, como já havia sido dito, e, *melhores cursos por área do conhecimento*. O ranking referente aos *melhores cursos* também foi abandonado e não voltaria a aparecer até a última edição analisada, dando espaço para classificações semelhantes como as que se atentam aos *melhores cursos por região* ou *por área do conhecimento*.

Em 2000 novas mudanças no que se refere aos rankings ou classificações adotados. A classificação destinada às *melhores universidades* é mantida, enquanto que o ranking dos *cursos estrelados por região* dá lugar a classificação das *melhores faculdades e escolas isoladas com cursos 4 e 5 estrelas*. Em 2001, por fim, outra mudança no total de classificações: apesar de serem mantidos os dois rankings

referentes à publicação do ano 2000 a classificação voltada aos *cursos mais estrelados por região* ressurge.

Foi possível constatar que o período referente à 1991/1992 a 2001 registrou inúmeras mudanças no que diz respeito ao total de classificações de cada edição do GE. A única classificação que se mostrou constante refere-se às *melhores universidades* , que aparece pela primeira vez em 1991/1992 para nunca mais se retirar. Em contrapartida a classificação referente aos *melhores cursos* se mostrou bastante instável, entrando e saindo das edições. Deste modo, é possível compreender perfeitamente o nome dado aqui ao período que corresponde 1991/1992 a 2001, qual seja: *Da classificação de cursos ao ranking das IES* . Isto porque o GE foi cada vez mais, ao longo das edições, aproximando-se de uma classificação institucional e não apenas de um ranking de cursos. Em consonância foi também reformulando seu conceito de avaliação de cursos passando a inseri-lo e utilizá-lo por meio de denominações diferentes, mais voltadas à elaboração de um verdadeiro guia que se destinava a exibir os melhores cursos por região ou com auxílio de mapas.

A Tabela 4 destina-se a exibição do método e das técnicas avaliativas empregues nas edições correspondentes aos períodos de 1991/1992 a 2001, conforme se observa abaixo:

TABELA 4 – MÉTODOS E TÉCNICAS AVALIATIVAS (1991/1992 à 2001)								
ANO	“IN LOCO”	CONSULTORES	N.	QUESTIONÁRIOS	N.	ENTIDADES PROFISSIONAIS	NOTA ENC	DESEMPENHO DESDE 1989
91/92	Sim	Não	0	Não	0	Não	Não existia	Não
92/93	Não	Sim	500	Sim	6.000	Não	Não existia	não
93/94	Não houve avaliação							
1994	Não	Sim	300	Sim	6.000	Sim	Não existia	Não
1995	Não houve avaliação							
1996	Não houve avaliação							
1997	Não houve avaliação							
1998	Não	Sim	300	Sim		Não	Não	Não
1999	Não	Sim	486	Sim		Não	Sim	Sim
2000	Não	Sim	600	Sim		Não	Não	não
2001	Não	Sim	600	Sim	6.000	Não	Sim	não

Na edição do GE 1991/1992 realizou-se pela última vez a avaliação *in loco*. Em 1992/1993 encontra-se a primeira edição do GE a se utilizar de questionário (6.000 questionários enviados), em substituição a prática da visita *in loco*. Nessa edição também se passou a utilizar consultores, um total de 500 indivíduos. Na edição correspondente a 1993/1994 não houve avaliação do GE. Em 1994, novamente se adotou o esquema dos consultores, um total de 300, pequena redução em relação à edição passada, assim como também se manteve a prática dos questionários, totalizando 6.000 questionários enviados. Outro ponto interessante foi a importância do posicionamento de entidades profissionais como técnica avaliativa, na medida em que o GE ouviu “representantes de entidades de classe e de organizações governamentais e não-governamentais das diferentes regiões do país” (GUIA DO ESTUDANTE, 1994, p. 15).

Nos anos de 1995, 1996 e 1997 não houve avaliação do GE, período de implantação e fortalecimento do ENC, como já havia sido dito. Em 1998, entretanto, os questionários continuaram sendo adotados, sem que fosse mencionado o número de questionários enviados. A utilização de consultores também se manteve e contou com 300 indivíduos atuando nessa função. No ano de 1999 por mais uma vez houve questionário, sem que a edição do GE mencionasse a quantidade de questionários enviados, assim como também ficou mantido a figura dos consultores, um total de 486 indivíduos, ligeiro acréscimo em relação às duas edições anteriores. Dois critérios avaliativos inovadores surgem em 1999. O primeiro deles corresponde a um cruzamento de dados juntamente com informações do desempenho das instituições universitárias avaliadas desde 1989, e o segundo refere-se ao critério que considerou os resultados de 1996 e 1997 do “Provão”.

No ano 2000 o número de consultores tornou a subir, chegando aos 600 sujeitos, maior número registrado nesse período. Também foi mantido o uso de questionários sem que a edição do GE novamente mencionasse quantos foram enviados. Os dois critérios que emergiram na edição de 1999, desempenho no ENC e o de desempenho desde 1989, não foram mantidos. Em 2001, por fim, o número de consultores manteve-se em 600 indivíduos, sendo que o total de questionário chegou à casa dos 6.000 exemplares. É interessante perceber que a nota do ENC volta a ser considerada para efeitos avaliativos, mas o critério de desempenho institucional desde 1989 não foi novamente adotado.

O período de 1991/1992 a 2001, em termos metodológicos, representou uma série de mudanças basilares e estruturais. Uma delas corresponde a não realização de visitas *in loco*. Com o aumento do número de instituições pesquisadas e outros fatores, inclusive financeiro, a prática foi sendo substituída desde 1992/1993 pelo envio de questionários. Nesta linha, surgem também os consultores que analisam as informações contidas nos questionários. A emergência da política pública de avaliação da educação superior, o ENC, ainda que de modo discreto, acaba entrando no bojo dos critérios avaliativos em edições como a de 1999 e 2001. Outro critério emergente embora não tão disseminado e de certo modo pouco adotado refere-se ao desempenho institucional desde a avaliação correspondente ao ano de 1989, que fora adotado unicamente na edição de 1999.

Na sequência, o período denominado *Rumo à consolidação de múltiplos rankings (2002 - 2009)* é também detentor de duas Tabelas. A primeira, Tabela 5, refere-se aos tipos de classificações acadêmicas que existiram durante o referido período, de 2002 a 2009, conforme se observa:

TABELA 5 – Classificações acadêmicas do Guia do Estudante (2002 a 2009)									
CLASSIFICAÇÕES	ANO								
	2002	2003	2004	2005	05/06	2006	2007	2008	2009
Melhores universidades	X	X	X		X			X	X
Cursos estrelados por região	X								
IES com os melhores cursos acadêmicos por região		X	X		X		X	X	
Percentual de cursos estrelados		X							
IES com o maior percentual de cursos estrelados							X		
IES com maior percentual de cursos cinco estrelas							X		
Total de estrelas que cada IES recebeu							X		
Melhores IES por área do conhecimento									X
IES por média de estrelas							X		
Melhores faculdades e escolas isoladas	X	X	X		X		X	X	
Mapa regional cursos mais estrelados (região e Estados)		X	X		X				
<i>Utiliza-se da premiação “Melhores Universidades”</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>		<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>
<i>Utiliza critérios e separações/demarcações classificativas com base na natureza/dependência administrativa IES</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>		<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>

Na Tabela 5, observa-se que em 2002 o GE voltou a contar com praticamente as mesmas três classificações que contava em 2001: *melhores universidades*; *cursos estrelados por região* e *melhores faculdades isoladas*. Em 2003, todavia, o número de classificações aumentou mais uma vez indicando a tendência de múltiplos ranqueamentos que caracterizou o período. Ao todo foram cinco classificações: *melhores universidades*; *IES com os melhores cursos acadêmicos por região*;

percentual de cursos estrelados; melhores faculdades e escolas isoladas e mapeamento regional dos cursos mais estrelados (por região e Estado). É interessante notar que a classificação referente aos *cursos estrelados por região* ficou de fora dando espaço para outros tipos classificatórios que também englobavam cursos. Outro ponto que chamou atenção refere-se à utilização de critérios e demarcações classificativas baseadas na natureza/dependência administrativa da IES, elemento que se fez presente até o final desse período, em 2009.

Em 2004 o número de classificações baixou para quatro. A única diferença com relação a 2003 foi a retirada do ranking referente ao *percentual de cursos estrelados*. Novamente a separação por dependência administrativa manteve-se operante. Em 2005 a avaliação foi realizada, embora a publicação do GE não tenha divulgado os rankings resultantes da mesma. A próxima publicação, também realizada em 2005, embora referente a 2006, contou com algumas classificações. O grande diferencial foi o lançamento da primeira edição do “Prêmio Melhores Universidades”, um tipo de classificação na qual os vencedores recebiam prêmios por categorias, em um evento de *gala*. Em 2006 a publicação foi repetida para que o ano fosse acertado e novamente ocorreu o “Prêmio Melhores Universidades”. Em 2007, entretanto, houve mais uma edição da supracitada premiação, que concedeu prêmios às melhores instituições universitárias do país nas categorias: *As melhores universidades do Brasil, Destaque regional, Empregabilidade/Inserção no mercado e Inovação e sustentabilidade*. Em 2007, também se percebeu a presença de um número elevado de classificações, seis no total, além das quatro presentes no “Prêmio Melhores Universidades”. Trata-se de um enorme crescimento no que se refere ao total de classificações ou rankings.

A publicação referente ao ano de 2008, ao seu turno, se apresentou de modo bem mais enxuto, com três classificações: *melhores universidades; IES com os melhores cursos acadêmicos por região; e melhores faculdades e escolas isoladas*, além das classificações presentes no “Prêmio Melhores Universidades”. Em 2009, apenas duas classificações foram observadas, uma referente às *melhores universidades* e outra referente às *melhores faculdades e escolas isoladas*. A premiação “Melhores Universidades” chegou a sua quinta edição premiando em duas categorias: *Universidade do ano* (um para as públicas e outro para as privadas); e *melhores universidades por área do conhecimento* (um ranking para as públicas e outro para as privadas).

Observa-se que a criação do “Prêmio Melhores Universidades”, de certo modo, unificou os tipos de classificações realizadas pelo GE, e também reduziu o número de classificações ou rankings que eram divulgados em cada edição, com exceção do ano de 2007 que registrou inúmeros exemplo e tipos variados de ranqueamentos. No entanto, até que a premiação se consolidasse certas edições do Guia demonstraram alguma desorientação, como a de 2005, que não publicou e tão pouco divulgou as tradicionais classificações. Houve também repetição de publicações para que o ano das mesmas fosse acertado, como é o caso da que corresponde ao ano de 2006. Todos esses fatores contribuíram para uma aparente instabilidade, que viria a ser minimizada e diluída com a manutenção do “Prêmio Melhores Universidades”, que manteve sua periodicidade ao passo que unificou os tipos de ranqueamentos gerados pelo GE.

A Tabela 6 (ANEXO IX), ao seu turno, faz referência aos métodos e técnicas avaliativas de 2002 a 2009. No ano de 2002, um total de 1.091 cursos foram estrelados, sendo que o contingente de consultores totalizou 500 indivíduos. Novamente enviaram-se questionários, totalizando 9.000, a maior quantidade observada até então. As notas do ENC foram aceitas como critério avaliativo, embora não tenha havido consultoria, tão pouco assessoria e bônus regularidade. Em 2003 o total de cursos estrelado manteve-se praticamente o mesmo que em 2002, 1.096. Também foram utilizadas as notas obtidas no ENC, os questionários e 500 consultores. Igualmente não houve assessoria e consultoria.

Na edição referente ao ano de 2004 foram avaliados 1.331 cursos e o número de consultores passou de 500 para 1.700 indivíduos, um salto vertiginoso em termos quantitativos. Os questionários tornaram a ser utilizados, assim como as notas do ENC. Em 2005, todavia, observou-se o mesmo número de consultores com relação a 2004. Também foram utilizadas as notas do ENC que por mais uma vez somaram-se ao universo de critérios e técnicas avaliativas adotadas pela publicação do GE. Na edição avaliativa 2005/2006 ocorreu outro grande salto quantitativo na medida em que 6.000 cursos foram avaliados pelo GE com auxílio de 973 consultores. Os questionários passaram a ser enviados pela internet e as notas do ENC não foram mais consideradas devido ao encerramento da referida política pública. Outras novidades referem-se à presença da assessoria Ibope Opinião e também da consultoria *PricewaterhouseCoopers*, assim como, a entrada em vigor do “Prêmio Melhores

Universidades”. Por outro lado, o critério relacionado às entidades profissionais passou a ser levado em consideração novamente.

Em 2006 dos 7.299 cursos avaliados 2.280 receberam estrelas. Deste modo, observa-se que a quantidade de cursos avaliados apresentou uma alta significativa. Também foram utilizados consultores e questionários online, por mais uma vez. A assessoria Ibope Opinião e a consultoria *PriceWaterHouseCoopers* novamente marcaram presença nessa edição, assim como foi mantida a premiação “Melhores Universidades”. Por mais uma vez utilizou-se do critério que valoriza as entidades profissionais. Na edição de 2007 foram avaliados 8.223 cursos dos quais 2.873 foram estrelados, mais um aumento significativo em relação às edições anteriores do GE. Os questionários continuaram sendo enviados via *internet* e os consultores também foram mantidos, juntamente com a assessoria do Ibope Inteligência e a consultoria técnica da *PricewaterhouseCoopers*. O bônus regularidade foi mantido ao passo que a premiação “Melhores Universidades” entrou em sua terceira edição.

No ano de 2008 ocorreu a quarta edição do “Prêmio Melhores Universidades”. O critério relativo ao Bônus regularidade foi mantido, juntamente com a assessoria do Ibope Inteligência e a consultoria técnica da *PricewaterhouseCoopers*, como já vinha ocorrendo desde 2005/2006. Dos 9.053 cursos avaliados 3.204 foram estrelados, confirmando a crescente que se vinha registrando desde a edição do GE correspondente ao ano de 2004. Cabe ressaltar que os questionários continuaram sendo enviados por *internet*, bem como, ficou mantido a presença de consultores, sem que houvesse menção do total de indivíduos incumbidos da função desde a edição de 2006 do GE. Em 2009, por fim, 9.371 cursos foram avaliados dos quais 3.551 receberam estrelas. Finalmente houve divulgação do total de consultores, 2.100. A premiação “Melhores Universidades” foi mantida atingindo sua quinta edição. Do mesmo modo o bônus regularidade continuou compondo o rol de critérios avaliativos. De resto tudo permaneceu igual à edição anterior de 2008, especialmente no tocante as empresas que realizaram a consultoria e a assessoria técnica.

Observou-se no período acima descrito um significativo aumento no total de cursos avaliados e também na totalidade de cursos estrelados, principalmente da edição 2005/2006 até a edição de 2009. Outra importante mudança refere-se ao envio de questionários *online* em detrimento dos questionários tradicionais, adotados até o ano de

2005. A presença de empresas de consultoria (Ibope Opinião e depois Ibope Inteligência) e também de consultoria (*PricewaterhouseCoopers*) também são grandes diferenciais que passaram a vigorar na edição 2005/2006 e representam um esforço no sentido de atribuir confiança e credibilidade às avaliações do GE por meio de um fortalecimento metodológico. Finalmente, outro elemento que chamou atenção refere-se ao surgimento da premiação “Melhores Universidades” na edição 2005/2006. Com a emergência e principalmente com a continuidade da referida premiação, somada as melhorias metodológicas promovidas pelo GE, torna-se evidente que a publicação entrou, nos anos de 2002 a 2009, em um período de consolidação/padronização de suas classificações (ou rankings) denominado: *Rumo à consolidação de múltiplos rankings*.

O último período intitulado, *Aprimoramentos metodológicos e fortalecimento dos critérios avaliativos (2010 - 2013)* comporta outras duas Tabelas. A primeira, Tabela 7, refere-se aos tipos de classificações acadêmicas existente no período de 2010 a 2013, conforme se observa:

TABELA 7 – Classificações acadêmicas do Guia do Estudante (2010 a 2013)				
CLASSIFICAÇÕES	ANO			
	2010	2011	2012	2013
IES do ano	Não houve avaliação	X	X	X
Melhores IES por área do conhecimento		X	X	X
Utiliza-se da premiação “Melhores Universidades”		Sim	Sim	Sim
Utiliza critérios e separações/demarkações classificativas com base na natureza/dependência administrativa IES		Sim	Sim	Sim

No ano de 2010 não houve avaliação do GE. Em contrapartida, nas edições correspondentes a 2011, 2012 e 2013 observa-se a ocorrência de apenas dois tipos de rankings, sendo que o primeiro refere-se à *IES do ano* e o segundo refere-se às *Melhores IES por área do conhecimento*. É interessante destacar que com a consolidação do “Prêmio Melhores Universidades”, especialmente nas edições 2011, 2012 e 2013, não foram mais observados outros tipos de classificações. Isto porque os rankings publicados nesse período correspondem unicamente às categorias já mencionadas,

existentes na premiação. Também é pertinente destacar que as referidas categorias da premiação são apresentadas tanto para o segmento público de educação, quanto para o segmento privado, respeitando a divisão por natureza ou dependência administrativa.

A Tabela 8 expõe os métodos e técnicas avaliativas aplicadas pelo GE:

TABELA 8 – MÉTODOS E TÉCNICAS AVALIATIVAS (2010 à 2013)												
ANO	CURSO S ESTRE LADOS	TOTAL DE CURSOS AVALIADO S	BÔNUS/ regulari dade	CONSULTOR ES	Entidades profissionais	QUESTIONÁRIO S	Avaliaçõ es governos	ASSESS ORIA	CONSULT ORIA	PRÊMIO MELHORES UNIVERSIDAD ES	TOTAL DE CLASSIF ICAÇÃO S	
2010	Não houve avaliação											
2011	4.146	10.648	sim	s	3.008	Sim	s	não	Ibope Intelig ência	PriceHo useWat ercoope r	Sim	2
2012	4.329	10.692	Sim	s	2.965	Não	s	não	Ibope Intelig ência	PriceHo useWat ercoope r	sim	2
2013	5.119	11.484		s	3.682	Não	s	não	Ibope Intelig ência	PriceHo useWat ercoope r	sim	2

No ano de 2010 não houve avaliação do GE. Em 2011 foram avaliados 10.648 cursos dos quais 4.146 foram estrelados. O número de consultores chegou a 3.008. O bônus regularidade foi considerado perante os critérios avaliativos, assim como se utilizou de pareceres provenientes de entidades profissionais. A Em 2012, dos 10.692 cursos avaliados 4.329 obtiveram estrelas, sendo que o número de consultores chegou a 2.965 indivíduos. Em 2013, foram 11.484 cursos avaliados e 5.119 estrelados, graças ao trabalho de 3.682 consultores.

Deste modo, observa-se uma linearidade numérica nas avaliações correspondentes aos anos e 2011, 2012 e 2013. Isto porque o número de cursos avaliados pouco se alterou nesse período, embora representem nas três edições, os maiores indicadores já alcançados pelo GE em toda sua trajetória, ultrapassando a casa dos 10.000 cursos avaliados e chegando, em 2013, a casa dos 5.000 cursos estrelados em uma única edição do GE. Da mesma forma a quantidade de consultores também mostrou pouca mudança oscilando entre 3.000 a 3.600 consultores. A consultoria da Ibope Inteligência e a consultoria da *PricehousewaterCoopers* também foram mantidas até essas últimas edições analisadas. Do mesmo modo a premiação “Melhores Universidades” também permaneceu até 2013, corroborando com a unificação das classificações, que deixaram os excessos e experimentalismos das primeiras edições, para adotar um tom mais unificador e um encadeamento mais racional. Os números dessas últimas etapas são incisivos e expressivos e se enquadram na denominação,

Aprimoramentos metodológicos e fortalecimento dos critérios avaliativos, tendo em vista que as últimas edições representam unificação e fortalecimento, tanto em termos metodológico quanto no que se refere à padronização dos tipos de classificações geradas pelo GE.

O terceiro e último objetivo específico, abordado no Capítulo III, promoveu o levantamento e a coleta de dados institucionais veiculados na *internet*, derivados de instituições universitárias públicas e particulares, premiadas no *Prêmio Melhores Universidades* do GE. Aos dados coletados e selecionados aplicou-se a técnica da análise de conteúdo com objetivo de comparar o conteúdo dos materiais institucionais de comunicação, tentando identificar semelhanças, diferenças e convergências.

Por meio do referido levantamento de dados obteve-se um total de 57 materiais, todos coletados nos *sites* das instituições universitárias públicas e privadas premiadas em 2012 e 2013 no GE. A aplicação da técnica da análise de conteúdo aos materiais coletados deu-se mediante apoio simbólico das seguintes categorias: (a) Exibem suas certificações GE (digitalizadas); (b) Mencionam suas boas posições em edições avaliativas anteriores do GE; (c) Expõem depoimentos de diretores de IES premiadas, bem como gestores e professores de cursos; (d) Destacam resultados avaliativos do GE como forma de dar credibilidade a cursos e serviços da IES premiada; (e) Mencionam outras avaliações da educação superior oriundas de políticas públicas e/ou outras classificações acadêmicas paralelamente para reforçar os resultados na avaliação do GE; (f) Expõem o posicionamento de órgãos e entidades educacionais e profissionais; (g) Destacam os resultados na avaliação do GE como forma de valorar as IES como um todo e (h) Atentam-se aos critérios, dados e números relativos às avaliações do GE.

As análises referentes ao Capítulo III serão aqui dispostas observando, inicialmente, o segmento privado de educação superior nos anos de 2012 e 2013, identificando semelhanças e diferenças, e posteriormente, serão apresentadas as análises pertinentes ao segmento público de educação superior também no período de 2012 e 2013, outra vez buscando convergências e divergências, para então, finalmente serem expostas as possíveis análises comparativas de ambos os segmentos.

Com relação à premiação do GE publicada no ano de 2012, 80% das incidências mais expressivas coletadas nos materiais institucionais das universidades privadas *fizeram referência ao destaque que os resultados da avaliação do GE deu às IES como*

um todo. A publicação do GE em 2013, por sua vez, também atribuiu importante destaque a mesma abordagem, na medida em que esta apareceu em segundo lugar como a incidência mais observada, com 55,55%. Em contrapartida, a abordagem mais observada em 2013 é justamente a que recebeu a segunda maior incidência em 2012, com 73,33%. Trata-se da temática relativa *ao destaque dado aos resultados do GE como forma de legitimar e dar credibilidade a cursos e serviços das IES premiadas*. Neste sentido, a pequena variação apresentada e observada entre as referidas abordagens, que por sinal são as mais expressivas em ambos os anos (2012 e 2013) independentemente da ordem em que aparecem, demonstrou uma linha de consistência em virtude da manutenção e da presença das mesmas encabeçando as abordagens mais relevantes.

Em 2012, todavia, a terceira maior incidência observada faz *menção a outras avaliações da educação superior oriundas de políticas públicas e/ou outras classificações acadêmicas* para reforçar os resultados da avaliação do GE. No entanto, em 2013 a referida abordagem aparece com baixo destaque, 11,11% das incidências, o que representa apenas uma frequência constatada em todos os materiais de universidades privadas coletados como pertinentes, contra seis aparições (por meio de frequências) em 2012.

A diferença em termos de percentuais de um ano para o outro, nesse caso, torna-se latente e sugere uma hipótese. Tal hipótese refere-se às avaliações oriundas de políticas públicas: neste particular, tendo em vista que a avaliação do GE é realizada em ano anterior ao de sua publicação, a avaliação de 2012 foi realizada em 2011. Sendo assim, as avaliações do MEC podem ter sido utilizadas com mais força para reforçar os resultados obtidos no GE no primeiro ano do Governo Dilma, ainda contando com uma possível revitalização de avaliações como o ENADE ou contando com uma reformulação do SINAES. Já em 2012 (correspondente à avaliação de 2013), o descrédito relativamente às políticas avaliadoras do Governo era maior, o que hipoteticamente levou os responsáveis pelo marketing e divulgação institucional das universidades a evitarem a divulgação conjunta dos bons resultados obtidos no GE com os resultados obtidos em avaliações governamentais.

Outra abordagem que merece destaque em 2012, com 20% das incidências, *faz referência aos critérios avaliativos do GE, apresentando-os por meio de números,*

dados e informações metodológicas a respeito da avaliação. Há neste particular um contraste em relação à mesma abordagem observada em 2013, 44,44%, o que chama atenção, uma vez que se percebe uma boa diferença de percentual. É possível considerar algumas situações hipotéticas: a primeira refere-se à fragilidade metodológica apresentada nas avaliações do GE, constada segundo a trajetória histórica do GE realizada no segundo capítulo; a segunda, de natureza explicativa tenta justificar o porquê mais explicações metodológicas foram encontradas nos materiais coletados em 2013 do que nos materiais referentes a 2012. Juntando essas duas situações há como pensar que a maior presença de materiais de cunho metodológico em 2013 emerge justamente para aumentar o grau, bem como, o nível de informações a respeito das especificidades referentes à avaliação do GE, exatamente em virtude de suas aparentes fragilidades. Tais fragilidades, ao serem atacadas ou ao menos trabalhadas e expostas, contribuem para que a IES premiada aproveite, sem grandes problemas de crítica, de seus bons resultados avaliativos.

Em 2012 e 2013, chama atenção outro indicador justamente pelo fato de não haver nenhuma incidência nos dois períodos. Trata-se da abordagem referente à *presença de depoimentos de órgãos e entidades educacionais e profissionais* nos materiais coletados, que não foi observada em nenhum período no segmento privado. Baseando-se na ausência de tal abordagem nos referidos períodos é possível pensar em duas hipóteses: a primeira, e mais branda, revela certa dificuldade de conciliação entre a divulgação dos resultados (geralmente bons resultados) e a presença, no corpo dos materiais, de depoimentos de órgão ou entidades educacionais. A segunda, mais densa, parece expressar as fragilidades (ou ingenuidade) dos departamentos de *marketing* das universidades privadas na elaboração de sua própria divulgação e difusão, tendo em vista que a presença de depoimentos de órgão ou entidades educacionais e profissionais em materiais que divulgam os resultados do GE seria bastante salutar em termos de credibilidade e notoriedade para a IES.

No segmento público, todavia, algumas abordagens merecem destaque. Cabe mencionar, antes de tudo, que os percentuais encontrados em 2012 e 2013 não apresentam grandes alterações na maioria dos casos. Isto quer dizer que entre as abordagens encontradas não existem diferenças fundamentais de acordo com o recorte adotado, que corresponde aos anos de 2012 e 2013. Corrobora com tal afirmação a hipótese de que as estratégias de *marketing* ou gerenciais encontradas no segmento

público não necessitam de grandes mudanças ou inovações, o que torna presente certa padronização dos tipos de materiais de divulgação, isto, pois é evidente o prestígio do segmento público especialmente em relação ao segmento particular de educação superior.

Neste sentido, para exemplificar a hipótese acima mencionada, três abordagens podem ser citadas: (1) *destaca os resultados avaliativos do GE como forma de dar credibilidade à cursos e serviços da IES premiada*; (2) *refere-se a exibição das certificações do GE (digitalizadas)*; (3) *destaca os resultados na avaliação do GE como forma de valorar as IES como um todo*. Tais abordagens encabeçaram a lista das mais expressivas observadas, uma vez que estiveram presentes em grande parte dos documentos. Em 2012 a ordem observada é exatamente correspondente àquela apresentada acima, já em 2013, o indicador mais expressivo é idêntico ao do ano anterior, no entanto, a variação refere-se à segunda e à terceira abordagem, na medida em que a segunda abordagem mais expressiva de 2012 corresponde à terceira mais expressiva de 2013, e, conseqüentemente, o terceiro indicador mais expressivo de 2013 corresponde ao segundo mais expressivo de 2012. Outro exemplo, que também ratifica a hipótese, corresponde à abordagem referente *aos depoimentos de órgãos e entidades educacionais e profissionais*. Ocorre que tal abordagem apresenta as mesmas posições hierárquicas tanto em 2012 (Quadro III) quanto em 2013 (Quadro IV), com percentagens ou frequências iguais.

Tendo em vista que não foram verificadas grandes alterações em relação às abordagens encontradas no segmento público, tanto em 2012 quanto em 2013, resta agora realizar as possíveis análises comparativas de ambos os segmentos.

No segmento público a abordagem referente à *exposição dos depoimentos de diretores, gestores e professores de IES premiadas*, em 2012, registrou 10% das incidências. Já no ano de 2013 o mesmo indicador apareceu com 25% das abordagens. No segmento particular, todavia, foram encontrados indicadores semelhantes, uma vez que tanto em 2012 quanto em 2013, 33, 33% das abordagens também se referiam a tais tipos de depoimentos.

A hipótese que pode ser levantada guarda relação com a ideia de que há uma nítida utilização dos membros da IES, principalmente aqueles que ocupam cargos administrativos de prestígio, para reforçar os bons resultados obtidos nas avaliações do

GE. Tanto no segmento privado quanto no público não foram raras as vezes que o depoimento dos profissionais foi utilizado para salientar os esforços da equipe de professores e também os caminhos “especiais” que cada instituição universitária adotou para conseguir obter suas “estrelas” junto ao Guia. Também parece nítido ser mais fácil obter o depoimento de um membro interno de cada instituição premiada ao invés de conseguir o depoimento de um membro do MEC, por exemplo, ou de um formulador de políticas públicas em avaliação. Isto sem contar que nenhuma instituição universitária utilizou do depoimento de membros de outras instituições para justificar seus próprios méritos.

Mais duas abordagens chamam atenção e são possíveis de comparação. A primeira faz referência à *exposição do posicionamento de órgãos e entidades educacionais e profissionais*, que no segmento privado não apresentou incidência alguma, tanto em 2012 quanto em 2013. Já no segmento público, em 2012, foram encontrados 20% das abordagens nesse sentido e no ano de 2013 não se registrou nenhuma incidência. Deste modo, duas hipóteses foram elaboradas a partir dessa primeira abordagem: (i) uma diz respeito à falta de conciliação entre tais depoimentos/discursos e a divulgação dos resultados enquanto que a (ii) outra se refere às possíveis fragilidades dos departamentos de *marketing* das universidades privadas que não viabilizam tais depoimentos aos usuários da *web*. A comparação que se pode fazer entre os segmentos é no sentido da valorização desse tipo de depoimentos/posicionamento. Enquanto que no segmento privado existe aparente dificuldade de se exibir tal tipo de depoimentos, que por sinal seriam extremamente pertinentes ao segmento por darem maior credibilidade, no segmento público, ainda que a necessidade seja menor tendo em vista o prestígio consolidados das IES, se percebeu certa incidência, ao menos em 2012. Em síntese, ainda que no segmento público não se tenha tanta necessidade desse tipo de *marketing*, de alguma forma, os depoimentos de órgão e entidades profissionais e educacionais se fizeram presentes, ainda que não de modo extravagante. Já o segmento particular que dependeria mais desse tipo de depoimento para engrandecer a si mesmo, não conseguiu conciliar boas ações de *marketing* nesse sentido.

A segunda abordagem passível de comparação comporta a visualização de outra semelhança entre os segmentos. Trata-se da abordagem que *menciona outras avaliações da educação superior oriundas de políticas públicas e/ou outras classificações*

acadêmicas utilizadas paralelamente para reforçar resultados na avaliação do GE. No segmento particular em 2012 havia 40% das abordagens nesse sentido contra 11,11% em 2013. Já no segmento público eram 25% de incidências em 2012 e 20% em 2013. Tanto no segmento privado quanto no público é possível se perceber uma queda nos indicadores de 2012 para 2013. Sendo assim, a hipótese elaborada anteriormente pode ser mantida, isto porque as avaliações do MEC parecem ter sido utilizadas com maior intensidade no primeiro ano do Governo Dilma, enquanto que em seu segundo ano (2012, ano de elaboração da avaliação divulgada em 2013) o descrédito em relação ao Governo era maior, o que pode ter colaborado para que as avaliações oriundas de políticas públicas governamentais não continuassem a ser utilizadas para reforçar os bons resultados obtidos no GE – isso tanto no segmento privado quanto no público.

Com o fim das explicações e exposições acerca das análises do Capítulo III (também do I e do II), algumas considerações finais ainda são pertinentes de serem tecidas a respeito do GE e de suas fragilidades avaliativas, dos ranqueamentos que se expandem ao redor do mundo agindo como elementos mercadológicos e das futuras contribuições dessa pesquisa.

Neste sentido, ao longo das edições do Guia do Estudante foram constatadas diversas mudanças metodológicas, assim como também foram surgindo inúmeros tipos de ranqueamentos, sem que houvesse muita padronização. A linearidade classificatória emergiu, de certa forma, com o surgimento do “Prêmio Melhores Universidades”. Não obstante, ainda persistem diversos questionamentos que podem ser realizados em torno das falhas metodológicas, como por exemplo: Que garantias há de que os questionários foram preenchidos corretamente pelos coordenadores de curso? Como garantir a idoneidade daquele que preenche os questionários? Qual é a dimensão que a ausência das visitas *in loco* representa? Como confiar no crivo dos consultores que analisam os questionários? Há, portanto, uma infinidade de questionamentos que podem ser realizados no tocante as falhas metodológicas.

A presença de um ranking como o do GE no cenário da educação superior brasileira enquadra-se na perspectiva de um movimento global que reforça a tendência em prol de uma cultura de ranqueamento, uma cultura anglo-saxônica, pautada no modelo de universidade estadunidense que se expande cada dia mais. Ao tratar das classificações elaboradas pelo GE sua trajetória histórica foi revelada aos leitores (e também a este pesquisador) juntamente com aspectos metodológicos e seu funcionamento geral – que revelam um ranking de carreira voltado ao mercado de

trabalho –, elementos totalmente desconhecidos que jamais haviam sido alvo de pesquisas acadêmicas. Posteriormente, o conteúdo institucional das IESs premiadas pelo GE em 2012 e 2013 foi analisado, ocasião em que foi possível observar a utilização da premiação enquanto ferramental ligado à mercantilização da educação, bem como sua importância diante de um panorama de ascensão do ranqueamento da educação superior.

Neste sentido, a realização dessa pesquisa fornece contribuições para se iniciar/instaurar um interesse científico em torno do ranqueamento acadêmico de natureza privada (como o GE) e possibilitar assim uma série de outras investigações futuras. Isto porque com a exibição da trajetória histórica do GE diversos aspectos até então desconhecidos poderão ser estudados. A enorme quantidade de dados quantitativos expostos ao longo de mais de 25 anos de publicação revelou inúmeras possibilidades investigativas que esta pesquisa não se propôs ao estudo, tão pouco conseguiria abordar por conta das naturais limitações de método, mas que, todavia, merecem atenção e futuramente deverão ser exploradas. A análise de conteúdo dos materiais revelou também uma parcela das estratégias de gestão e *marketing* que as IES adotam diante de ranqueamentos nacionais como o GE. As possibilidades podem ser ainda mais complexas se outras fontes de coleta de dados forem consideradas e outros recortes temporais forem adotados.

5. REFERÊNCIAS

ABRUCIO, F. Os avanços e os dilemas do modelo pós-burocrático: a reforma da administração pública à luz da experiência internacional recente. In: BRESSER-PEREIRA, L. C.; SPINK, P. (orgs.). **Reforma do Estado e Administração Pública Gerencial**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2005.

ALMEIDA, C. R. S. de. **O brasão e o logotipo: um estudo das novas universidades na cidade de São Paulo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ALL AFRICA. **Africa: UNIBEN Tops Africa in Webometrics Varsity Ranking**. Vanguard. Ago., 2012. Disponível em: <<http://allafrica.com/stories/201208060182.html>>. Acesso em: 24 out. 2012.

AMÉRICA ECONOMÍA INTELLIGENCE. **Ránking 2012 de las Mejores Universidades de Chile: la "U" gana en fallo fotográfico a la U. Católica**. Out. 2012a. Disponível em: <<http://www.americaeconomia.com/negocios-industrias/ranking-2012-de-las-mejores-universidades-de-chile-la-u-gana-en-fallo-fotografic>>. Acesso em: jan. 2013.

AMÉRICA ECONOMIA. **Quem somos**. Em português. Setembro, 2013. Disponível em: <<http://www.americaeconomiasbrasil.com.br/quem-somos>>. Acesso em: 10 out. 2013.

AMÉRICA ECONOMÍA INTELLIGENCE. **Metodología: Así hicimos el Ránking de las Mejores Universidades de Perú, 2012b**. Disponível em: <<http://rankings.americaeconomia.com/2012/las-mejores-universidades-de-peru/metodologia.php>>. Acesso em: março 2013.

AMÉRICA ECONOMÍA INTELLIGENCE. **Reportaje Principal: Competencia en la cima**, 2012c. Disponível em: <<http://rankings.americaeconomia.com/2012/las-mejores-universidades-de-peru/index.php>>. Acesso em: março 2013.

ANDER-EGG, E. **Introducción a las técnicas de investigación social: paratrabajadores sociales**. 7ª ed. Buenos Aires: Humanitas, 1978.

ANDERSON, P. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, E. & GENTILI, P. (orgs.) **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23.

ANDRADE, E. de C. Rankings em Educação: tipos, problemas, informações e mudanças: análise dos principais rankings oficiais do Brasileiros. In: **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 323-343, junho, 2011.

ANDER-EGG, E. **Introducción a las técnicas de investigación social: para trabajadores sociales**. 7ª ed. Buenos Aires: Humanitas, 1978.

ANDRADE, E de C.; MOITA, R.; LOBO E SILVA, C. E. A escolha da faculdade pelo aluno: estimação da demanda e precificação dos atributos. In: **Insper**, São Paulo, WPE: 182/2009, IBMEC, 2009. Disponível em: <http://www.insper.edu.br/sites/default/files/2009_wpe182.pdf> Acesso em: 3 out. 2011.

ARAÚJO FILHO, M. S. Acabar com o Provão: um retrocesso (anunciado) para o ensino superior brasileiro. **Jornal da Ciência**, São Paulo, 7 maio 2003. Disponível em: <<http://www.jornaldaciencia.org.br/Detail.jsp?id=9597>>. Acesso em: 26 set. 2010.

BARBIERI, L. F. **Três cursos da Faculdade de Ciências se destacam no Guia do Estudante: Pedagogia, Licenciatura em Educação Física e Ciência da Computação recebem cinco estrelas**, 2013. Disponível em: <<http://www.fc.unesp.br/noticiencias/tras-cursos-da-faculdade-de-ciencias-se-destacam-no-guia-do-estudante>>. Acesso em: 23 outubro de 2013.

BARNARD, J. R. **La evaluación, los “rankings” internacionales y la moda**. *Investigacion Bibliotecológica*, v. 21, n. 43, jul/dez, p. 7-77, México, 2007.

BARREYRO, G. B. De exame, rankings e mídia. In: **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v.13, n. 3, p. 863-868, nov.2008.

BARREYRO, G. B; ROTHEN, J. C. Política de avaliação e regulação da educação superior brasileira. In: VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, Porto. **Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação**. Porto: Universidade do Porto, p. 1-18, 2008.

BERNARDINO, P.; MARQUES, R. C. Rankings acadêmicos: uma abordagem ao ranking das universidades portuguesas. **Ensaio: avaliação de políticas públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v.18, n.66, jan. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 11 nov. 2010.

BERMÚDEZ, G. **Ninguna universidad argentina figura en el top 10 latinoamericano**. Clarín, 2012. Disponível em: <http://www.clarin.com/educacion/titulo_0_718128268.html> Acesso em: jun. 2013.

BERMÚDEZ, M. P.; BUELA-CASAL G.; SIERRA J. C.; QUEVEDO-BLASCO R. e e CASTRO, A. Ranking de 2009 en investigación de las universidades públicas españolas. **Psicothem**, v. 22, n. 2, p. 171-179, 2010.

BUENO, R.; FÁVARO, T. A internacionalização das universidades vista por três especialistas estrangeiros. **Revista Ensino Superior**. Unicamp. Mai., 2005. Disponível em: <<http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/entrevistas/a-internacionalizacao-das-universidades-vista-por-tres-especialistas-estrangeiros>>. Acesso em: set.2011.

BRASIL. Bases para uma nova proposta de avaliação da Educação Superior. **Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior**. Brasília: Inep, 2004.

BRASIL, MARE. **Plano Diretor da Reforma do Estado**. Brasília, 1995.

BRASIL/MEC. **Guia do Estudante - Apresentação**. 2011. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=272>. Acesso em: jan. 2012.

BRESSER-PEREIRA, L. C. Da administração pública burocrática à gerencial. In: **Revista do Serviço Público**, 47 (1) janeiro-abril, 1996. Disponível em: <<http://www.bresserpereira.org.br/Documents/MARE/PlanoDiretor/planodiretor.pdf>>. Acesso em: junho de 2012.

BOURDIEU, P. Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal - Tradução Lucy Magalhães – In: **O mito da “mundialização” e o Estado Social europeu**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BRITO, M. R. F. O Sinaes e o Enade: da concepção à implantação. **Avaliação**, Campinas, SP, v. 13, n. 3, p. 841-850, nov. 2008.

CAMARGO, L. Caro estudante. **Guia do Estudante**. São Paulo: Editora Abril, 1994.

CALDERON, A. I. Universidade Mercantil: a institucionalização do mercado universitário em questão. In: **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 1, São Paulo, 2000.

CALDERÓN, A. I. ; FERREIRA, A. G. . Administração da educação no Brasil: Um diálogo comparativo com as tendências temáticas da Revista Ibero-Americana de Educação. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 27, p. 321-339, 2011.

CALDERON, A. I.; POLTRONIERI, H. e BORGES, R. M. Avaliação, rankings e qualidade da educação superior. **Revista Estudos: ABMES**, v. 19, n. 39, p. 103-109, dez. 2010.

CALDERON, A. I.; POLTRONIERI, H. e BORGES, R. M. Os rankings na educação superior brasileira: políticas de governo ou de estado?. **Ensaio: avaliação de políticas públicas em Educação**. [online]., v. 19, n. 73, p. 813-826, 2011.

CASTRO, M. H. G. Quem tem medo do Provão? **Jornal da Ciência**, São Paulo, 29 set. 2003. Disponível em: <<http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=13126>>. Acesso em: 26 set. 2010.

CORREIO BRAZILIENSE. **UnB é finalista do 6º Prêmio Melhores Universidades Guia do Estudante**. 2010. Disponível em: <<http://www.correioweb.com.br/euestudante/noticias.php?id=14081>> Acesso em: 17 jan. 2012.

CLARÍN. **Dos universidades de Argentina figuran en el top 10 de América latina: Son la UBA (cuarta) y la Austral (décima). Brasil lidera la lista**. Set., 2013. Disponível em:<http://www.clarin.com/sociedad/universidades-Argentina-figuran-America-latina_0_991100935.html> Acesso em: out.2013.

DE CAMPOS, J. P.; CÔRTEZ, P. e CARDOSO, A. L. **PUC-Rio é a melhor particular do Brasil em novo ranking**. Portal PUC-Rio Digital. 2012. Disponível em: <<http://puc->

riodigital.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41&infoid=13498> Acesso em: 23 nov. 2012.

DIAS, M. A. R. **Produção, partilha e apropriação do conhecimento**. Brasília: MEC, 2003. Seminário Internacional Universidade XXI de 25 a 27 de novembro de 2003.

DIAS SOBRINHO, J. **Avaliação: políticas educacionais e reformas da Educação Superior**. São Paulo: Cortez, 2003.

DIAS SOBRINHO, J. Qualidade, avaliação: do sinaes a índices. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 13, n. 3, p. 817-825, mar. 2010a.

DIAS SOBRINHO, J. Avaliação e transformação da Educação Superior Brasileira (1995-2009): do Provão ao Sinaes. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 15, n. 1, p. 195-224, mar. 2010b.

DIAS SOBRINHO, J. Avaliação ética e política em função da educação como direito público ou como mercadoria? **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 88, p. 703-725, Especial - Out. 2004.

DURHAM, E. O Provão deve ser extinto? Não. **Jornal da Ciência**, São Paulo, 8 set. 2003. Disponível em: <<http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=12577>>. Acesso em: 2 mar. 2011.

DURHAM, E. A política educacional do governo Fernando Henrique Cardoso: uma visão comparada. **Novos Estudos: CEBRAP**, São Paulo, n. 88, p. 153-179, dec. 2010.

DRAIBE, S. Uma nova institucionalidade das Políticas Sociais? Reflexões a propósito da experiência latino-americana recente de reformas e programas sociais. In: **São Paulo em Perspectiva**. v. 11(4) 3-15, 1997.

EMPLEARE. **Ranking Web de Universidades en México (julio 2010)**. 2010. Disponível em: <<http://www.empleare.com/ranking-web-de-universidades-en-mexico-julio-2010.html>>. Acesso em: 23 mar. 2011.

ENGUITA, M. F. O discurso da qualidade e a qualidade do discurso. In: GENTILI, P.; SILVA T. T. da (Orgs.). **Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 93-110.

EL MERCURIO. **Ranking de universidades causa masivo interés: sitio web 50 mil visitas**. Dez., 2012. Disponível em: <<http://psu.elmercurio.com/ranking-de-universidades-causa-masivo-interes-sitio-web-suma-50-mil-visitas/>>. Acesso em: jan. 2013.

EL MUNDO. **Uma opción que se consolida con los años**. Documento 2009/2010. 2010-A.

EL MUNDO. **Madrid y Barcelona, líderes en educación**. Documento 2009/2010. 2010-B.

EL UNIVERSAL. **Mejores Universidades** 09. 2009. Disponível em. Acesso em: set. 2012.

ESCOBAR-CÓRDOBA, F. El ranking de las universidades. **Revista Facultad Medicina**, v. 57, n. 4, 2009.

ESCOBAR-CÓRDOBA, F; TORO-HERRERA S.M. e ESLAVA-SCHMALBACK, J. Posición de las escuelas de medicina colombianas a partir del ranking iberoamericano SIR 2010, **Revista Facultad Medicina**, v. 58, pp-341-347, 2010.

FERNANDES, I.; NUNES, E. **Rankings Internacionais: a irresistível polêmica em torno de seus sentidos e metodologias**. Documento de Trabalho n°. 97, Set., 2011. Disponível em: <http://www.observatoriouniversitario.org.br/documentos_de_trabalho/documentos_de_trabalho_97.pdf>. Acesso em: 26 set. 2010.

FOFOKI. **Cláudia Raia participa de premiação às melhores universidades do Brasil**. 04 de out., 2006. Disponível em: <<http://www.fofoki.com/noticias/04-10-2006-claudia-raia-participa-premiacao-melhores-universidades-brasil-data-04-outubro-2006-3-11>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

FOFOKI. **Agenda: atriz Maria Fernanda Cândido comanda evento em SP**. 26 de out., 2007. Disponível em: <<http://www.fofoki.com/noticias/26-10-2007-agenda-atriz-maria-fernanda-candido-comanda-evento-sp-data-26-outubro-2007-19-09>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Federais e USP lideram o 1º ranking universitário**. São Paulo, Set., 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/64248-federais-e-usp-lideram-o-1-ranking-universitario.shtml>>. Acesso em: out. 2012.

GALVÁN, F. **The Centre for Higher Education Development (CHE) 'Excellence Ranking': for the Ranking of Excellent European Graduate Programmes da Universitat de Barcelona (UB)**, Universitat de Barcelona, 2011.

GOMES, Alfredo Macedo. Política de avaliação no Brasil: pontuando uma história de ações. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 80, p. 275-298, set. 2002.

GOUVEIA, A. B.; SILVA, A. A.; SILVEIRA, A.D.; JACOMINI, M. A. e BRAZ, T.P. Trajetória da Avaliação da Educação Superior no Brasil: singularidades e contradições (1983-2004). In: **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 16, n. 31, jan-jun. 2005.

GUIA DO ESTUDANTE. **Conheça a trajetória do Guia do Estudante**. 2012. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/premio/sobre-premio/conteudo_132818.shtml> Acesso em: 3 abr. 2012.

GUIA DO ESTUDANTE. **Olhando Estrelas**. São Paulo: Editora Abril, Ano XVIII, p. 6-7, 1990.

GUIA DO ESTUDANTE. **Os melhores cursos universitários do Brasil**. São Paulo: Editora Abril, p. 10-14, 1991.

GUIA DO ESTUDANTE. **A jornada das estrelas**. São Paulo: Editora Abril, p. 10-14, 1992.

GUIA DO ESTUDANTE. **As estrelas do ensino superior no Brasil**. São Paulo: Editora Abril, p. 10-18, 1994.

GUIA ABRIL DO ESTUDANTE. **Os melhores cursos universitários do Brasil**. São Paulo: Editora Abril, p. 19, 1998.

GUIA ABRIL DO ESTUDANTE. **Os melhores cursos do Brasil**. São Paulo: Editora Abril, p. 170-171, 1999.

GUIA DO ESTUDANTE CURSOS & PROFISSÕES. **Nosso ensino avaliado: há muito a melhorar**. São Paulo: Editora Abril, p. 8-9, 1988.

GUIA DO ESTUDANTE CURSOS & PROFISSÕES. **Os melhores cursos e as grandes escolas**. São Paulo: Editora Abril, p. 6-8, 1989.

GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES. **As campeãs do ensino superior**. 3ª ed. São Paulo: Editora Abril, p. 10-14, 2004.

GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES. **As melhores escolas do país**. São Paulo: Editora Abril, Ano 2. p. 10-14, 2003.

GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES. **As estrelas da educação superior**. São Paulo: Editora Abril, 5ª ed, p. 12-21, 2005b.

GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES. **Campeões do ensino**. São Paulo: Editora Abril, 4ª ed, p. 12-21, 2005.

GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES. **Quem é quem no ensino superior**. São Paulo: Editora Abril, 6ª ed, p. 13-19, 2006.

GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES. **Os critérios da avaliação**. São Paulo: Editora Abril, 7ª Edição, p. 20-21, 2007.

GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES. **Como é feita a avaliação do GE**. São Paulo: Editora Abril, 8ª ed, p. 14-29, 2008.

GUIA DO ESTUDANTE MELHORES UNIVERSIDADES. **Prêmio Melhores Universidades Guia do Estudante e Banco Real Grupo Santander**. São Paulo: Editora Abril, 9ª ed, p. 16-30, 2009.

GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR. **VI Prêmio Melhores Universidades Guia do Estudante**. São Paulo: Editora Abril, p. 37-45, 2011.

GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR. **Os cursos que merecem estrelas**. São Paulo: Editora Abril, p. 40-42, 2012.

GUIA DO ESTUDANTE PROFISSÕES VESTIBULAR. **As estrelas do ensino superior**. São Paulo: Editora Abril, p. 42-44, 2013.

GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR. **Campeões de qualidade**. São Paulo: Editora Abril, p. 50-52, 2003.

GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR. **Como é feita a avaliação**. São Paulo: Editora Abril, p. 49, 2005.

GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR. **Do bom e do melhor**. São Paulo: Editora Abril, p. 52-54, 2001.

GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR. **Os melhores cursos do Brasil**. São Paulo: Editora Abril, p. 48-49, 2000.

GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR. **Os melhores cursos do Brasil**. São Paulo: Editora Abril, p. 46-47, 2002.

GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR. **Regulamento**. São Paulo: Editora Abril, p. 50-51, 2007.

GUIA DO ESTUDANTE VESTIBULAR. **Termômetro de qualidade**. São Paulo: Editora Abril, p. 52-54, 2004.

GUIA DO ESTUDANTE. **Conheça a trajetória do Guia do Estudante**. 2012. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/premio/sobre-premio/conteudo_132818.shtml> Acesso em: 3 abr. 2012.

GUIA DO ESTUDANTE. **Guia do Estudante divulga as melhores universidades do Brasil em 2012**. 2012. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/vestibular-enem/guia-estudante-divulga-melhores-universidades-brasil-2012-718305.shtml>> Acesso em: 12 nov. 2012.

GUIA DO ESTUDANTE. **Vencedores do VII Prêmio Melhores Universidades (2011)**. 2011. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/premio/premiados/vencedores-vii-premio-melhores-universidades-2011-642669.shtml>> Acesso em: 23 abr. 2012.

GUIA DO ESTUDANTE. **Regulamento do VII Prêmio Melhores Universidades**. 2011. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/premio/sobre-premio/regulamento-vii-premio-melhores-universidades-639888.shtml>> Acesso em: 4 fev. 2012.

GUIA DO ESTUDANTE. **USP e PUC Minas são consagradas as melhores universidades do ano, na VII edição do Prêmio Melhores Universidades**, 2012. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/premio/noticia/usp-puc-minas-recebem-premio-melhores-universidades-ano-642571.shtml>> Acesso em: dez. 2012.

HENRIQUE, K. **Administração e Ciências Contábeis foram estrelados em edição direcionada para estudantes de todo o país.** Sua Carreira FESP. 15 set. 2011. Disponível em: <<http://www.suacarreirafesp.com.br/?p=497>> Acesso em: 8 out. 2011.

INEP. **Jornalista inglês quer trabalhar com universidades brasileiras.** Jul., 2012. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/c/journal/view_article_content?groupId=10157&articleId=98453&version=1.5>. Acesso em: set. 2012.

JARDIM, M. **Nota máxima na avaliação do Guia do Estudante 2012.** Instituto de Matemática da UFRJ, 2012. Disponível em: <<http://dcc.ufrj.br/component/content/article/1-ofertas/148-nota-maxima.html>> Acesso em 22 jul. 2013.

JIMÉNEZ, A. M. Academic Ranking of World Universities. **Perfiles Educativos.** Tercera Época. UNAM, Vol. XXXI, n. 123, 2009.

JORNAL DE NOTÍCIAS. **Porto é a universidade portuguesa mais bem classificada nos “rankings” internacionais.** Jul. 2012. Disponível em: <http://www.jn.pt/PaginaInicial/Sociedade/Educacao/Interior.aspx?content_id=2646780>. Acesso em: 23 nov. 2012.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. de A. **Técnicas de pesquisa.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LAVAL, C. **A Escola não é uma empresa: o neo-liberalismo em ataque ao ensino público.** Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal - Tradução Maria Luiza M. de Carvalho e Silva. Londrina: Editora Planta, 2004.

LAVILLE, C. e DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEITE, Denise. **Ameaças pós-rankings, sobrevivência das CPAs e da auto-avaliação.** *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, SP, v.13, n. 3, p. 833-840, nov.2008.

LIMA, L. C.; de AZEVEDO M. L. N.; e CATANI (2010). O processo de bolonha, a avaliação da educação superior e algumas considerações sobre a universidade nova. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 13, n. 1, p. 7-36, mar. 2008.

LOPES, A. Carta ao Leitor. **Guia do Estudante Cursos & Profissões.** São Paulo: Editora Abril, 1989.

LUNA, C. **Cursos da FEA recebem estrelas na avaliação do Guia do Estudante**, 2013. Disponível em: <<http://www.fea.usp.br/noticias.php?i=1150>> Acesso em: 15 out. 2013.

KING, D. O Estado e as estruturas sociais de bem-estar. In: **Novos Estudos CEBRAP**, 22, São Paulo, 1988.

MAASTRICHT UNIVERSITY. **Rankings**. 2012. Disponível em: <<http://www.maastrichtuniversity.nl/web/Faculties/PsychologyAndNeuroscience/Theme/AboutTheFaculty/Rankings.htm>>. Acesso em: nov. 2012.

MACKENZIE. **Guia do Estudante 2012**. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/guiaestudantesi.html>> Acesso em: 5 mar. 2012.

MARE. **Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado do Ministério da Administração Federal e da Reforma do Estado**. In: BRESSER-PEREIRA. Brasília, nov. de 1995. Disponível em: <<http://www.bresserpereira.org.br/Documents/MARE/PlanoDiretor/planodiretor.pdf>> Acesso em: 12 nov. 2011.

MARQUES, F. Peso internacional: Rankings mostram o lugar da pesquisa brasileira no mundo e a posição de nossas universidades em áreas específicas. **Pesquisa FAPESP Online**, Nov/2009. Edição 165. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2009/11/01/peso-internacional/>> Acesso em: 12 nov. 2011.

MAZZOLENIS, S. Amigo estudante. **Guia do Estudante Cursos & Profissões**. São Paulo: Editora Abril, 1988.

MENEGHEL, S. M.; NOBL, F. e da SILVA, T. T. F. A relação entre avaliação e regulação na educação superior: elementos para o debate. **Educar**. Curitiba, n. 28, p. 89-106. Editora UFPR, 2006.

METODISTA. **Metodista no Guia do Estudante: 68 estrelas e mais uma vez entre as finalistas na categoria Comunicação e Informação**. 2011. Disponível em: <<http://metodista.uol.com.br/noticias/2011/setembro/metodista-na-avaliacao-do-guia-do-estudante-68-estrelas-e-mais-uma-vez-entre-as-finalistas-na-categoria-comunicacao-e-informacao/>> Acesso em 12 nov. 2011.

MILLARCH, A. **Playboy reprovou a nossa Universidade**. Estado do Paraná, Curitiba, 9 de abr. 1986. Almanaque, p. 13.

MOLCK, A. M. **Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes: impactos nas IES e estratégias de aprimoramento institucional: Um estudo a partir da produção científica brasileira (2004-2010)**. 2012. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2012.

MOURA, B. A.; MOURA, L. B. A. Ranqueamento de universidades: reflexões acerca da construção de reconhecimento institucional. **Acta Scientiarum. Education**, vol.35, no.02, p.213-222, Dez, 2013.

NASCIMENTO, C. A hora da decisão. **Guia do Estudante Vestibular**. São Paulo: Editora Abril, 2002.

NEO PIXEL. **Ranking de las mejores universidades de México**. Abr., 2009. Disponível em: <<http://www.neopixel.com.mx/noticias/187-ranking-universidades-eluniversal.html>>. Acesso em: 30 jan. 2011.

OCEÂNICA-UFRJ. **Distinções acadêmicas**. 2012. Disponível em:<<http://www.oceanica.ufrj.br/>> Acesso em: 22 dez. 2011.

ORDORIKA, Imanol. Universidades y globalización: tendencias hegemónicas y construcción de alternativas. **Revista Educación Superior y Sociedad**. Caracas, v. 12, n. 1, p. 175-190, 2007.

ORDORIKA, Imanol; GÓMEZ, R. R. El ranking Times en el mercado del prestigio universitario. In: **Perfiles Educativos**, v. XXXII, n. 129, 2010.

ORDORIKA, I.; GÓMEZ, R. R.; SÁNCHEZ, A. C.; MARTÍNEZ, P. L.; ESPINOSA, F. J. L.; JIMÉNEZ, A. M.; e STACK, J. M. **Comentarios al academic ranking of world universities**. Universidade Nacional Autonoma de México (UNAM). Cuadernos de Trabajo de la Dirección General de Evaluación Institucional, 2008. Disponível em: <<http://www.dgei.unam.mx/arwu.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2010.

PAIVA, V. Educação e bem-estar. In: **Educação e Sociedade**, 12 (39): p. 161-200, 1991.

PATRÍCIO, J. **Rankings Internacionais Universitários**. Instituto Superior Técnico. Gabinete de Estudos e Planeamento. Mai., 2008. Disponível em: <<http://groups.ist.utl.pt/unidades/aep/files/Rankings.pdf>> Acesso em: 23 ago. 2011.

PAULA, M. de F. C. de. A inserção da universidade na lógica racionalizadora do capital: casos USP e UFRJ. In: SILVA, W. C e (org.). **Universidade e sociedade no Brasil: oposição propositiva ao neoliberalismo na educação superior**. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Quarrtet, 2001.

PEÑA, D. **Las universidades españolas en los “rankings” internacionales**. Set., 2012. Disponível em: <<http://www.abc.es/20101026/latercera/universidades-espanolas-rankings-internacionales-20101026.html>>. Acesso em: dez. 2012.

PEÑA-BARREIRA, C. R. U-Sapiens Ranking Colombia 2010_2. **Boletim Científico Sapiens Research**, Vol. 1, n. 2, 2011.

PÉREZ RASETTI, C. El marketing pretencioso de los rankings de universidades, **Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad** – CTS, 2010.

PERNET, H. Primeiro lugar em três quesitos: Edição 2012 do Guia do Estudante premia com cinco estrelas 14 cursos da Universidade. **Jornal da Puc**. Edição 264. 26 de nov. 2012. Disponível em: <<http://jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=3092&sid=21#.UjIbBsa-mIA>> Acesso em: 15 mar. 2013.

PUC-SP. **PUC é campeã na categoria Administração e Negócios**. 2010. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/guiaestudantesi.html>> Acesso em: 9 out. 2011.

PUC-GO. **Guia do Estudante concede estrelas a 27 cursos da PUC Goiás**. 2011. Disponível em: <http://www.vestibular.pucgoias.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=213&Itemid=129> Acesso em: 14 mar. 2012.

PUC-MG. **Apresentação**, 2012d. Disponível em: <<http://www.pucminas.br/iec/masteroflaws/>> Acesso em: 25 out. 2013.

PUC-MG. **Guia do Estudante: PUC Minas concorre mais uma vez como Universidade do Ano, 2011**. Disponível em: <<http://www.saogabriel.pucminas.br/diario/2011/09/guia-do-estudante-puc-minas-concorre-mais-uma-vez-como-universidade-do-ano/>> Acesso em: 12 mar. 2013.

PUC-MG. **Guia do Estudante: Curso da PUC Minas bem qualificados**, 2012f. Disponível em: <http://www.pucminas.br/noticias/noticia_fv.php?codigo=6183&unidade=999999999&pagina=893> Acesso em: 24 mar. 2012.

PUC-MG. **MBA PUC Minas**. 2012c. Disponível em: <<http://www.pucminas.br/iec/mba/>> Acesso em: 15 jan. 2013.

PUC-MG. **Prêmio Guia do Estudante 2012: PUC Minas eleita novamente a melhor universidade privada do país**. 2012a. Disponível em: <http://www.pucminas.br/noticias/noticia_fv.php?codigo=6373&unidade=111111110&pagina=1978> Acesso em: 30 mar. 2013.

PUC-MG. **Pós-graduação Semipresencial PUC Minas**, 2012b. Disponível em: <<http://www.pucminas.br/pos-semipresencial/2014-01/semipresencial.php?PHPSESSID=6b14bf63b52fe4b3ce9a478b7121f6b1>> Acesso em: 26 out. 2013.

PUC-MG. **PUC Minas eleita novamente a melhor universidade privada do Brasil**, 2013b. Disponível em: <<http://www.saogabriel.pucminas.br/diario/2013/10/puc-minas-eleita-novamente-a-melhor-universidade-privada-do-brasil/>> Acesso em: 30 out. 2013.

PUC-MG. **Prêmio Guia do Estudante 2013: PUC Minas eleita novamente a melhor universidade privada do Brasil**. 2013a. Disponível em: <<http://www.pucminas.br/noticias/noticia.php?area=2&codigo=7225&pagina=4>> Acesso em: 28 out. 2013.

PUC-PR. **Coordenador do curso de Educação Física será um dos pareceristas do Guia do Estudante 2013**, 2012c. Disponível em: <http://www.pucpr.br/noticia.php?ref=1&id=2012-12-04_42267> Acesso em: 5 maio 2013.

PUC-PR. **Curso de Medicina da PUCPR está entre os melhores do Brasil**. 2013a. Disponível em: <http://www.pucpr.br/escolademedicina/noticia.php?ref=32458&id=2013-09-20_47060> Acesso em: 30 out. 2013.

PUC-PR. **Guia do Estudante Abril 2012: Curso de Eng. Elétrica 4 estrelas**. 2012c. Disponível em: <http://www.pucpr.br/graduacao/engeletrica/receptor.php?ref=19&id=2012-12-12_42592> Acesso em: 23 jun. 2013.

PUC-PR. **PUCPR é finalista no Prêmio Melhores Universidade do Guia do Estudante**, 2011a. Disponível em: <http://www.pucpr.br/posgraduacao/direito/noticia.php?ref=1&id=2011-10-03_28856> Acesso em: 15 out. 2013.

PUC-PR. **Para coordenadora de Serviço Social, 5 estrelas é reconhecimento de compromisso coletivo**, 2012a. Disponível em: <http://www.pucpr.br/graduacao/servicosocial/noticias.php?ref=39987&id=2012-09-13_40432> Acesso em: 24 nov. 2012.

PUC-PR. **PUCPR tem 49 cursos estrelados no Guia do Estudante 2012 da Editora Abril**. 2012b. Disponível em: <http://www.pucpr.br/receptor.php?ref=1&id=2012-09-06_40288> Acesso em: 28 jul. 2013.

PUC-PR. **PUCPR é indicada ao Prêmio Melhores Universidades do Guia do Estudante**. 2011b. Disponível em: <http://www.pucpr.br/noticia.php?ref=1&id=2011-09-06_28305> Acesso em: 30 jul. 2012.

PUC-PR. **PUCPR tem sete cursos com pontuação máxima no Guia do Estudante**, 2013-b. Disponível em: <http://www.pucpr.br/noticia.php?ref=1&id=2013-08-30_46791> Acesso em: 3 dez. 2013.

PUC-PERU. **La PUCP sigue escalando en el ranking internacional de universidades**. Jun., 2013. Disponível em: <<http://puntoedu.pucp.edu.pe/noticias/escalando-ranking/>> Acesso em: dez. 2012.

PUC-PERU. **Ranking latinoamericano de universidades ubica a la PUCP en el puesto 31**. Jun., 2012. Disponível em: <<http://puntoedu.pucp.edu.pe/noticias/ranking-latinoamericano-qs/>> Acesso em: dez. 2012.

PUC-RS. **Sobre a PUCRS**, 2013a. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/portal/?p=institucional/sobre-a-pucrs>> Acesso em: 15 set. 2013.

PUC-RS. **Ciências Biológicas**, 2012. Disponível em: <http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/pucrs/Capa/Noticias?p_itemid=5949568> Acesso em: 30 março 2013.

PUC-RS. **Guia do Estudante 2013: Parabéns FAGED**, 2013b. Disponível em: <<http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/faceduni/faceduniCapa/faceduninoticias>> Acesso em: 26 out. 2013.

PLANETA UNIVERSITÁRIO. **Premio Guia do Estudante: UnB é a melhor em Ciências Sociais e Humanas**. São Paulo, 6 out. 2011. Disponível em: <<http://www.fde.sp.gov.br/PagesPublic/Noticias.aspx?contextmenu=buscaspub¬icia=66>> Acesso em: 8 out. 2011.

POLIDORI, M. M. Políticas de avaliação da educação superior brasileira: Provão, Sinaes, *IDD, IGC e Outros Índices*. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v.13, n. 3, p. 439-452, nov.2008.

PUBLIABRIL. **Almanaque Abril**. 2012. Disponível em: <<http://www.publiabril.com.br/marcas/almanaqueabril/revista/informacoes-gerais>>. Acesso em: 23 jan. 2013.

PUBLIABRIL. **Guia do Estudante abre cotas de apoio para Prêmio Melhores Universidades**. 2010. Disponível em: <<http://www.publiabril.com.br/noticias/272>>. Acesso em: 23 março 2012.

PRICEWATERHOUSECOOPERS. **Quem somos**. 2014. Disponível em: <<http://www.pwc.com.br/pt/quem-somos/index.jhtml>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

PREVIDELLI, A. **Usp aparece em lista das universidades com melhor reputação acadêmica**. **GUIA DO ESTUDANTE**. Mar., 2013. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/blogs/melhores-faculdades/usp-aparece-em-lista-das-universidades-com-melhor-reputacao-academica/>>. Acesso em: abril 2013.

QUÉ PASA. **Ranking de universidades Qué Pasa 2009**. 2009a.

QUÉ PASA. **Ranking de universidades Qué Pasa 2009**. 2009b.

RANKING IBEROAMERICANO. **Ranking Iberoamericano SIR 2012**. SCIMAGO Institutions Rankings. 2011. Disponível em: <<http://www.scimagoir.com>> Acesso em: fev. 2012.

RAU, J. R. Índice-H de universidades chilenas líderes em investigación baseados en la percepción de su prestigio. **Investigación, Cultura y Sociedad**. n. 18, p. 77-84, 2008.

REAL, G. C. M. Avaliação e qualidade no Ensino Superior: os impactos do período 1995-2002. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.35, n.3, p.573-584, set\dez. 2009.

RED ACADÊMICA, **Las mejores universidades en México: Ranking 2011**. 2011. Disponível em: <<http://red-academica.net/observatorio-academico/2011/07/23/las-mejores-universidades-en-mexico-ranking-2011/>>. Acesso em: 14 março 2012.

RED COLOMBIANA DE POSGRADUADOS. **Presentación**. 2013. Disponível em: <http://www.redcolombianadeposgrados.net/index.php?option=com_content&view=article&id=150> Acesso em: outubro de 2013.

REVISTA PLAYBOY. **Ranking Playboy**. São Paulo, n. 302, ano XXVI, p. 92-103, set. 2000.

REVISTA PUC-RS INFORMAÇÃO. **Melhor Universidade**. n. 163, 2013. Disponível em: <http://issuu.com/pucrs/docs/pucrs_informacao-163/46?e=2248080/2617500>. Acesso em: 22 dez. 2013.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

RIZO, F. M. University rankings: a critical view. **Revista de la Educacion Superior**. v. XL (1), n. 157, jan./mar., p. 77-97, 2010.

RIOS, M. P. G.; CALDERÓN, A. I.; SOUSA, K. L. de O. A educação superior em pauta: desafios em tempo de Sinaes. **Eccos Revista Científica**, n. 29, set-dec., Universidade Nove de Julho, p. 81-96, São Paulo, Brasil, 2012.

RUF. *Apresentação*. **Ranking Universitário Folha**. 2013. Disponível em: <<http://ruf.folha.uol.com.br/metodologia/>>. Acesso em: 12 jan. 2013.

SALAMANCA 24 HORAS. **Las universidad de Salamanca, entre las diez mejores de España**. Mai., 2011. Disponível em: <<http://www.salamanca24horas.com/local/46309-la-universidad-de-salamanca-entre-las-diez-mejores-de-espana>>. Acesso em: 23 março 2012.

SAMPAIO, H. M. S. A imagem. In: **O ensino superior no Brasil: o setor privado**. São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2000.

SECCHI, L. Modelos organizacionais e reformas da administração pública. **Revista de Administração Pública**, vol. 43, n. 2, p. 347-369, abr. de 2009.

SETTON, M. da G. J. Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. **Educação & Sociedade: CEDES**, Campinas, v. 90, n. 26, p.77-105, Não é um mês válido! 2005. Trimestral. Disponível em: <www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 25 dez. 2011.

SIR. SIR World Report 2011: **Eastern Europe supplement**. SCIMAGO Institutions Rankings. 2011a. Disponível em: <<http://www.scimagoir.com>> Acesso em: jan. 2012.

SIR. SIR World Report 2011: **Western Europe Supplement**. SCIMAGO Institutions Rankings. 2011b. Disponível em: <<http://www.scimagoir.com>> Acesso em: fev. 2012.

SOUZA, S. Z. L. de; OLIVEIRA, R. P. de. Políticas de avaliação da educação e quase mercado no Brasil. **Educação & Sociedade, Campinas**, Vol. 24, n. 84, p. 873-895, Set., 2003.

SGUISSARDI, V. Universidade pública estatal: Entre o público e o privado/mercado. **Educação & Sociedade**, Campinas. v. 26, n. 90, p. 191-222, jan./abr. 2005.

VALENTE, K. ; MADUELL, D. **Resultados comprovam excelência acadêmica**. PUC Rio: Jornal da PUC. Edição 248, 2011. Disponível em: <<http://jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=2461&sid=21&tpl=printerview>> Acesso em: 24 jun. 2013.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

VIANNA, H. Avaliações nacionais em larga escala: análises e propostas. In: **Estudos em Avaliação Educacional**, 44, n. 7, jan-jun, 2003.

TAKAHASHI, F. Grande e rica, USP domina. **Folha de S. Paulo**. Set., São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/64248-federais-e-usp-lideram-o-1-ranking-universitario.shtml>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

TAVARES, P. S. UE cria “ranking” de universidade. **Diário de Notícias**. Portugal, Mar., 2010. Disponível em: <http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=1513628>. Acesso em: 20 abril 2012.

TIMES HIGHER EDUCATION. **Home**. 2013. Disponível em: <<http://www.timeshighereducation.co.uk/>>. Acesso em: 20 março 2013.

TUYAMA, L. **Guia do Estudante aponta UFSC como a sétima melhor universidade pública do Brasil**. Agecom, UFSC, 14 de out. 2011. Disponível em: <<http://www.ufsc.br>> Acesso em: 20 out. 2011.

THE DAILY BEAST. **Newsweek & The Daily Beast**. 2013. Disponível em: <<http://www.thedailybeast.com/newsweek/features/2012/college-rankings.html>>. Acesso em: março 2013.

THE HUFFINGTON POST. **Most Stressful Colleges: College RanKs 2012 From Newsweek**. Ago., 2012. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/2012/08/27/most-stressful-colleges-college-rankings_n_1832866.html> Acesso em: out. 2012.

THÉRY, H. Classificações de universidades mundiais, “Xangai” e outras. In: **Estudos Avançados**, v. 24, n. 30, São Paulo, 2010.

WEBMETRICS. **Acerca de nosotros**. 2013. Disponível em: <www.webmetrics.info/es/About_Us>. Acesso em: 23 março 2013.

UBA. **La Facultad de Psicología entre las primeras 200 mejores del mundo**. Mai., 2011. Disponível em: <<http://www.uba.ar/comunicacion/noticia.php?id=2864>> Acesso em: 28 set. 2012.

UBC. **Cursos da UBC estão entre os melhores do Brasil, segundo Guia do Estudante**. 2012. Disponível em:

<http://www.vestibular.pucgoias.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=213&Itemid=129> Acesso em: 14 mar. 2012.

UFRJ. **Avaliação dos Cursos do IM pelo Guia do Estudante, 2012.** Disponível em: <<http://www.im.ufrj.br/biblioteca/?p=3675>> Acesso em: 13 out. 2013.

UFRJ-POLI. **Conquista: UFRJ se destaca no VII Prêmio Melhores Universidades, 2012.** Disponível em: <<http://www.poli.ufrj.br/noticias/noticias.php?numnews=661>> Acesso em: 23 jul. 2013.

UFRJ-ICB. **Biomedicina, um curso 4 estrelas, 2013.** Disponível em: <<http://www.icb.ufrj.br/Avisos-e-Noticias/Biomedicina,-um-Curso-%224-Estrelas%94-728.html>> Acesso em: 24 nov. 2013.

UFRJ-DCC. **Ciência da Computação 5 estrelas no Guia do Estudante, 2013.** Disponível em: <<http://www.dcc.ufrj.br/component/content/article/246-ciencia-da-computacao-5-estrelas-no-guia-do-estudante.html>> Acesso em: 12 nov. 2013.

UFRGS. **Atuariais da UFRGS recebe nota máxima no Guia do Estudante, 2013.** Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/fce/?p=6854>> Acesso em: 25 set. 2013.

UFRGS. **Avaliações de curso, 2012-a.** Disponível em: <<http://www.inf.ufrgs.br/ecp/avalia.html>> Acesso em: 23 out. 2012.

UFRGS. **Guia do Estudante - Melhores Universidades: Enfermagem UFRGS!, 2012b.** Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/eenf/arquivo-noticias/guia-do-estudante-melhores-universidades-enfermagem-ufrgs>> Acesso em: 12 março 2013.

UFRGS-ESEF. **ESEF no Guia do Estudante 2013, 2013.** Disponível em: <http://www.ufrgs.br/esef/site/noticia/37_ESEF_no_Guia_do_Estudante_2013> Acesso em: 13 nov. 2013.

UNB. **FAC é destaque no Guia do Estudante da Editora Abril, 2011.** Disponível em: <http://www.fac.unb.br/site/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=67&Itemid=167> Acesso em: 2 mar. 2012.

UNESP-BOTUCATU. **Guia do Estudante confirma excelência do IBB, 2012.** Disponível em: <<http://www.jcnet.com.br/noticias.php?codigo=261497&p=>>> Acesso em: 10 set. 2013.

UNESP. **Unesp tem 105 cursos estrelados pelo Guia do Estudante, 2013a.** Disponível em: <<http://www.unesp.br/portal#!/noticia/12387/unesp-tem-105-cursos-estrelados-pelo-guia-do-estudante/>> Acesso em: nov. 2013.

UNESP. **Guia do Estudante considera Unesp segunda universidade do Brasil: Publicação identifica as mais bem avaliadas instituições de ensino, 2012.** Disponível em: <<http://www.unesp.br/portal#!/noticia/9434/guia-do-estudante-considera-unesp-segunda-universidade-do-brasil/>> Acesso em: 14 out. 2013.

UNESP. **Universidade aparece em primeiro lugar em avaliação feita pela revista Playboy**, 2000. Disponível em: <<http://www.unesp.br/aci/jornal/151/ranking.htm>> Acesso em: 15 mar. 2012.

UNESP. **Engenharias da Unesp se destacam em avaliações externas: cursos são estrelados pelo Guia do Estudante**, 2013b. Disponível em: <<http://www.unesp.br/portal#!/noticia/10087/engenharias-da-unesp-se-destacam-em-avaliacoes-externas/>> Acesso em: 14 out. 2013.

UNESP-ARARAQUARA. **5 cursos de graduação da FCL bem avaliados no Guia do Estudante: Pedagogia atingiu 5 estrelas e Administração Pública, Letras, Sociais e Economia tiveram 4 estrelas**, 2013. Disponível em: <<http://www.fclar.unesp.br#!/noticia/146/5-cursos-de-graduacao-da-fcl-bem-avaliados-no-guia-do-estudante-/>>. Acesso em: 24 out. 2013.

UNESP-BAURU. **Graduação em Engenharia de Produção: Competência técnicas e gerenciais em prol da competitividade organizacional**, 2012. Disponível em: <<http://www.feb.unesp.br#!/departamentos/engenharia-de-producao/graduacao/>>. Acesso em: 2 nov. 2013.

UNESP-BAURU. **Graduação em Engenharia de Produção**, 2013. Disponível em: <<http://antigo.feb.unesp.br/dep/pt/>> Acesso em: 29 out. 2013.

UNESP-SOROCABA. **Selo de Estrelas do Guia do Estudante da Editora Abril 2012**, 2012. Disponível em: <<http://www.sorocaba.unesp.br#!/graduacao/engenharia-de-controle-e-automacao/avaliacao-guia-do-estudante/2012/>>. Acesso em: 13 nov. 2012.

UNIVERSIA. **Entrevista com Alfredo Hortas Bazalar e o Ranking Universitário do Peru**. Nov., 2008. Disponível em: <<http://noticias.universia.net.co/translate/es-pt/vida-universitaria/noticia/2008/11/10/240003/entrevista-alfredo-huertas-bazalar-ranking-universitario-peru.html>> Acesso em: 28 set. 2011.

UNIVERSITY RANKING WATCH. **Another University Ranking**. Mai., 2008. Disponível em: <<http://rankingwatch.blogspot.com.br/2008/07/another-university-ranking-ecole-des.html>>. Acesso em: jan. 2011.

UNIVERSITE. **Ranking de universidades Diario El Mercurio**. El Mercurio. 2013. Disponível em: <<http://universite.cl/rankings-de-universidades/ranking-de-universidades-diario-el-mercurio/>> Acesso em: 27 out. 2013.

UNIVERSIDAD DE NAVARRA, **El ranking del diario “El Mundo” vuelve a situar a fcom en la cima de la enseñanza universitaria**. Disponível em: <<http://www.unav.es/fcom/fcompass/noticias/el-ranking-del-diario-el-mundo-vuelve-a-situar-a-fcom-en-la-cima-de-la-ensenanza-universitaria/>>. Acesso em: 23 março 2012.

UNINOVE. **Uninove é indicada pelo Guia do Estudante 2008**. 14 de ago. 2008. Disponível em: <<http://www.uninove.br/paginas/shownoticia.aspx?SEQ=30>> Acesso em: 20 nov. 2011.

UNICERP. **Cursos promovem carreata em comemoração a resultado do Guia do Estudante 2011.** 13 de set., 2011. Disponível em: <<http://www.unicerp.edu.br/index.php?option=com>> Acesso em: 8 de out. 2011.

UNOPAR. **UNOPAR é destaque no Guia do Estudante.** 2011. Disponível em: <<http://www2.unopar.br/eventos/guia-estudante-2011.jsp>> Acesso em: 9 out. 2011.

USP. **Pelo terceiro ano consecutivo, USP ganha prêmio de melhor universidade pública do país,** 2012. Disponível em: <<http://www.usp.br/imprensa/?p=14993>> Acesso em: 12 fev. 2012.

USP. **87 cursos da USP recebem cinco estrelas pelo Guia do Estudante,** 2013. Disponível em: <<http://www.usp.br/imprensa/?p=34117>> Acesso em: 23 nov. 2013.

USP-EACH. **Boas vindas ao site oficial do Curso de Obstetrícia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo,** 2012. Disponível em: <<http://www.each.usp.br/obstetricia/>>. Acesso em: 12 set. 2013.

USP-ECA. **ECA é eleita melhor instituição de comunicação do país pelo Guia do Estudante,** 2013b. Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/tv/eca-eleita-melhor-institui-o-de-comunica-o-do-pa-s-pelo-guia-do-estudante>> Acesso em: 29 nov. 2013.

USP-ECA. **ECA tem seis cursos com cinco estrelas no Guia do Estudante,** 2013a. Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/noticias/eca-tem-seis-cursos-com-cinco-estrelas-no-guia-do-estudante>>. Acesso em: 10 out. 2013.

USP-EESC. **Guia do Estudante: Engenharia Elétrica - EESC/USP,** 2013. Disponível em: <<http://www.sel.eesc.usp.br/>> Acesso em: 13 nov. 2013.

USP-FEA. **FEA MIx - Prêmios e homenagens,** 2012. Disponível em: <<http://www.fea.usp.br/noticias.php?i=1022>> Acesso em: 23 out. 2013.

USP-FEARP. **USP é eleita melhor universidade pública em Administração e Negócios no Prêmio Guia do Estudante,** 2011. Disponível em: <<http://www.fearp.usp.br/principal.php?go=149&id=480>> Acesso em: 22 set. 2012.

USP-IGC. **Graduação em Geofísica recebe 5 estrelas no Guia do Estudante 2013,** 2013. Disponível em: <<https://intranet.iag.usp.br/?informe/mostrar/id/573>> Acesso em: 21 out. 2013.

USP-SÃO CARLOS. **USP recebe prêmio de melhor universidade pública do país,** 2009. Disponível em: <http://www.saocarlos.usp.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1810&Itemid=108> Acesso em: 7 jan. 2012.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração.** São Paulo: Atlas, 2005.

6. ANEXOS

Anexo I:



Anexo II:



Anexo III:



Anexo IV:



Anexo V:



Anexo VI:



Anexo VII:





Anexo VIII:

Guia do Estudante



RUF 2013



ENADE



Os alunos concluintes do curso de Engenharia de Produção da Unesp campus Bauru receberam nota máxima no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes, Enade 2008.

Anexo IX

TABELA 6 – MÉTODOS E TÉCNICAS AVALIATIVAS (2002 a 2009)

ANO	CURSOS ESTRELADOS	TOTAL DE CURSOS AVALIADOS	TOTAL DE CLASSIFICAÇÕES	CONSULTORES	Entidades profissionais	QUESTIONÁRIOS	NOTAS DO ENC	ASSESSORIA	CONSULTORIA	PRÊMIO MELHORES UNIVERSIDADES	BÔNUS /regularidade		
2002	1.091		3	Sim	500	Não	Sim	9.000	sim	Não	Não	Não	
2003	1.096		5	sim		Não	Sim		sim	Não	Não	Não	
2004		1.331	4	Sim	1.700	Não	sim		sim	Não	Não	Não	
2005				Sim	1.700	Não	sim		sim	Não	Não	Não	
2005/2006		6.000	7	Sim	973	Sim	Sim/online		Não	IBOPE OPINIÃO	PriceWaterhouseCoopers	SIM	Não
2006	2.280	7.299		Sim		Sim	Sim/online		Não	IBOPE OPINIÃO	PriceWaterhouseCoopers	Sim	não
2007	2.873	8.223	6	sim			Sim/online		Não	IBOPE INTELIGÊNCIA	PriceWaterhouseCoopers	Sim	Sim
2008	3.204	9.053	4	Sim			Sim/online		Não	IBOPE INTELIGÊNCIA	PriceWaterhouseCoopers	Sim	Sim
2009	3.551	9.371	2	Sim	2.010	Não	Sim/online		Não	IBOPE INTELIGÊNCIA	PriceWaterhouseCoopers	Sim	Sim